AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

Maio de 1871

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1871

SUMMARIO

De como se fundou esta publicação e não uma casa de banhos quentes. O estado do paiz. Proudhon, Vacherot, Veillot e Manuel Mendes Enxundia. A nossa politica. Nem somos pela *Nação* nem pelo *Almanach das Cacholetas*. A carta, o throno e o altar. A tribuna e o seu copo de agua. A ordem e o desdem. Qual governo convem que tenhamos. A scena politica. Quem representa e o quê. Quem paga. Quem está por trás do panno do fundo? Os periodicos, o romance, a poesia, o theatro. Um *abat-jour* para os esplendores do genio. A policia correccional para os lyricos contemporaneos. Medicações ferruginosas para a mocidade. Costumes. O marido que trabalha e o seductor que é vadio. Encanto poetico e vergonha burgueza. A nobreza, a classe media e o povo. A familia e os dotes. O amor domestico e o amor livre. Pobreza geral. As demasias do luxo na rua e a falta de banheiras nas casas. De como nenhum periodico publicaria a doutrina das *Farpas*. Meias opiniões. O escandalo da verdade.— Os historicos, os regeneradores, os reformistas e os constituintes. Incompatibilidades, divergencias, conflagrações. As publicas liberdades e as liberdades publicas —Viagem de recreio a Madrid. A padeira de Aljubarrota e o sr. Fernandez de los Rios. A questão iberica e o perú da confraternidade no palacio da embaixada hispanhola. O povo da nenia

e o povo do fandango. O Champagne e a bróa. O sr. Emilio Castellar e o sr. Alves Matheus.—As conferencias democraticas. Que falle o proletario! Fazer conferencias ou fazer fogo Os restos da rhetorica e os da hortaliça. — Economias! economias! economias! — O que diz a pastoral e o que se disse da pastoral. Nem ella, nem elles. O catholicismo e o *placet*. — A crise ministerial. A camara dos srs. deputados. Eloquencia parlamentar. Agua com assucar. Muitos apoiados. Abraços no orador. Gargalhadas na galeria. — O sangue em Paris. A rapina, a civilisação, a historia e o futuro. Os antepassados e os chimpansés. — Divisão no partido das reformas. Os reformocas, os reforminhos e outras variedades.

Leitor de bom senso — que abres curiosamente a primeira pagina d'este livrinho, sabe, leitor — celibatario ou casado, proprietario ou productor, conservador ou revolucionario, velho patuleia ou legitimista hostil — que foi para ti, que elle foi escripto — se tens bom senso! E a idéa de te dar assim todos os mezes, emquanto quizeres, cem paginas ironicas, alegres, mordentes, justas, nasceu no dia em que podemos descobrir atravez da penumbra confusa dos factos, alguns contornos do perfil do nosso tempo.

. · .

Aproxima-te um pouco de nós, e vê.

O paiz perdeu a intelligencia e a consciencia moral. Os costumes estão dissolvidos, as cons-

ciencias em debandada, os caracteres corrompidos. A pratica da vida tem por unica direcção a conveniencia. Não ha principio que não seja desmentido. Não ha instituição que não seja escarnecida. Ninguem se respeita. Não ha nenhuma solidariedade entre os cidadãos. Ninguem crê na honestidade dos homens publicos. Alguns agiotas felizes exploram. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inercia. O povo está na miseria. Os serviços publicos são abandonados a uma rotina dormente. O desprezo pelas idéas augmenta em cada dia. Vivemos todos ao acaso. Perfeita, absoluta indifferença de cima a baixo! Toda a vida espiritual, intellectual, parada. O tedio invadiu todas as almas. A mocidade arrasta-se envelhecida das mesas das secretarias para as mesas dos cafés. A ruina economica cresce, cresce, cresce. As quebras succedem-se. O pequeno commercio definha. A industria enfraquece. A sorte dos operarios é lamentavel. O salario diminue. A renda tambem diminue. O Estado é considerado na sua acção fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo.

N'este *salve-se quem poder* a burguezia proprietaria de casas explora o aluguel. A agiota-

gem explora o juro. A ignorancia pesa sobre o povo como uma fatalidade. O numero das escolas só por si é dramatico. O professor é um empregado de eleições. A população dos campos, vivendo em casebres ignobeis, sustentando-se de sardinha e de vinho, trabalhando para o imposto por meio de uma agricultura decadente, puxa uma vida miseravel, saccudida pela penhora; ignorante, entorpecida, de toda a vitalidade humana conserva unicamente um egoismo feroz e uma devoção automatica. No entanto a intriga politica alastra-se. O paiz vive n'uma somnolencia enfastiada. Apenas a devoção insciente perturba o silencio da opinião com *padre-nossos* maquinaes.

. · .

Não é uma existencia, é uma expiação.

A certeza d'este rebaixamento invadiu todas as consciencias. Diz-se por toda a parte: o paiz está perdido! Ninguem se illude. Diz-se nos conselhos de ministros e nas estalagens. E que se faz? Attesta-se, conversando e jogando o voltarete, que de norte a sul, no Estado, na economia, na moral, o paiz está desorganisado — e pede-se cognac!

Assim todas as consciencias certificam a po-

dridão; mas todos os temperamentos se dão bem na podridão!

. · .

Nós não quizemos ser cumplices na indifferença universal. E aqui começamos, serenamente, sem injustiça e sem colera, a apontar dia por dia o que poderiamos chamar — o progresso da decadencia. Deviamos fazel-o com a indignação dramatica de pamphletarios? Com a serenidade experimental de criticos? Com a jovialidade fina de humoristas?

Não é verdade, leitor de bom senso, que humoristicamente o deveriamos fazer? Por que, bem vês, esta decadencia está endurecida: a dissolução tornou-se um habito, quasi um bem-estar, para muitos uma industria. Parlamentos, ministerios, ecclesiasticos, politicos, exploradores, estão de pedra e cal na corrupção. O aspero Veillot não bastaria; Proudhon ou Vacherot, seriam insufficientes.

Contra esta organisação official é necessario resuscitar as gargalhadas historicas do tempo de Manuel Mendes Enxundia.

Que uma vez se ponha a galhofa ao serviço da justiça!

. ˙ .

Achas imprudente? Achas inutil? Achas irrespeitoso? Preferias que fizessemos um jornal politico, inteiro, com todas as suas inepcias, todas as suas calumnias, vasto logradouro de idéas triviaes, que desmaiam de fadiga entre as mãos dos typographos?

Não. Fundariamos antes um deposito de bichas de sangrar ou uma casa de banhos quentes. E se nos tyranisasse excessivamente o astuto demonio da prosa, então, em honrada companhia do sr. Fernandez de los Rios, ajoujados aos lyricos de Barcelona, cantariamos, voltados para os lados da Palestina, a *patria*, a *fé* e o *amor!* E patentearíamos aquella crença vivida, aquelle enthusiasmo altivo, aquelle *arranque* peninsular, com que outr'ora se pelejou a batalha de Aljubarrota e hoje se fazem caixinhas de obreias!

. ˙ .

Aqui estamos pois diante de ti, mundo official, constitucional, burguez, proprietario, doutrinario e grave!

Não sabemos se a mão que vamos abrir está ou não cheia de verdades. Sabemos que está cheia de negativas.

Não sabemos, talvez, onde se deva ir; sabemos de certo, onde se não deve estar.

Catão, com Pompeu e com Cesar á vista, sabia de quem havia de fugir, mas não sabia para onde. Temos esta meia sciencia de Catão.

D'onde vimos? Para onde vamos? — Podemos apenas responder:

Vimos d'onde vós estaes, vamos para onde vós não estiverdes.

. · .

N'esta jornada, longa ou curta, vamos sós. Não levamos bandeira, nem clarim. Pelo caminho não leremos a *Nação*, nem o *Almanach das Cacholetas*. Vamos conversando um pouco, rindo muito.

Somos dois simples sapadores ás ordens do senso commum. Por ora no alto da collina apparecemos só nós. O grosso do exercito vem atraz. Chama-se a justiça.

. · .

Assim vamos. E na epiderme de cada facto contemporaneo cravaremos uma farpa: apenas a porção de ferro strictamente indispensavel para deixar pendente um signal. As nossas bandarilhas não téem côr, nem o branco da ori-

flama, nem o azul da blusa. Nunca poderão estas farpas ligeiras ferir a grande arteria social: ficarão á epiderme. Dentro continuará a correr serenamente a materia vital — sangue azul ou sangue vermelho, dissolução de guano ou extracto de salsa parrilha.

.˙.

Vamos rir pois. O riso é um castigo; o riso é uma philosophia. Muitas vezes o riso é uma salvação. Na politica constitucional o riso é uma opinião.

.˙.

Aqui está esta pobre carta constitucional que declara com ingenuidade que o paiz é catholico e monarchico. É por isso talvez que ninguem crê na religião, e que ninguem crê na realeza! É que ninguem crê em ti, ó carta constitucional, cançada musa da burguezia! Ninguem crê em ti. Os ministros que te fazem cumprir, os jornalistas que te citam, os jurisconsultos que te commentam, os professores que te ensinam, as autoridades que te realisam, os padres que fallam em ti á missa conventual, aquelles mesmos cuja unica profissão é crêr em ti, aquelles que te amaram, e os outros que te violaram, todos

te renegam, e, ganhando o seu pão em teu nome, ridicularisam-te pelas mesas dos botequins!

A *Carta adorada* da *Grã-Duqueza*, tem mais successo do que tu!

Descreu-se da religião, a que tu déste a honra d'um paragrapho.

A burguezia desprendeu-se da crença, fez-se *livre pensadora*. Tem ainda um resto de respeito machinal pelo Todo Poderoso, mas criva de epigrammas as pretenções divinas de Jesus, e diz coisas desagradaveis ao papa. O scepticismo faz parte do bom gosto. Nenhum ministro que se preze ousaria acreditar em S. Sebastião. A theologia, o maior monumento do espirito humano, faz estalar de riso os senhores liberaes. Despresam-se os padres e despresa-se o culto, o que não impede que a proposito de qualquer coisa se exija o juramento!

A religião ficou sendo um artigo de moda. Expulsa da consciencia liberal, as burguezas enriquecidas tomaram-n'a sob a sua protecção: é um bom-tom aristocratico. Ellas gostam egualmente que as suas parelhas sejam vistas á porta da *Marie* e á porta dos *Inglezinhos*. Acceitam Deus como um *chic*.

Nos templos mesmos a religião caiu em descre-

dito : ser padre não é uma convicção, é um officio; crêem e oram na proporção da congrua. E como acreditam mais na secretaria dos negocios ecclesiasticos do que na revelação divina, trabalham nas eleições. O povo, esse resa. É a unica coisa que faz além de pagar.

. · .

A pobre realeza, que a carta tanto honra, não é mais bem succedida. É a perpetua escarnecida. É escarnecida pelos jornaes que estão na opposição, e pelos governos demittidos. É escarnecida nos theatros, onde o typo do *Rei Bobeche* teve a altura d'um pamphleto. É escarnecida nas magicas, nas conversações dos cafés, e no Gremio.

Na carta a realeza é irresponsavel. Na politica é outra coisa : não ha partido que não lance a sua inepcia á conta da realeza. — *Se não fosse o rei !* — é a desculpa invariavel dos ministerios que não governam, dos oradores que não fallam, dos jornalistas que não escrevem, e dos intrigantes que não alcançam.

A realeza é accusada por tudo : pelas despezas que faz e pela pobreza em que vive; pela sua acção e pela sua inacção; por dar bailes e

por não dar bailes. Estão com ella n'um estado nervoso, como com um importuno a quem não têem coragem de dizer : *vae-te embora!*

Assim procede com a realeza a opinião liberal. No entanto continua a dizer que existe um throno. Existe para ella como um effeito de Quintiliano, como um movimento de eloquencia para os discursos de grande gala!

.˙.

Apezar d'isso a esta politica infiel aos seus principios, vivendo n'um perpetuo desmentido de si mesma, desautorisada, apupada, pede ainda uma multidão innumeravel de simples a salvação da *coisa publica*. É tragico, como se se pedisse a um bobo paralytico mais uma camballhota ou mais um chiste.

.˙.

O orgulho da politica nacional é ser doutrinaria. Cada um diz : — sou doutrinario, eu! — Ser doutrinario é ser um tanto ou quanto de todos os partidos; é ter d'elles por consequencia o minimo; é não ser de partido nenhum — ou ser cada um apenas do partido do seu egoismo.

. ˙ .

De modo que todos estes monarchicos, bem no intimo, votariam por uma republica. Todos estes que se dizem republicanos terminam por concordar que é indispensavel a monarchia!

Quer-se geralmente o prestigio da realeza e a magestade do poder, mas deseja-se que el-rei se exhiba n'uma sege de aluguel e que sua magestade a rainha não tenha mais que dois pares de botinas.

Chega-se a admirar Luis Blanc, alguns mais exaltados vão até Fourrier, mas prefere-se a tudo isso uma terra de semeadura obrigada á congrua para o parocho e aos tantos por cento para a viação. A burguezia invejosa e despregada falla na *federação*, na *republica federativa*, na *extincção do funccionalismo*, na *emancipação das classes operarias*, mas entende que o paiz póde esperar por estes beneficios todos se no entanto lhe derem a ella logares de governadores civis, ou de chefes de secretaria. Uma plebe demagoga e ignara falla em beber o sangue da nobreza, mas ficaria monarchicamente satisfeita se a nobreza, em vez de offerecer a veia brachial, mandasse abrir *Cartaxo*.

. ˙ .

Tanto se conciliam todos! É assim que o egoismo domina. A corrupção toma o logar da philosophia. Cada um se abaixa avidamente sobre o seu prato. As forças vivas não têem emprego!

— Mas tudo se equilibra, diz a opinião constitucional, não ha commoções, não ha luctas!

Sim tudo se equilibra — no desprezo pelo desprezo.

Nas sociedades corrompidas a ordem chega assim ás vezes a reinar.

É a ordem pelo desdem. Outros diriam pela imbecilidade!

. ˙ .

A opinião é tão indifferente e alheia ás mudanças de ministerios, como as cadeiras do governo são indifferentes a supportarem a pesada corpolencia do gordo ministro A, ou a inquietação nervosa do estitico ministro B. O paiz ouve fallar da evolução politica com a mesma distracção com que ouve fallar dos negocios do Caucaso.

Sabem, pois, qual seria o governo util, proficuo, necessario, n'este deploravel estado do espirito publico?

Aquelle que o paiz, chamado a pronunciar-se por um plebiscito negativo, declarasse terminantemente e compactamente — que não queria. Por que então a opinião acordaria talvez, viveria, luctaria, e appareceriam dois partidos que não existem agora, e sobre os quaes gira como nos seus polos naturaes a lei do aperfeiçoamento: — para um lado a reacção tenaz, para o outro a revolução radical.

. ˙ .

Até lá, os poderes do estado subsistem tendo perdido a sua significação.

O corpo legislativo ha muitos annos que não legisla. Creado pela intriga, pela pressão administrativa, pela presença de quatro soldados e um sr. alferes, e pelo eleitor a 500 réis, vem apenas ser uma assembléa muda, somnolenta, ignorante, abanando com a cabeça que sim. Ás vezes procura viver, mover-se, e demonstra então, em provas incessantes, a sua incapacidade organica para discutir, para pensar, para crear, para dirigir, para resolver a questão mais rudimentar de administração. Não sae uma reforma, uma lei, um principio, um periodo eloquente, um dito ao menos! A deputação é uma

especie de funccionalismo. É uma collocação, é um emprego.

O parlamento é uma casa mal alumiada, onde se vae, á uma hora, conversar, escrever cartas particulares, intrigar um pouco, e combinar partidas de *Whist*. O parlamento é uma succursal do Gremio. A tribuna é uma prateleira de copos de agua intactos.

O ministerio, o poder executivo, deixou de ser um poder do Estado, é uma necessidade do programma constitucional: está no cartaz, é necessario que appareça na scena. Não governa, não tem idéa, não tem systema; nada reforma, nada estabelece; está alli, é o que basta. O paiz verifica todos os dias que alguns correios andam atraz de algumas carruagens — e fica contente.

— Lá vae um ministro! diz-se na rua.

— Ah! vae? — exclama a burguezia. — Bem, existe a ordem.

Um ministerio é um grupo casual de individuos, que intrigaram para *estar alli*.

. • .

E assim se passa, defronte de um publico enojado e indifferente, esta grande farça que se chama a *intriga constitucional*. Os lustres estão

accesos ; o paiz é expectador distrahido : nada tem de commum com o que se representa no palco; não se interessa pelos personagens e acha-os todos impuros e nullos; não se interessa pelas scenas e acha-as todas inuteis e immoraes; não se interessa pela decoração e julga-a ridicula. Só ás vezes, no meio do seu tedio, se lembra que para poder vêr teve que pagar no bilheteiro!

Pagou — já dissemos que é a unica coisa que faz além de resar. Paga e resa. Paga para ter ministros que não governam, deputados que não legislam, soldados que o não defendem, padres que resam contra elle. Paga áquelles que o expoliam, e áquelles que são seus parasitas. Paga os que o assassinam, e paga os que o atraiçoam. Paga os seus reis e os seus carcereiros. Paga tudo, paga para tudo.

E em recompensa, dão-lhe uma farça, com orchestra e lustres.

No entanto, cuidado! Aquelle panno de fundo não está immovel : agita-se como impellido por uma respiração invisivel; alguem de certo está do outro lado. Emquanto a farça se desenrola na scena, *alguem*, por trás do fundo, espera, medita, agita-se, prepara-se, arma-se talvez.

— Quem é esse *alguem?* As vossas consciencias que vos respondam. O que apenas podemos dizer é que não é o sr. bispo de Vizeu.

. ˙ .

E não obstante como tudo parece tranquillo, feliz, repousado, coberto de luz! Os jornaes conversam baixinho e devagar uns com os outros. O parlamento resona. O ministerio todo encolhido diz aos partidos — chut! As secretarias crusam os braços. O tribunal de contas, lá no seu cantinho, para se entreter maneja sorrindo as quatro especies. A policia, torcendo os seus bigodes, galanteia as cosinheiras. O conselho de Estado roe as unhas. O exercito toca guitarra. A camara municipal mata em socego os seus cães vadios. O ar azula-se. As arvores do Rocio enchem-se de folhas. Os fundos descem, e descem ha tanto tempo que devem estar no centro da terra. O povo, coitado, lá vae morrendo de fome como póde. Nós fazemos os nossos livrinhos. Deus faz a sua primavera. — Viva a carta!

. ˙ .

Como tudo é harmonico! Vejam a imprensa. A imprensa é composta de duas ordens

de periodicos: os noticiosos e os politicos.

Os politicos têem todos a mesma politica:

A — quer ordem, economia e moralidade.

B — queixa-se de que não ha economia nem moralidade, o que elle receia muito que venha a prejudicar a ordem.

C — diz que a ordem se não póde manter por mais tempo, por que elle nota que principia a faltar a moralidade e a economia.

D — observa que no estado em que vê a economia e a moralidade lhe parece poder asseverar que será mantida a ordem.

Os periodicos noticiosos têem todos a mesma noticia:

A — noticia que o seu assignante, collaborador e amigo X partiu para as Caldas da Rainha.

B — refere que o seu amigo, collaborador e assignante que partiu para as Caldas da Rainha é X.

C — narra que para as Caldas da Rainha, partiu X, seu collaborador, assignante e amigo.

D — que se esqueceu de contar opportunamente o caso, traz ao outro dia:

« Querem alguns dizer que partira para as

Caldas da Rainha X, o nosso amigo assignante e collaborador. Não demos fé. »

. ˙ .

Se a imprensa politica é assim harmonica na exposição da doutrina, nem sempre o é na apreciação dos factos.

Assim, por exemplo, o ministerio *Fulano* propõe em côrtes, que — attentos os serviços da ostra, o governo seja authorisado a declarar que se considera para com a ostra como um verdadeiro pae!

Então os jornaes *Fulanistas* exclamam:

« O governo acaba de se declarar pae da os-
« tra. É uma medida de grande alcance! É uma
« garantia para a ordem, é um penhor solemne de
« zelo pelos serviços publicos. Quando um go-
« verno assim procede, póde-se dizer que am-
« para com mão segura o leme do Estado, e que
« caminha na senda do progresso! »

Mas no dia immediato, por qualquer coisa, o ministerio *Fulano* cae. Sobe o ministerio *Sicrano;* e logo em seguida, propõe em côrtes: — que de ora em diante, attentas grandes vantagens para a causa publica, o governo se declare para todos os effeitos em relação á

ostra, mais que um pae, uma verdadeira mãe!

Dizem os mesmos jornaes *Fulanistas:* «o
« ministerio ominoso, que com mão tão incerta
« dirige o leme da causa publica, declarou-se
« mãe da ostra. É mostrar um profundo des-
« preso pela ordem e pela economia! Quando
« um ministerio assim pratica é que vae no ca-
« minho da anarchia, e leva-nos ao abysmo.
« Que se acautele! Ficamos de atalaia a esta
« questão! »

. ˙ .

Tambem não é egualmente harmonico o processo para julgar as pessoas.

O sr. Fulano é feito presidente de ministros: vae á camara.

Ao outro dia dizem os jornaes ministeriaes:
« O nobre presidente do conselho tinha hontem
« á sua entrada na camara umas magnificas botas
« de pellica. Que admiravel pellica! Só quando
« se tem como s. ex.ª um tão grande zelo pelo
« bem do paiz e uma tão grande experiencia
« das coisas publicas, se póde encontrar uma tão
« boa pellica! »

Os jornaes moderados, em espectativa, em meia opposição, dizem: — « Não somos adula-
« dores do poder; dizemos-lhe em face a ver-

« dade : conhecemos a longa experiencia, os « altos dotes oratorios do sr. presidente do con- « selho, mas apezar do seu tacto politico, s. ex.ª « tinha simplesmente umas botas moderadas de « vitella franceza. »

Os jornaes de opposição feroz exclamam :

« Insensatos ! quereis lançar-nos no abysmo « das revoluções? Desafiaes a colera do povo? « Que vindes vós fallar na experiencia, nas « virtudes civicas do sr. presidente do conse- « lho? É um sujeito ominoso. Não! As suas bo- « tas não são de vitella franceza, como quer uma « opposição hypocrita, nem de pellica fina, como « quer uma maioria venal. As suas botas de- « monstram que caminhamos para a anarchia : « são de coiro de Salvaterra ! »

. ˙ .

A litteratura—poesia e romance—espreguiça-se, de vagar, sem idéa, sem originalidade, bocejando, cheia de esterilidade, conservando o antigo habito de ser vaidosa, e costumando-se sem grande repugnancia á sua nova missão de ser inutil. Convencional, hypocrita, falsissima, não exprime nada : nem a tendencia collectiva da sociedade em que vive, nem o temperamento indi-

vidual do escriptor. Tudo em torno d'ella se transformou, só ella ficou immovel. De modo que, pasmada, absorta, nem ella comprehende o seu tempo, nem ninguem a comprehende a ella. É como um trovador gothico, que acorda d'um somno secular n'uma fabrica de cerveja.

Falla do *ideal,* do *extasi,* da *febre,* de *Laura,* das *rosas,* de *lyras,* de *primaveras,* de *virgens pallidas* — e em torno d'essa poesia o mundo proprietario, industrial, fabril, positivo, pratico, experimental — pergunta meio pasmado, meio indignado.

— Que quer esta tonta? — Que faz aqui? — Emprega-se na vadiagem — levem-n'a á policia.

Ella, desattendida, escarnecida, desauctorisada, vae soltando, por entre o gaz e o pó do macadam, as declamações sonoras do lyrismo de Lamartine e do mysticismo de Chateaubriand. E diz-se pura, ideal, etherea. Mas é questão de rethorica: porque os poetas lyricos e os scismadores idealistas tratam de se empregar nas secretarias, cultivam o bife da Aurea, são d'um centro politico, e usam flanella.

Em França ao menos a litteratura, quando a corrupção veio, exprimiu a corrupção. No Paris da decadencia, no Paris do barão Haussman, e

dos srs. Rouher e Fialin (vulgo de Persigny), os livros detestaveis foram a expressão genuina e sincera de uma sociedade que se dissolve. A litteratura de Boulevard ha de ficar por esse motivo, e ha de ter o seu logar na historia do pensamento, assim como da decadencia latina ficaram Apuleo, Petronio e o mordente Tertulliano, cujo estylo tem scintillações ainda hoje tão vividas que parecem emanadas da podridão do moderno mundo poetico.

Na corrente da litteratura portugueza nenhum movimento real se reflete, nenhuma acção original se espelha. Como nas aguas immoveis e escuras da lagôa dos mortos apenas n'ella se retratam sombras: não têem as lividas roupagens que se usam no Stigio; estão de fraque e de chapeu alto — é a unica coisa que lhes dá direito a julgarem-se vivos!

. ˙ .

A poesia falla-nos de mulheres que são ainda Julietta, Virginia, Elvira, — novas, bellas, interessantes creaturas no tempo em que Shakspeare se ajoelhava aos pés d'ellas, em que Bernardin de Saint-Pierre lhes offerecia rapé da sua caixa de esmalte circundada de perolas, em que Lamartine, embuçado na capa romantica de

1830, as passeiava em gondola nos lagos da Italia. Hoje são um ideal archeologico, são um objecto de museu.

A poesia contemporanea é uma pequenina collecção de pequeninas sensibilidades, pequeninamente individuaes. O poeta lyrico A diz-nos que Elvira, lhe dera um lyrio n'uma noite de luar! O poeta lyrico B diz-nos que um desespero atroz lhe invade a alma, porque Francisca está nos braços de outro! O poeta lyrico C conta-nos uma noite que passou com Euphemia, n'um caramanchão, olhando os astros e dizendo phrases. E no meio das occupações do nosso tempo, das questões que em roda de nós de toda a parte se erguem como temerosos pontos de interrogação, estes senhores, veem contar-nos as suas descrenças idiotas ou as suas exaltações rethoricas! No entanto operarios vivem na miseria por essas trapeiras, e gente do campo vive na miseria por essas aldeias. E o sr. Fulano e o sr. Sicrano, empregam a sua energia vital, a sua acção intellectual, a contarem indiscretamente, a gabarem-se, que apanharam boninas no prado, para as ir pôr na cuia de Elvira! Noites e noites movem-se os prélos a vapor, calandra-se o papel, typographos velam as suas noi-

tes, revisores cançam a sua paciencia, emprega-se uma immensa quantidade de vida e de trabalho, para que o publico saiba que o poeta lyrico Polycarpo de tal, ama uma virgem pallida, com olheiras!

E ainda se a poesia lyrica se contentasse com ser de uma inutilidade lôrpa... Mas a poesia lyrica é a poesia erotica. O lyrismo é a expressão metaphorica das irritações da epiderme. Ha lupanares mais castos do que certos livros de versos, que se chamam melancolicamente *Harpejos* ou *Preludios*.

Olha, queres tu saber, poesia lyrica?—Vae-te embora, esconde-te nos conselhos de ministros ou nas secretarias de Estado! Não appareças a quem trabalha. Sabes qual é a coisa que tu logicamente mereces? Não é o Pantheon. É o Limoeiro.

∴

A poesia individual tem um vasto alcance quando o poeta se chama Byron, Espronceda, Hugo, Lamartine, Musset. Porque, então, n'aquellas almas todo o seculo com as suas duvidas, as suas luctas, as suas incertezas, as suas tendencias, as suas contradicções se retrata. São grandes almas sonoras onde vibra em resumo toda

a vida que as cerca. Estuda-se ali como n'um summario a existencia de uma epoca. Mas, com franqueza, que se ha de estudar na alma do sr. João, ou na alma do sr. Francisco? A immensa duvida que pesa sobre a Baixa? As perturbações ideaes que agitam a rua dos Fanqueiros? Nem isso! O sr. João e o sr. Francisco estudaram o lyrismo, como outros estudam as quatro especies.

E a maior desgraça é que, por orgulho rhetorico, por farfanteria lyrica, alguns homens ho. nestos na sua vida dizem-se perversos na sua rima.

Tomemos um exemplo, um dos mais piegas, — o sr. X. O sr. X é um rapaz honesto, bom chefe de familia, empregado, trabalhador, ganhando honradamente o seu pão. Merece a nossa estima.

Vejamos a sua poesia. Ahi não se falla senão em amores, prazeres, suspiros languidos, mortes de delirio, desenganos; parece um serralho platonico: é um D. Juan da Baixa; e o ministerio publico devia obrigal-o, para socego dos costumes, a pôr sobre o esplendor da sua fronte um abat-jour. Das seguintes coisas uma:

Ou o sr. X pinta a verdade quando escreve

os seus versos, e então é um homem perigoso, um *poseur* de seducção, um artista em perversidade, é além d'isso um indiscreto, dá um exemplo detestavel a seus filhos, se os cria, desconsidera sua esposa, se a tem: não merece a nossa estima, e cáe no dominio policial.

Ou o sr. X não diz a verdade quando escreve os seus amores em verso. N'esse caso é ridiculo, é pedante, dá-se ares, e sendo um burguez honrado quer fazer acreditar ás costureiras que é um seductor temeroso. — Assim como havemos de acreditar na seriedade do seu caracter?

Ou faz aquillo simplesmente, como um luxo de rhetorica, escreve a sangue frio aquelles delirios, todos aquelles extasis são rimados muito aconchegadamente á mesa do chá, entre um diccionario e uma poetica, com um barrete de algodão na cabeça. — N'este caso como havemos de acreditar na seriedade da sua arte?

. ˙ .

O romance, esse é a apotheose do adulterio. Nada estuda, nada explica; não pinta caracteres, não desenha temperamentos, não analysa paixões. Não tem psychologia, nem drama, nem

personagens. Julia pallida, casada com Antonio gordo, atira com as algemas conjugaes á cabeça do esposo, e desmaia lyricamente nos braços de Arthur, desgrenhado e macilento. Para maior commoção do leitor sensivel e para desculpa da esposa infiel Antonio trabalha, o que é uma vergonha burgueza, e Arthur é vadio, o que é uma gloria romantica. E é sobre esta acção de lupanar que as mulheres honestas estão derramando as lagrimas da sua sensibilidade desde 1850! É este assumpto que tem desvairado honestos caixeiros, e compromettido mães de familia. O auctor, ordinariamente tem o habito de S. Thiago. O editor tem a perda. O leitor tem o tedio. — Santa distribuição do trabalho!

Quando um sujeito consegue ter assim escripto tres romances, a consciencia publica reconhece que elle tem servido a causa do progresso e dá-se-lhe a pasta da fazenda.

No entanto as meninas descoram; os medicos receitam-lhes ferro, e o diabo, que apezar de tudo ainda tem o espirito de viver, dá pulos de contente.

. · .

Deves querer que te fallemos do theatro, leitor sympathico, leitor de bom senso e de justi-

ça. Mas tu tens lido por essas esquinas os cartazes, e tens visto, mal sentado, quando o gaz da sala diminue, erguer-se o panno, sobre farças tão melancolicas como uma ruina ou como um palhaço, e sobre dramas tão joviaes e tão comicos como caricaturas de Cham!

O theatro perdeu a sua idéa, a sua significação; perdeu até o seu fim. Vae-se ao theatro passar um pouco a noite, ver uma mulher que nos interessa, combinar um juro com o agiota, acompanhar uma senhora, ou — quando ha um drama bem dramatico, bem pungente — para rir, como se lê um necrologio para se ficar de bom humor. Não se vae assistir ao desenvolvimento d'uma idéa; não se vae sequer assistir á acção d'um sentimento. Não se vae pelo que se passa na scena: isso sabe-se d'antemão que é trivial, insignificante e inutil. Vae-se como ao Passeio em noites de calor, *para estar*. No entanto como é necessario que quando se ergue o panno, se movam algumas figuras e se troquem alguns dialogos — é esse o unico motivo porque em Portugal pretendem que existe uma litteratura dramatica. Essa litteratura não forma uma idéa sua, não tem uma comprehensão original e propria do que deve ser o drama e a comedia, não

tem uma interpretação da naturesa humana, não conhece a logica das paixões, do temperamento, dos caracteres; não tem a *sciencia* dramatica, não tem sequer o espirito e a *verve*. Logicamente deveria crusar os braços e ir passeiar para o Aterro. Mas é necessario que haja dramas, comedias, actos. O lustre está acceso, aquelles senhores estão á espera, e, se quando se levantar o panno apparecerem apenas os bastidores, os maridos levam as suas mulheres, os paes levam as suas filhas, os rapazes levam as suas *toilettes* para outro sitio. Por consequencia — dramas, comedias, actos! E ahi temos a litteratura remechendo obra com as suas anemicas mãos. Em tal conjunctura, a idéa que acode a todos é traduzir: traduz-se, traduz-se, traduz-se. Ficaram no seu tempo reprovados no exame de *Francez*, não importa, traduzem. Onde está *vous*, põem *v. ex.ª*, e este esforço prodigioso de invenção gastou em Portugal a força de tres gerações litterarias. Mas nem sempre se póde traduzir... Em primeiro logar o publico gosta de ver cousas que se passem no Chiado e na rua dos Fanqueiros; em segundo logar, as obras francezas são para grandes companhias de actores que pelo seu numero, pelos seus re-

cursos, pelo seu *faire*, deixam livre a phantasia creadora do dramaturgo. De modo que — nem sempre se póde traduzir. N'este caso imita-se. Onde está *mr. Valeroy*, põe-se o *Conselheiro Bezerra*, onde está *Lyon*, põe-se *Arcos de Val de Vez;* onde está *rue Vivienne*, põe-se *beco do Falla Só*, e esta grande invenção dramatica, esta grande critica humana, esta grande sciencia da realidade, enche de orgulho os traductores e as suas familias... Os jornaes applaudem, o rei preside ao espectaculo, todo o mundo vae tomar chá com commoção e ardor. Mas é necessario tambem que haja obras originaes. N'este caso imita-se do mesmo modo, mas põe-se no cartaz: original. Isto não significa nada, sabem-n'o apenas tres ou quatro amigos. Ou faz-se deveras uma coisa original. Ahi é a difficuldade. Porque nomes de personagens arranjam-se; uma acção tambem se alcança: ha muitas feitas, ha a filha perdida e depois achada, ha as secretárias roubadas, ha o fidalgo arruinado, ha o homem do povo dedicado, etc. Mas o que é difficil é fazer fallar essa gente. N'este lance, o dramaturgo nacional vale-se de tudo, tudo explora tudo aproveita: vae, procura, tira aqui, copia ali, aproveita phrases dos *Misera-*

veis, gracejos do *sr. Luiz de Araujo*, discursos do *sr. Fontes*, ou de *José Estevão*, tratados de *economia politica*, pedaços de artigos de fundo, sermões, muitos sermões! colhe, recorta, cirze, cose, remenda, colla aquelles pedacinhos á lingua de cada personagem, salpica-os de gestos de desespero, faz esguedelhar os cabellos, ensaia musicas tristes para os finaes de actos, puxando assim o sentimento a arco de rebecão, — manda levantar o pano, — e repousa na immortalidade.

O tempo em que o theatro floresceu, foi o tempo em que o theatro cantou Offenbach. Offenbach então triumphava; as familias decoravam-n'o: todos os realejos o moiam: os sinos repicavam-n'o: as virgens suspiravam-n'o. Levantava-se a hostia ao som da canção do general Boum! A alta burguezia sobretudo é que o sustentava, que o frequentava, que o adoptára. Era sympathia geral. Apenas alguns dramaturgos, alguns *arranjadores*, accusavam o maestrino philosopho de perverter o gosto, de desmoralisar a consciencia, e abaixar o nivel intellectual.

Nem a burguezia teve razão em o adoptar, nem os dramaturgos em o maltratarem. Não, dramaturgos amigos, não comprehendestes Offenbach. Offenbach é mais que vós todos: elle

tem uma philosophia, vós não tendes uma idéa; elle tem uma critica, vós não tendes sequer grammatica! Quem como elle, bateu em brecha todos os preconceitos do seu tempo? Quem como elle, com quatro compassos e duas rebecas, deixou para sempre desautorisadas velhas instituições tyrannicas? Quem como elle fez a caricatura fulgurante da decadencia e da mediocridade? Vós com a vossa severidade não tendes feito um unico serviço ao bom senso, á justiça, á moral. Tendes só feito somno! E elle? o militarismo, o despotismo, a intriga, o sacerdocio venal, o sentimentalismo, a baixeza cortezã, a vaidade burgueza, tudo feriu, tudo revolveu, tudo abalou n'um *couplet grivois*.

Não, alta burguezia, não fizeste bem em o applaudir e em o proteger. Julgaste encontrar n'elle um passatempo, encontraste uma condemnação. A sua musica é a vossa caricatura. Tão mal alumiados são os theatros, tão estreita é a vossa penetração, que vos não reconhecesseis um por um, n'aquella galeria ruidosa dos mediocres do tempo? Não é o *Rei Bobeche* a phantasmagoria cantada da realeza despotica? Não é Calchas, da *Bella Helena*, a mascarada pagã do clero ignorante? Não é o general Boum a

personificação ruidosa da vossa estrategica de salão? Não é o barão *Grog* a grotesca *pochade* da vossa diplomacia? Não é o trio da conspiação a photographia em couplets das vossas intrigas ministeriaes? Não é toda a *Grã Duqueza* a *charge* implacavel dos vossos exercitos permanentes?

Vós ristes perdidamente de todas aquellas creações facetas? Pois foi da vossa realeza, da vossa diplomacia, do vosso exercito, das vossas intrigas, dos vossos cortezãos, que vos ristes. E comvosco riu-se todo o mundo, *clero, nobresa e povo*. E já ninguem vos toma a sério.

Sim, Offenbach, com a tua mão espirituosa, déste n'esta burguezia official — uma bofetada? — Não! Uma palmada na pansa, ao alegre compasso dos *can-cans*, n'uma gargalhada europea.

Offenbach é uma philosophia cantada.

. . .

Portugal, não tendo principios, ou não tendo fé nos seus principios, não póde propriamente ter costumes. Com uma politica de acaso, com uma litteratura de rhetorica e de copia, com uma legislação desorganisada, não se pode deixar de ter uma moralidade decadente.

Fomos outr'ora o povo do caldo da portaria, das procissões, da navalha e da taverna. Comprehendeu-se que esta situação era um aviltamento da dignidade humana : fizemos muitas revoluções para sair d'ella. Ficamos exactamente em condições identicas. O *caldo da portaria* não acabou. Não é já como outr'ora uma multidão pittoresca de mendigos, beatos, ciganos, ladrões, cacceteiros, carrascos, que o vae buscar alegremente, ao meio dia, cantando o *Bemdito;* é uma classe media inteira, que vive d'elle, de chapeu alto e paletot.

Este caldo é o Estado. A classe media vive do Estado. A velhice conta com elle como condição da sua vida. Logo desde os primeiros exames no lyceu, a mocidade vê n'elle o seu repouso e a garantia da sua tranquillidade. A classe ecclesiastica não significa a realisação de uma crença ; é ainda uma multidão de desoccupados que querem viver á custa do Estado. A vida militar não é uma carreira, como se comprehendia outr'ora, é uma ociosidade organisada por conta do Estado. Os proprietarios procuram viver á custa do Estado vindo ser deputados a 2$500 réis por dia. A propria industria faz-se proteccionar pelo Estado e trabalha sobre tudo em vista do Estado.

A imprensa até certo ponto vive tambem do Estado. A sciencia depende do Estado. O Estado é a esperança das familias pobres, e das casas arruinadas; é a occupação natural das mediocridades; é o usofructo da burguezia. Ora como o Estado, pobre, paga tão pobremente que ninguem se póde libertar da sua tutella para ir para a industria ou para o commercio, esta situação perpetua-se de paes a filhos como uma fatalidade.

Resulta uma pobreza geral. Com o seu ordenado ninguem póde accumular, poucos podem equilibrar-se. Nascem o recurso perpetuo para a agiotagem, a divida, e a letra protestada, como elementos regulares da vida. Por outro lado o commercio soffre d'esta pobreza da burocracia, arruina-se, quebra, e fica elle mesmo na alternativa de recorrer tambem ao Estado, ou de cair no proletariado. O mesmo succede aos industriaes. A agricultura, sem recursos, sem progresso, não sabendo fazer valer a terra, arqueija á beira da pobreza e termina sempre recorrendo ao Estado.

Tudo é pobre: a preoccupação geral é o *pão de cada dia*. D'isto uma lei exclusiva, dominante, aspera: *o egoismo*. Tudo se torna meio de

comer. O primeiro meio é o casamento. A familia deixa de ser uma instituição; gabamo-nos de poder apresentar a sua definição experimental:

A FAMILIA *é um desastre que succede a um homem por ter precisado de um dote!*

A grande questão é o dote: mulher, filhos, creados, parentes são consequencias que se soffrem. Faltando assim o laço moral, a familia vive no egoismo. O homem, sem respeito, dá-se ao amor livre. A mulher, desoccupada e enfastiada, dá-se ao sentimento. Os filhos, se os ha, são educados um pouco pelas creadas, um pouco pelos collegios, o resto pelos cafés.

A pobreza geral produz um aviltamento na dignidade. Todos vivem na dependencia: nunca temos por isso a attitude da nossa consciencia, temos a attitude do nosso interesse.

Serve-se, não quem se respeita, mas quem se vê no poder. Um governador civil dizia: — É boa! dizem que eu sou successivamente regenerador, historico, reformista! Eu nunca quiz ser senão — governador civil! — Este homem tinha razão por que mudar do sr. Fontes para o sr. Braamcamp não é mudar de partido; — ambos aquelles cavalheiros são monarchicos e consti-

tucionaes e catholicos. A desgraça é que, se
em Portugal houvesse partidos republicanos, mo-
narchicos, socialistas, aquelle homem, assim
como fôra successivamente reformista, histori-
co, regenerador, — isto é as coisas mais eguaes,
— seria republicano, monarchico, e socialista,
— as coisas mais contradictorias.

A familia é a primeira a desmoralisar n'este
sentido a consciencia. — *Quem apanhou, apa-
nhou* : é a voz domestica. O individuo assim re-
baixado, tendo perdido a altivez da dignidade e
da opinião, habitua-se a dobrar-se; dobra-se
diante do agiota, do credor, do creado, do mer-
cieiro, dobra-se sempre, propõe injustiças e ac-
ceita-as. Extingue-se n'elle gradualmente a no-
ção do justo e do injusto. Julga o favor, a protec-
ção, a corrupção, coisas naturaes e acceitaveis.
Não ha juiz em Portugal que não possa contar
que se lhe tem pedido as coisas mais monstruo-
samente injustas, com a simplicidade com que
se pede o lume de um cigarro.

Lentamente o homem perde tambem a indivi-
dualidade do pensamento. Não pensa por si :
sobrevem-lhe a preguiça do cerebro. Não tendo
de formar o caracter, porque elle lhe é inutil e
teria a todo o momento de o vergar; — não tendo

de formar uma opinião por que lhe seria incommoda e teria a todo o momento de a calar — costuma-se a viver sem caracter e sem opinião. Deixa de frequentar as idéas, perde o amor da educação. Cae na ignorancia, e na vileza.

Não se respeitando a si, não respeita os outros: mente, atraiçoa, e habitua-se a medrar na intriga.

. ˙ .

As mulheres vivem nas consequencias d'esta decadencia. Pobres, precisam de casar. A *caça ao marido* é uma instituição. Levam-se as meninas aos theatros, aos bailes, aos passeios, para as mostrar, para as lançar *á busca*. Faz-se com a maior simplicidade esse acto, que é simplesmente monstruoso. Para se impôrem á attenção, as meninas têem as *toilettes* ruidosas, os penteados phantasticos, e as arias amorosas ao piano.

A sua mira é o casamento rico: gostam do luxo, da boa mesa, das salas estofadas: um marido rico realisaria tudo isso. Mas a maior parte das vezes, o sonho cae no lagedo: casam com um empregado a 300$000 réis por anno. Aquillo começou pelo *namoro*, termina pelo *tedio*. Vem a indifferença, vem os vestidos sujos,

vem a cabeça despenteada, a cuia, e o cão de regaço. As que por ventura casam ricas, desenvolvem outras vontades: satisfeitas as exigencias do luxo algumas vezes apparecem as exigencias do temperamento.

As mulheres são supersticiosas: crêem da religião o que é necessario para ser moda, ou então creem apenas na exterioridade — novenas, festas de egreja, flores e altares — o que excita os sentidos, exalta a sensibilidade, não dá uma regra para o julgamento, nem um criterio para a consciencia.

A perfeição religiosa não consiste simplesmente, como as mulheres têem o infortunio de acreditar, na observancia e no respeito do culto: consiste no exame e no estudo recolhido e austero dos designios e da vontade de Deus sobre os nossos sentimentos e sobre os nossos actos.

A virtude torna-se por aquelle modo um acto instinctivo.

A moda no entanto vem com as suas exigencias. A modista absorve tudo. A economia interior desequilibra-se.

A mulher deixa de ter curiosidades de espirito; não lê um livro; não conhece interesses de intelligencia...

É por ventura isto desenhar, a capricho um quadro antipathico?—Não, leitor, attenta bem: o que fazemos é descrever a acção de uma lei geral.

No fim de tudo, as mulheres virtuosas, as mulheres dignas formam na sociedade portugueza uma maioria inviolavel! Se alguma coisa finalmente podemos dizer profundamente verdadeira é — que ellas valem muito mais do que nós.

. · .

Os dois sexos, pobres, contrariados um pelo outro, explorados um pelo outro, caminham parallelamente para o tedio.

— Estou aborrecido! — é o coro geral. Os espiritos estão vasios, os sentidos não estão satisfeitos. Gradualmente perde-se a vontade para tudo. O espirito abate-se sobre si mesmo e pela falta de acção e de excitação enfraquece. Os cerebros estão embotados. E os corpos lançam-se nas distracções funestas: vem o café, a casa de bebidas, a casa do jogo.

Não se compra um livro de sciencia, um livro de litteratura, um livro de historia. Lê-se Ponson du Terrail — emprestado! A indifferença do publico reage sobre o escriptor — a litteratura extingue-se.

Nos theatros não se pede uma idéa: querem-se vistas, fatos ricos, mutações, magicas. O espirito tem até preguiça de comprehender um enredo de comedia, prefere-se olhar, recostado, fazendo a digestão de um mau jantar, n'uma fadiga somnolenta.

O *Passeio Publico* é uma coisa lugubre. — É uma secretaria arborisada, dizia um homem de espirito. Passeia-se gravemente, em silencio, n'uma monotonia absorta, a bocca semi-aberta, o olhar amortecido, os braços pendentes!

Os cafés são silenciosos, tristes. Meio deitados para cima das mesas, os homens tomam o café a pequenos golos, ou fumam calados. A conversação extinguiu-se. Ninguem possue idéas originaes proprias. Ha quatro ou cinco phrases feitas de ha muito, que se repetem. Depois boceja-se. Quatro pessoas reunem-se: passados cinco minutos, ditas as trivialidades, o pensamento de cada um dos conversadores é poder livrar-se dos outros tres.

Perdeu-se o sentimento de cidade e de patria: o cidadão desappareceu; e todo o paiz não é mais do que:

Uma agregação hecterogenea de inactividades que se enfastiam.

É uma nação talhada para a conquista, para a tyrannia, para a dictadura, e para os dominios clericaes.

. ˙ .

Os instinctos naturaes perderam-se. Ninguem vive no seu interior. Vive-se na rua, ou no café. A casa aborrece; a familia não nos interessa. As casas são pequenas, mal arejadas, sem conforto. O saguão augmenta o tedio. O saguão é immundo, lugubre, desmoralisador! A vida apparece como um carcere. O burguez vae para o Gremio. O operario vae para a taverna.

Nas salas ha uma mobilia de mogno ou de murta, dura, lustrosa, pretenciosa, fria, quasi inutil. As cadeiras estão enfileiradas ao longo das paredes, bisonhas e tesas como recrutas. As mesas teem pó e vasos com flores de papel. Vê-se que ahi se não está senão de passagem, em acanhada ceremonia de gestos, de palavras e de idéas, mas que se não conversa, que se não discute, que se não ri, que se não existe, finalmente que se não vive em taes recintos. Se os mortos mobilassem os seus jazigos de familia mobilavam-os assim. E não faziam muito mais gasto aos seus moveis, os mortos, do que fazem os vivos!

.˙.

No verão a *Deusa dos mares* torna-se o centro da vida social. Os medicos receitam banhos a toda a gente. O symptoma da enfermidade que indica esta applicação universal é visivel. Lisboa não se banha durante o inverno. Entrae nas tres casas de banhos que existem para uma população de 300:000 corpos. Achal-as-heis desertas. De seis em seis mezes os habitantes mudam de casa e passeiam nas ruas os seus moveis; inquiri essas testemunhas terriveis dos interiores expellidos dos predios em que estavam occultas: ha uma coisa que se não vê nunca entre esses montões ambulantes de objectos contradictorios de ostentação, de luxo e de miseria domestica — uma banheira!

A falta de banhos é um dos maiores males physicos e moraes que se podem padecer.

.˙.

Ha um *hyg lif* — escondido.
Ha tambem um *sport* — a pé.

.˙.

Nas aldeias, onde o quadro é mais comprehensivel e breve, observa-se que em cada fre-

guezia é regra quasi invariavel que de todos os sujeitos o mais desordeiro é o regedor, o mais alegre o coveiro, o mais estupido o mestre escola, o mais estroina o cura.

Em Lisboa todas as vocações são binarias. Cada individuo é o que é, e é além d'isso outra coisa. A outra coisa é aquillo que elle faz mais gosto em ser.

O alfaiate é primeiro clarinete na phylarmonica *Solidão e Capricho*, e todas as vezes que depois das festas musicaes elle mette na ponta do dedo grande o seu dedal de ferro, sente que o que quer que seja da dignidade de Beethowen se lhe retrae com vexame da ponta d'esse dedo para o interior do coração.

O chapelleiro é centro comico da companhia dramatica *Patria e Gil Vicente*, e acerta muito melhor com a inflexão das pilherias no palco do que com a informação dos feltros na officina.

O sapateiro é secretario do centro reformista da sua rua, e allia o lavor do botim ao da eloquencia politica, o que dá algumas vezes em resultado empregar a metaphora no calçado e a sola e vira no discurso.

Os amanuenses de secretaria são poetas lyricos, que passam as noites contemplando a lua,

escutando o sussurrar das brisas, ou fazendo versos ás tranças de Laura, o que os obriga a levantarem-se ao meio dia e a não irem ás repartições, enxovalhando, ainda em cima, com ironias e sarcasmos os venerandos serviços publicos! Assim é que Pegaso escoucinha e burocracia, essa especie de burra de Balaam que Pegaso tinha obrigação moral de respeitar. Os chefes de repartição são torneiros de curiosidade, deputados, marceneiros de caixinhas, collaboradores ou correspondentes de periodicos.

Os barbeiros, os esteireiros, os caixeiros, os confeiteiros e os solicitadores de causas são todos mais ou menos jornalistas. São elles os auctores de todos os artigos que principiam assim: *Mais uma vida ceifada pela cruel Parca! mais uma flor*, etc., terminando por estes dizeres: *Acceite o inconsolavel ill.*^{mo} *e ex.*^{mo} *sr. Bento da Silva Bezerra, e sua extremosa senhora, o nosso pezame*!! São ainda elles os que de quinze em quinze dias publicam uma noticia em que se lê:

Todo o hyg lif lisbonense se achava hontem reunido nos vastos salões da sociedade «Mazurka e Sensibilidade», na rua dos Bacalhoeiros, 5.º andar. A ill.^{ma} *e ex.*^{ma} *sr.ª D. Maria*

dos Anjos executou no piano um difficilimo trecho do « Barba Azul ». O nosso talentoso amigo o ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Pereira Pataco recitou uma chistosissima poesia comica. As danças estiveram animadissimas, e a zelosa direcção cruzou constantemente as salas em todas as direcções com as bandejas dos refrescos.

.·.

O povo, a operosa e fecunda classe que se glorifica com esse grande nome, compõe-se dos officiaes de officio impossibilitados de ganharem quantia superior a 900 réis por dia. Todo o operario que principia a libar a doçura embriagante e burgueza da capitalisação, monta uma loja de cambios e de bilhetes da loteria, uma casa de penhores ou uma empresa de postos medicos, deita luvas, dirige as eleições em dois quarteirões da rua da Prata, manda de presente uma caneca ao Asylo da Mendicidade, offerece meia libra ao Albergue dos invalidos do trabalho, dá um chá no dia da procissão dos Passos, e pede um titulo.

É o óvo burguez, é o embryão do conselheiro, é a crysalida do agiota.

. ˙ .

As breves paginas que tu acabas de percorrer, amigo leitor, nenhum periodico portuguez ousaria publical-as integralmente nas suas columnas. E todavia não são ellas mais que a opinião sincera, desinteressada e livre, de dois homens honrados que um dia atravessaram as salas, os theatros, as bibliothecas, os botequins, os escriptorios dos jornaes e as repartições publicas do seu paiz, e que em seguida reuniram as observações que fizeram, escrevendo-as juntos. Não : os periodicos, ainda os que mais aleivosamente teem assaltado o interior das familias, a honra inviolavel dos cidadãos e a casta delicadeza das mulheres, não publicariam os nossos artigos, sem os cortarem, sem os reduzirem por mutilações successivas aos moldes dos seus intuitos, das suas conveniencias ou dos seus programmas.

Notae comtudo que nós poderemos ler este livrinho, — como todos aquelles que houvermos de te consagrar, leitor, — poderemos lêl-os todos sem gaguejar, sem abaixar a voz em um só ponto, perante o mais recatado auditorio, a nossas proprias mães, ás nossas mulheres ou ás nossas filhas — significativa experiencia, se-

verissimo contraste a que nem sempre poderiamos sujeitar a prosa do jornalismo que nos repelle.

Quereis saber a rasão porque os nossos pensamentos mais escrupulosamente dignos não podem apparecer onde aliás apparece tanta idéa abjecta, tanta mediocridade maligna, tanta petulancia perniciosa? É porque no estado de depressão moral em que se acha a imprensa e a tribuna ninguem ousa publicar senão metade da sua opinião. É a liberdade, a fraternidade e a egualdade do insignificante e do mediocre. Tudo quanto sae fóra d'este estreitissimo circulo, qualquer que seja a altura a que se destine ou a baixeza a que se arremesse, toma egualmente as proporções de um escandalo. O homem de mais recto juizo e de mais completa honra não se atraveria a declarar-se publicamente tal qual é. Recearia *comprometter-se.*

Comprometter-se é a vaga mas permanente ameaça constantemente levantada pelo espirito da epocha sobre todas as determinações radicaes. Comprometter-se quer simplesmente dizer : que os ministros nos demittam dos nossos empregos, que os centros politicos nos expulsem, que os partidos nos reneguem, que os fre-

quentadores do *Gremio* ou do *Martinho* deixem de cumprimentar-nos e que alguns dos nossos conterraneos discutam nos periodicos a nossa vida publica e a nossa vida particular, ou que meramente nos espanquem á esquina das nossas ruas.

Supponhamos porém que, ainda assim, ha alguem que em honra da sua intelligencia, que tem obrigação de trabalhar, e do seu caracter, que tem obrigação de exercer-se, delibera passar um pouco de tempo *compromettendo-se*. O que succede? Não tem onde.

É por este motivo que dois homens, que não querem ser deputados, nem ministros, nem viscondes, nem agiotas, criam estes livrinhos mensaes que se intitulam *As Farpas*.

Se os perigos que se podem contrapor ao elevado prazer de te dedicar a nossa obra, leitor para quem a fizemos, e que, embora não sejas em numero senão um em todo o mundo, representas para nós a suprema expressão da justiça e do direito, se os perigos que podemos receiar não são mais do que aquelles que expuzemos, o nosso desprazer é não termos senão isso para te sacrificar. Porque, no fim de contas, a verdade é que todas essas ameaças juntas, bem conside-

radas, não mettem medo senão aos velhacos ou aos tibios, e cumpre-nos dizer-te por ultimo, leitor que nos estimas, para teu socego e para teu descanso, que nós não pertencemos nem a uma nem a outra d'essas duas especies mais particularmente frageis, e justamente medrosas.

Ha em Portugal quatro partidos: o partido *historico*, o *regenerador*, o *reformista* e o *constituinte*. Ha ainda outros, mas anonymos, e conhecidos apenas d'algumas familias. Os quatro partidos officiaes, com jornal e porta para a rua, vivem n'um perpetuo antagonismo: são irreconciliaveis. Do fundo dos seus artigos de jornal, latem perpetuamente uns contra os outros. Tem-se tentado uma pacificação, uma união: impossivel! elles só teem de commum a lama do Chiado que todos pisam e a Arcada que a todos cobre. Quaes são as irritadas divergencias de principios, que separam estas opiniões? —Vejamos:

O partido *regenerador* é constitucional, monarchico, intimamente monarchico, e lembra nos seus jornaes que é necessaria a economia.

O partido *historico* é constitucional, bastante

monarchico e prova irrefutavelmente que é assaz aproveitavel a idéa da economia.

O partido *constituinte* é constitucional e monarchico e dá subida attenção á economia.

O partido *reformista* é monarchico, é constitucional e é doidinho pela economia.

Todos quatro são catholicos.

Todos quatro são centralisadores.

Todos quatro teem o mesmo affecto á ordem.

Todos quatro querem o progresso, e citam a Belgica.

Todos quatro estimam a liberdade.

Quaes são então as desintelligencias? — Profundas! Assim por exemplo a idéa de liberdade entendem-a de diversos modos.

O partido historico diz gravemente que é necessario respeitar as *Liberdades Publicas*. O partido regenerador nega, nega com uma divergencia resoluta, e prova com abundancia de argumentos que o que se deve respeitar são — as *Publicas Liberdades!*

A conflagração é manifesta!

. ˙ .

Na acção governamental as dissenções são perpetuas. Assim o partido *historico* propõe um

imposto: porque, não ha remedio, é necessario pagar a religião, o exercito, a centralisação, a lista civil, a diplomacia...— propõe um imposto.

« Caminhamos para uma ruina! exclama o
« presidente do conselho — O *deficit* cresce! O
« paiz está pobre! A unica maneira de nos sal-
« varmos é o imposto que temos a honra, etc...

Mas então o partido *regenerador*, por exemplo, que está na opposição, brame de desespero, reune-se o centro: as calvas luzem de suor, os cabellos pintados destingem-se d'agonia: cada um alarga o collarinho na attitude d'um homem que vê desmoronar-se a patria!

— Como assim! exclamam todos, mais impostos!?

E então contra o imposto escrevem-se artigos, elaboram-se discursos, conspira-se; rodam as carruagens de aluguel, levando, a 300 réis por corrida, inimigos do imposto. Prepara-se o *cheque* ao ministerio historico, vem a votação... Zas! cáe o ministerio historico.

E ao outro dia, o partido *regenerador* no poder, triumphante, occupa as cadeiras de S. Bento. Esta mudança alterou tudo: os fundos desceram, as transacções suspenderam-se; os comboyos cruzam-se cheios de authoridades demit-

tidas, o credito diminuiu, a opinião descreu mais, a fé publica dissolveu-se mais — mas finalmente caiu aquelle ministerio desorganisador que concebera o imposto, e está tudo confiado, esperando.

Abre-se a sessão parlamentar : o novo ministerio regenerador vae fallar.

—Ah! exclama com um suspiro de fadiga contente.

Os senhores tachigraphos aparam as suas pennas mais velozes. O telegrapho está vibrante de impaciencia para communicar aos governadores civis e aos coroneis a regeneração da patria. Os senhores correios de secretaria teem os seus corseis sellados!

Porque emfim o ministerio regenerador vae dizer o seu programma, e todo o mundo se assôa, com alegria e esperança!

—Tem a palavra o novo presidente do conselho.

— *O novo presidente* : Um ministerio nefasto « (*apoiado, apoiado!* exclama a maioria historica « da vespera) caiu perante a reprovação do paiz « inteiro. Porque senhor presidente, o paiz está « desorganisado, é necessario restaurar o cre- « dito. E a unica maneira de nos salvarmos...

Murmurios. Vozes: *Ouçam! ouçam!*

«... E por isso que eu peço que entre já em discussão... (attenção avida: sente-se palpitar debaixo dos fraques o coração da maioria...) que entre em discussão — o imposto que temos a honra, etc. (*apoiado! apoiado!*)

E n'essa noite reune-se o centro historico, hontem no ministerio, hoje na opposição. Todos estão lugubres.

— Meus senhores, diz o presidente, e a sua « voz é cava. — O paiz está perdido! E dando « uma punhada: O ministerio regenerador ainda « hontem subiu ao poder e doze horas depois já « entra pelo caminho da anarchia e da oppres- « são, propondo um imposto! Empreguemos to- « das as nossas forças em poupar o paiz a esta « ultima desgraça! — Guerra ao imposto! »

Não, não! com estas divergencias tão profundas é impossivel a conciliação dos partidos!

Entre Lisboa e Madrid trocaram-se as viagens de dois comboyos de recreio, ida e volta, preços reduzidos.

Os viajantes de Hispanha foram recebidos na

estação de Lisboa pelo commandante da divisão militar e pelo commissario de policia, os quaes julgaram opportuno em bem da independencia nacional verificar pelo aspecto dos adventicios se o intuito d'elles era effectivamente ver Lisboa — curiosidade que, parece, nunca estrangeiro algum manifestou desde a mais remota antiguidade até nossos dias! — ou se pelo contrario os trazia a idéa mais provavel de lançarem abaixo das varandas do hotel de Gibraltar, de noite, a horas descuidadas, o grito da *união iberica* sobre os dois trens do Feliciano que estacionam á suggerida esquina do Chiado e que em si resumem a vida e a animação da capital da meia noite em diante.

Entre alguns indigenas do largo de Santa Apolonia correu a lembrança de pôr o comboyo de quarentena e de serem fumigados os viajantes, dando-se-lhes para esse fim alguns golpes, como é costume fazer ás cartas que chegam de portos suspeitos de enfermidades contagiosas.

A authoridade decidiu afinal que os estrangeiros entrassem na cidade, tomando-se como correctivo ao seu contacto as devidas providencias para conseguir o seguinte:

1.º Que além do 1.º de dezembro, sejam considerados 1.ºˢ de dezembros os primeiros dias de todos os mezes do futuro anno.

2.º Que se conserve perpetuamente illuminada a casa de D. Antão de Almada.

3.º Que a sublime actriz sr.ª Emilia das Neves nunca jámais cesse de recitar uma poesia patriotica do inspirado poeta sr. Eduardo Vidal, a qual se ha de intitular a «Padeira de Aljubarrota.»

. ˙ .

Notemos que é singularissima a questão iberica considerada como ponto de divergencia entre os politicos e jornalistas de Portugal e os de Hispanha. Na imprensa hispanhola tem-se por ideal politico a federação ou a unificação dos dois paizes. Em Portugal não ha theoria unitaria ou federativa mais antipathica á imprensa. Os periodicos de Hispanha publicam todos os dias que nós fazemos *meetings* e preces ao Divino a pedir a união. As folhas portuguezas bradam constantemente com o punho cerrado sobre o seio : «Não! não! nunca!»

. ˙ .

Figurava-se-nos, a nós, que as entrevistas de

jornalistas portuguezes e de jornalistas hispanhoes deveriam ñecessariamente dar em resultado discutir-se e aclarar-se definitivamente este importantissimo assumpto. Não succede porém assim.

O sr. Fernandes de los Rios, ministro de Hispanha em Lisboa, deu, ha pouco tempo ainda, uma *tertulia*, que foi celebrada em toda a Peninsula pela sua elevadissima significação politica e litteraria. Foi um banquete internacional da poesia e do espirito. Concorreram dois poetas, um hispanhol e outro portuguez. O portuguez fez a traducção de uma lingoa que declarou não saber. O hispanhol recitou uma poesia que confessou não ter feito.

Por sobre as mesas do festim sentia-se como o voejar de um agoiro invisivel. Era o vago sentimento do iberismo que pesava nos espiritos. Sentia-se a necessidade de fazer áquelle assumpto o que se estava fazendo á *mayonnaise :* pol-o em pratos limpos.

No meio do banquete houve um silencio expressivo. Consta que então se erguera uma voz e dissera :

— Sr. ministro...

Os convivas enxugaram os beiços aos guar-

danapos e tossiram. Era de certo a união iberica! O orador proseguiu:

— Sr. ministro! Sinto a imperiosa necessidade...

Vozes: — Ouçam! ouçam!

— Sinto a imperiosa necessidade de communicar a v. ex.ª o pensamento que n'este momento me domina...

Vozes: — Attenção! attenção!

O *orador, continuando:* — Achei delicioso o seu perú!

— Quiere usted que se le repita?

— Hombre! si.

Hombre era fraternal e sem ceremonia: teve um successo. Levantaram-se alguns copos. Houve applausos. Estava-se em familia!

.˙.

Pouco depois da chegada a Lisboa do comboyo de Madrid, atravessava a fronteira o comboyo portuguez. Os viajantes hispanhoes tinham já a esse tempo espalhado por cartas no visinho reino as suas impressões do Chiado, do Terreiro do Paço e do Passeio Publico. Sabia-se já o que era a nossa alegria, a nossa jovialidade, a nossa «verve». Assim se explica como logo em Ciudad

Real, á chegada dos nossos compatriotas se esconderam todos os pandeiros e todas as castanholas. Uma força de carabineiros esperava na plata-fórma os viajantes, recebendo-os entre dois renques de brandões de cera; querem dizer que tambem tinham crepes nos braços. Musicas marciaes tocavam lentamente hymnos patrioticos. Um estudante que tinha lido a viagem a Lisboa de Edgard Quinet contava a um grupo reunido na estação:

— «Este é o povo que passa a vida fazendo fios para a cicatriz de Luiz de Camões e carpindo as injustiças da patria para com o grande Affonso de Albuquerque!»

Viu-se alguns velhos enxugarem os olhos e uma mulher pôr-se de joelhos e ensinar a uma creança o signal da cruz.

Por fim o sahimento proseguiu.

Affirmam os chronistas d'esta memoravel viagem do povo da nenia atravez do povo do fandango que a scena que esboçamos se repetiu em todas as estações.

Em Madrid a imprensa deu um jantar aos viajantes. Conta-se que n'esse dia se recebera em Lisboa, nas altas regiões, um telegramma concebido nos seguintes termos:

. ˙ .

« *Madrid entre duas colheres de punch à la romaine.* — Fallou Castellar. Preciso homem para dar troco. Se Coelho Amaral devoluto, remettam. Matheus falla interinamente. Repetição discurso toiradas e disse ter sede economias. Deram ao orador Champagne. Não quiz. »

Parece que pouco depois chegava outro telegramma dizendo assim :

« *Madrid. Ao assado.* — Matheus prometteu assembléa Amaral provaria unico acepipe animaes racionaes ser brôa. Matheus discursa. Não come. Comer d'elle, *economias!* Perguntam quer caldo. Economias é o que elle quer. Geleia bôca abaixo, depositou. Berra *economias! economias!* grande sensação. Depressa Coelho e brôa! »

. ˙ .

Ultimo telegramma :

« *Madrid. Dia seguinte ao banquete.* — Ao partido reformista. Parabens! Matheus despique. Matheus sustentou grito *economias!* Nada guellas senão *economias!* Matheus macilento feixe d'ossos. Bispo prevenção perna vitella chegada Matheus. Partido victorioso! »

Toque o hymno!

O sr. Anthero do Quental abriu no dia 19 as conferencias democraticas no Casino.

É a primeira vez que a revolução sob a sua fórma scientifica tem em Portugal a palavra.

O mundo revolucionario ou antes, na sua feição partidaria e politica, o mundo republicano tinha-se até hoje manifestado muito indistinctamente, — por alguma voz isolada, que se extinguia sem echo, no silencio da opinião, ou pelas agitações — mais suspeitadas que verificadas — de especuladores avidos e de intrigantes decahidos. Ás vezes meia folha de papel era distribuida gratis, com alguns insultos aos ministros, ao rei, e a um ou outro regedor. Outras vezes apparecia um jornal, que, em tom lyrico, cantava a fraternidade e os seus encantos, dirigia apostrophes ao rochedo de Guernesey, citava o Golgotha em questões de fazenda, e voltando-se para o rei dizia-lhe: — *Tu!* Outras vezes era um jornal de capa vermelha, e de calumnia de outras côres, que a proposito de liberdade insultava senhoras e que, sob pretexto de ser um jornal de combate, era um jornal de diffamação. Havia outros republicanos: todos os jornaes na opposição se dão vagamente esse ar, fallam então no suor do povo... Imaginarão que a aristo-

cracia não sua? Como se illudem! — O *Jornal do Commercio*, representante da burguezia liberal foi algum tempo republicano e dizia aos tyrannos coisas desagradaveis, que deviam magoar Napoleão III, o defuncto Caligula, e outros ex-oppressores. O partido do sr. marquez de Angeja parece que tambem era republicano; pelo menos passava como tal aos olhos dos creados do Martinho. Alguns reformistas têem dito que o sr. bispo de Vizeu, bem no seu fundo — é republicano. Parece que outros chefes de partido o são tambem. E isto vae n'uma tal contaminação, que o unico legitimista constante que nos fica — é Danton!

Tal era o partido republicano — que causava hilaridade! Por isso o espanto é grande, vendo apparecer homens que apresentam a revolução, serenamente — como uma sciencia a estudar. Não o fariam mais tranquillamente se se tratasse de anatomia.

. ˙ .

As conferencias hão de encontrar resistencias. Em primeiro logar o nosso publico intelligente e sobretudo litterario, ama o *bel-esprit*: o que lhe agrada é a oratoria e a phrase. Moda peninsular. Ora as conferencias pela sua natureza

scientifica, experimental, — exigem justamente o contrario dos apparatos rhetoricos. São a demonstração, não são a apostrophe; são a sciencia, não são a eloquencia. As declamações téem tirado á democracia o seu caracter privativo de realidade e de sciencia. Temos ouvido cantar a democraria, metrifical-a, soluçal-a: é tempo de a vermos demonstrar: deixemos no bilheteiro a nossa perpetua inclinação nacional de escutar odes — entremos só com a tendencia humana de resolver problemas.

A revolução apparece ao mundo conservador, — como o christianismo ao mundo sophista. Os sophistas tinham tomado o partido de rir — *d'aquelles nazarenos*. — É o que faz agora o periodico a *Nação*, quando se trata da revolução. Não é original.

Tenhamos bom senso: escutemos a revolução, e reservemo-nos a liberdade de a esmagar — depois de a ouvir.

Uma coisa que a compromette — é ella fallar em nome do proletario. O proletario pretende explicar-se; quer por um lado contar a sua miseria, por outro provar o seu direito. O simples bom senso indica que se deixe fallar o proletario. — *Silencio ao pobre!* — gritava La-

mennais em 48. Esta palavra horrorosa, que é um dobre a finados pela dignidade humana, inspira sempre as instituições. — Santo Deus! Parece que lhes doe a consciencia! Deixemos fallar o proletario. Que receiam? Não temos os nossos exercitos, os nossos parlamentos, a nossa policia? Deixemol-o fallar.

. ˙ .

Desdigamol-o depois quando elle mentir, refutemol-o quando errar. É muito mais commodo encontrarmo-nos com quem represente o proletario, socegadamente, na sala do Casino, do que encontrarmos o proprio proletario mudo, taciturno, pallido de ambição ou de fome, armado de um chuço á embocadura de uma rua. Fazer conferencias — se bem attentamos n'esse acto — reconhece-se que é uma coisa differente de fazer barricadas. É por lhe não permittirem fazer conferencias que o proletario parisiense quando se apresenta ao publico faz fogo. O proletario inglez não espingardeia os seus governos pela rasão de que falla nos *meetings*. E quando aquelles que fallam por elles no poder os representam mal, os operarios inglezes pedem-lhes contas nos seus comicios, cobrem-os de improperios, e

atiram-lhes com cebolas á cara. Se a victima tenta fugir ou fazer resistencia á cebola ou ao insulto, um *policiman* segura-o gravemente pela gola da casaca e convida em nome da moralidade o procurador do povo a esperar pelos restos da rhetorica e da hortaliça.

. ˙ .

Temos ainda, que actualmente o grande caracter das conferencias, é, segundo nos parece, a opportunidade. Ha muito tempo que a opinião publica as pedia. O que! ha ahi alguem que o negue?

Não o nega de certo o parlamento, onde todos os dias ministros, maiorias e opposições — diziam que o paiz estava desorganisado e perdido.

Não o nega de certo a imprensa que todos os dias diz que o systema constitucional está desautorisado! (*Diario Popular, Jornal do Commercio, Gazeta*, etc., *passim*.)

Não o nega a opinião, que todos os dias diz, com uma certa convicção desleixada, nos cafés, nas ruas, nos passeios, nos estancos: — Ora! isto está pôdre!

Quando a opinião, tão geral, diz que um paiz está perdido dentro de um systema, colloca-se

por essa mesma confissão fóra do systema, e deseja, por uma propaganda nova, uma restauração social.

Sejamos logicos. *As Farpas* não são o legitimismo, nem a republica, nem o constitucionalismo, nem o sebastianismo. Desejam simplesmente ser a logica e ser o bom senso.

Vejamos : não tem a imprensa confessado todos os dias a podridão do paiz e a desorganisação das suas forças vivas ? (Jornaes politicos, *passim*.)

Não ameaçam perpetuamente os governos com uma intervenção popular ? (Jornaes politicos, *passim*.)

Ou são sinceros, ou não. Se não são, então faltam duplamente á dignidade porque desconsideram os outros enganando-os, e desconsideram-se a si mentindo ; são perturbadores de profissão ; querem lançar, de caso pensado, o scepticismo no espirito publico para o interesse da sua intriga. Pertencem ao ministerio publico. — Se são sinceros então devem estar radiantes de alegria porque teem uma propaganda nova. Teem o que pediam. Não vemos nós os ministerios dissolvendo camaras sobre camaras, depois de lhes experimentarem um momento a

intelligencia como quem diz — *Outra que esta não presta !?*

Não vemos os partidos, em quem deve residir a consciencia do Estado, derrubarem todos os dias ministerios, como um homem que n'um chapeleiro experimenta chapeus — *Outro que este não serve?*

— E vós, jornaes politicos, não confessaes vós todos os dias a impotencia dos vossos politicos? Não vos tendes dito uns aos outros os extremos insultos? Não vos tendes destruido uns pelos outros? Appellamos para ti, leitor de bom senso. Não é verdade que o *Diario Popular* tem dito dentro do systema, que o sr. Fontes é incapaz de organisar o paiz? É. — Não é verdade que a *Revolução* tem provado á saciedade, dentro do systema — que o sr. bispo de Vizeu é incapaz de organisar o paiz? É. — Não é verdade que a *Gazeta do Povo* tem provado que ambos elles são os incapazes? E não é verdade que a *Revolução* e o *Diario Popular*, teem dito uniformemente que o incapaz é o sr. Braamcamp? É. Por consequencia parece que estaes inutilisados uns pelos outros. Se um falla verdade, todos a fallam. Se um a falsea, todos a falseam. Por consequencia ou teem de acceitar a sua con-

demnação, ou teem de confessar a sua falsidade.

Qual é a conclusão? Uma propaganda nova. É o que a imprensa está pedindo ha muito tempo, e o que só agora lhe apparece. Muito feliz é que ella lhe não appareça com chuços, tocando a rebate pelas ruas, e que lhe appareça apenas com idéas, e tocando a rebate atravez das consciencias. Todos os partidos estão pois interessados n'esta propaganda. Quem falla depois do sr. Anthero do Quental? Deve ser o sr. bispo de Vizeu!

.˙.

Quem quer que sejam os conferentes, se fazem uma nova propaganda, lembrem-se que antes de tudo o que o paiz necessita é — força para o seu caracter, sciencia para o seu espirito, justiça para a sua consciencia! Fallae-lhe das questões economicas, do salario, do trabalho, da familia, da sancção moral, da educação, — e sobretudo da pacifica revolução agraria, que deve transformar as condições da vida portugueza.

A politica deixae-a sempre ficar comsigo mesma. O nosso grande erro em Portugal tem sido querer principiar constantemente as revo-

lucões pela politica, fazer d'ella uma causa ou um meio, quando logicamente e seguramente ella não póde nem deve ser nunca senão uma consequencia ou um resultado.

O partido reformista appareceu um dia, de repente, sem se saber como, austero, pesado, grosso, com uma voz possante. Ninguem sabia bem o que aquillo era. Alguns diziam que era o sebastianismo sob o seu aspecto constitucional; outros que era uma seita religiosa para a creação do bicho da seda. Havia as mais loucas opiniões. Eram tão graves, tão tristes, tão intransigiveis que no Chiado affirmava-se que eram personagens da historia romana — empalhados!

Ninguem se aproximava d'elles; causavam immensa impressão nos moços de fretes. Por fim, pouco a pouco, alguns jornalistas mais curiosos foram-se chegando e começaram a tocar-lhes com o dedo, a ver se eram de pau. Eram de carne, eram verdadeiros. Percebeu-se mesmo que fallavam. Então os mais audaciosos fizeram-lhes perguntas.

— Senhores, disseram-lhes, espalhou-se por ahi que vinham restaurar o paiz. Ora devem saber que um partido que possue uma missão de reconstituição — deve ter um systema, uma idéa, um principio que domine toda a vida social, estado, moral, educação, trabalho, factos juridicos, factos economicos, litteratura, etc. Assim por exemplo a questão religiosa é complicada, qual é o seu principio n'esta questão?

— Economias! disse com voz pesada o partido reformista.

Espanto geral.

— Bem! e em moral?

— Economias! bradou.

— Viva! e em educação?

— Economias! roncou.

— Safa! e nas questões de trabalho?

— Economias! mugiu.

— Apre! e em questões de jurisprudencia?

— Economias! rugiu.

— Santo Deus! e em questões de litteratura, de arte?

— Economias! uivou.

Estavam todos aterrados. *Aquillo* não dizia mais nada. Fizeram-se novas experiencias. Perguntaram-lhe:

— Que horas são ?

— Economias ! rouquejou.

Todo o mundo tinha os cabellos em pé. Fez-se nova tentativa.

— De quem gosta mais, do papá, ou da mamã?

— Economias ! bravejou.

Um suor frio humedecia todas as camisas. Examinaram-os de frente, de perfil, de tres quartos. Perguntaram-lhe a taboada, o cathecismo :

— Economias ! respondia.

Uma coisa tão inexplicavel só podia ser um partido politico. Era com effeito. Não tinha idéas : tinha aprendido aquella palavra ; repetia-a sempre, a todo o proposito, machinalmente. Era o papagaio do constitucionalismo.

Papagaio... quando está na opposição : então repete a sua palavra — *economias !* sempre, grulhando, gritando, casquejando, espanejando-se ao sol. Mas mal chega ao governo, emmudece : faz-se sorumbatico, grave, pesado, calado, mono, inutil : É a arara dos poderes publicos !

. ˙ .

Não obstante isto, não obstante o mais que temos dito do partido reformista e o mais que ainda

teremos que dizer, esse partido tem um singular merecimento: É de todos os partidos portuguezes o que mais contestações tem levantado, o que mais impugnações tem produzido, o que mais antipathias tem suscitado. Quer isso dizer que o partido reformista é o mais profundamente assignalado na sua individualidade. É absolutamente preciso que tenha principios bem fixos e opiniões bem determinadas para que se fortifique d'esse modo dentro de uma circumvalação de inimizades e até de odios perfeitamente definidos e constantes. Respeitamos essa indiscutivel individualidade attestada pela reacção de que o partido reformista é o paciente. O que desejariamos era vel-a confirmada pela acção de que elle fosse o motor e o agente.

Acreditae que não vos queremos mal, ó reformistas! Está em nossos principios não querermos mal a ninguem. Do que se diz contra vós devemos deduzir que tendes alguma coisa no espirito, na vontade e na consciencia; entendei que todas as interpellações e todas as instancias que vos dirigimos não teem outro fim senão interrogar-vos. Não querermos fazer-vos soffrer. O que queremos é fazer-vos fallar.

O sr. bispo do Algarve, patriarcha, publicou uma pastoral.

Ergueu-se a este respeito um debate na camara : fallou-se em *placet, non placet,* e cada um escondeu a sua verdadeira intenção. A opinião liberal irritou-se vendo o sr. bispo do Algarve lamentar com azedume a extincção do poder temporal; a opinião liberal não ama o poder temporal, entende que o papa deve occupar-se unicamente dos negocios do ceo; a opinião liberal faz a policia do espiritualismo.

Ora suppor que o papado póde viver exclusivamente do poder espiritual é uma iniquia má fé — (não é o caso da opinião liberal) — ou um *pis-aller* revolucionario — (não é tambem o caso da honrada maioria constitucional). O que é então? Uma falta notavel de principios e de logica.

O papado podia viver sem o temporal, quando a religião lhe dava o dominio em todas as consciencias, e fazia d'elle o vicariato de Deus.

Escusamos de citar epochas historicas. O papa tinha então tambem dominios temporaes — mas eram como uma joia da sua tiara : — não eram a condição vital da sua supremacia. Não foi por possuir Roma e mais uns pedaços de terra que Gregorio VII, Urbano II, Innocencio III, foram

grandes : as terras, de conquista ou de doação eram apenas a glorificação do seu pontificado. Mas o verdadeiro imperio tiravam-n'o elles da espontaneidade da fé catholica e da força da unidade.

Desde que a fé se extinguiu, que por toda a parte o Estado faz scisão com a Egreja, que a religião de dominadora passou a consentida — o que é que sustenta o catholicismo e a soberania espiritual? — É a soberania temporal, é o reino de Roma. Se o papado perder para sempre Roma, symbolo visivel da supremacia religiosa — o que fica? Um vago e indefinido interesse espitual, fallando em nome da fé que ninguem possue, e da tradicção de S. Pedro, que ninguem já sabe o que é.

O catholicismo degenera assim n'uma especie de protestantismo — equilibrado entre o calendario e a indifferença.

De modo que a opinião liberal que no parlamento protestou que era catholica apostolica romana — censura a defeza do poder temporal, isto é: censura a defesa do catholicismo e a defesa da unidade. E com protestos orthodoxos mostra-se inimiga do catholicismo — por consequencia inimiga do christianismo, por que o

catholicismo é a expressão mais logica e mais profunda do christianismo — por consequencia inimiga da religião, por que o christianismo é a expressão mais logica do conceito religioso.

E aqui temos, n'um paiz catholico, os illustres srs. deputados, em pleno parlamento, fazendo profissão de atheismo! Pobres srs. deputados, como vão ficar aterrados com esta revelação!

.˙.

Mas tambem a pastoral de S. E. R. é um documento deploravel.

Se fosse um protesto catholico, a condemnação pura e simples da philosophia e da razão, uma pequena encíclyca para uso nacional, uma defesa do temporal intransigivelmente posta — applaudiriamos a pastoral : — era um documento logico.

Mas não : a pastoral é uma especie de artigo de fundo, molhado em agoa benta, o que quer que seja de beato e de lacrimoso, um pamphleto de sachristia, sem criterio, sem logica, sem sciencia, sem orthodoxia, com um cheiro a opa e a feno secco, começando por dirigir apostrophes á arca de Noé e terminando por pedir esmolas para o papa.

Esmolas! Esmolas! O papado quando tinha Roma apresentava o estranho caso de um estado fundado unicamente sobre a mendicidade. Roma vivia de esmolas. Papa, clero, cardeaes, e a população transteverina eram mendigos de profissão. Nas outras partes o Estado é sustentado pelo povo: ali o povo era sustentado pelo Estado!

Mas hoje o papa não tem Roma: e as esmolas continuam a tomar o caminho de Roma!...

O caminho de Roma? Quem sabe?

Ahi estão os jornaes hispanhoes que declaram que a subvenção catholica para o papa, não é mais que uma subscripção disfarçada para o legitimismo: e que todos esses dinheiros que os fieis imaginam que vão tornar mais chorumenta a terrina papal vão simplesmente ser empregados em comprar armas, e em levantar uma insurreição carlista na Navarra.

O clero entende-se bem com a legitimidade: e legitimistas com legitimistas entendem-se melhor... Meditemos este caso: — beato e absolutista!

A opinião tem pela camara dos deputados um sentimento unanime, e unanimemente declarado: o tedio.

Diz-se mal da camara por toda a parte: os jornaes mais sérios fallam constantemente na sua improductividade; publicam-se contra ella pamphletos satyricos; diz-se geralmente que ella é um covil de intrigas. Pergunta-se aos deputados:

— Que houve hoje na camara?

— Uma farça, dizem uns.

— Uma feira, respondem outros.

Censura-se a sua preguiça.— Esta é peior do que as outras,— observa-se de cada uma. Os jornaes politicos são cheios d'estas formulas: «A camara hontem deu um espectaculo triste para quem presa os verdadeiros principios, etc....»; ou «A camara está dando espectaculo da sua falta de independencia...»; «A camara salta por cima dos principios rudimentares de administração; é ignorancia ou despreso?»

— O parlamento é uma vergonha, diz-se nos cafés.

— Vamos aos toiros! — diz-se nas galerias (textual.)

— Ámanhã ha escandalo! exclama-se na vespera de quasi todas as sessões.

Fazem-se-lhe epigrammas, põem-se-lhe alcunhas, os folhetins escarnecem-n'a, e os jornaes de noticias, publicam com uma singeleza dramatica: «Hontem a sessão passou-se em invectivas pessoaes.»

Um grande escriptor, que é tambem um grande caracter, chamou-lhe: «Lupanar!» O dito foi julgado justo e coberto de applausos. Cita-se sempre.

De que provem este desdem geral? Do surdo fermento de hostilidades que ha sempre contra os grandes corpos do Estado? Da convicção nascida d'uma experiencia diaria?

Tu, leitor de bom senso e de boa fé, que não és deputado, que vaes sentar-te na galeria, ou lês as sessões no jornal, responde tu, nosso amigo e nosso confidente!

A opinião é legitima e é justa, é fundada na experiencia. A camara (tomemos a actual para exemplo) não tem principios, nem idéas, nem consciencia, nem independencia, nem interesse pelo paiz, nem sciencia, nem eloquencia, nem seriedade. Isto não quer dizer que isoladamente, individuo por individuo, não se encontrem aquellas qualidades com um relevo poderoso; seria ridiculo negar a erudição do sr. Lati-

no, a sciencia do sr. Jayme Moniz, a honestidade do sr. Rodrigues de Freitas, a eloquencia do sr. Barjona, etc., etc., etc. O que se quer dizer, é que como corpo constituido, sentada nas suas cadeiras, com o seu presidente, a sua campainha, o seu copo d'agua com assucar, e os seus continuos — a camara tem a falta absoluta d'aquellas qualidades, e a abundancia dos defeitos oppostos.

A camara não tem principios. É monarchica, e corta a lista civil, dando toda a latitude ao rei na politica, mas reduzindo-lhe o orçamento. É catholica, e mostra-se hostil á defeza do poder temporal, o que, por uma deducção logica que todos comprehendem, é mostrar-se sympathica á condemnação do catholicismo. Dá alternadamente maioria a todos os partidos, vivendo assim de rotina e de intrigas, servindo as ambições dos chefes de partido, que a exploram e que a despresam.

A camara não tem idéas. Diante d'um paiz desorganisado de um extremo ao outro que faz? Discute a questão das ostras. Não apresenta uma lei, um regulamento, uma reforma, um projecto organisador. Nada. No estado em que se acha o paiz e que já tivemos occasião de pin-

tar no começo d'este livro, a camara não dá um só passo para o tornar melhor.

Santo Deus! era portanto esta a occasião de ter idéas! A camara discute durante um mez se o sr. Soares Franco deve ter o commando da armada, ou se o não deve ter. O ministro declara que sim — por que o commando da armada é de tradicção de tres seculos. Este principio do governo, logicamente entendido, obriga o ministerio a levantar a forca, reconstruir os conventos, resuscitar Affonso Henriques, e ir, immediatamente, já, já, descobrir outra vez o caminho da India — e ficar sempre a descobril-o!

A camara não tem justiça. Se alguma coisa decide na sua pequenina area de alterações pequeninas não é no terreno da justiça, é no do interesse politico. Quem ignora os exemplos? A enumeração d'elles fatigaria Homero.

A camara não tem consciencia. O seu criterio, a sua moral é a *intriga*.

A *intriga* politica, a *intriga* partidaria. A maioria apoiava o sr. marquez d'Avila; a maioria abandonou-o. Por que? Era hontem apto, é hoje inepto? É que o sr. marquez d'Avila nega-se á discussão do orçamento. N'esse caso para que lhe dão a lei de meios até julho? Porque

não lhe dão logo o cheque definitivo negando-lh'a? Acham-n'o tão improprio que se affastam d'elle, mas dão-lhe o poder por mais dois mezes? Imbroglio! Intriga! Comedia!

A camara não tem interesse pelo paiz. É necessario proval-o? Que lhe importa a ella o paiz, a sua organisação, o seu progresso? Que faz por elle? Com que instituições o dota? Que melhoramentos lhe dá? O que faz pela instrucção, pela educação, pela agricultura, por tudo? Nem um olhar. A camara discute ministerios, partidos, bispos e arcebispos, corrilhos, camarilhas, centros, faz barulho, vocifera! A camara é um baralho de cartas com que chefes habeis fazem uma partida de voltarete. É o paiz quem leva os codilhos. Que fez esta sessão? Viveu esteril, morrerá esteril! O seu epitaphio ha de ser: — *Aqui jaz o bocejo da patria*!

A camara não tem independencia. Vêde as ameaças de dissolução, em cada sessão. E quando são dissolvidas — não são ellas que n'aquelle momento mostraram firmeza, é o governo que mais tarde receia traição.

A camara não tem sciencia. Isto é obvio. Nem administração, nem economia, nem direito publico, nem direito constitucional, nem historia,

nem legislação, nada mostrou saber. Damos testemunhas: o sr. Dias Ferreira, um professor illustre, o sr. Sampaio, um jornalista notavel, algum publicista e um ou dois magistrados... Vamos, senhores, não riam assim á socapa! Riam alto, riam comnosco, e confessem comnosco que são deploraveis todos os discursos que teem sido proferidos no parlamento em questões de critica, de doutrina e de sciencia.

A camara não tem eloquencia. Isto não se demonstra, baixa-se melancolicamente a cabeça e passa-se adiante. Queres ver, leitor de bom senso um modelo de discurso? Foi o sr. deputado... Para que dizer o nome? A nossa questão não é de nomes, é de factos. Vejamos o *Diario das Camaras*.

O orador começa por um exordio. Conta como Platão dormia a sesta e o que faziam as abelhos do Hymeto, diz que desejava ter os dotes de suavidade e brandura para rastrear Platão. Pausa. Entra em seguida em materia.

Principia por dizer que já vae longe para elle o periodo da adolescencia, mas que é natural que por lá lhe ficassem *antigas fervenças*, restos d'aquelles *fluxos seivosos* (textual). Depois conta como era o accordo que reinava entre os

Deuses de Homero: «Achilles empunhava o gladio, Ajax brandia o ferro» exclama elle!

Depois falla dos trabalhos de Hercules. Depois conta durante dez minutos a fabula de Oxilus. Falla na Eolia, na Etolia, e no Polopeneso. Depois falla de Jupiter, no Olympo, sentado no *seu throno coruscante* (textual). Depois falla dos sacerdotes egypcios, dos idolos, do cão Anubis, e da esphinge, que, segundo elle, *era um Deos com cabeça de gato* (parece incrivel mas é textual!) Depois cita as portas da Aurora. Depois, a proposito da sua alma diz:

« *Malheur à qui sonda les abîmes de l'âme!* »

Depois occupa-se da maneira de conceber das aranhas. Cita por essa occasião Saturno, um pouco mais abaixo Isocrates. Depois falla das hydras. Em seguida conta uma historia immensa das *Confissões* de Santo Agostinho. (Tudo isto a proposito do sr. marquez de Avila e da commissão de fazenda). Depois falla ainda de Syão e Babylonia, e senta-se.

E no entanto, honrados amigos que trabalhaes, agricultores, rendeiros, industriaes, operarios, commerciantes, vós suaes e mataes-vos para pagar o imposto, e sois representados assim!

A camara não tem seriedade. Quem não viu

ainda uma sessão? Ahi o susurro, o barulho, a confusão são perpetuados. Vota-se sem saber o que se discutiu, e continua-se a conversar. As questões pessoaes estão constantemente na ordem do dia. Insultam-se os partidos contrarios. Cruzam-se os desmentidos. Entra em scena a allusão pungente e o escarneo. A camara tem apoiados que são apupos, outros que são insultos! Estabelecem-se a cada momento dialogos, ironias, motejos, graçolas. Uma luz bastarda cáe sobre tudo aquillo. E das galerias o publico assiste ao espectaculo, melhor diriamos ao escandalo.

N'uma das ultimas sessões falla um membro do partido historico: o seu partido interrompe-o com apoiados a cada oração. Ergue-se um reformista: o seu partido não quer ficar atraz e corôa-o de apoiados a cada palavra. Torna a fallar um historico, e o partido respectivo estala em apoiados a cada syllaba. Quando appareceu outro reformista, os berreiros de apoiados foram taes, que apenas se percebia o gesto do orador. Era grotesco. As galerias davam gargalhadas.

.˙.

Achaes estas paginas crueis? Pensaes que

não nos doe tanto escrevel-as como vos doe o lêl-as? Pensaes que é com espirito alegre e penna ao vento, que levantamos um por um, diante do publico, os farrapos da vossa decadencia? — Appellamos para vós mesmos. Se algum de vós, na sua consciencia, acha que não dizemos uma verdade photographica, não lhe diremos que nos atire a primeira pedra como no Evangelho, — mas que nos lance o primeiro desmentido.

Mogoaes-vos? Coraes?... Ainda bem então, porque o que nós escrevemos em poucas paginas é o que pensa a consciencia publica depois de muitos desenganos! Attentae n'isto, e emendae-vos. Procurae ser collectivamente tão sabios, tão desinteressados e tão dignos como alguns de vós individualmente o são. Quando a representação nacional começar a ser uma coisa grave, pensadora e séria, nós diremos ás nossas *Farpas*, se ellas ainda então existirem:

« Farpas queridas! vêdes acolá S. Bento? O vosso caminho já não é para lá. Lembrae-vos d'ora ávante que é sagrado aquillo. »

Fechar o presente volume das *Farpas* sem consagrar uma linha á catastrophe immensa de Paris seria o meio mais commodo de o fechar, mas não seria o mais digno. Tu, revolucionario, radical, vermelho, quererias as nossas lagrimas para os desastres sangrentos da communa. Tu, conservador e ordeiro, exigirias os nossos canticos aos triumphos de Versailles. Não é porém felizmente para nenhum de vós que estas paginas se escreveram. Diante de desgraça tão profunda como aquella que a Europa está ainda presenceando podemos pois affoitamente dizer que não distinguimos, nós, nem adversarios, nem amigos. Não cobre os Parizienses que vencem ou os que são vencidos a bandeira de uma nação ou o estandarte de um partido : cobre-os uma onda de sangue. Quem é que irá mergulhar n'essa corrente escumosa e fumegante os braços arregaçados da sua miseravel critica, da sua atrevida logica, da sua pertinaz dialectica ?

« Rapina ! » clamam os que pretendem justificar o seu odio áquelles que promoveram a lucta. A historia porém desmente-os. Desmente-os egualmente a physiologia das paixões. A resistencia dos sitiados de Paris é tão absurda, tão desesperada, tão cega, que só o fanatismo —

essa estupenda abdicação de todas as faculdades humanas em sacrificio de uma idéa — a póde explicar. Ora o roubo cria alguma vez adeptos, mas não creou nunca, nem póde crear, nem jámais creará fanaticos. Ha portanto indispensavelmente um interesse mais alto, um principio talvez immortal, que paira indistincto sobre essa multidão informe, gotejante de sangue e de lodo, sem nome, sem historia, sem epitaphio, a qual o incendio expelle abrasada para a metralha e que a metralha devolve despedaçada para o incendio. — Dilemma pavoroso, do qual não subsistirá mais que a memoria de uma pouca de cinza espargida aos ventos pela execração da Europa!

E todavia, se estudarmos as leis immutaveis e supremas que governam as extremas evoluções da historia, reconheceremos que tudo isso era inevitavel, era fatal.

Quando a civilisação não é o sentimento de Deus encarnado no povo, como succedeu na Grecia, chega um dia impreterivel em que a facilitação dos prazeres acaba por extinguir quanto ha nobre, elevado e viril no coração do homem; a religião vôa das consciencias para pender em garridos bambolins nas exteriorida-

des do culto; a voz intima do dever emudece, o sentimento augusto da liberdade abastardêa-se ou apaga-se, e o povo, lentamente mas profundamente corrompido, amolenta-se, espapa-se e converte-se n'um abysmo, em que cedo ou tarde cáem para nunca mais imergirem á superficie da historia os despotas que imaginavam dominal-o pela corrupção, e juntamente com os despotas baqueam na mesma voragem popular os falsos apostolos — politicos, padres, tribunos, escriptores — que suppunham governar a plebe, dirigindo-lhe a educação da consciencia e a educação do espirito com vãs lisonjas e com declamações chimericas. É o que succedeu na Asia e na Roma dos Cesares. É o que ha de egualmente succeder nas modernas sociedades christãs quando a doutrina que lhes serviu de base e de nucleo desperecebidamente se fôr deprimindo e dissolvendo — até se anniquilar. A crise chega a final. Chegou: estamol-a vendo. A lama das ruas converte-se em labareda e devora em linguas de fogo aquelles que a pisavam nos seus triumphos.

.˙.

Portuguezes — pequenos, obscuros, sem nenhuma especie de significação ou de influencia

no movimento das idéas ou no movimento dos factos universaes — não nos cabe indagar se nos convém repellir ou propagar a nova lei que a revolução dos grandes centros da politica ou do pensamento humano nos trouxer na mão. Pouco importa o nosso voto, o nosso juizo ou a nossa vontade! a nossa unica missão, improrrogavel e fatal, é submettermo-nos, e acceital-a.

Não é sómente a França que está na revolução: está n'ella a Italia, a Allemanha, a Russia, a Hispanha; está nella a Europa inteira. Nos espiritos e nas consciencias da geração a que pertencemos tange um rebate universal.

. ˙ .

Triste e despremiada missão a d'aquelles que vão ferir a grande luta do mundo novo com o mundo velho — profunda guerra de entranhas, conspiração de elementos, revolução da cosmogonia moral!

Nós somos os semeadores dos robles, que nunca descançaremos ás sombras virentes das florestas cuja semente estamos lançando aos profundos sulcos banhados no sangue das nossas veias!

. · .

N'este funebre periodo de duvidas e de incertezas — cyclo tremendo em que vivemos — que resta ao homem contemporaneo, a cuja dignidade repugne viver, na dissolução que o cerca, das exigencias exclusivas do seu temperamento?

Quando os thronos todos vacillam, quando todas as nacionalidades estremecem, quando todas as politicas falham, quando a poesia emmudece, quando as litteraturas se desmoronam, quando a arte espavorida desapparece, onde poremos a nossa esperança, onde assentaremos o nosso pensamento, onde guardaremos a nossa fé? Interrogações supremas a que não achamos solução nas vaidades do espirito, mas para as quaes encontramos resposta n'essa parte de nós mesmos a que tão pouco nos temos habituado a pedir conselho — o caracter!

Alguma coisa ainda nos resta. Resta-nos a fé no progresso, isto é, nos designios de Deus na historia. Resta-nos a familia, o trabalho, o sacrificio. Temos intactas, perfeitas, serenas, pacificas, cobertas de luz, todas as coisas em que o ser moral do homem se cultiva e se engrandece, — o desenvolvimento no individuo da

grande força irresistivel destinada a regenerar e a salvar os povos.

. ˙ .

Esperemos que esse venha a ser o futuro da revolução. Libertemo-nos dos panicos pueris que antevêem a organisação das sociedades que nos succederem baseada n'outros alicerces. Descansae! Nem a sciencia, nem a religião, nem o espirito da familia, consentirão que no seculo XX se formulem, como alguns cuidam, pelo seguinte modo os bilhetes de casamento:

. ˙ .

«O cidadão 6:854 e a cidadã 40:695 dão parte que se uniram por contracto de concubinagem temporaria, e esperam que os seus filhos, os quaes se apressarão a lançar na roda commum da patria onde serão marcados nas costas com os algarismos competentes, se pareçam com os seus antepassados, um dos quaes foi um Chimpansé illustre que morreu de tedio no Jardim das Plantas em Paris, e outro que passeiou por muito tempo nas ruas de Lisboa, vestido de encarnado, preso com uma correia pela cinta, cavalgando um cão sabio ao som da Marselheza tocada n'um realejo.»

Os jornaes do mez a que este volume se refere insistiram frequentemente no caso afflictivo de haver profundas divisões no interior do partido reformista. Historiam-se as alludidas separações pela maneira seguinte: O sr. Latino Coelho, ouvindo a noticia de que partira para Fontello o sr. bispo de Vizeu, acendeu com notoria imprevidencia politica um charuto. Os reformistas ao saberem tal dividiram-se immediatamente em *reformantes*, em *reformaticos* e em *reformeiros!* Ao outro dia, sem que até hoje se podesse saber para quê, o sr. Cortez, sem prevenir o partido, assoou-se! Não foi preciso mais nada para que desde logo rebentassem do solo, abundantes como tortulhos, os *reformativos*, os *reformatotes* e os *reformengos*. Pelo mesmo tempo o sr. bispo de Vizeu, acordando uma manhã sem se lembrar de coisa alguma que cortar no corpo social, foi-se ao seu proprio corpo e cortou um calo. O resultado foi surgirem como uma praga sobre a superficie do globo os *reformatrancas*, os *reformatoxicos* e os *reformativoros*. Como o *Diario Popular* sorrisse, romperam como por encanto dos seios do cosmos os *reformaphobos*, os *reformingas* e os *reformavaros*. O *Jornal do Commercio* ia protestar quando

das pedras das ruas pulularam aos enxames os *reformonymos*, os *reformanticos* e os *reformini-mos*. O partido então reuniu-se para tentar um accordo. Os primeiros porém que appareceram para fallar foram os *reformaricas*, os *reforme-cos*, os *reformalhos*, os *reforminhos*, e os *refor-mocas*. Ia-se propôr uma conciliação quando entraram de rondão na sala os *reformaquicos* acompanhados dos *reformhirtos*, dos *reforma-gros* e dos *reformopides*. Os *reformôdres* e os *reformigansos*, que tinham ficado na escada, principiaram a patear, quando saltaram em onda pelas janellas dentro os *reformonagros*, os *re-formevos*, os *reformilhas* e os *reformudos*. Os *re-formudos* perguntaram: «Onde estão os *refor-monidas*, os *reformambicos* e os *reformifugos*? Um *reformelico* invejoso respondeu com rancor: «Hão de estar provavelmente a jantar com os *reformaphobios*, com os *reformigalhos* e com os *reformafetidos*!»

Uma voz mysteriosa e trovejante perguntou: «E os *reformadores onde é que estão?*»

Ninguem o sabia!

A redacção das *Farpas* offerece alviçaras a quem der com os *reformadores*.

Preço de cada volume, 200 rs.

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deverá ser dirigida aos *Redactores das* FARPAS, calçada dos Caetanos, 30, Lisboa.

AS FARPAS
EÇA de QUEIROZ
R. ORTIGÃO

SUMMARIO

Os nossos candidatos nas actuaes eleições. Á urna, cidadãos! — De como os deputados se nomeiam, de como se distribuem os circulos, se fazem e se desfazem as maiorias e outras coisas transcendentaes para serem lidas com chá preto. — O premio da Academia. — O ensino publico. Prova-se que o anno lectivo tem onze dias, d'onde se deduz que não é bissexto. — A moda. O figurino d'este mez. O namoro. Temos a honra de apresentar o «Estoiradinho». A aconomia domestica e os tacões Luiz XV. As senhoras de Regent-Street e as do Quartier Breda. — Os Marcellos da politica. — O actual ministerio. — O imperador do Brazil e o que elle fazia depois de tirar as botas. Sceptros e chapeus de chuva. Entrevistas no Lazareto. O sr. D. Pedro II e Luiz Filippe. Discursos e caixas de rapé. Sabios de exportação e sabios de consumo. — Choremos e reedifiquemos! — Requer-se multa para a poesia lyrica. — As conferencias. A portaria. A legalidade e a equidade. Como quereriamos a revolução. Nem pelo tiro, nem pelo petroleo, nem pelo rebate dos sinos. — O livro do sr. Calvo Ascencio «Lisboa em 1870». A diplomacia hispanhola e o seu laço. — Os presentes que nos mandou a Hispanha e os que nós propômos que se lhe mandem a ella. — A *Nação* e as suas idéas. O rei «Tres Estrelinhas» esperado pela *Nação*. Pede-se por

favor orchata para o dito periodico contemporaneo do filho de Ulysses.— Rogo explicito de que não seja tomado este periodico pelo omnibus de Carnide.

Todos os jornaes, na epoca de eleições, teem os seus candidatos predilectos. Os jornaes francezes apresentam os nomes d'elles, á adhesão publica, no alto da pagina, n'um typo enorme; os jornaes portuguezes diluem-nos n'uma prosa fluida nos seus artigos de fundo.

Nós temos tambem dois candidatos queridos. São :

O dr. João das Regras.

O condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

São estes dois cavalheiros, — cidadãos! — a expressão gloriosa da sua patria : um é o seu pensamento juridico, outro o seu valor heroico. Qual será o cidadão liberal e intelligente que recuse o seu voto a estes dois homens historicos? Valerá mais o sr. José de Moraes, ou o sr. Coelho do Amaral?! E depois quem como o dr. João das Regras velaria pelos fóros populares? Quem como o condestavel saberia manter a indepencia da patria? — Á urna, cidadãos!

Podem apenas pôr-nos uma objecção, — pequena por si, mas que talvez influa nos animos timoratos — é que o doutor e o condestavel morreram ha quatro seculos!

Pois bem, nós affirmamos que nada importa isso, por que elles estão em identidade de circumstancias com a grande parte dos candidatos, que se apresentam por esses circulos, de Norte a Sul do paiz! Sim, todos esses senhores — estão tão mortos como João das Regras, como D. Nuno Alvares Pereira!

Debalde passeiam! debalde fallam! Estão mortos. Viver para sentir physicamente é simples — basta que o sangue circule, que o alimento se digira, que os pulmões trabalhem. Mas viver para legislar e pensar, é mais complexo — é necessario que a intelligencia, a imaginação, a consciencia trabalhem, actuem, estejam em vigor. Ora grande parte dos senhores candidatos, teem aquella porção do seu ser tão morta como o dr. Regras, ou o condestavel Pereira.

Com effeito, no sentido de legislar, organisar, dirigir um paiz — viver é ser do *seu* tempo, estar no *seu* momento historico, estar na corrente de idéas da sua epoca, ajudar a crea-

ção social do seu seculo, estar na direcção do progresso, e na communhão das idéas novas. Ser legitimista de 1820, ou cartista de 36, ou cabralista de 45, ou regenerador de 51 — não é viver, é recordar-se. Ora por este lado quem sabe tambem se os mortos se recordarão?

Por consequencia, como a maioria dos candidatos, estão mortos e embalsamados no seu proprio corpo — estão na cathegoria em que se acham os defunctos srs. Regras e Alvares Pereira.

Propomos pois:

O doutor!

O condestavel!

. · .

Podem todavia observar-nos que:

Sendo verdade, (como é) que os srs. deputados estão mortos no seu espirito — é tambem verdade que estão vivos no seu corpo — e que podem dizer *presentes!* na chamada — e que n'esta condição não está o doutor e o condestavel, os quaes sendo um punhado hypothetico de pó não podem ter a pretenção, verdadeiramente tyrannica, de dizerem *presentes!*—como o sr. Melicio, ou o sr. Carlos Bento — que são de carne esses!

Pois bem! Uma vez que é necessario um vulto, um corpo, uma pouca de materia, para que os srs. secretarios os possam tomar como personalidades — propomos :

A estatua de Camões.

A estatua de João de Barros.

Não nos dirão de certo que estes não tenham vulto, medida, forma e peso! Á urna pois!

Mas podem fazer-nos sentir :

Que se estes ultimos cavalheiros téem a condição corporea, lhes falta a condição vocal — aquella grande condição de deputado que consiste em dizer :

— Apoiado!

N'esse caso, como nós não temos a pretenção de provar que o bronze e a pedra sejam de uma extrema facilidade de locução — propomos :

Dois papagaios á escolha do sr. marquez d'Avila!

Este mez, quando os cravos abriam, as camaras fecharam. Fecharam, isto é: foram ex-

pulsas! Encerraram-se de golpe, d'aquelle modo brusco e abrupto que é da velha tradicção na anarchia constitucional. Foram expulsas.

Houve talvez umas certas formulas, fez-se decerto o programma do encerramento, mas a verdade é que ellas foram precipitadas, aos empurrões, pelas escadarias de S. Bento abaixo.

A camara estava muito quieta, commodamente sentada nas suas cadeiras, barbeada, sem desconfiança, esperando com grande gravidade civica que o governo manifestasse a sua idéa por um projecto, um relatorio, um dito, um grito, uma carranca, um olhar!

O governo entrou, e, com gesto palaciano e galhardo, fez evacuar a sala!

. ˙ .

E ahi está como a grande occupação do mez são as **ELEIÇÕES**.

É necessario que te expliquemos, leitor pacifico e neutro, que não pertences aos centros, todo o organismo interessante d'uma eleição. É ao alegre fugir da penna um curso de anatomia politica. Lê-o ao chá aos teus pequerruchos, aos quaes tua mulher prepara as fatias com

manteiga. É o melhor ensino que lhes podes dar do abaixamento do seu tempo. Se elles adormecerem no meio mais pungente da declamação, não penses que foi a somnolencia communicativa das nossas palavras severas e mordazes. É que em Portugal tudo faz somno—até a anarchia!

. · .

Quando uma camara se fecha, o governo *nomeia* outra. *Nomeia*. Porque uma camara não é *eleita* pelo povo, é *nomeada* pelo governo. O deputado é um empregado de confiança. Somente a sua *nomeação* não é feita por um decreto nitidamente impresso no *Diario do Governo*. O processo da sua nomeação é mais complicado. É por meio de votos, os quaes são tiras de papel, onde está escripto um nome, e que se deitam no Domingo, n'uma egreja, dentro d'umas caixas de pau, que se chamam romanticamente *urnas*, entre as genuflexões de beatas que entram para a missa, e a campainha aguda do sachrista que tange ao levantar da hostia! Alguns homens graves, de camisas lavadas, estão em roda da *urna*. Aquelles homens chamam-se a *mesa*. São elles que com gesto civico e todo cheio do espirito das instituições,

mettem gravemente o papelinho branco—*o voto*
—dentro da caixinha—*a urna!*

A *urna*, deve dizer-se, affecta varias fórmas, segundo as freguezias: ha urnas da fórma de caixas de assucar, da fórma de vasilhas, da fórma de chavenas, etc.

Os candidatos dizem sempre, no ultimo periodo dos seus manifestos, transportados em furor patriotico:

—Cidadãos, á urna!

Mas é puramente uma denominação sentimental.

Para serem exactos, reaes, deveriam dizer em certas freguezias:

—Cidadãos, ao caixote!

E em outras:

—Cidadãos, á vazilha!

Ora, apezar d'esta nomeação apparatosa e de grave cerimonial, o deputado é tão egualmente funccionario, como se fosse nomeado por oito linhas triviaes e burocraticas no *Diario do Governo*. O deputado obedece ao governo, cumpre uma certa funcção: *o apagador, o gritador, o homem das gargalhadas, o dos escandalos, o interruptor*, etc. E quando desagrada, isto é: quando um por um desagradam são demittidos. So-

mente não se chamam demittidos: dá-se-lhes um nome menos aceado — chamam-se *dissolvidos*. Shoking!

Por consequencia o governo *nomeia* os seus deputados. Estes homens são, naturalmente e logicamente, escolhidos entre os amigos dos ministros. Por dois motivos:

1.º Porque a amisade suppõe identidade de interesses e confiança inteira.

2.º Porque sendo a posição de deputado apparatosa, ociosa e rendosa, é concludente que seja dada aos amigos intimos — áquelles que vão ao enterro dos parentes e trazem o pequerrucho da casa ás cabritas.

Os amigos dos ministros são, naturalmente, empregados superiores, directores geraes, professores, etc. São os primeiros escolhidos. Para completar o numero de uma maioria util estes amigos mais em contacto indicam outros, seus parentes affastados, que procuram collocar, ou amigos proximos, que querem utilisar.

— Tu não tens ninguem pelo circulo tal? diz X ao ministro, seu intimo.

— Não.

— Espera! tenho eu um primo. O pobre rapaz tem poucos meios, é pianista. Mas aquillo

é fiel como um cão. Aquillo é um escravo. — Posso dizer ao rapaz que conte com a coisa?

— Pódes dizer ao rapaz.

Lentamente a lista da maioria vae-se formando em Lisboa: os pretendentes são numerosos; intriga-se, pede-se, alcançam-se cartas, mente-se, lisonjea-se, adula-se. *Os amigos intimos* agitam-se em volta do ministro, como um bando de pardaes em torno de um sacco de espigas. Um tem um primo que casou; outro sabe de um folhetinista que tem talento e a lingua facil; outro quer um cunhado; outro tinha um homem a que deve uns centos de mil réis, mas dispensa a candidatura para esse *ladrão* se o ministro fizer esse *ladrão* recebedor de comarca. Depois os circulos não são promettidos fixamente: os candidatos são mudados como figuras de um jogo de xadrez. A um a que se prometteu o circulo A, dá-se o governo civil de B — como indemnisação. Tira-se a C a candidatura promettida porque se descobre que C é um traidor, pertence á opposição. Mas dá-se a E que foi quem denunciou C. Ás vezes é um influente pelo circulo X, que, em paga da sua influencia, pede que seu genro *venha* pelo circulo Z, onde é proprietario.

— Mas o circulo Z está promettido a Fulano, que é um professor distincto, um publicista. Seu genro, tem pelo menos algum curso?

— Meu genro não tem curso nenhum — mas eu tenho influencia. O jornal da localidade já provou que elle era um animal — meu genro espancou a redacção.

E quem *vem* pelo circulo Z não é o professor distincto, é o sujeito convencido *de animal* pelo periodico da localidade!

E assim se continua formando a lista da maioria. Ha ainda os amigos do governo, que estão na provincia. Esses escrevem ao ministro:

« Tenho aqui tudo preparado pelo circulo. Tenho gasto um dinheirito. Por isso, querido amigo, espero que me mandes apoiar a eleição. Sabes que sou fiel como um cão, quando tu estás no poleiro. »

Até que o governo possue emfim, inteira, compacta, reluzente de nomes fieis, a lista da sua maioria.

Quando o governo não tem individualidade politica propria, nem programma proprio, nem amigos proprios — e vive, como o actual, apoiado em dois partidos — são esses partidos que dão ao ministerio a lista da maioria gover-

namental — ou antes as listas das *suas* maiorias particulares. O governo acceita-as, e realisa-as.

Constituida a camara, cada partido retira a sua maioria e o governo, desamparado, cáe, de costas, estatelado no lodoso chão da intriga.

As duas maiorias livres d'aquella occupação de amparar um governo, que lhes é antipathico, e com os braços disponiveis, invectivam-se uma á outra, e luctam galhardamente.

Tal é, em esboço, este prodigioso e baixo imbroglio!

. ˙ .

Ora depois que o governo possue completa a sua lista, impõe-n'a ao paiz. Isto é : communica-a aos governadores civis : tantos deputados a eleger por taes districtos. Começa aqui a intriga vilipendiosa das auctoridades. O governador civil chama parcialmente cada administrador do concelho e tem com elle estes nobres dizeres :

— Pelo seu circulo o governo propõe fulano. Compromette-se a fazel-o vencer ?

— Farei as diligencias...

— Nada de palavras equivocas : ou a eleição certa para o governo ou a demissão para si. De resto peça, intrigue, diffame, compre, ameace,

maltrate. Isso é comsigo. O que nós queremos é que o governo vença.

O administrador tem familia, ou vive d'aquelle escasso rendimento, ou quer seguir a carreira administrativa, sente o seu interesse que o insta, que o seduz — cede a s. ex.ª o governador civil:

— Pois bem, diz, respondo por tudo; mas tenho exigencias.

— Venham ellas.

— É necessario que seja demittido o reitor do lyceu, que é todo opposição...

— Cá assento.

— Que seja transferido o escrivão de fazenda. Coitado, que transtorno lhe vae fazer! Mulher e quatro filhos. A mulher é da villa... Mas emfim...

— Está claro, para a frente!...

— Além d'isso preciso uns 300$000 réis para a freguezia de tal, que está muito trabalhada pela opposição.

— Tel-os-ha.

— Precisava tambem de tropa.

— Com todo o gosto. Trabalhar, meu amigo, trabalhar! Esta nossa vida administrativa é o demonio! Faz-se a gente canalha! Mas, que diabo, alguma coisa se ha de comer. Adeus.

E cada administrador vae trabalhar para o seu circulo.

Oh! honesto systema!

. ˙ .

A primeira difficuldade é que no circulo ninguem conhece o candidato.

— Mas quem é elle? diz-se.

— Eu sei lá quem elle é! responde a propria auctoridade. É um sujeito de Lisboa. *É do governo!*

O administrador, para ordenar a escaramuça, reune os seus regedores:

— O candidato é fulano, diz-lhes. Mãos á obra! É trabalhar-me bem essas freguezias! É pedir, ameaçar...

E os regedores partem, e, trotando pelas estradas do concelho, ruminam os seus meios.

Esses meios são:

1.° *A compra pura e simples.* Regateia-se o voto: 500, 1$000, 1$500 réis. Ha-os de meia libra, mas são raros.

2.° *A pressão.* É o mais efficaz. A pressão é uma arma geral, trivial, accessivel a todos. O proprietario exerce pressão sobre os rendeiros, que exercem pressão sobre os trabalhadores. Nos

centros de districto ou de concelho a auctoridade superior exerce pressão sobre todos os empregados da localidade, empregados do governo civil, da administração, da repartição de fazenda, da repartição de obras publicas, do lyceu, da camara, etc. Os coroneis exercem pressão sobre os officiaes — com ameaça de participação para a secretaria da guerra, de destacamento para longe, de mudanças de corpos com despezas, etc. Tal é o systema de pressão.

3.º A *ameaça*. A ameaça é mais especialmente feita pelo regedor na sua freguezia... O regedor dirige-se ao eleitor e verte-lhe esta honesta eloquencia :

— Tu tens um filho de vinte annos. Está para entrar no recrutamento. Se votas no governo livro-te o filho. Senão, tens o filho com a farda ás costas.

Ou então :

— Tu sabes que tua filha tem ahi um namoro. Se não votares com o governo, a tua filha será chamada á presença da auctoridade, e tens a vergonha em casa...

Ou quando não :

— Tu andas collectado em 10 : se votares com o governo, arranjo-te a que o sejas apenas

em 9. Se votas contra, tens para o anno no cachasso 16 ou 17.

E aqui está como o governo arranja votos — por cabeça.

Ha votos por influencia : isto é — arranja-se um sugeito que dispõe de 50, 100, 200 votos : dá-se a esse homem uma commenda, um titulo; nomea-se-lhe um primo recebedor ou apontador de estradas — e esse homem dá generosamente, para maior esplendor da monarchia, esses 50, 100 ou 200 livres votos, ao candidato do governo!

. ˙ .

E por todos os circulos trabalha-se sem descanço! As auctoridades teem dias pesados de fadigas e noites cortadas de telegrammas. Bate-se por todo o concelho a aspera e avida caça ao eleitor. Aqui promette-se, ali ameaça-se, além compra-se, e vae-se pelas freguezias, ao domingo, á hora da missa, pedir votos no adro; demitte-se aqui um regedor que é suspeito, além muda-se um parocho que é hostil, o eleitor é acariciado, saudado, paga-se-lhe o vinho na taberna, promette-se-lhe a isenção do recrutamento para o filho, a excepção da decima para elle, — não ha interesse que se não explore,

fraqueza que se não ataque, miseria com que se não especule.

E o pobre eleitor pedido, aturdido, segredado, só diz á mulher em casa:

— Oh! senhores, não me deixam! Por causa do tal conselheiro Felizardo.

— Mas quem é o Felizardo?

— Ora! É o Felizardo! Eu sei lá quem é! *É um para deputado!*

No entanto a opposição trabalha tambem: os seus meios são menores: faz um grande consumo de prosa, manifestos nas villas, discursos populares nas freguezias, etc. Falla nos *impostos*, nas *vexações do escrivão de fazenda*, nas *poucas estradas que o governo faz*, — e nas *muitas infamias que o deputado governamental tem feito*.

No meio d'isto intriga-se, agita-se um dos typos caracteristicos da provincia, *o influente de eleições*. Logar nas *Farpas* ao *influente!* Para trás finas ironias, farpas de oiro, ciseladas e phantasiadas! logar á pesada corpulencia do *influente de eleições!*

. ˙ .

O influente ordinariamente é proprietario;

foi cavador de enxada, enriqueceu, tem ambições, quer ser da junta de parochia, da junta dos repartidores, e mais tarde n'um futuro glorioso, vereador! Já não usa jaqueta, nem tamancos. Tem umas casas pintadas de amarello, um par de luvas pretas, e falla na soberania nacional. Na vespera de eleições todos o veem montado na sua mula, pelos caminhos das freguezias, ou, nos dias de mercado, misturado entre os grupos : falla, gesticula, grita, tem pragas e anecdotas. Dispõe de 200 ou 300 votos : são os seus creados de lavoura, os seus devedores, os seus empreiteiros, aquelles a quem livrou os filhos do recrutamento, a bolsa do augmento de decima, ou o corpo da cadeia. A authoridade acaricia o influente, passa-lhe a mão por cima do hombro, falla-lhe vagamente no *habito de Christo*. Tudo o que elle pede é satisfeito, tudo o que elle lembra é realisado. As leis curvam-se, ou affastam-se para elle passar. As suas fazendas não são collectadas á justa : *é o influente!* Os criminosos por quem elle pede são absolvidos : *é o influente!* Livra do recrutamento, pede baixas, solta presos, tudo se lhe consente : *é o influente*. Se a lei prohibe no concelho os arrosaes elle póde tel-os : *é o influente*. Se ha uma me-

dida prohibindo o porte de armas, elle é exceptuado : *é o influente!* Só elle caça nos mezes defesos : *é o influente!* Só a sua rua é calçada : *é o influente!*

Se algum dia, leitores das *Farpas*, encontrardes o *influente*, tirae-lhe o vosso chapeu : elle domina, e a sua tyrannia assenta sobre a coisa que, apesar de ser a mais lodosa, é ainda a mais solida — a corrupção!

. · .

Quando o deputado proposto pelo governo é da localidade, o processo de acção é o mesmo; sómente em logar de ser unicamente realisado pela authoridade, é-o de accordo com o deputado : é d'isto que se diz : *o governo protege-lhe a eleição*. Isto é — auxilia com a pressão e corrupção que exercem as suas authoridades officialmente, a pressão e corrupção, que o deputado (proprietario, ricasso, agiota) exerce particularmente.

Fazer aqui a ennumeração das vergonhas, miserias, torpesas, vexações de uma eleição, — isso, leitores honestos — estaria muito acima da vossa paciencia, — se não estivesse muito abaixo da nossa dignidade!

. · .

Vem emfim o dia, o domingo designado.

Os regedores começam a chegar á frente das suas freguezias. Os homens veem de cara lavada, e os grandes collarinhos brancos destacam sobre as rugas queimadas da pelle, sobre o engelhado do pescoço.

Para deter os eleitores até ás 10 horas, impedir que elles se desematilhem, que — dispersos, fóra das vistas zelosas do regedor — estejam expostos ás tentações da opposição, — ha um casarão, ou um grande pateo, ou um enorme armazem, destinado a acolher as freguezias até que chegue a hora da votação. Estão ali uns poucos de centos de homens, amontoados, sentados no chão, com o varapau na mão, a *lista* no bolso do collete. Ha vinho e bacalhau. Passam os copos em redor, os queixos mastigam, um grande rumor bestial accentua-se, — e *viva lá, seu compadre!* e á *saude do nosso regedor!* e grandes risadas aqui, e além uns empurrões, e as conversas de negocios que continuam n'este canto, e umas poucas de pragas que estalam no outro — e toda aquella multidão, um pouco avinhada, impaciente, aborrecida, com um cheiro enjoativo e um rumor de ta-

mancos — espera que chegue a hora de dar o seu voto ao governo — segundo os jornaes de Lisboa, *livre, expontaneo e consciente!*

Cada freguezia vae votar arrebanhada, com o regedor á frente: os tamancos soam no lagedo da egreja; o secretario da *mesa* chama com uma voz enfastiada; a cada nome o regedor volta-se para o individuo:

— Vá! és tu. Chega-te... perdeste a lista? Pensei! Vá, deita ali.

E a egreja vae-se esvasiando, e os sacristães apagam as velas nos altares, os senhores da *mesa* bocejam, as beatas persignam-se com agoa benta, os papellinhos brancos accumulam-se na *urna*, os influentes satisfeitos fumam no adro, e os Christos sobre os altares agonisam nas cruzes. Viva o suffragio!

.˙.

Bem te comprehendemos, leitor! Querias commentarios, conclusões, e a moral d'esta farça. Pois, querido, não te diremos uma palavra critica. Sabes o facto: philosopha-o. Olha, se sentires, no fim d'esta narração, um tédio profundo cavar-te a alma, se sentires a necessidade de uma liga de todos os homens serios contra o

triumpho progressivo d'esta corrupção — esse será o commentario unico, justo, elevado e fecundo!

A academia real das sciencias de Lisboa abriu concurso publico para dois premios, um de 100$000 réis, outro de 50$000, que serão adjudicados aos auctores das duas melhores poesias que forem apresentadas á academia, tendo por objecto a celebração do descobrimento da India por Vasco da Gama.

Se Luiz de Camões não está excluido do concurso, pedimos licença para apresentar os *Lusiadas*.

Se fôr outro o poeta preferido pelo jury academico, lembramos que será coherente apear-se o antigo cantor do Gama do monumento do Loreto e pôr-se-lhe no pedestal o seu substituto com os 100$000 réis ao lado. Com o que der vendida a estatua do morto, figura-se-nos honroso que se confira ao vivo, além dos 100$000 réis, uma andaina de fato.

Começaram este mez as ferias grandes nos lyceus, nas escolas superiores e na universidade de Coimbra.

As ferias grandes em Portugal principiam em junho e terminam no principio de outubro. Quatro mezes.

Acrescentemos a esse tempo um mez, prazo das ferias do Natal e da Paschoa.

Restam sete mezes de trabalho escolar, ou duzentos e dez dias.

Dos referidos duzentos e dez dias importa deduzir os dias seguintes :

Trinta e quatro domingos,
Trinta e quatro quintas feiras,
Quatro feriados pelo entrudo,
Quatro feriados por outros motivos.

Somma total, passando por alto todos os dias santos : Setenta e seis dias de sueto.

Abatidos os quaes dias, setenta e seis, dos duzentos e dez dias de que consta o anno lectivo, resultam cento e trinta e quatro dias uteis.

Sendo o tempo das aulas em cada dia uma hora, achamos no anno — cento e trinta e quatro horas de aula.

Computando-se agora o trabalho de um homem de estudo em doze horas por dia (Arago

só trabalhava apenas doze horas nos seus dias de descanso), vemos que os trabalhos lectivos nos lyceus, nas escolas superiores e na universidade se reduzem a

Onze dias por anno!

É claro pois que um homem de boa vontade que durante cinco mezes se encerre a aprender no interior do seu gabinete, deve necessariamente saber muito mais ao cabo d'esse tempo do que qualquer alumno das nossas escolas superiores, ao fim dos cinco annos de um curso. E isto por uma razão muito simples em favor do estudante livre : é que elle teria tido tres vezes mais tempo de ensino em cinco mezes do que nas escolas publicas em cinco annos.

Dentro de um anno de estudo livre devidamente aproveitado, prova-se ainda arithmeticamente, que poderia qualquer individuo seguir todos os cursos de todas as faculdades como ellas se ensinam na universidade e merecer ao fim d'esse anno o grau de bacharel em todas ellas — direito, medicina, theologia, phylosophia e mathematica.

Nas escolas publicas o alumno que segue um curso tem, desde os quinze até os vinte annos

de edade, cincoenta e cinco dias de lição a doze horas de lição por dia.

Cincoenta e cinco dias... em cinco annos!

. · .

As ferias grandes são o unico remedio dado pelo Estado a esta calamidade verdadeiramente pavorosa.

Graças ás ferias grandes, ha quatro mezes inteiramente livres em que os alumnos se recolhem a suas casas, sendo por alguns aproveitado então esse beneficio do tempo... em aprender.

Bem haja o Estado, e abençoadas sejam as ferias!

Segundo as correspondencias e os periodicos inglezes a grande moda actual entre as primeiras senhoras de Londres é irem pela manhã aos mercados fazer pessoalmente as suas compras. As mais elegantes e ostentosas carruagens, com os cocheiros empoados nas almofadas, esperam as *ladies*, as embaixadoras e as duquezas, que compram a fructa e escolhem os legumes

do seu jantar. Os logares dados aos encontros matinaes das grandes senhoras, donas das casas mais ricas e mais aristocraticas, são os açougues.

. ˙ .

Leitoras das *Farpas!*... Dizemos simplesmente leitoras. Não as qualificamos de *amaveis*, nem de *elegantes*, nem de *graciosas*, nem de *bellas*.

Não queremos que nem por essa analogia nos confundam com aquelles jornalistas que algumas vezes principiam chamando-lhes *anjos* e terminam dizendo-lhes coisas que só podem ser ouvidas n'um empyreo em que os cherubins sejam vaqueiros ou marujos.

Sabem as leitoras o que significa este movimento da moda entre a aristocracia ingleza?

Significa apenas que ali se está dando o golpe de misericordia, depois da grande execução de Paris, no mais detestavel genero a que podia ter chegado, por uma aberração inexplicavel, a moda moderna — o genero *cavallier*, o genero *crevé*, o genero *chic*, e, para que emfim o digamos n'uma ultima palavra, affrontosamente expressiva, terrivel, inacreditavel, mas verdadeira: o genero *cocodès*.

. ˙ .

É desgraçadamente exacto que nos ultimos cinco annos uma certa ordem de mulheres tinham deixado inteiramente de imitar os trajes das senhoras. As senhoras é que imitavam o traje de certa ordem de mulheres.

Dizia-se que esta moda nos vinha de Paris. No entanto em todas as senhoras do mundo mais ou menos se reprehendia isto, excepto em algumas senhoras parisienses.

No Boulevard dos Italianos via-se ás vezes, defronte do Café Anglais, apearem-se de carruagens de aluguel mulheres com vestidos de 80 luizes. Á porta porém dos palacios do bairro de Saint Germain saíam de trens que valiam 5:000 libras, senhoras com simples vestidos de 15 francos...

As quaes senhoras não parlamentavam com os seus cocheiros. Não se sabia se usavam ou não meias de seda. Não tinham tacões á Luiz xv. Não traziam uma mecha de cabello pendente desde a nuca até á cinta, como o pennacho de um couraceiro. Não usavam côres halucinantes, nem perfumes estonteadores, nem cães de regaço.

. ˙ .

Todavia continuava-se a dizer que estas modas nos vinham de Paris! De Paris sim, mas de que esgotos de Paris?

Dizia-se que era o *petit-crevé* do Bois de Boulogne que influia estes usos. Era o do *Bois*, mas era o nosso tambem — o portuguez, o nacional, o indigena.

Temos por desgraça em Lisboa, na cidade de Ulysses e do marquez de Pombal o typo correspondente, equivalente, corresponsavel e coevo do *petit-crevé* da cidade de Luiz Napoleão e do sr. Haussmann.

É o *estoiradinho.*

O estoiradinho é pequeno, magro, rachitico, anemico. Tem os hombros estreitos, o peito concavo, os joelhos tortos.

O pae d'elle sangrava-se duas vezes por anno; elle toma ferro duas vezes por dia.

É estupido, é ignorante, é covarde, é feio. Mas acham-o seductor!

Emquanto á sua educação physica o estoiradinho consegue, quando muito, sustentar-se n'um sellim sobre um cavallo conhecido. Não sabe nadar, não sabe luctar, não sabe marchar, não sabe jogar as armas. Embriagou-se durante

dois annos, e toma Rob Laffecteur desde a edade dos quinze : não levanta do chão o peso de uma arroba, e pasma de que alguem saiba sem lh'o terem dito como se chamava o personagem que foi pae dos filhos de Zebedeu.

Emquanto á sua educação moral tem apenas um conto de réis de renda.

É seductor, apezar de tudo, o estoiradinho!

Entre as nossas vergonhas nacionaes cita-se esta : ha em Portugal meninas que namoram. O namoro é um *tic* originario nosso, *tic* que algumas vezes degenera em difformidade e aleijão.

O namoro não é um affecto delicado e transcendente ; não é um galanteio espirituoso ; não é o que se chama em França « fazer ou receber a côrte » ; não é tambem amor, não é amisade, não é sentimento nenhum. Da parte do homem póde ás vezes diffinir-se : Um desejo disfarçado n'um ridiculo. Da parte da mulher póde diagnosticar-se : Um ramo de vaidade, tomando o caracter de preoccupação, de scisma, ou de demencia, segundo o grau de intensidade em que se manifesta.

O namoro é a coisa mais tola, a mais ôcca, a mais vã, e ao mesmo tempo — singular accu-

mulação! — a mais desmoralisadora e a mais indecorosa que se conhece.

Ha porém, como diziamos, meninas que namoram... Pois bem! em todos os romances da existencia d'essas meninas apparece como heroe o estoiradinho.

É elle o que estaca nos passeios, com um lenço branco no peito do frak e o castão da bengala nos dentes, cocando durante horas uma menina que o fita da varanda do predio fronteiro, opprimida pelas mudas interrogações do olhar petulante dos cocheiros, dos aguadeiros e dos policias que passam na rua.

É elle que no theatro, pela insistencia do seu olhar cravado em certo ponto da sala, converte em alvo do exame, dos commentarios e dos motejos de metade dos espectadores o camarote de uma familia honesta, em cujo parapeito se debruça uma menina romantica.

É elle que torna uma engommadeira, uma criada, um gaiato ou um moço de recados os confidentes e os intermediarios das suas relações com uma senhora.

É elle que durante a missa do Loreto aos domingos obriga uma menina piedosa e bem educada a sustentar com elle uma correspondencia

de olhares, que em França obrigaria o *suisso* a expulsal-a da egreja.

É elle que por meio de cartas quotidianas em que traduz Lamartine em prosa villôa ou reproduz n'uma edição gallega algum lyrico nacional, desvia dos interesses da sua educação, da intimidade de sua mãe e da estima de seus irmãos uma pobre rapariga, que o contacto do estoiradinho affasta, por outro lado e para todo sempre, da attenção dos homens sérios, trabalhadores e honrados, dos homens de que se fazem os maridos e os paes.

Lentamente compromettida na sociedade e apartada n'ella das pessoas sensatas e graves, a menina que namora acaba por ficar solteira, ou — o que é para ella muito peior que o celibato — por se casar com o estoiradinho que a namorou.

Dizemos «muito peior para ella» porque o estoiradinho, como todos os effiminados, encolhido e fraco diante dos homens, é brutal na convivencia intima das mulheres.

O estoiradinho, habituado a gastar comsigo mais do que tem, estabelece a miseria no seu lar domestico. Casado, continua a vestir-se no Keil a vinte libras por anno, e consente que sua

mulher deixe de sair por falta de umas botinas.

Gasta dois pares de luvas por semana, doze charutos por dia, varios trens por mez ; vae aos toiros, ao gremio, aos theatros, aos cafés, e não tem em casa um *fauteuil* coberto de chita nem um metro de tapete!

Vae jantar ao restaurante a 15 tostões por cabeça e deixa um crusado para o jantar da sua familia.

Os filhos do estoiradinho crescem ao abandono, sem mestres, sem banhos, sem caracter, sem religião e sem roupa branca. Felizmente nunca chegam a adultos. Os filhos do estoiradinho morrem antes dos quinze annos. Não teem logar no mundo: são apenas um resultado ephemero da derradeira palavra da ultima lauda da humanidade.

. · .

É para agradar ao estoiradinho que algumas meninas portuguezas se vestem de um modo que obriga aquelles que as não conhecem a tel-as por uma coisa muito differente d'aquillo que ellas são.

É pelo estoiradinho que ellas trocam o interior do seu quarto pela sacada da sua janella ; os passeios ao ar livre nos campos pelo pó do

Chiado e do Passeio Publico; a doce intimidade da familia e dos seus velhos e verdadeiros amigos pelas quadrilhas de mãos suadas da assembleia *Recreação e sentimento.*

É pelo estoiradinho que ellas se dão o *chic* supremo de não saberem coser; de não saberem escripturar a contabilidade da sua casa; de não saberem dictar nem dirigir um jantar de quatro pratos; de não entenderem nada de economia domestica; de passarem a vida a ler romances obscenos e poesias idiotas; de tratarem seu pae como um criado, sua mãe como uma *dame de compagnie*, e o estoiradinho como um deus!

. ˙ .

É contra esse genero *segundo imperio*, genero canalha em Inglaterra e em França, canalha e pelintra em Portugal, que as senhoras inglezas fazem, como acima dissemos, a propaganda de uma nova moda.

O moderno *chic* introduzido nas mais altas regiões da elegancia pelas senhoras mais educadas do mundo, será pois, não o apparato da extravagancia mas o da virtude. Todo o apparato é mau, mas a moda é o apparato!

As senhoras Bènoiton serão substituidas pe-

rante a consideração de todas as pessoas — mesmo das pessoas á moda, dos folhetinistas, dos revisteiros das elegancias semanaes e dos dramaturgos da vida contemporanea, pelas mulheres honradas, condescendentes, modestas, amoraveis, corajosas, alegres na familia, retomando na casa o logar que lhes compete — o de ministras da economia, da paz, do contentamento, da resignação e da perseverança no que é verdadeiro e digno.

Que emquanto verdadeiramente o não forem, procurem ellas pelo menos parecer as legitimas companheiras do homem moderno, o qual não póde ser um ocioso ou um fatuo, vestido como um boneco ou como um cão sabio, mas sim um homem de luta e de trabalho, util, pratico e sério!

Esperemos que se attente nos figurinos que acabamos de expôr ao exame das leitoras, e que adoptem a ultima moda iniciada pelas primeiras senhoras de Regent-Street aquellas pessoas que não tiveram duvida em adoptar a que foi lançada ao mundo pelas derradeiras damas do Quartier-Breda!

Ha muitos annos a politica em Portugal apresenta este singular estado:

Doze ou quinze homens sempre os mesmos, alternadamente, possuem o *poder*, perdem o *poder*, reconquistam o *poder*, trocam o *poder*... O *poder* não sáe d'uns certos grupos, como uma péla que quatro creanças, aos quatro cantos de uma sala, atiram umas ás outras, pelo ar, n'uma explosão de risadas.

Quando quatro ou cinco d'aquelles homens estão no *poder*, esses homens são, segundo a opinião e os dizeres de todos os outros que lá não estão,—*os corruptos, os esbanjadores da fazenda, a ruina do paiz*, e outras injurias pequenas, mais particularmente dirigidas aos seus caracteres e ás suas familias.

Os outros, os que não estão no poder são, segundo a sua propria opinião e os seus jornaes, —os *verdadeiros liberaes*, os *salvadores da causa publica*, os *amigos do povo*, os *interesses do paiz* e a *patria*.

Mas, cousa notavel!

Os cinco que estão no *poder*, fazem tudo o que podem—intrigam, trabalham, para continuar a ser os *esbanjadores da fazenda e a ruina do paiz*, durante o maior tempo possivel! E os

que não estão no poder movem-se, conspiram, cançam-se para deixar de ser — o mais depressa que poderem — os *verdadeiros liberaes* e os *interesses do paiz !*

Até que emfim cáem os cinco do poder, e os outros — os *verdadeiros liberaes* — entram triumphantemente na designação herdada *de esbanjadores da fazenda* e *ruina do paiz*, e os que cairam do poder, resignam-se cheios de fel e de amargura — a vir ser os *verdadeiros liberaes* e os *interesses do paiz.*

. · .

Ora como todos os ministros são tirados d'este grupo de doze ou quinze individuos, não ha nenhum d'elles que não tenha sido por seu turno *esbanjador da fazenda* e *ruina do paiz...*

Não ha nenhum que não tenha sido demittido ou obrigado a pedir a demissão pelas accusações mais graves e pelas votações mais hostís...

Não ha nenhum que não tenha sido julgado incapaz de dirigir as cousas publicas, — pela imprensa, pela palavra dos oradores, pela accusação da opinião, pela affirmativa constitucional do poder moderador...

E todavia serão estes doze ou quinze indivi-

duos os que continuarão dirigindo o paiz n'este caminho em que elle vae, feliz, coberto de luz, abundante, rico, forte, coroado de rosas, n'um *choito* triumphante!

. ˙ .

Ora dá-se na politica um caso singular:

Um homem é tanto mais celebre, tanto mais consagrado, quantas mais vezes tem sido ministro — isto é quantas mais vezes tem sido incompativel com a felicidade do paiz, quantas mais vezes tem mostrado a sua incapacidade nos negocios!

Assim o sr. Carlos Bento foi uma primeira vez ministro da fazenda: teve a sua demissão e não foi naturalmente pelos serviços que estava fazendo á sua patria, pelo engrandecimento que estava dando á receita publica, etc... se caiu foi por que naturalmente a opinião, a imprensa, os partidos colligados, o poder moderador, etc. o julgaram menos conveniente para administrar a riqueza nacional.

Por isto foi ministro da fazenda uma segunda vez: caiu; mostrou de novo a sua incompatibilidade, ou a sua incapacidade — pelo menos assim o julgou, por essa occasião, o poder mode-

rador. E a importancia do sr. Carlos Bento cresceu.

Por consequencia foi terceira vez ministro: caiu; devemos ainda suppor que naturalmente deu provas de não ser competente para estar na direcção dos negocios. E a sua importancia politica augmentou prodigiosamente.

É novamente ministro: se tiver a fortuna de ser derrubado do poder, se tiver a extrema felicidade de ser convencido, pela opinião, d'uma incapacidade absoluta, será elevado a um titulo, dar-se-lhe-hão embaixadas, entrará permanentemente no *Almanach de Gotha*. E o que não conseguiu sendo espirituoso e fino, alcançal-o-ha logo que o poder moderador, demittindo-o, tenha provado que elle é incapaz.

Honrada politica! tu és santa, bella, pura, immaculada, coberta de coisas!

. ˙ .

Ora tudo isto nos faz pensar que:

Quanto mais um homem prova a sua incapacidade, tanto mais apto se torna para governar o seu paiz!

O que fará proceder o chefe do estado da maneira seguinte na apreciação dos homens:

O menino Eleuterio fica reprovado no seu exame de *francez*. O poder moderador deita-lhe logo o olho.

O menino Eleuterio, continuando a sua bella carreira politica — fica reprovado no seu exame *de historia*. O poder moderador agita-se e acena-lhe com um lenço branco.

O caloiro Eleuterio fica reprovado no 1.º anno da faculdade de direito. O poder moderador exulta e quer a todo o transe ter com elle umas fallas.

O sr. Eleuterio fica reprovado no 5.º anno. O poder moderador não pode conter o jubilo e fal-o ministro da justiça.

E a opinião applaude.

De modo que, se um homem podesse apresentar-se ao chefe do estado com os seguintes documentos:

Espirito de tal modo bronco que nunca pôde aprender a sommar;

Estupidez tão espessa que nunca pôde distinguir as letras do A B C;

Reprovações successivas em todas as materias de todos os cursos;

O chefe do estado tomal-o-hia pela mão, e dir-lhe-hia, suffocado em jubilo:

— *Tu Marcellus eris!* Tu serás presidente do conselho!

Alguns jornaes, com referencia ao ministerio téem frequentemente alludido a este caso singular:

Ser na realidade o sr. marquez de Avila o unico ministro que vive, decreta, que se manifesta, que influe, *que faz deputados*, etc. — a unica individualidade, activa, agente, movente.

Ninguem até hoje precisou bem a razão real, dominante e intima d'este phenomeno; e o motivo é que ninguem sabe, com verdade e nitidez, a maneira como este ministerio foi constituido.

Aqui damos com lealdade a explicação critica d'esse caso instructivo:

Aqui revelamos a organisação do ministerio tal como a fizeram as circumstancias partidarias, as difficuldades de accordo e a repugnancia que todo o cidadão tem em se associar á acção que se chama *governar o paiz*.

O ministerio foi assim composto:

Presidente do conselho — Marquez de Avila e Bolama;

Ministro dos estrangeiros — Marquez de Avila e Bolama;

Ministro do reino — Marquez de Avila e Bolama;

Ministro da fazenda — Marquez de Avila e Bolama, sob o celebre pseudonymo por tantos usado de — *Carlos Bento da Silva;*

Ministro das obras publicas — Marquez de Avila e Bolama, sob o supposto nome de — *Visconde de Chancelleiros;*

Ministro da justiça — Marquez de Avila e Bolama, sob o anonymo — *Sá Vargas;*

Ministro da guerra — Marquez de Avila e Bolama, sob a denominação inexplicavel de — *José de Moraes Rego.*

Esteve em Lisboa S. M. I. o Senhor D. Pedro II do Brazil. É um principe extremamente liberal, que usa dos requintes democraticos com a mesma profusão luxuosa que um dandy pode-

ria ostentar nas suas gravatas, nas suas luvas ou nos seus perfumes. Põe a corôa na cabeça com a simplicidade despreoccupada com que carregaria sobre a orelha um feltro de viagem. Mette debaixo do braço o seu sceptro com a sem-ceremonia sympathica de quem traz um guarda chuva. Deseja que o fulgor da realeza fira tão pouco os olhos, que aquelle que o notar possa confiadamente aproximar-se e pedir-lhe o seu fogo.

O Senhor D. Pedro II não põe sómente a democracia na sua politica e nas instituições do seu imperio. Tambem a põe nos seus habitos, nos seus usos particulares, na sua conservação, nas suas maneiras, no forro do seu chapeo e na casa do seu paletot.

Se a democracia se podesse converter em alimento, S. M. I. teria acabado com ella, comendo-a com pão.

S. M. I. não acceitou a hospedagem que lhe estava preparada no palacio de Belem, nem a estação da quarentena a bordo de um navio de guerra.

Preferiu a mesa redonda do Lazareto e um quarto no hotel de Bragança.

Quiz este notavel e grande principe dar ao

mundo o espectaculo cheio de lição e de moralidade de um soberano que principia o dia mandando perguntar se ha cartas para o numero marcado no annel do seu guardanapo, e o termina pondo as botas para engraxar fóra da porta do seu quarto.

Quantos reis não invejariam — agora principalmente que o officio se está tornando grave — o estranho prazer d'este monarcha, que, abancando a uma *table d'hôte*, larga das mãos as redeas do governo para receber um palito de um estudante em ferias, e passar a mostarda a um *commis en nouveauté!*

. · .

Durante os dias que S. M. I. se demorou em quarentena, todas as celebridades scientificas e litterarias de Lisboa deslisaram por entre as fumigações desempestantes do Lazareto.

Se ainda estivessemos nos saudosos tempos em que os reis mimoseavam sempre com uma pequena dadiva os grandes homens de quem se approximavam, S. M. I., teria gasto em presentes o preço talvez das suas joias! No logar do Senhor D. Pedro II o rei Luiz Filippe ter-se-hia arruinado em caixas de rapé.

Luiz Filippe por differentes razões não tinha espirito, e uma d'ellas é que não precisava d'elle: tinha as caixas. Faziam-lhe um discurso, uma conferencia, uma exposição, uma phrase: elle mandava dar uma caixa de prata, uma caixa de oiro, uma caixa com perolas ou com brilhantes. O sr. D. Pedro II cultivou o seu talento: é philologo, é naturalista, conhece a historia, a phylosophia, a chimica, a medicina. De sorte que, quando um grande homem faz um discurso ao imperador, o imperador remunera-o fazendo um discurso ao grande homem. A sciencia para os reis é, pelo menos, isto: uma economia de caixas de rapé.

Assim não houve presentes. Apenas se disse que o sr. Alexandre Herculano, tendo sabido que não era bom o azeite do Lazareto, offerecera a S. M. I. uma bilha do seu azeite de Valle de Lobos. Parece porém que isto foi simplesmente um boato mercantil espalhado pelo sr. Martins, do Chiado, vendedor dos azeites do sr. Herculano. Não é perfeitamente garantido que S. M. fosse a pessoa encarregada de temperar por sua imperial mão os refugados do Lazareto, e n'esta duvida — a não ser por mera invenção do dito sr. Martins, do Chiado — não era logico

que o sr. Herculano offerecesse a sua bilha senão ao chefe da cosinha.

Considerada, de outro modo, como *souvenir* do eminente escriptor, uma bilha de azeite tem, a nosso ver, o inconveniente de se não poder engastar sem algumas difficuldades em um alfinete de gravata para S. M. o imperador, ou no feixo de um bracelete para S. M. a imperatriz.

. ˙ .

Quando os grandes homens que foram ao Lazareto se despediam de S. M., pedindo-lhe as suas ordens, as quaes ordens estavamos habituados a acreditar que não podiam ser senão as da Rosa ou do Cruzeiro do Sul, S. M., dignava-se de responder requerendo mais grandes homens para o dia seguinte.

Concorreram centenas de sabios!

S. M. pediu a todos elles que lhe tornassem a apparecer no seu regresso a Lisboa. Receia-se que não podendo, pelas prescripções sanitarias da quarentena, examinar de perto a cada um dos immortaes, o imperador receiasse com certa plausibilidade que alguns d'elles fossem fingidos!

. ˙ .

Se o imperador fallando em Madrid com o rei Amadeu tocasse n'este assumpto dos nossos sabios, um dos dois principes se julgaria por certo mystificado. Porque succede que os grandes homens ainda ha pouco apresentados como taes ao rei de Hispanha não são precisamente os mesmos que debaixo do mesmo titulo compareceram no Lazareto. Cá chamavam-se Alexandre Herculano, Castilho, Mendes Leal, Antonio de Serpa. Em Madrid chamavam-se Lobato, Matheus, Patricio, Rodrigues.

Dar-se-ha que nós tenhamos sabios de exportação e sabios de consumo? Tomam nomes suppostos para atravessarem a fronteira, ou mudam de nome para irem á outra banda? É o que naturalmente os dois soberanos se perguntariam.

. ˙ .

No dia do desembarque do imperador em Lisboa, appareceu nas esquinas da cidade o seguinte textual cartaz :

PASSEIO PUBLICO

GRANDE ILLUMINAÇÃO E FOGO DE ARTIFICIO

O empresario tendo ido pedir a

S. M. O IMPERADOR

a honra da sua presença n'esta noite, S. M. dignou-se perguntar-lhe se era muito longe, e tendo-lhe o empresario explicado a distancia por dois pontos da localidade do Rio de Janeiro, S. M. prometteu comparecer.

Como concorrentes á illuminação e aos artificios de fogo do Passeio Publico, onde vimos S. M. o imperador, cumpre-nos agradecer ao empresario benemerito o ter-nos proporcionado essa honra por meio da explicação pelos dois pontos que fez a S. M.

Seria util, — para que a população de Lisboa não fique alguma vez privada de ver os principes que nos visitem, nas illuminações do Passeio — que a camara municipal exija de todos os futuros empresarios d'aquellas festas, o conhecimento perfeito da theoria dos dois pontos da localidade para explicar distancias.

Se o empresario actual dá consultas particulares nos domicilios, e se não guarda só para

monarchas o seu prestimo, sabemos de familias que desejam interrogal-o.

No *folhetim* do *Diario Popular* de 24 de junho lêem-se notaveis considerações de ordem moral. São em verso : o poeta dirige-se na sua declamação solitaria a uma mulher.

N'uma prosa anterior, — preludio — escreve que a missão da arte é *ensinar a amar* (!), — e que na arte não entra realidade, justiça, e moral publica por que (acrescenta) *a arte nada tem com os direitos civis*. Collocado assim á larga, na anarchia da voluptuosidade e do lyrismo, ahi está o que o poeta ensina, aconselha, expõe n'um jornal popular, com uma tiragem de 20:000 exemplares, que anda por cima das mesas e nos cestos de costura!

Começa por dizer :

— *Que é bom amar no campo, á tarde e a sós!*

Continua :

— *Que prefere o campo porque nas salas do mundo não lhe é dado beijar a mão d'ella ás*

largas! Que o campo é livre e as sombras dão refugio!

E acrescenta:

Que queria que os raios scintillantes os cingissem a elle só com ella, erguido em extasi, longe de quanto é vil...

(*Quanto é vil*, na moral da poesia lyrica é o mundo real, a familia, o trabalho, as occupações domesticas, a altivez do pudor, etc.)

Dispensamo-nos de citar mais estrophes lascivas: aquellas bastam para legitimar as seguintes observações:

Nenhum jornal publicaria aquellas theorias em prosa;

Nenhum homem que as escrevesse ousaria lel-as a sua filha sem gaguejar e sem *comer* as palavras;

Nenhuma senhora que por acaso as tivesse lido ousaria cital-as.

Como se consente então a sua publicação em verso? A hygiene não é só a regularisação salutar das condições da vida phisica; n'ella devem tambem entrar os factos da moralidade. Se é prohibido que um monturo immundo, um cão morto, ou uma fabrica corrompam o ar respiravel das ruas e sejam nocivos ao sangue — por-

que ha de ser permittido que um poeta espalhe declamações que vão perturbar o pudor e a tranquilidade virgem?

Ha uma postura da camara que impõe uma multa a quem pronuncia palavras deshonestas: porque não ha de ser egualmente prohibido publicar idéas deshonestas?

Um ebrio, um pobre homem a quem se não deu educação, a quem se não póde dar leitura, a quem quasi se não dá trabalho, diz uma praga n'uma rua, ouvida apenas de tres ou quatro pessoas, e vae para a cadeia ou paga uma multa de 3$000 réis: um poeta lyrico, esclarecido, approvado nos seus exames, empregado nas secretarias, publica n'um jornal de cincoenta mil leitores, em letra impressa, permanente e indelevel, uma serie de deshonestidades, e é apreciado, cumprimentado no Martinho, e começam a indigital-o a uma candidatura!

Pedimos pois:

Ou que seja permittido livremente dizer na

rua, ou no jornal, pragas e deshonestidades;

Ou que a multa da camara municipal seja applicada a todos — tanto ao pobre ebrio que não sabe o que diz á esquina de uma rua, — como ao poeta lyrico que escreve, com reflexão e rascunho d'uma semana, ao canto de um jornal!

O sr. A. Ennes, folhetinista do partido *historico*, n'um artigo, pensado com dignidade e escripto com vigor condemna as *Farpas* pelo seu riso perpetuo.

Acceitamos com respeito a censura. As *Farpas* não podem competir em austeridade com a arithmetica de Bezout, nem com a prosa da *Gazeta do Povo*. No entanto ahi vão algumas linhas que não estalam inteiramente de riso:

— Na freguezia da Ajuda, a miseria da classe operaria é tão grande que el-rei tem de espalhar em esmolas por anno, só ali, seis contos de réis.

— O governo, tão habilmente defendido pela *Gazeta do Povo*, espalha um pouco mais abai-

xo, n'uma das freguezias do concelho de Belem listas dos seus candidatos embrulhando 1:500 réis em meias coroas.

É esta politica que faz aquella miseria!

. · .

O sr. A. Ennes, philosopho do partido historico, n'um artigo traçado com logica e trabalhado com delicadeza, condemna as *Farpas*, por tudo demolirem e nada edificarem.

Acceitamos curvados esta exprobração. As *Farpas* não podem competir em doutrina com o *Diario do Governo*. No entanto, appoiando a idéa, que traz a *Gazeta*, de que *urge* regular por uma lei liberal a liberdade de consciencia, apresentamos timidamente o seguinte:

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º A liberdade de pensamento e a liberdade de consciencia são direitos illimitados e incoarctaveis.

§ unico. Não se entende como legitimo uso d'estes direitos a diffamação, a invectiva e a calumnia.

Art. 2.º A authoridade convencida de ter coarctado o uso sagrado d'estas liberdades será

condemnada em degredo temporario de cinco a dez annos.

. ˙ .

Se o sr. Ennes, republicano, folhetinista e philosopho, exige mais algumas outras coisas edificantes ou tristes em desconto do nosso riso, roga-se-lhe que dê parte. Achamo-nos dispostos a corrigir as risadas e os desmoronamentos, em que tivemos o infortunio de lhe desagradar, com as tristesas e com as reedificações que pedir. Para lhe obedecer encontrará sempre o sr. Ennes — em um de nós um mestre de obras e n'outro um gato pingado.

O sr. ministro do reino fez entregar por um empregado de policia ao sr. Zagallo, director do Casino, um papel — reaccionario pela intenção, mas demagogico pela grammatica — em que se notificava que, por ordem superior, estavam fechadas as *conferencias democraticas*.

Conheces já de certo, leitor sensato e honrado, o protesto dos conferentes, a adhesão de outros cidadãos, a opinião da imprensa...

E achas certamente na tua consciencia que este acto do sr. marquez de Avila, não tendo de certo modo equidade, não tem de modo algum legalidade; que é sobretudo profundamente inhabil; e que o sr. marquez, dando um *golpe de estado* contra alguns escriptores que no Casino faziam critica de historia e de litteratura — foi crear uma attitude politica onde só havia uma intenção scientifica.

Homens que n'uma sala, com senhoras n'uma galeria, movem questões scientificas e litterarias n'uma alta generalisação de idéas são tão inoffensivos na politica do seu paiz como um livro de *mathematica*. São um centro de pensamento e de estudo, não tocam a rebate no sino das Mercês. — Mas homens que o governo obriga a fazer um protesto n'um café, na agitação de trezentas pessoas; a percorrerem as redacções dos jornaes seguidos de uma manifestação tranquilla; a accusarem a reacção, a collocarem-se como defensores da consciencia offendida, esses parecem-se terrivelmente com homens de uma acção politica! As conferencias desceram assim da sua serenidade philosophica: estão na lucta, estão no artigo de fundo, estão na discussão da *carta*, estão na prosa da *Gazeta do Povo!*

. ˙ .

Vejamos a legalidade do facto, leitor. N'um paiz constitucional, tem-se sempre aberta sobre a mesa a carta constitucional — ou para descançar n'ella o charuto, ou para tirar d'ella um argumento.

Diz a carta no seu artigo 145.º:

« *A inviolabilidade dos direitos civis e politicos dos cidadãos portuguezes... é garantida pela constituição do reino pela maneira seguinte:*

« § 3.º *Todos podem communicar o seu pensamento por palavras e escriptos e publical-os pela imprensa sem dependencia de censura, com tanto que hajam de responder pelos abusos que commetterem no exercicio d'esse direito.* »

Temos pois adquiridos á certeza dois pontos:

1.º Que todo o cidadão póde publicar o seu pensamento fallando ou escrevendo;

2.º Que o cidadão fica responsavel pelo abuso do seu direito.

Por consequencia, logo na primeira conferencia:

1.º O sr. Anthero do Quental podia fallar sobre a religião em toda a liberdade da sua opinião;

2.º Se abusasse, o sr. Anthero do Quental respondia pelo abuso.

É logico. Ora quem torna effectiva a responsabilidade d'esse abuso?

Em primeiro logar: O commissario que deve assistir a todas as reuniões publicas, na idéa do decreto com força de lei de 15 de junho de 1870. «As reuniões publicas, diz este decreto, podem ser dissolvidas pela auctoridade... quando por qualquer forma perturbarem a ordem publica. — A dissolução da reunião só póde ser intimada á assembléa — depois da auctoridade advertir em voz alta os directores da reunião (n'este caso, o prelector).

Ora o commissario assistente das conferencias — o sr. Rangel — não intimou, nem advertiu o sr. Anthero do Quental, nem em voz alta, nem com gestos. Talvez o tivesse feito — por suspiros — mas esse caso não está na lei.

Portanto o sr. commissario não achou na sua consciencia, que o sr. Anthero do Quental, abusasse da liberdade de expôr o seu pensamento.

Em segundo logar: O ministerio publico. Querellou elle do sr. Anthero do Quental? De modo algum.

Por consequencia nem o commissario presente á conferencia, nem o ministerio publico,

encontraram na conferencia do sr. Anthero do Quental abuso punivel.

Ora as conferencias que se seguiram — foram uma sobre *critica litteraria contemporanea*, outra a *affirmação do realismo, como nova expressão da arte*, a terceira do *ensino e das suas reformas*. Em que atacavam estas a religião, ou as instituições politicas? Fazer a critica da litteratura contemporanea é offender (segundo a linguagem *rococo* da portaria) o codigo fundamental da monarchia? N'esse caso pedimos a cabeça do sr. Pinheiro Chagas, o craneo do sr. Julio Machado, e uma grande porção do sr. Luciano Cordeiro! Ah! quem o diria!? Quando se escrever que o sr. Vidal é um poeta lyrico ligeiramente inferior a Lamartine, o throno de sua magestade ficará bambaleando um quarto de hora!

Mas vejamos: A ultima conferencia foi feita no dia 19 de junho; a portaria foi dada no dia 26, antes da conferencia que ia ser feita. Por consequencia o sr. marquez de Avila fechou, não as conferencias que se tinham feito — o que seria um pouco inutil; — mas as conferencias que se iam fazer.

Ora segundo o citado artigo da carta só se póde cohibir a liberdade de pensamento *quando*

houver abuso: e como esse abuso não existia pelo simples motivo que a conferencia ainda não fôra feita e por consequencia o pensamento não fôra manifestado, — segue-se que o sr. ministro do reino violou a carta, se esta palavra *violar* ainda se póde empregar a respeito da carta, sem attrahir sorrisos maliciosos sobre tão respeitavel metaphora.

Ao ministro cabia unicamente o direito de fazer processar o sr. Anthero do Quental. Isso era a logica, isso o bom senso e a legalidade.

Ao que o ministro não tem o minimo direito é á rude suppressão da palavra a prelectores de litteratura, de arte e de pedagogia. Fazendo como fez tal suppressão está fóra da lei, fóra do espirito do tempo e da logica, está quasi fóra da humanidade.

Com direito egual póde ámanhã o sr. ministro mandar supprimir *As Farpas*, supprimir os romances do sr. Camillo Castello Branco, os volumes de historia do sr. Alexandre Herculano, os jornaes, a conversação, esta simples pergunta «Como está? passou bem?» Póde supprimir ainda um sorriso ou um olhar expressivo. Pode fulminar o espirro.

Ora o artigo 103.º da carta diz:

«Os ministros são responsaveis... § 5.º Pelo que obrarem contra a liberdade dos cidadãos.

O § 28.º do artigo 145.º diz:

«Todo o cidadão poderá fazer apresentar reclamações, queixas... e ATÉ expôr qualquer infracção da constituição requerendo... a effectiva responsabilidade do infractor.»

Seria portanto possivel responder á portaria do sr. marquez d'Avila, com o instrumento seguinte:

— Requeiro á camara dos deputados que torne effectiva a responsabilidade do sr. ministro do reino, procedendo contra elle, como infractor do § 3.º do art. 145.º da Carta Constitucional — segundo me é permittido pelo § 28 do citado artigo.

. ˙ .

Tanto para o prelector que abusou da liberdade, segundo a carta, como para o ministro que infringiu a lei, segundo a mesma carta, temos pois, até aqui, a legalidade.

Agora a equidade:

Que foi o que se quiz fazer calar nas conferencias? Foi a critica politica? Para que deixam então circular no paiz os livros de Proudhon, de Girardin, de Luiz Blanc, de Vache-

rot? Foi a critica religiosa? Para que deixam então, atravessar a fronteira ou a alfandega os livros de Renan, de Straus, de Salvador, de Michelet?

Sejamos logicos: fechemos as conferencias do Casino onde se *ouvem* doutrinas livres, mas expulsemos os livros onde se *leem* doutrinas livres. *Ouvir* ou *ler* dá os mesmos resultados para a intelligencia, para a memoria e para a acção, é a mesma entrada para a consciencia por duas portas parallelas. Façamos calar o sr. Anthero do Quental, mas prohibamos na alfandega a entrada dos livros de Victor Hugo, Proudhon, Langlois, Feuerbach, Quinet, Littré, toda a critica franceza, todo o pensamento allemão, toda a idéa, toda a historia. Dobremos a cabeça sobre a nossa ignorancia e sobre a nossa inercia, e deixemo-nos apodrecer, mudos, vis, inertes, na torpeza moral e no tedio.

Sim, nós não queremos tambem que n'um paiz como este, ignorante, desorganisado, apaixonado, se lance atravez das ambições e das coleras — o grito de revolta!

Nós queremos a revolução feita serenamente no dominio das idéas e da sciencia, primeiro, — depois pela influencia pacifica d'uma opinião es-

clarecida e intelligente, e pelas concessões successivas dos poderes conservadores; — emfim *uma revolução pelo governo*, tal qual ella se faz lentamente e fecundamente na sociedade ingleza.

É assim que queremos a revolução. Detestamos o facho tradicional, o sentimental *rebate* de sinos, e parece-nos que um tiro é um argumento que penetra o adversario... um tanto de mais!

Seriamos pois nós os primeiros a pedir o encerramento das conferencias do Casino, se a sciencia dos conferentes se resumisse a dizer:

— A barricada, meus senhores, é ámanhã na rua da Bitesga. Emquanto ao petroleo, está lá em baixo no bilheteiro!

Mas que se faça calar, pondo-lhe a mão na boca — a sciencia, a critica litteraria, a historia, a idéa — contra isso, do fundo d'este livro, pequeno mas honrado, em nome do respeito que nos devemos a nós mesmos, e do exemplo que devemos a nossos filhos — protestamos energicamente, e appellamos — não para a Europa, o que seria soffrivelmente inutil, mas para o proprio sr. marquez d'Avila, para uma cousa que elle deve ter debaixo da sua farda, uma cousa que se não cala, ainda quando em redor

a intriga e o interesse fazem um ruido horrivel — a consciencia!

Pois que! Podem ler-se no gremio jornaes republicanos, e jornaes da Communa, estão nas bibliothecas toda a sorte de livros materialistas, racionalistas e socialistas — e não ha de ser permittido fallar do que ha de mais abstracto na acção politica, de mais imparcial, de mais acima das agitações humanas e das violencias partidarias — a historia?

Pois é permittido á *Nação*, publicar em prosa impressa e permanente ataques rancorosos á liberdade constitucional e á realesa constitucional — e não póde ser permittido ao sr. Anthero condemnar as monarchias absolutas, e ao sr. Soromenho condemnar os romances eroticos?

Pois o marquez de Pombal *expulsa* os jesuitas e a politica d'elles, e não é permittido a um conferente do Casino, fazer a *critica* da politica dos jesuitas?

Argumentemos: Eu posso comprar um livro de Proudhon que combate o catholicismo, as monarchias e o capital: estou na legalidade. Posso lel-o em voz alta aos meus amigos, ou aos meus criados: estou nos limites da Carta. Posso decoral-o: haverá alguma lei que me prohiba

este exercicio de memoria? Posso recital-o, á luz do sol ou á luz do gaz, com gestos moderados, ou com gestos descompostos; tudo isto é legal. Que eu trate no Casino de algum dos pontos de que se occupa esse livro, prohibem-m'o! Concordo em que m'o prohibam, mas prohibam tambem aos livreiros a venda de Proudhon!

Quando se prohibiu em França que Renan fallasse, obstou-se ao mesmo tempo que Renan fosse lido.

. · .

Antes de haver conferencias no Casino havia ali *cançonetas*. Mulheres decotadas até ao estomago, com os braços nus, o olhar obsceno, a boca avinhada, cantavam, com toda a sorte de gestos provocantes e d'esgares infames — um repertorio de cantigas impuras, materialistas, lascivas. Ali, n'um verso bestial, e a um compasso monotono, ridicularisava-se o pudor, a familia, o trabalho, a virgindade, a dignidade, a honra, Deus!

Nossas mães, nossas irmãs, não podiam ir ali: era um logar orgiaco e vil. E todavia era tambem um ensino! Era a escola do vicio! era o curso da bebedeira, eram as conferencias do «deboche!» Havia muitos alumnos.

E ahi está! aquillo que era a obscenidade, a desmoralisação, a infamia, a crapula, não atacava a moral do estado!

As conferencias, que eram o estudo, o pensamento, a critica, a historia, a litteratura, eram incompativeis com essa moral!

Homens refastelados, bebendo cognac, rindo, gritando, apupando desgraçadas creaturas que se deslocam em attitudes obscenas para fazer rir — isso era permittido por todas as leis!

Homens que escutam gravemente uma voz que falla de justiça, de moral, de arte, de civilisação — isso é prohibido com tanta violencia que até se salta por cima da *Carta* para o prohibir! a *isso* manda-se um policia dar duas voltas á chave! *Miserere! Miserere!*

Lisboa em 1870 é o titulo de uma obra do sr. Calvo Ascencio, addido á legação de Hespanha em Lisboa. Escripta em hespanhol, foi publicada em Madrid, e é rarissima em Portugal, onde «não foi posta á venda.»

Lisboa em 1870 seria para os portuguezes o livro do mais subido favor, se fosse levemente modificado no sentido de dizer o contrario do que diz. É feito n'um *bello estylo*, que seria possivel reprehender; com uma *fina graça*, que se poderia discutir; com um *elevado criterio*, que se poderia contestar. É dedicado ao sr. Fernandez de los Rios, com quem o auctor vive intimamente ligado e de quem se diz amigo intimo. Propaga uma politica, que tem o indiscutivel merecimento de ser incomprehensivel, e preconisa a *União iberica, a mais nobre e patriotica* (!) *idéa*, como base de toda a fortuna para os dois povos da Peninsula. A união iberica é, segundo o sr. Calvo Ascencio um talisman que temos em nosso poder como instrumento da realisação de todos os sonhos, mas de cujo uso persistimos estupidamente em nos abstermos! Estaes nús? Apegaes-vos *in mente* com a união iberica, e vereis os frakes de Catarro e as botinas Stelpflug tomarem espontaneamente o caminho do vosso gabinete de vestir. Tendes fome? gritae pela união iberica á mesa de um café, e os criados vos trarão bifes com batatas. Esta é a receita dada pelo sr. Calvo Ascencio para satisfação de todas as ne-

cessidades nacionaes! Experimentae-a, ó insensatos! ó cegos!

. ˙ .

Um facto em comprovação do espirito scientifico e prescrutador que presidiu á feitura da obra do sr. Ascencio:

Sabem a que causa causal, preeminente e dominativa attribue este escriptor o abaixamento do nosso caracter, a dissolução dos nossos costumes e a fealdade das nossas mulheres?

« Á inoculação da raça brazileira na nossa raça latina. »

Esta noticia inesperada do nosso desconhecido parentesco com o gentio indigena dos sertões americanos é uma revelação que vae pôr em sustos muitas familias da rua Augusta, cujos chefes o sr. Calvo Ascencio surprehendeu passeando de tanga, com pennas de arara na cabeça, e flecha ao hombro, á sombra dos coqueiros do Passeio Publico.

. ˙ .

Captiva pelo rigor meteorologico e geographico a seguinte determinação do clima de Lisboa:

« Nem é o abrasador alento dos tropicos nem o gelo eterno dos polos. »

Não póde ser portanto — é claro — senão a brisa ecletica da rua do Cá-te-farás!

. ˙ .

É assustador o conhecimento profundo que o sr. Ascencio demonstra ter da nossa litteratura, quando, entre os romances historicos ultimamente publicados em Portugal, cita *Os dois renegados,* no qual romance, segundo o illustrado critico, o sr. Mendes Leal *descreve bem e narra melhor!*

Ora sendo *Os dois renegados* um antigo drama, é claro que o sr. Ascencio não distingue na perspicacia da sua leitura um drama de um romance historico.

Applicado ás bellas-artes este singular discernimento do sr. Ascencio, leval-o-ía a confundir a Venus de Milo com a fabrica de Xabregas.

E a dizer da primeira : que tabaco! e da segunda : que colo!

. ˙ .

O livro do sr. Ascencio encerra ainda algumas coisas perigosas, outras arrojadas, outras inconvenientes.

Uma coisa perigosa : O modo como descreve o assedio feito á virgindade de Manoela Rey, a

sua rendição pela fome (!) e a morte que teve. Chamamos isto perigoso porque nos parece que o auctor não poderia provar o que assevera de um modo absolutamente authentico.

Uma coisa arrojada : O que o sr. Ascencio se permittiu escrever dos bailes da sociedade de Lisboa, das pessoas que os dão e d'aquellas que os frequentam. A isto chamamos arrojo, porque entendemos que n'este ponto falou o sr. Ascencio de coisas que nunca viu. Fazendo a devida honra á galanteria do sujeito de quem nos occupamos, não podemos acreditar que as salas fulminadas pelo seu despreso sejam aquellas cujos donos lhe fizeram a amabilidade de o receber. Posta pois de parte esta hypothese impossivel em uma pessoa bem educada, subsiste necessariamente que o sr. Ascencio descreveu unicamente as salas... que não viu.

Uma coisa inconveniente : A maneira porque se refere ás recepções no paço e a attitude que toma nas suas apreciações da côrte. A isto chamamos inconveniente, porque, se nos é permittida esta leve observação, julgamos que quem reune como o sr. Ascencio á cathegoria de diplomatico a cathegoria de critico faz talvez bem em não pôr em conflicto as duas cathegorias

em que os seus duplos meritos se manifestam. Não teriamos de certo senão a lucrar em que, referindo-nos ao diplomata podessemos affoitamente dizer : — Que escriptor! e que apreciando o escriptor podessemos resolutamente exclamar : Que diplomata! De uma e de outra coisa temos o desprazer de ficar privados pela leitura do seu livro.

A Hispanha, essa boa amiga, que dorme deitada ao nosso lado o somno da indifferença, tendo por travesseiro os mesmos montes e por lavatorio os mesmos rios, com o mesmo pintasilgo pendurado á janella do quarto, e o mesmo gato enroscado aos pés, sobre a roupa da cama, mandou-nos brindes.

Estes brindes foram : livros de edições mal esgotadas, bocadinhos de minerios, fragmentos de antiguidades, pedrinhas e gravuras que estão pedindo quatro alfinetes e uma parede branca.

Este presente delicado — *petit-cadeau d'ami-*

tié — tem dado logar a algumas interpretações malevolas. Diz-se que a Hispanha nos quer comprar, e que começa por pagar adiantado o preço da compra. Ou que nos comprou já, e que vae instalando em Lisboa o seu museu afim de evitar mais tarde os gastos do transporte. Tudo isto é falso.

Não suppomos que a Hispanha queira corromper a nossa independencia, que nós por meio de illuminações tão terminantes, de bandeiras tão incisivas, de festões de murta tão energicos e de tão convictos foguetes, temos affirmado uma vez por anno, no dia 1.º de dezembro, ao olho da Europa.

Não é textual que entre os dois paizes se travasse esta conversa :

— Ó aquelle! dás-me a tua independencia?

— E que me dás tu por ella?

— Dou-te um dedo minimo de greda pertencente a uma estatua que se achou a pequena distancia de um poço.

— É pouco!

— Dou-te mais uma taboada, um livro encadernado de novo, e uma Nossa Senhora a fugir para o Egypto.

— Toma lá a independencia, e as minhas lanternas do 1.º de dezembro.

— Ahi vão os bonitos, e as minhas anecdotas sobre as hispanholadas portuguezas.

— E ponhamo-nos de bem!

— Fiquemos muito amigos!

. ˙ .

Esse dialogo não se deu. Em primeiro logar Portugal é bastante agiota para se fazer pagar caro. Em segundo logar a Hispanha é bastante economica para não tentar obter de graça aquillo que desejasse possuir por presentes. Em terceiro logar a associação 1.º *de Dezembro* teria obstado a esse contracto pondo sobre a questão o predio de D. Antão de Almada.

A dadiva da Hispanha foi pois meramente uma d'estas lembranças que se trocam entre pessoas intimas para avivar a amisade. A Hispanha aproveitou assim o ensejo de desoccupar um pouco os seus museus, as suas estantes e as suas galerias de coisas duplicadas ou de coisas inuteis. Nem por isso deve ser menor o nosso agradecimento. Seria exigente da nossa parte pedirmos-lhe que nos mandasse as collecções dos seus Murillos e dos seus Velasquez, as edi-

ções preciosas dos seus romances de cavallaria, o palacio do Escurial, a lingua do sr. Castellar, a Serra Nevada ou as suas pragas nacionaes.

O presente que recebemos importa pela amisade e não pelo valor. Agradeçamol-o, pois, e aproveitando este exemplo, mandemos para Hispanha as coisas que nos forem cá demasiadas ou inuteis. Por exemplo :

Metade da nossa eloquencia parlamentar, dentro de um frasco, lacrado, com este letreiro : « *Munir-se de desinfectantes ao abrir !* »

Metade dos nossos generaes, com os seus grandes uniformes, empennachados, de dragonas e esporas, a cavallo, dentro de algodão em rama, n'um caixote com buraquinhos para elles respirarem, um comedoiro, e este letreiro : *Muito fragil !*

Metade dos nossos estadistas empalhados ou em espirito de vinho, e sem letreiro nenhum.

A collecção das palavras em que se repasta a nossa poesia lyrica, taes como *vividos anhelos, crenças fervidas, fugazes illusões, doces enleios, pungentes decepções, atrozes descrenças, profundos lethargos, igneas visões e raptos febris*. Com este distico : *Dissolvam em camphora e tomem ás colheres.*

Outra coisa poderiamos tambem mandar: Uma das cabeças de Vasco da Gama. Temos duas. A anatomia, a archeologia, a logica, a chronologia, a historia e a boa vontade nacional provam que ambas ellas são egualmente do grande homem, — ambas irrefutaveis, ambas legaes, ambas authenticas. Mande-se pois uma para Hispanha, e para nos não darmos ares de infalliveis, ponha-se-lhe este letreiro: *Cabeça que Vasco da Gama faria tenção de levar quando foi á India.*

E que por tal modo se cumpra o oraculo, cujo interprete em Lisboa é o sr. Fernandez de los Rios. Que de uma vez e para todo sempre fique assim atada esta coisa que diplomaticamente se chama — *O laço que prende as duas nações irmãs!*

A *Nação*, jornal de archeologia e de piedade tem-se apresentado n'estes ultimos tempos com um ar de esplendido triumpho. Os adjectivos dos seus artigos de fundo caminham a *marche-marche*, os seus adverbios vão desfraldados

ao vento... para a *restauração*. Sómente se sabe para a restauração *de quê*, não se sabe para a restauração *de quem*.

A *Nação* espera a restauração em França com o conde Chambord — e dil-o claramente; em Hespanha com Carlos VII e exulta abundantemente: e accrescenta em seguida — *e em Portugal com...*

Põe pontos de reticencia. É respeito? É pudor? É estrategia? — Não se sabe. Evidentemente aquelles pontos de reticencia designam *alguem*; mas *quem?* — como se diz nos «vaudevilles».

Querem uns que seja o defuncto Herodes; outros o egualmente fallecido Filippe II; outros o do mesmo modo ausente do numero dos vivos — o sempre chorado *Nabucodonosor!*

Sejam quem fôr, a *Nação* espera! A *Nação*, vem cheia de jubilo desde as suas citações latinas até aos seus annuncios de *agua circassiana!* A *Nação* não *lhe* podendo mandar preparar quartos na Ajuda ou em Queluz, — prepara-*lhe* maximas de boa governação!

Eis algumas d'essas maximas, colhidas ao acaso nas suas mimosas *bluetes* do direito divino:

— *A liberdade de consciencia é uma palavra boa para enganar os tolos, que nada significa a não ser um grande contrasenso.*

Ora este modo de pensar póde dar logar a interpretrações afflictivas :

Supponhamos a *restauração dada*, a *Nação* triumphante, agora, em junho, em que um frio traiçoeiro nos surprehende á tarde, ao desembocar das ruas.

Um cidadão, recenseado e eleitor, caminha no *Rocio*, e diz gravemente, com aquelle ar meditado que toma a burguezia nas graves questões da vida :

— Diabo, está frio!

Acode subitamente um policia legitimista, gritando :

— Perdão! o senhor não tem direito a dizel-o!

Movimento de surpreza do cidadão.

E o policia mostra-lhe o reportorio official, onde se lê :

— 12 de junho... calma.

E o policia terá razão. Desde o momento em que o direito legitima nega a liberdade de consciencia, nenhum cidadão tem direito a espalhar doutrinas differentes das de um reportorio au-

thorisado e fundado na sabedoria das nações — com uma tradicção de 100 annos, — o codigo das nossas temperaturas!

. ˙ .

Mas voltemos aos *pontos de reticencia*. Affirmamos que a opinião anda transviada quando pensa que aquelles pontos encobrem um nome temido.

Não. A *Nação* é clara, lisa, sem equivocos.

A *Nação* quando diz:

— Em França reinará Henrique V; em Hespanha Carlos VII; e em Portugal...

Quer simplesmente dizer que em Portugal reinará *Pontos de Reticencia*. *Pontos de Reticencia* é um nome. O nome de um rei. *Pontos de Reticencia* I.

Não podemos estranhal-o, nós que não sabemos a genealogia e os ramos lateraes das casas legitimistas da Europa, que temos esquecido o nosso *Almanach de Gotha*. Mas a *Nação*, depositaria dos papeis de familia da legitimidade, sabedora das suas tradicções, authora da sua historia — affirma-o. É licito aos constitucionaes ignoral-o, — mas não contestal-o.

Reinará pois em Portugal — *Pontos de Reticencia* I.

Estamos d'aqui a vel-o, no seu throno, com o seu ministerio constituido. Como será nobre! aristocratico! tradicional! feudal! Como terá o sereno e radioso aspecto das coisas augustas e eternas!

Presidente do conselho: — O Duque de Ponto Final.

Ministro do culto: — Visconde de Parentheses.

Ministro da guerra: — O Brigadeiro Virgula.

Ministro da justiça: — O Commendador Dois Pontos de Vasconcellos.

E serão terriveis!

.·.

É para este rei que se preparam boas maximas de governação. Citemos uma difficil; citemos outra tremenda.

O sr. Adolpho Coelho dissera no Casino, ao que parece, — *que a sciencia no seu dominio era independente da fé.* — Por Jupiter! tinha direito a dizer esta maxima, que toda a Egreja intelligente admitte, e foi para que elle tivesse esse direito que o constitucionalismo se valeu

soffrivelmente da sua pontaria até Evora-Monte.

Pois bem! um correspondente ecclesiastico da *Nação* exclama, voltando-se mentalmente, para o sr. Adolpho Coelho :

« — Como ousa o sabio dizer que a sciencia é alguma coisa sem a fé? Não, vaidoso! a sciencia não póde dar um passo sem ser auxiliada pela fé! »

Supponhamos que esta seja a verdade, mas pensemos então como a vida deve ser cruel e molesta para aquelle ecclesiastico e para toda a redação da *Nação*.

Imaginemos um d'estes homens piedosos, á noite, de chambre, á luz do candieiro, tomando o rol á creada. Já examinou as parcellas, está a fazer a somma. A scena é terrivel. Estremece uma luz mystica, o gato resonna.

— 3 e 7, calcula o clerigo suando. E immediatamente — como a sciencia lhe diz que são 10, mas a sciencia não é nada sem o auxilio da fé — vae consultar Santo Agostinho.

— 10 e 4, continua murmurando. E abrindo para a creada um olhar transcendente e pavido:

— Depressa, exclama, a *Summa* de S. Thomás!

E consulta.

— 14 e 8? — Depressa, S. Jeronymo!

E folheia.

E para a casa das dezenas interroga os santos padres, e para a das centenas os Evangelhos Comparados.

E é de madrugada: a creada dormita; a alvura esbatida do dia faz grandes fios pallidos nas vidraças; as andorinhas gritam na sua gloria e na sua alegria; os rebanhos balam; as arvores espreguiçam-se na indolencia balançada do vento; o azul affirma-se; Deus, o bom Deus, o Deus Justo, vive na infinita transparencia da luz, — e o pobre ecclesiastico, pallido, suado, somnolento, triste, enterrado em in-folios — folheia o Diccionario de Bergier, Santo Athanasio, Bossuet, Noiaeles, os concilios de Trento e de Florença, Origenes, Lactancio, João Climaco, Fleury, a Cartilha, o Larraga, — para saber se pelas leis da egreja lhe é permittido affirmar que — 11, noves fóra, é 2!

E erra a somma!

. · .

Outra maxima da *Nação*:

« A liberdade e a egualdade são palavras impias e impuras. »

Por consequencia, n'um reinado legitimista,

nenhum homem de bem, verdadeiro absolutista e verdadeiro jesuita, ousará pronunciar essas palavras. Não as dirão nunca, as pessoas delicadas, commedidas e cheias de tacto, na sua linguagem. Serão deshonestidades politicas, impiedades religiosas. As faces castas corarão, — e o ex-Tartaro, vulgo Inferno, não perdoará!

Assim o conde de A., querendo apresentar ao bispo de B., o sr. Ferreira Fagote, ex-constitucional, dirá elegantemente :

— Tomo... *aquella que o pudor me impede de nomear*... de apresentar a vossa reverencia o sr. Fagote!

E evitará com uma finura aristocratica a obscena palavra *liberdade*.

Um pae austero dirá a seu piedoso filho, que entrou cambaleando ás 3 da manhã *no ninho seu paterno* como nos poemas heroicos :

— Quem lhe deu, menino... *a que os mais simples principios de moral me vedam pronunciar*... de entrar a estas horas da madrugada?

E a palavra *egualdade* será tambem exilada das conversações honestas, ou das praticas publicas. — Para a proferir será necessario fazer associações secretas.

Nos diccionarios virá :

Egualdade, substantivo tão miseravel que nem tem genero! Empregado outr'ora nos artigos de fundo, hoje expressamente punido pelo artigo 10.º do Codigo Penal.

E um advogado no tribunal, querendo fazer sentir ao jury que circumstancias que militaram para um caso juridico devem militar para outro, dirá :

—Estamos, pois, senhores jurados, na mais perfeita (tossindo)... *que a consideração pelo tribunal e o meu amor pelas instituições me reteem na lingua* — de circumstancias!

Um mestre de primeiras letras, ensinando a ler os meninos, dirá :

— *L-i-li-b-e-r-ber-d-a-da-d-e-de... esterquilinio: E-g-u-a-l-gual-d-a-da-d-e-de.... Perfunctoriamente!*

. ˙ .

Ha mais : — *A Nação*, n'um artigo lyrico e cheio de arremesso heroico — diz — que a verdadeira missão do paiz não é a industria — é a conquista! A pena de pato da *Nação* é uma lança disfarçada. Toda a magua da *Nação* é que Cacilhas não seja moira! Se o fosse, a *Nação* vestia a sua armadura e ia lá n'um bote! Mas Cacilhas, a fiel Cacilhas, não é moira! Ai!

Mas a *Nação* quer conquistar, a *Nação* quer uma edição barata do cerco de Diu! A *Nação* brande a sua acha de armas! O pennacho da *Nação* repucha-lhe sobre o elmo! A *Nação* está inflammada! — Depressa uma orchata para a *Nação!* — A *Nação*, pois, condemna a industria, julga-a uma causa de ruina para o paiz!

Portanto, logo que a *Nação* triumphar e *Pontos de Reticencia* I suba as escadinhas do throno, a industria será punida pelos codigos, como perturbadora da ordem e contraria aos destinos nacionaes, e o rigor das leis perseguirá todo aquelle que se entregar a essa criminosa occupação.

Então o sr. delegado do procurador regio promoverá ordem de prisão contra o insensato assaz despresador das leis, que, por uma perversão de todos os sentimentos de dignidade e affrontando o *sagrado deposito das nossas instituições*, ousar fundar — uma saboaria.

E ver-se-ha, na audiencia, o mesmo sr. delegado, apontando com o *fura-bolos* vingativo para o misero, curvado na dôr e no arrependimento, e sentado no banco dos reos — exclamar transportado:

— « Pois quê! srs. jurados, não vedes que o

reo calcou aos pés todos os principios de moral e de ordem, lançou uma macula nas nossas tradicções impolutas, e ousou affrontar a colera do principe?! Pois quê? faltava por ventura a esse desgraçado onde exercer a sua actividade? Não tinha elle as muralhas de Diu? Não podia elle ir dobrar o cabo? Não tinha a rechassar hostes de infieis? Não tinha as plagas do Oriente? Não a Africa adusta? — E mais perto, não via elle a affrontosa Castella?!

Será um tempo terrivel! haverá sociedades prohibidas para fazer gravatinhas de seda. A fabrica da Vista Alegre será transportada a occultas para uma caverna; os filiados, isto é: os vidraceiros, terão uma senha e umas barbas postiças. Os fabricantes de caixinhas de obreas, perseguidos, porão nas esquinas proclamações desesperadas com estas palavras — *Cidadãos! ou a obrea ou a morte!*

A industria terá os seus martyres. Morrerão com heroismo de videntes. Ver-se-ha subirem aos cadafalsos frabricantes de velas de cebo a exclamarem, com o sorriso illuminado e os olhos no ceo: — Só tu és verdadeiro, ó cebo!

E nos jornaes ler-se-hão locaes como esta:

Prisão importante: O celebre Eduardo Com-

postella foi hontem capturado com todos os seus cumplices, n'um covil, onde se dava á criminosa occupação de refinar o assucar. O malvado fez logo revelações. Alguns dos presos mostravam ar abatido. Os annaes do crime podem inscrever mais um facinora. Tornou-se muito censuravel o procedimento de alguns agentes de policia que destruiram as provas do crime... comendo-as!

. ˙ .

A *Nação* tem sobre os conferentes do Casino esta singular opinião :

Que elles iam ali fallar, não por vontade sua, mas por ordem de uma associação secreta;

Que n'elles tudo é falso;

Que nenhum acto seu é espontaneo, mas execução de uma ordem da *Internacional;*

Que nada lhes pertence, em proprio, nem a acção, nem as idéas, nem quasi o nome!

De modo que já se sabe que um conferente que toma á noite um sorvete na *Aurea*, ou na confeitaria italiana, é porque recebeu pela manhã este sinistro telegramma :

Comité central : 7 da manhã. — Esta noite tomae sorvete botequim. Conveniente emanci-

pação classes operarias! Em sorvete muito radicaes. Viva a communa!

E o sr. Anthero do Quental d'ora em diante terá de assignar assim o seu nome:

Anthero *(por assim dizer)* do Quental *(se ouso exprimir-me assim)*.

Ó *Nação,* tu és grande!

. ˙ .

Mas a mais profunda idéa da *Nação* foi a d'aquelle artigo, em que respondia ao sr. Anthero do Quental. Ahi chamou-lhe *brisa*, e provou-o. Chamou-lhe phariseu, e descreveu-o. Mas primeiro, dispondo com muita arte dos seus recursos rhetoricos, pintou *os phariseus* nos atrios do templo, prégando a penitencia, e fazendo apparato de virtude—no fundo porém corruptos como *petits crevés*.

Depois descreve o sr. Anthero do Quental, que chama phariseu—*arrastando como os phariseus por entre a multidão a fimbria da sua toga*.

Segundo pois a *Nação* o sr. Anthero anda vestido com uma toga, cuja fimbria arrasta por entre a multidão—da rua nova do Carmo.

Este erro de *toilette*, que a *Gazeta do Povo* nunca commetteria — ella! — é todavia desculpavel na *Nação*. A *Nação* vive extremamente no passado, está na archeologia, não sabe que hoje se usa o *frack*, pensa que ainda se vae nas *togas!*

Se a *Nação* tivesse de descrever um baile (se ella podesse desprender-se das contemplações seraphicas para se dar a estes exames terrenos ahi está como ella descreveria um baile, a *Nação!*

Diria, contando uma contradança, em que o sr. marquez de Avila fosse *vis-à-vis* do sr. Carlos Testa:

«—Então o nobre marquez, erguendo de leve a alva clamide, adiantou o coturno dextro com meneio gracioso. Por seu lado o sr. Carlos Testa levantou a tunica tinta em purpura, curvou-se e fez *chaine de dames,* erguendo o pampano!... Elles tinham as cabeças coroadas de rosas. No meio do festim o nobre presidente do conselho recebeu um papyrus (um telegramma) que escravo lacedonio lhe apresentou em lavrada lamina. As damas reclinadas nos triclinios respiravam aromas, e nos seus olhos brincavam os jogos e os risos. Circulavam taças de Falerno.

O sr. Macario dedilhou na harpa eolia concertos maviosos. Velhos legionarios, encanecidos em Marte, faziam appoiados aos gladios, a policia nos atrios. Na via esperavam numerosas quadrigas!»

. ˙ .

Nação, Nação, boa amiga! não nos queiras mal. Tu és velha, tu és fabulosamente velha, tu és de *além da campa,* mas tens caracter firme. E no meio da leviandade fragil, movediça, tremula d'estes partidos — liberaes — tu tens uma vantagem. Lançaste a ancora no meio do oceano e ficaste parada. Estás apodrecida, cheia de algas, de conchas, de musgos, de crostas de peixes, mas estás firme, não andaste no ludibrio de todas as ondas, na ondulação de todas as marés, na camaradagem de todas as espumas! Tu eras excellente — se fosses viva. Mas és um jornal *sombra.* Estás tão viva como *Eneas.* És tão contemporanea como *Telemaco.*

Volta, querida *Nação,* para ao pé das tuas sombras queridas! Volta para os teus mortos. — E olha, *Nação,* não te esqueças, dá lá recados nossos a D. Affonso II, o Gordo!

Temos um dever que cumprir antes de terminar este volume : o de agradecer á imprensa de Lisboa e das provincias a menção que fez da apparição das *Farpas* e as palavras benevolas consagradas por ella a estes livrinhos e aos seus auctores.

Ácerca da indole e da intenção d'este periodico chegam-nos de leitores inesperados e de amigos desconhecidos animações e louvores, que pedimos licença para contrabalançar com as resistencias, com as malquerenças e com os odios que por outro lado suscitamos em adversarios tão respeitaveis como anonymos. Consideramo-nos portanto devidamente compensados e perfeitamente quites.

. ˙ .

Uma só carta de entre muitas que temos recebido nos permittiremos analysar. Pedimos ao signatario d'ella — pessoa elevadamente qualificada — permissão de a publicar devidamente auctorisada com o nome que a firmava. Não nos sendo esta licença conferida, substituiremos o supra-não-citado nome pela simples lettra X.

Diz a carta assim :

. · .

«... Senhores. — Não sendo *As Farpas* uma publicação puramente litteraria, como eu suppunha, mas sendo quasi sempre a expressão de uma especie de politica decididamente contraria ás minhas crenças, peço a v... o favor de omittir o meu nome na lista dos subscriptores É com toda a consideração (o costume dos fins das cartas).

. · .

Escrupulosamente feita desde logo a omissão requerida pelo sr. X. na lista dos nossos subscriptores, necessitamos indispensavelmente de indagar agora quaes são as crenças do sr. X. para reconhecermos de que modo nos salteou o inesperado e temeroso infortunio de lhe termos sido contrarios.

Crenças politicas não podem ser as da referencia do sr. X. por isso que, declarando nós terminantemente que *As Farpas* não são republicanas, nem socialistas, nem absolutistas, nem constitucionaes, as crenças politicas do sr. X. — quaesquer que ellas fossem — ficavam por esse lado completamente ao abrigo de toda a contrariedade que nós lhes quizessemos oppôr. O sr. X. poderia ser talvez sebastianista, e affligil-o

que nós nos arregimentassemos sob as bandeiras da sua milicia, nós porém especificamos por meio de declarações feitas com um punho cerrado no peito e uma mão estendida horisontalmente no espaço, que tambem não eramos sebastianistas.

As crenças do sr. X. não podiam portanto ser senão ou de ordem artistica, contrariadas por nós na critica do lyrismo da cidade baixa, ou de ordem moral contrariadas então na critica feita á ausencia do sentimento de familia e das banheiras, nos interiores das casas.

Na litteratura nós contrariamos o falso, o immoral, o pernicioso e o piegas. Na moral contrariamos o egoismo, a desordem, o adulterio, o aviltamento do caracter e o sordidez do corpo e da alma.

Se as crenças do sr. X. são as crenças contrarias áquellas que promoveram em nós aquellas contrariedades e aquellas negativas, seguese logicamente que o sr. X. está por esse facto na immoralidade, na corrupção, no vicio e na sujidade.

. ˙ .

Serão acaso simplesmente partidarias as crenças do sr. X.? Mas analysando nós todos os par-

tidos existentes em Portugal não condemnamos n'elles senão o que, pela confissão dos seus respectivos jornaes, esses partidos teem de mais profundamente torpe e abjecto. N'este caso teriamos o sr. X., contrariado pela nossa critica dos partidos, sepultado nas profundidades da torpeza e da abjecção.

.˙.

O sr. X. não é porém um tolo, nem um idiota, nem um velhaco, nem um infame. É simplesmente um leitor lisonjeiro que, pondo de parte o seu espirito, quiz fazer-nos a distincta honra de nos não perceber.

Raciocinemos. Qual é a nossa verdadeira posição em presença do publico? Lisonjeamol-o? offendemol-o? irritamol-o? De que procede o acolhimento feito ao primeiro volume do nosso periodico? Não nos achando ao serviço de nenhuma politica e de nenhum partido, provém isso dos relevos do nosso estylo, das scintillações do nosso talento, da fascinação da nossa palavra? Não: outros livros muito mais litterarios, muito mais eloquentes, muito mais deslumbrantes teem sido feitos, e todavia a edição das *Farpas*, é a primeira edição portugueza esgotada n'um só dia.

A razão d'este successo não póde ser nem é outra, senão que as nossas modestas *Farpas* têem por si o applauso com que o criterio d'essa incorruptivel entidade chamada o *publico* premeia a causa da justiça, embora servida por dois unicos soldados, obscuros, sem companheiros e sem chefes, tendo por unica bandeira o direito e por unicas armas a gargalhada.

.˙.

Não servimos as crenças do sr. X.! Boa novidade! Nós não viemos aqui a servir as crenças de ninguem. Claramente o dizemos: que nol-o declarem todos os assignantes, que porventura tenham tambem as illusões do sr. X., a respeito da nossa missão, para que immediatamente risquemos os seus nomes de entre os nossos subscriptores.

Vimos bater em brecha a corrupção do nosso tempo. Em comprimento d'este plano offerecemos á sociedade em que vivemos o que possuimos de melhor: o riso que ainda temos em nosso espirito e a verdade que ainda temos em nossas consciencias.

Está montada a nossa artilheria, e as nossas peças estão carregadas até á bocca; trazemos

os morrões em punho, e descemos os desfiladeiros a todo o galope das nossas carretas.

Levamos a velocidade terrivel que nos impõem as condições do terreno que pisamos. Vamos muito pesados de razão e de justiça.

Que nos importa a nós o sr. X., ou sr. Y., ou sr. Z., que venham acenar-nos ao caminho?

Cortem-nos a corrida, se são capazes, saltem cá para cima se podem, ou reunam-se-nos na frente e espingardeem-nos á queima roupa, se tiverem gente para isso! O que não podemos fazer é ir parando pelo caminho para os recebermos a um por um como passageiros para Carnide.

Não paramos, mas tambem não recuamos, nem lhes torcemos caminho. É por aqui fóra, a direito, que iremos indo.

. ˙ .

Adeus pois amigo X. Saudades a quem as tiver por nós, e até mais ver! Se porventura passando para lá d'aquelle cerro, nos encontrar já estirados e mortos na estrada — lance-nos uma bonina!

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.

RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

Julho de 1871

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1871

SUMMARIO

O discurso da corôa o que foi, o que sêria bom que fosse, o que é natural que venha a ser. A grammatica do throno. A invasão pela corôa das prerogativas do *Diario de Noticias*. — O parlamento pede vinho de Collares e uma guitarra. Eloquencia parlamentar : a *palifaria* e *a bomba*. — A civilidade. As maneiras portuguezas. Os srs. João Felix Pereira, Balzac, Emerson e os folhetins da *Gazeta do Povo*. — Da agricultura e do sr. Moreira de Sá. O que se diz do arroz e o que ha a respeito do feijão e da instrucção publica. — Escutemos a sciencia e o sr. Victoria Pereira. — Notavel caso de um guerreiro plethorico. As congestões do valor. As epilepsias do brio marcial. — O orçamento e o exercito. Coisas tristissimas de ler a respeito da força armada. — As irmãs da caridade e as mães de familia. Os padres lazaristas e os escriptores liberaes. A alta sociedade e a sociedade a 600$000 réis por anno. O que convem que as mulheres saibam. — As colonias e a marinha portugueza. Macau e o Chim. O arsenal, os naufragios, os combates navaes e as barcas de banhos. Exportação para o Ultramar : os degredados e os desembargadores. Importação : uma banana por magistrado. Os amores platonicos do sr. Mello Gouveia. Lyrismo governamental. — *Samuel*. As mulheres. — A

communa, o governo, a gargalhada. — Do correio e do mais que n'este livro se encontrar.

Singular temperamento o do *discurso da corôa!* Todo o mundo está desilludido, só elle espera! Segundo elle o paiz floresce, equilibra-se, enriquece, affirma-se! Segundo elle o paraizo está ainda mais perto que a *Outra Banda*: é darmos um passo, um leve esforço, e entramos para sempre na tranquillidade augusta da perfeição, — chegamos a dispensar o sr. Melicio, elle proprio!

Ha só um ponto negro que assusta o *discurso da corôa*: é a *questão de fazenda*. No entanto, com a impassivel insistencia d'uma creança, o *discurso da corôa*, cada vez que apparece em publico, promette resolvel-a!

Todos teem visto, de certo, um pequerrucho jogando a *bisca* com um irmão mais velho: o pequeno, se tem mau jogo, deita as cartas sobre a mesa, baralha, ri-se, confunde — gritando:

— D'esta vez não valeu, vamos a outro!

Mas o jogo que lhe volta á mão é ainda peor:

— Abaixo! grita elle — este tambem não valeu: agora é que é a sério!

E derruba um terceiro jogo, e cada vez pro-

mette maior seriedade, e cada vez faz scintillar mais alegre confusão, e todo o mundo ri ao redor, e ferve a chaleira do chá!

Ás vezes — oh funesto momento das revoltas humanas! — o irmão mais velho, cançado, termina por atirar gravemente á cabeça do pequeno o baralho de cartas amarrotado.

Pois bem, o *discurso da coróa*, tem na politica a attitude teimosa e confusa da creança que joga a bisca.

No começo de uma legislatura, o *discurso da coróa* exclama:

— D'esta vez vamos occupar-nos com toda a seriedade da questão de fazenda, etc.

Mas durante a legislatura vem a confusão, o desperdicio, a intriga, a *dissolução*. É que o poder executivo tinha mau jogo, e deitou as cartas abaixo.

Vem outra camara, volta no seu cerimonial o *discurso da coróa*, e diz:

— Da vez passada não valeu. Mas agora é que nós vamos applicar-nos com o maior zêlo á questão de fazenda...

E n'essa legislatura a confusão perturba-se mais, alarga-se a desorganisação, cava-se a intriga, e é dada uma nova *dissolução*.

Reabre-se a camara, e o *discurso da corôa*, entra esbaforido, bradando:

— Agora é que é a valer! Agora é que é! Das outras vezes não; mas agora com toda a certeza. Agora é que nós vamos positivamente e d'uma vez para sempre resolver a questão de fazenda...

E nada se resolve, não se pensa n'isso, trocam-se palavras estereis, especulam-se logares rendosos, profundam-se dissidencias mesquinhas, e baralha-se outra vez o jogo.

E o *discurso da corôa*, que vem abrir as côrtes, diz gravemente, com a mão no peito:

— Pois senhores, palavra de honra: agora a todo o custo, impeterivelmente havemos de resolver a questão de fazenda, etc.

E como o jogo cada vez é peior, cada vez mais se baralha.

Ora nós estamos vendo isto ao canto da sala, attentos e desinteressados, emquanto ferve o chá, e já percebemos, no irmão mais velho um movimento de quem vae atirar com o baralho de cartas á cabeça do pequerrucho.

E francamente tem uma certa rasão. A teima das creanças — é como a immobilidade das insdtituições — chega a irritar! Se não, que o di-

gam o mestre regio das Mercês — e Felix Pyat.

. ˙ .

Ora d'esta vez o discurso da corôa, além de habilmente politico foi chãmente noticioso. O poder executivo, n'um momento de adoravel franqueza, confessou ao poder legislativo que S. M. o Imperador do Brazil tinha estado em Lisboa. É talvez bastante censuravel esta concorrencia que o *discurso da corôa* faz ao *Diario de Noticias*, mas elle realmente não póde fazer de outro modo. O *discurso da corôa* tem de dizer alguma coisa ao paiz: mas o que? factos da vida politica? da acção civilisadora? do pensamento publico? Como? se não se fez nada, não se civilisou nada, não se pensou nada? O *discurso da corôa*, n'esta falta de significativos factos da vida publica, tem de recorrer aos *can-cans* interessantes da vida particular. Não podendo fallar como uma pagina de historia, conversa como um habitante do Chiado. De outro modo não tem que dizer ao paiz. O seu dever era resumir os factos da politica, os melhoramentos, as creações, — tudo o que se fez no interregno parlamentar? Mas se n'esse interregno o facto mais caracteristico na vida nacional foi o partir para

o Porto a companhia do Gymnasio, que remedio senão dar o *discurso da corôa* parte d'esse successo constitucional!

E ainda veremos, querendo Deus, o discurso da corôa, assim concebido:

«Dignos pares e srs. deputados da nação—É com o maior prazer que me acho no meio de voz. O sr. conselheiro Pestana partiu para Visella. Vae publicar-se brevemente um novo jornal intitulado o *Brado da Lourinhã*: desejamos prospera vida ao collega. Chegou o brigue *Carolina*. Ha hoje *dobrada* na rua Augusta n.º 108. O cambista Fonseca espera os seus freguezes. Vamos occupar-nos com todo o affinco da questão de fazenda. Está aberta a sessão.»

E devemos desejar para honra da patria que o discurso da corôa, não tendo pela inacção politica e somnolencia individual do paiz — nem factos publicos a proclamar, nem noticias particulares a referir — se não vá ver obrigado para dizer alguma coisa, a recitar obras de imaginação:

Dizendo d'esta fórma:

«Dignos pares e senhores deputados da nação portugueza — Por uma fria noite de inverno, um vulto mysterioso caminhava, embu-

çado em capa alvadia pelos desfiladeiros da serra Morena: vergava-lhe a fronte uma grande amargura; de subito parou; tinha ouvido para os lados do despenhadeiro lugubre assobio...—Continuar-se-ha na proxima sessão de abertura. Passemos agora á questão de fazenda.»

Ou ainda d'este outro modo, mais commovente:

«Dignos pares e senhores deputados da nação portugueza:

«Era no outomno quando a imagem tua
Á luz da lua seductora eu vi:
Lembras-te Elysa?...

E applicaremos todo o nosso zelo á intrincada questão de fazenda. Está aberta a sessão.»

. · .

Para que o *discurso da corôa?* Para que obrigar o chefe do Estado a repetir uma velha lauda de prosa escripta em 34, e que é hoje uma negação da verdade publica, uma falsificação da historia? O paiz está desorganisado, pobre, em confusão: esta certeza está na consciencia de todos; está nas discussões do parlamento, nos

relatorios dos ministros, nas opiniões da imprensa, nas conversações dos cidadãos. Por consequencia, dilemma implacavel : — Ou *o discurso da corôa* exprime rigorosamente a opinião e a consciencia do chefe do poder executivo — e então que confiança nos póde inspirar este magistrado, se elle ignora inteiramente o estado do seu paiz? Ou não exprime opinião alguma, e são apenas alguns periodos de convenção — e então que seriedade tem o chefe do poder executivo, vindo diante do paiz, quando eram necessarias palavras decisivas, recitar velhas phrases rhetoricas?

Sabemos perfeitamente que a corôa não é culpada do *discurso* que lhe obrigam a recitar, como não é responsavel pela desorganisação politica em que a obrigam a viver! — A desorganisação é a consequencia de uma politica ignorante e torpe — o discurso é a formula de um cerimonial antigo e *rococo*. Mas já que os governos não teem a capacidade de tolher a desorganisação, tenham ao menos o pudor de cortar o ceremonial. E seja substituido o discurso da corôa por um franco e honrado : — *Bons dias meus senhores, toca a sentar!*

.˙.

Porque, sabe a corôa o que logicamente devia dizer? — o seguinte:

« Meus senhores — É com o maior desprazer que me acho no meio de vós, por que estou fatigado da vossa imbecilidade, da vossa intriga e do vosso desleixo. A situação exterior é esta: somos o que somos, por que nos deixam sel-o por misericordia. A interior é esta: finanças em ruina; exercito indisciplinado; marinha nulla; colonias exploradas pelo estrangeiro; a industria entorpecida; clero ignorante e immoral; ensino cahotico; vida municipal extincta; funccionalismo progredindo; pensamento emmudecido; caracter publico corrompido; serviços publicos desorganisados; leis em confusão; agiotagem em triumpho; proletariado em miseria; etc., etc., etc. Façam favor de se sentar, e Deus os amaldiçõe. Está aberto *isto.* »

Assim devia fallar a corôa.

.˙.

Mas assim ou de outro modo, que seja sobretudo nacional em grammatica! Que significa a construcção do periodo á ingleza — adoptada pelo discurso da corôa? Que britannico furor a

tomou de collocar os adjectivos antes dos substantivos? É uma adulação á *perfida Albion?*

Pois quebramos o tratado de Methuen — para nos irmos escravisar ao tratado... de grammatica de Sadley?

Que significam estas expressões repetidas de *publica fazenda, nacional riqueza?* São influencias da politica ingleza?

Confiemos em que nunca tenhamos de descer á humilhação de ouvir a corôa, por attenção aos nossos *fieis alliados*, abrir-se d'este modo, com o paiz:

« Dignos pares e senhores deputados da portugueza nação: — Feliz me acho, por me sentar no meio do nacional parlamento, dando começo ás nacionaes lides. É necessario que zelemos a publica administração para manter as patrias liberdades. Sem o constitucional decoro não ha publicas garantias. A nacional fazenda deve ter o nacional zelo do legislativo poder. O executivo poder esse manterá as publicadas leis. Está aberta a ordinaria sessão das portuguezas camaras. *All right!* »

Esperemos que a corôa mais bem aconselhada volte ás tradicções da nacional... grammatica.

E o mesmo sr. Pinto Bessa applaudirá!

Escrevemos no primeiro numero das *Farpas*: « As sessões da camara não teem seriedade: indifferença, tumulto, confusão... etc. »

Uma nova justificação d'esta verdade appareceu na sessão do dia 20.

O sr. presidente do conselho fallava: houve um momento em que s. ex.ª, ou commetteu um erro de grammatica, segundo o dizer d'alguns jornaes, ou arremessou desdenhosamente á circulação a eloquente palavra *bomba*, segundo a affirmação d'outros; ou emfim, e tambem é uma opinião, s. ex.ª disse algumas palavras que não agradaram a parte da camara. O facto é que a maioria entendeu que a melhor maneira de manifestar ao sr. presidente do conselho que não tinham confiança na sua politica, era apupal-o! E a patria deve agradecer aos senhores deputados que elles não tivessem *cantado de gallo!*

Então o sr. presidente, a titulo de esclarecimentos, perguntou timidamente se se achava

n'uma praça publica. Pergunta, esta, excessivamente ociosa: n'uma praça nunca ha nem aquelles gritos, nem aquelles tumultos, nem a violencia d'aquellas vozes — porque a policia intervem, e faz evacuar a praça. Impunemente, ao abrigo das instituições, sem acção pol·cial — uma assuada só se póde dar na camara dos deputados. Em mais parte alguma é permittido, pelos regulamentos da policia, ser-se tão excessivamente folgasão. O caso é: que a maioria, para provar ao sr. presidente que estava offendida com a designação de *praça*, rompeu n'um alarido tal como não é uso fazer-se na *praça de toiros*, tudo na melhor intenção, e para demonstrar bem claramente que aquillo não era um grupo de moços de forcado, mas um corpo de legisladores. A palavra *patife* fez então pela primeira vez a sua entrada na camara e tomou assento. Foi então que o sr. presidente do conselho em compensação vestiu o epitheto *mal creados* de alguns transparentes véos parlamentares e fel-o sair a cumprimentar e abraçar os eleitos do paiz.

A assuada, o motim, o chasco, o charivari, cresceram então, constitucionalmente, a ponto que o sr. Ayres de Gouveia, ecclesiastico, pôz

na cabeça o seu chapeu alto. A este gesto, cheio de dedicação nacional, a tempestade evacuou a sala. Diz-se que alguns srs. deputados foram cumprimentados á saida por todos os frequentadores do *sol* na praça do Campo de Sant'Anna, que se achavam presentes. No dizer de todos, as galerias conservaram-se impassiveis. Tal foi esta memoravel sessão, em que a altura das idéas competiu com o vigor da eloquencia! Parabens ao paiz!

. ˙ .

Tirando as consequencias inevitaveis do principio que aquella sessão conteve em si, aqui está o que logicamente constará do extracto das sessões d'aqui a mezes:

. ˙ .

O ORADOR (concluindo) — E foi assim, sr. presidente que se passaram os factos.

O SR. LUCIANO DE CASTRO *(interrompendo com grandes punhadas na mesa)* — O illustre deputado tem estado simplesmente a dizer refinadissimas petas...

Vozes: — Apoiado, apoiado!

O ORADOR (*voltando-se e desabotoando o colete)* — Petas oh! formidavel patife! (apoiado,

apoiado). Eu, sr. presidente, não posso consentir que esse scelerado entre no meu fôro interior!

Vozes — Fóra, fóra!

Uma voz supplicante — Sr. presidente, estão-me aqui a dar pontapés! (sussurro).

O SR. COELHO DO AMARAL — (Espancando com grande dignidade o sr. Barros e Cunha.) E aqui está, sr. presidente, como se prova que o sr. Barros e Cunha não tem razão alguma nos principios que estabeleceu.

O SR. MARIANNO DE CARVALHO — Mas a dictadura foi nefasta! E não ha biltre nenhum que me prove o contrario. . (tira o casaco).

O SR. COELHO DO AMARAL — (Continuando o espancamento.) Não me interrompam o discurso!

O SR. PRESIDENTE — (Aos srs. Marianno e Santos Silva.) Os srs. não teem direito a interromper sovas que o regimento garante (berreiro).

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — A camara está-se sepultando na mais profunda abjecção!

(O sr. presidente do conselho succumbe, sob uma chuva de bengaladas).

O SR. BRAAMCAMP — (Batendo com a bengala sobre a mesa, a um continuo:) Dois cafés! Um cabaz!

Vozes (Atravessando o corpo legislativo) — Salta, meio de Collares!

O SR. PINHEIRO CHAGAS — (Deitado, fumando, com ar melancolico:)

«Oh virgem pallida e triste
Branca visão d'outros céos!»

O SR. AYRES DE GOUVEIA — O que diz elle?

Vozes — Elle scisma!

A opposição atira cebolas ao sr. Pinheiro Chagas. Alguns senhores deputados dizem obscenidades, que o ruido impediu que chegassem á mesa dos tachygraphos.

O ORADOR — A camara não quer escutar-me? Pois bem, eu passo a outros argumentos... *(Distribue bengaladas)*. Tumulto. O sr. presidente atira a campainha á cara da maioria, e o tinteiro aos queixos da opposição. Alguns srs. deputados miam de gato. O sr. Santos e Silva, no auge da sua indignação dá cambalhotas. O sr. J. Moniz, no seu zelo pelos principios, retira-se da sala. O sr. Luiz de Campos termina por distribuir, bem a seu pezar, uma prodigiosa quantidade de pontapés, com uma nobre imparcialidade.

O SR. PRESIDENTE — Para ámanhã, continua esta interessante e profunda discussão.

A camara, sáe correndo, gritando e rebolando pelas escadas abaixo.

Os continuos levantam as garrafas de *Collares*.

. ˙ .

Quando a politica chega a tal miseria que nem a polidez instinctiva cohibe os homens — o dever de cada cidadão é recolher-se ao eloquente silencio do despreso, e esperar!

A arte de regular as maneiras por meio de uma combinação feita entre a nossa organisação e a nossa vontade é uma das mais importantes coisas que se devem conhecer. Ha homens que, sem plausivelmente sabermos porque, alcançam tudo quanto querem nas pretenções do Estado, nas transacções commerciaes, nas attenções das salas. Emerson, o celebre escriptor americano, observando que os individuos que mais frequentemente obteem esses triumphos não são os mais

intelligentes, nem os mais bellos, nem os mais honrados, averigua com muita logica que o successo das nossas aspirações na sociedade depende principalmente do nosso porte. Por tal razão Emerson define as maneiras — Talento de dominar.

No modo como nos vestimos, como fallamos, como olhamos, como nos movemos, ha com effeito uma especie de indefinido magnetismo a cuja influencia não póde furtar-se quem se lhe subjeita.

Napoleão I aprendia em lições particulares com Talma o melhor modo de traçar o manto e de se sentar no throno.

Madame de Girardin, escrevendo na *Presse* as cartas do Vicomte de Launay, deu aos seus compatriotas as mais delicadas regras do *maintien*.

Balzac deixou entre os seus trabalhos ineditos um importantissimo capitulo intitulado *A theoria do modo de andar*.

Carlos Dickens, por occasião de uma viagem aos Estados Unidos, achou util explicar aos americanos, entre outros preceitos de civilidade, que não era de bom gosto quando se estão vendo estatuas bater nos marmores com as bengalas.

. ˙ .

Em Portugal todas essas coisas se aprendem nas escolas de instrucção primaria, e da disciplina formada do conjuncto d'esses preceitos são os alumnos devidamente examinados nos lyceus nacionaes.

O mestre das maneiras portuguezas não é Talma, nem madame de Girardin, nem Balzac, nem Emerson, nem Carlos Dickens. É simplesmente o sr. João Felix Pereira, medico, engenheiro civil e agronomo.

Vejamos algumas d'essas leis que as creanças decoram para os seus exames e pelas quaes os adultos se governam nas suas correlações sociaes.

. ˙ .

Para que o sujeito possa a todos os respeitos considerar-se um *gentleman*, acha conveniente o sr. João Felix:

1.º Que elle faça a barba.

2.º Que se não ponha á janella em mangas de camisa nem com o pescoço descoberto.

3.º Que quando escarrar o não faça sobre a cara da pessoa com quem falle (*maxime* se é uma pessoa de respeito!)

4.º Que não tenha os olhos em continuo movimento.

5.º Que nos jantares de etiqueta não limpe os ouvidos com o palito com que houver de palitar os dentes.

6.º Que não arrote á mesa.

. ˙ .

O sr. João Felix especifica ainda, com um escrupulo pelo qual nunca lhe poderemos votar o sufficiente reconhecimento, que *diante de gente de respeito se não cortem as unhas.*

E assim é! Achando-nos na presença de pessoas que respeitemos, como *verbi gratia:* Sua Magestade el-rei, um principe estrangeiro, um embaixador ou uma rainha, o pôrmo-nos repentinamente a cortar as unhas — principalmente sendo estas as dos pés — poderia ser tido por acto menos palaciano.

Se o sr. João Felix nos permittisse um leve appendice aos seus conspicuos preceitos, diriamos que cortar os calos, nos parece tambem operação que, só em caso de muita necessidade, nos deveremos permittir no meio de grandes assembléas.

Quando se transpire depois da valsa, mudar

de camisa no meio de um salão sem previamente haver obtido para esse fim a permissão da dona da casa, egualmente nos occorre que poderia por alguns ser talvez arguido como acto de menos etiqueta...

. . .

Tratando do modo de proceder á mesa do jantar faz o sr. João Felix Pereira duas observações muitissimo sabias.

A primeira é *que não tomemos pitadas de rapé pelo meio das coisas que estivermos comendo.*

Comprehende-se todo o alcance d'esta advertencia reparando-se, por um só momento que seja, nos equivocos a que podia dar origem a concorrencia do rapé com os acepipes, resultando por exemplo lançar-se a pitada sobre a salada e metter-se no nariz uma rodella de beterraba!

A segunda advertencia é que *nunca mettamos bocado nenhum na bocca emquanto não tivermos engulido o bocado antecedente.* Ninguem imagina sem o ter experimentado quanto importa ser cauteloso na materia d'este capitulo! Mettendo na bocca os bocados sem tomarmos a deliberação de os irmos successivamente en-

gulindo, chegamos por espaço de tempos a uma indefinida agglomeração de bocados dentro da nossa bocca. As pessoas que insistem por tenaz grosseria em não engulirem os bocados que vão mettendo consecutivamente na bocca, cáem ao cabo de alguns dias d'essa terrivel incuria na dura necessidade de depositarem os bocados antigos que tenham entre a maxilla superior e a maxilla inferior, a fim de receberem bocados novos. Quando isto haja de se fazer convem que se tenha em vista o que o sr. João Felix discretamente consigna com respeito aos escarros, isto é: que taes esvaseamentos se façam o menos que ser possa sobre os penteados das pessoas que nos cerquem, e muito mais particularmente quando estas tenham tido a precaução de nos advertir de que taes depositos feitos sobre as suas cabeças lhes inspiram idéas asquerosas. N'este caso toda a insistencia da nossa parte correria o perigo de ser taxada de menos cortez.

. ˙ .

Depois do que fica exposto nada mais nos resta para aprender do modo como nos devemos apresentar na sociedade, a não ser o que o mesmo sr. João Felix nos determina com rela-

ção ao nosso corpo, e isto importa muito que se saiba de cor. Vem a ser:

« Conservemos direito o nosso corpo, qual-
« quer que seja a sua postura, em pé, sentado,
« de joelhos: não inclinemos a cabeça, já para
« um, já para outro lado: se nos fôr preciso fa-
« zel-o, façamol-o com toda a gravidade. »

Seria muito para desejar que no gremio das sociedades cultas se conhecesse que tal doutrina começava a fructificar ouvindo-se de quando em quando as seguintes vozes:

« Meus senhores e minhas senhoras, permittam-me vossas senhorias ou vossas excellencias (segundo o tratamento que lhes convier pelas disposições a tal respeito do capitulo VII do grande livro do sr. João Felix Pereira sobre a civilidade) que eu lhes exponha um caso. Achando-me desde que entrei n'esta sala com a cabeça voltada a N. N. O. — ponto A — e acabando de ser chamado a N. — ponto B. — pela illustrissima e excellentissima senhora D. Joaquina, espero que a sociedade não tome por desfeita o excesso apparentemente inexplicavel em que vou romper inclinando levemente a cabeça do ponto *a* para o ponto *b*. »

E só depois de havida a competente venia

dos circumstantes, o supplicante se permitta inclinar-se levemente a D. Joaquina.

É o que pede a morigeração e a decencia.

Apezar da existencia em oitava edição da grande obra do sr. João Felix a respeito da civilidade, vemos com certa angustia que nem todos os jovens se teem nutrido nos meios d'aquella doutrina.

Aqui temos para exemplo o sr. Ennes, folhetinista do partido historico, expressão litteraria das alegrias do sr. Melicio, figura rhetorica dos jubilos do sr. Braancamp.

Este folhetinista denota ter tido juz a uma approvação com dez valores no seu exame de instrucção primaria.—Nunca os fogachos da polemica nos escurecerão o juizo até o extremo de desconhecermos os meritos dos adversarios! — Vemos porém que no tocante á civilidade se esqueceu porventura o sr. Ennes de uma importante parte da sua educação litteraria. Elle tem da orthographia a mais alta concepção! Elle vir-

gula bem! Elle colloca o seu sujeito, verbo e caso com a galanteria e a discrição de quem não passou como hospede pela parte concernente á regencia das orações! Elle finalmente é grande!

Sómente se esqueceu da civilidade, o que póde ser que tambem lhe tenha succedido com o cathecismo e as quatro especies — pontos estes em que não tivemos por emquanto occasião de o compulsar.

Vamos entretanto á civilidade. E demonstremos. O sr. Ennes, folhetinista do partido historico, delicadesa e mimo da *Gazeta do Povo*, apparece-nos carrancudo, cabis-baixo e tremendo em seus folhetins. Ora lá diz claramente o sr. Felix em paginas 6 do seu compendio que em toda aquella parte onde formos nos apresentamos prasenteiros. Os ares disciplinarios, inquisitoriaes, tremebundos, com que o sr. Ennes nos interpella, entenda-se bem que de nenhum modo nos desprazem nem affligem a nós — que o amamos! — o partido historico porém, do qual o grande escriptor é folhetinista, esse é que receamos que venha a ter por importunidade o bambaleamento melancholico a que o insigne folhetinista se entregou.

. ˙ .

O sr. Ennes, não contente com ser simplesmente acerbo e plangente, emprega a nosso respeito palavras que denotam da parte do escriptor que a sua vontade seria escarrar em nós ambos —clausula sobre a qual o bastantemente citado sr. João Felix se expressa na seguinte substancia: «Se quizerdes escarrar voltae-vos a um lado afim de que não escarreis na cara do sujeito.»

Porque é então que o sr. Ennes cospe para a gente? Que mal lhe fizemos? Em que o escandalisamos? Já declaramos bem terminantemente que o temos por um elevado talento, e se não citamos ainda as obras que nos levam a este conceito, é simplesmente porque o sr. Ennes ainda não teve tempo de as escrever!

Poderiamos, animados pelo sr. João Felix, dizer-lhe que para o genero das suas expectorações litterarias lhe não convem muito um jornal.

Outras coisas poderiamos accrescentar.

O sr. Ennes manifesta algumas vezes pretenções a maligno, o que o torna grotesco a um ponto que se lhe deveria talvez prohibir. Outros porém discutirão até que ponto é licito respei-

tar a semsaboria como arnez do arrojo: pela nossa parte entendemos que quem tem por cabeça um chumbo de tristeza, como o sr. Ennes, lhe succederá sempre como aos bonecos de sabugo, que não podem cair senão para o lado em que teem o peso. É um destino. Elle poderá querer ser affrontoso, dará para esse fim muitas viravoltas, mas cairá sempre no lugubre, e nunca deixará de ser um simples, ligeiramente incivil — é certo — mas nada mais.

Continue pois o sr. Ennes a escrever o que os negrumes do seu interior lhe dictarem. Continue emquanto o partido historico, como acima receamos, lhe não imponha silencio, apontando-lhe com um gesto antigo para a porta da escada.

Se a *turbida bilis*, se os humores raivosos do insigne escriptor lh'o permittirem, venha mesmo vêr-nos de quando em quando! Fumaremos juntos um charuto e beberemos alegremente um copo de qualquer coisa: isso o distrairá da sua profissão de triste. A unica coisa que se lhe pede é que, no caso de trazer comsigo a sua prosa, a não deixe cá!

O compendio do sr. João Felix não é o unico modelo do seu genero que a instrucção publica portugueza offerece ao pasmo do extrangeiro e á educação do indigena.

Dizendo-se todos os dias que Portugal é um paiz essencialmente agricola, lancemos os olhos ao livro elementar destinado ao ensino agricola nas escolas nacionaes.

. ˙ .

O auctor do compendio que temos aberto a nossos olhos chama-se o sr. Antonio Francisco Moreira de Sá.

Vamos ler.

. ˙ .

«Pergunta. A que se chama ferramenta de «lavoura?

«Resposta. A um instrumento simples, por-«tatil, o qual posto que conste de differentes «partes, parece todavia feito de uma só peça.

. ˙ .

«P. A que se chama machina de lavoura?

«R. A machina é um instrumento compli-«cado e composto de varias peças, que se po-«dem desarmar.

.˙.

«P. O que é arado?
«R. É o que não tem jogo dianteiro.

.˙.

«P. Que se póde dizer do centeio?
«R. Depois do trigo é dos mais uteis cereaes.

.˙.

«P. Que se póde dizer do arroz?
«R. O arroz é originario da India onde elles
«fazem do arroz o mesmo uso que nós do pão.

.˙.

«P. Que ha a respeito do feijão?
«R. O feijão divide-se em varias qualidades.

.˙.

«P. Que é necessario para haver bom esterco?
«R. Sabel-o produzir, conservar e empregar.»

.˙.

O sr. Moreira de Sá, cujo livro tremendo e profundo como o olhar de um idiota, nós sentimos não poder reproduzir integralmente n'estas paginas, prova n'esta sua obra immortal

que o auctor conhece assustadoramente o grande mysterio de *produzir, conservar e empregar o esterco!* A critica extra-official respeita e admira n'este livro todo uma leiva uberrima de optimos farinaceos, e a unica coisa que nos parece *haver a respeito do feijão*—além das qualidades em que elle se divide—é que este legume certamente se regalaria muito plantado n'este livro.

As Farpas, em nome da agricultura portugueza, folgam de ter esta occasião de animar o sr. Antonio Francisco Moreira de Sá e a critica superior e official da instrucção publica a que continuem a enriquecer-nos—produzindo.

Constellemos estas paginas com os esplendores de duas definições scientificas desengastadas dos primores de um compendio de geographia e de chronologia do sr. Victoria Pereira, professor.

Primeira: «Universo é o espaço que medeia entre a terra e as estrellas.»

Segunda: «A sciencia que trata dos fluidos chama-se mineralogia.»

. · .

Umas coisas se nos figuram inteiramente parecidas, pela substancia de que são formadas e pelos seus effeitos provaveis nas visceras a que se applicarem, com aquellas definições propinadas pela Instrucção Publica ao espirito da infancia: são as pilulas promulgadas pela camara para os seus cães vadios.

Para que nem os cães nem os alumnos se enfastiassem com a repetição d'estes acepipes, convinha talvez que de quando em quando a camara municipal, de combinação com a junta consultiva da instrucção publica, fizessem juntas uma experiencia: lançar a sua strichnina á infancia estudiosa e os seus compendios aos cães famintos... A ver!

Fallou-se muito este mez n'um facto de grande coragem e profundo valor praticado por s. ex.ª...

Foi o caso que s. ex.ª subia n'uma carruagem a rampa de S. Bento, ás Côrtes : n'isto foi prevenido o cocheiro por um policia civil, que não era por ali permittida a passagem : s. ex.ª com notavel animo, deitou em risco de vida, a cabeça fóra da portinhola gritando ao policia — *Para traz!* bradando ao cocheiro : *Ávante!* Mais adiante, novo perigo : outro policia faz parar a carruagem ; e s. ex.ª repetindo a façanha heroica, com a simplicidade de Turenne varou o policia com uma reprehensão e regritou marcialmente ; *Para a frente!* E tomou o reducto — isto é, subiu a rampa. A historia raras vezes registra tão altivos heroismos. Ainda não seccaram os louros de Montes Claros. Parabens á patria de Affonso Henriques e outros !

. ˙ .

Alguns jornaes — a imprensa invejosa amesquinha os heroes — tiveram para este facto censuras asperas e fortemente argumentadas.

Quizeram dizer — que s. ex.ª pretendeu collocar-se ridicula e presumpçosamente como excepção, superior ás determinações da policia ; que s. ex.ª, militar, deu o exemplo do desacato á disciplina militar ; que s. ex.ª, chefe de poli-

cia, tornou irrisorias as disposições policiaes: que s. ex.ª, legislador, ensinou o desdem das leis; que s. ex.ª, homem de bem que deve cumprir o seu dever, reprehendeu dois homens pelo facto de elles cumprirem o seu dever; que s. ex.ª, plebeu, se quiz dar a attitude aristocratica de personagem excepcional; que s. ex.ª obriga as pessoas de senso a lembrarem-lhe — que elle não é o tyranno Nabucodonosor — mas o commandante obscuro de uma milicia civil, e que a fama do seu nome ainda não passou de Cacilhas — e só a muito custo vae conseguindo penetrar para os lados de Aldeia Gallega.

Isto disseram alguns malevolos. Nós porém — que costumamos, sob a apparencia exterior dos factos, procurar-lhes a psychologia secreta — dizemos affoitamente que aquelle acto só prova em s. ex.ª — exuberancia de brio guerreiro!

.˙.

S. ex.ª é um homem valente, batteu-se bem. As guerras acabaram, e s. ex.ª está como um homem gordo que não faz exercicio: s. ex.ª soffre de excessos de valor — como esse homem soffreria de excessos de sangue. S. ex.ª tem congestões — de brio. A

coragem faz-lhe vertigens — como aos sanguineos a abundancia de vida. O valor heroico faz-lhe caimbras : e verão, meus senhores, que ainda ha de acabar por lhe fazer — furunculos!

Imagine-se com effeito um homem forte, febril de batalhas a dar, palpitante de reductos tomados, sofrego de sangue inimigo — vivendo burguezmente e pacatamente — na baixa, ou no quartel do Carmo, tendo por unica gloria estrategica destacar patrulhas para o Arco do Bandeira, por unico troar de artilheria os foguetes do sr. Cardim — ou em dias mais felizes — a voz do sr. bispo de Vizeu. É de endoidecer! Um homem n'estas circumstancias accumula dentro em si, dos gorgomillos ao estomago — quantidades prodigiosas de furor guerreiro! A cada movimento que faz — sobem-lhe á cabeça — veem-lhe á bocca — ondas de ardor bellico! Accrescentem-lhe a isto a atmosphera militar em que esta epoca se move e respira : guerras do Rheno, guerras civis, provincias conquistadas, cidades que ardem, nomes de generaes heroicos que scintillam em telegrammas, o ruido, a fulguração da gloria, a immortalidade na historia, — e elle, s. ex.ª, condemnado, como unica acção

radiosa, a reprehender o 73 da 2.ª, porque furtou uma correia ao 48 da 5.ª!

Ora esta castidade na luta — pesa a s. ex.ª S. ex.ª necessita de dar satisfação ás exigencias do seu temperamento: e s. ex.ª está viuvo... de gloria! Por isso, ao mais pequeno motivo, s. ex.ª de dentro do deputado da maioria saca o heroe da municipal.

Houve um tempo feliz entre todos, em que s. ex.ª andou ferindo as grandes guerras — dos penicheiros. Então s. ex.ª vivia nos interesses da luta e nas commoções heroicas. Era o tempo das patrulhas dobradas e dos grandes recontros da rua Nova do Carmo. Então, quando as guardas avançadas lhe vinham dizer:

— Ha penicheiros para os lados da Bitesga — s. ex.ª, sorrindo, respondia:

—S. Jorge e Portugal! E partia. E o nome de s. ex.ª apparecia nos telegrammas do correspondente de Lisboa — para o *Clamor de Alpedrinha!*

Outras vezes eram vultos suspeitos que tinham entrado n'uma casa, a horas lobregas. S. ex.ª corria, cercava, planeava, bloqueava, destacava um corpo de exercito composto do Bento da 5.ª — outro composto de José Prefeito

da 1.ª — Mas ai! os bandidos que s. ex.ª julgára surprehender minando as instituições eram apenas — os mesarios da confraria das Chagas!

Mas esse periodo epico acabou: o mundo é cada vez menos interessante. E s. ex.ª está de novo na disponibilidade do heroismo. Por isso atacou com tão bravo furor os dois policias civis. Tem elle culpa? Póde elle dizer ao seu sangue que não corra e á sua espada que não vença? Póde elle impedir-se de tomar Cacilhas... e orchata? São coisas fataes ao seu heroismo e — á sua sede!

Ora n'estas circumstancias estão ahi pela baixa innumeraveis guerreiros. E ha uma unica maneira de salvar esses temperamentos fatalmente bellicosos:

É estabelecer no matadoiro algumas rezes... para uso dos heroes. É uma especie de calmante á ferocidade. O guerreiro todas as manhãs — como quem vae tomar o seu leite de burra — vae matar o seu vitello. Sangra o boi — e o brio. O militar doente de valor chega, brande a espada, e a cabeça armada do bezerro inimigo rola-lhe aos pés. O heroe limpa a espada e vem almoçar. E fica para todo o dia repousado, tranquillo, sem pezares, pacato como uma couve. E

a policia civil entrará de novo no goso da sua dignidade e da sua pelle! Assim seja!

Diz-se — e quem sabe se é uma torpe calumnia! — que o governo vae ter o impudor de consentir que se discuta o orçamento! É natural, que por essa occasião melancholica se diga alguma coisa, — phrase sentida ou assuada hostil — sobre o orçamento do *muito bellicosamente chamado* ministerio da guerra. Para tal eventualidade aqui estiramos sobre estas paginas algumas reflexões de perfil carregado.

Diz-se que n'isso que os relatorios chamam pomposamente *o exercito* se gasta annualmente perto de 4:000 contos. *Diz-se*, por que é difficil averiguar a exacta verdade sendo o orçamento, como é, um inviolavel segredo.

Ora se attentarmos bem na utilidade do nosso *exercito* temos occasião de algumas francas e fortes risadas, dignas de Homero.

A primeira utilidade de um exercito é bater-se. Ora:

O nosso exercito não se póde bater.

Em primeiro logar — pelo numero dos seus soldados, batalhões incompletos, regimentos mutilados, quadros rareados, etc., estamos como depois de uma derrota — ao cabo de 24 annos de paz! O nosso exercito só póde servir como auxiliar — ou para se ir bater fóra por interesses alheios; — ou n'um caso de defesa nacional — para concorrer para ella. Isto é: temos um exercito — ou para ser equipado, instruido e organisado pelo estrangeiro para o serviço da sua politica, — ou para termos de chamar o estrangeiro que o venha organisar, instruir e equipar (e *auxiliar*), n'um caso de interesse nacional.

Se o seu numero é pequeno o seu armamento é inutil. Está provado, scientificamente que — depois de meia hora de fogo — as espingardas do exercito passariam para o inimigo... rebentadas em estilhaços. Emquanto ás balas de alcance — humanitario: ficariam a meio caminho do inimigo!

O equipamento é nullo: nem tendas, nem cantinas, nem transportes, nem nenhum apparelho de marcha e de acampamento. Isto é: em campanha o exercito teria de se bater... immo-

vel; mas n'esse caso o seu tiro não chegaria ao inimigo; verdadeiramente só o poderia alcançar — correndo atrás d'elle: mas para isso faltam-lhe sapatos! Realmente por tão pouco armamento mais valia — não diremos *nenhum* — mas uma *tanga* e uma *flecha!*

Emquanto á nossa artilheria ha um só meio de ella prejudicar o inimigo: é fazel-o prisioneiro, pol-o amarrado a 4 palmos da peça, procurar não errar o tiro e conseguir assim inutilisar ao inimigo — a barretina!

A disciplina, e a instrucção — nullas. O exercito não se sabe bater: o soldado portuguez é bravo, forte, firme, soffredor, bom soldado; tem o *élan*, o impulso, o arremesso, como o toiro; mas nas guerras modernas estas qualidades são inuteis. Comprehendeu-se que uma peça de artilheria é um soldado mais soffredor, mais firme, e mais forte que um interessante filho de Adão.

Ora estes grandes duellos de artilheria exigem no soldado outras qualidades mais que a coragem, exigem sobre tudo nos estados maiores a estrategia como uma sciencia mathematica. Os nossos estados maiores nem teem sciencia nem habilidade: limitaram-se a ter bravur

quando tinham a mocidade, o pulso, o impeto: mas veiu a edade; perderam a força quando ella na verdade já não era necessaria, mas não ganharam a sciencia, quando ella é indispensavel.

Os regimentos não teem instrucção; não teem campos de manobras; não teem o habito do acampamento, da fadiga, das marchas; não teem pontaria, não teem a habilidade das manobras precisas; a disciplina está relaxada; não ha respeito, nem subordinação. Não ha mesmo espirito militar, brio de quartel, amor da bravura. O soldado vive na cidade n'uma ociosidade pacifica: fuma, namora, canta o fado: é um trabalhador, um camponez, que procura soffrer a farda cinco annos — o mais alegremente possivel.

Não servindo o exercito para a guerra — podia naturalmente servir para a policia.

Mas não serve. Nas cidades de segunda ordem ha regimentos — ociosos. N'essas cidades, não ha policia, nem patrulhas, nem rondas, nem sentinellas: as ruas estreitas, sujas, mal allumiadas, são um terreno livre á desordem.

Nada mais natural que aproveitar os vagares do regimento — para patrulhar a cidade. Não:

o regimento deita-se ás 9 horas para não apanhar o ar da noite. Quem vigia vagamente sem cuidado e sem persistencia, um dia cada semana, são alguns cabos de policia. Ora os cabos de policia são cidadãos que fazem este serviço obrigatorio e gratuito. Isto é — cidadãos que teem o seu trabalho, a sua familia, os seus deveres — teem obrigação de manter a tranquillidade gratutitamente. Homens que não teem familia, nem trabalho, de proposito para mais livremente poderem manter a tranquillidade, que não teem outros deveres que não sejam esses — que são pagos para isso — deitam-se ás 8 horas da noite, depois de terem passeiado desde as 8 horas da manhã. Oh bom senso! Oh patuscada! Oh patria!

O exercito *é uma ociosidade organisada!*

Resta ver se convem ter exercito para o caso de uma revolta.

N'este caso — o exercito é ainda inutil. Em Portugal o exercito não se bate facilmente com o povo: o exercito é uma porção de povo *fardado*. Em França sim, o exercito é um mundo áparte, exilado nos seus quarteis e nos seus *camps*, com idéas, habitos, sentimentos proprios, sem communicação com o povo, chaman-

do-lhe *bourgeois* e *pekin*, e não tendo duvida alguma em o espingardear. Em Portugal o soldado vive com o povo : saiu d'elle, volta brevemente para elle, está no contacto de todos os dias com elle, na intimidade das mesmas tabernas, canta as mesmas cantigas, brinca nas mesmas romarias, é ainda um cidadão. Não espingardeia o cidadão! Quando muito, não lhe paga!

. ˙ .

De modo que o exercito em Portugal :

É inutil para a guerra;

Inutil como policia — ou antes inaproveitado;

Inutil para reprimir uma revolta.

Para que serve? Para gastar 4:000 contos.

Ha mais : um exercito só por si é inutil senão faz parte d'uma inteira organisação militar.

Onde estão as nossas praças fortes? A nossa artilheria? Os nossos arsenaes? Os nossos campos entrincheirados? As nossas fabricas de armamentos para um caso de perigo? Os nossos fortes? Os nossos caminhos estrategicos? — Nada temos, a não ser o bom senso fechado, a ronteira aberta e umas peças de artilheria *a que deu fogo Camões* — o que é poetico — mas fragil!

. ˙ .

Dir-nos-hão : não somos um paiz militar.

Então façamos o que se deve fazer n'um paiz que não é militar : Não gastemos 4:000 contos tão improductivamente como se os gastassemos em caixinhas de soldados de chumbo — *plumbeos guerreiros*, como diria o sr. Vidal, poeta lyrico.

Licenciemos o exercito — extingamol-o e creemos :

1.° Uma guarda nacional, serviço extensivo a todo o cidadão valido ;

2.° Um corpo de gendarmaria civil.

Alcançavamos assim :

1.° Economisar 4:000 contos ou pelo menos 3:000 ! ! !

2.° Entregar á agricultura, uns poucos de mil braços inesperados ;

3.° Tornar efficaz a defeza nacional ;

4.° Estabelecer por todos os districtos do paiz um serviço de policia, necessidade impreterivel ;

5.° ... Mas esta vantagem, fazemos d'ella segredo.

Que as pessoas curiosas se lembrem do que... Mas não, tambem fazemos segredo da comparação !

E depois, pensando bem, podiam mandar assassinar-nos!

Durante o mez a que este volume das *Farpas* se refere espalhou-se que no convento de Sá, na cidade de Aveiro, se achavam recolhidas sete senhoras dispostas a partir para França, onde vão professar em um instituto de caridade. Os periodicos liberaes que assignalaram este facto, abriram immediatamente canhoneiras e despejaram a metralha das suas violencias sobre o instituto francez, sobre as senhoras recolhidas no convento de Sá e sobre os padres devassos, que as *seduziram*.

Tal é o modo como a imprensa liberal portugueza defende e mantem a justiça, o direito e a liberdade!

As Farpas, que protestaram convicta e energicamente contra a portaria que despedaçou a liberdade para tirar o direito da palavra aos oradores democratas do Casino, protestam com egual convicção e com egual energia contra os que do

mesmo modo insultam a justiça para tirarem o direito de acção ás senhoras reunidas no convento de Sá.

É assim que vós entendeis a revolução pacifica : — insultando as mulheres e apedrejando os padres!

Pois bem. Nós sustentamos contra todas as vossas diatribes e contra todas as vossas injurias, que os padres que influiram a partida de sete senhoras da cidade de Aveiro para o seio do instituto das Irmãs da Caridade estão na sua missão e estão no seu dever. Fóra da sua missão perante o catholicismo está o sr. bispo de Vizeu, chefe de um partido politico, e o sr. padre Antonio Ayres, presidente da camara dos deputados. Não foi certamente para isto que a religião de que elles se constituiram sacerdotes sagrou estes dois individuos.

Para arrancar algumas senhoras aos deveres da familia e conduzil-as aos institutos da sua egreja o que fizeram o padres de Aveiro?

Persuadiram-as e convenceram-as : esse era o fim da missão de que se tinham investido, esse o objecto da propaganda a que se tinham devotado.

Vejamos agora : Para que essas mulheres se

não lançassem na religião e ficassem na familia, que fazeis vós os que insultaes os padres?

— Tudo quanto póde deslaçar ou dissolver as prisões domesticas.

Na politica desmoralisaes os maridos, os filhos e os irmãos, ensinando-os a viver do Estado, e não do trabalho,—na lisonja, no egoismo, na maledicencia, na mentira, no aviltamento — morbidas predisposições do caracter sobre as quaes grassa essa terrivel epidemia que se chama a intriga constitucional.

Na litteratura ministraes-lhes poesias eroticas e romances hystericos, em que o trabalho, a ordem, a moralidade e a economia se tratam como coisas vis, vergonhosas e burguezas.

Na sociedade, nas salas, nos theatros e nos passeios, daes o privilegio das vossas attenções e das vossas cortezias ás eminencias da *toilette*, ás superioridades dos penteados, aos rastros scintillantes das mais longas caudas de setim. Desvaneceis-vos mais em terdes cingido com as vossas luvas côr de perola o espartilho de uma belleza ruidosa ou de uma moral equivoca, do que em terdes merecido que vos aperte a mão uma mulher de bem.

. ˙ .

É por terem acreditado tristemente nos vossos escriptos, nas vossas palavras e nos vossos actos, que muitas mulheres desgraçadas faltam com a carne e com o vinho — esses indispensaveis alimentos das limphaticas creanças modernas — ao jantar de seus filhos; que ellas compromettem a dignidade dos seus maridos, e o asseio e a elegancia domestica, que são o culto externo da familia, para mendigarem nos bailes — coroadas de cabellos de defuncto refrisados de novo, envoltas na pompa miseravel de alguns metros de *bareje* pretenciosa, com velhos sapatos de setim e desbotadas flores contrafeitas, — os sorrisos da vossa attenção e a banalidade dos vossos cumprimentos.

Quando foi que se disse ás esposas de empregados a 600$000 réis por anno, as quaes constituem a maioria feminina da população de Lisboa, que estas suas pretenções de falsa elegancia eram ao mesmo tempo profundamente melancholicas e profundamente ridiculas? Que affectavam a alegria intima na sua pacifica essencia? Que sobresaltavam fatalmente a ambição e o amor do luxo? Que punham finalmente em grave risco de ser falseado o

criterio por que deve ser julgada a existencia?

Cada noite de baile dá a cada uma d'essas mulheres uma hora terrivel de decepção e de desgosto. É a hora em que, ao voltar d'essa coisa que ella tinha por uma festa, mas de que regressa pensativa e triste como se viesse de um enterro, a mulher pobre, a sós no seu quarto, se encara pela derradeira vez no espelho do toucador, á luz mesquinha de um pedaço de vela, e contempla sobre os seus cabellos suados as flores cobertas de pó que tem na cabeça; a sua pobre bareje despedaçada no aperto das quadrilhas; achichelados os sapatos em cujo setim ella passára n'essa manhã uma rede pacientemente trabalhosa; as faces descoradas pela fadiga morbida das salas; as costuras das luvas enegrecidas pelo contacto das casacas pretas; nos vestidos o perfume que tinha o baile; e a pulsarem-lhe ainda no ouvido, como o bater do coração, as palavras que o Estoiradinho lhe disse nos intervallos da valsa.

Essa mulher deita-se finalmente tendo-se esquecido de ir beijar os seus filhos adormecidos, e sabe Deus, sabe o padre confessor, sabe algumas vezes o Estoiradinho, o que é que ella sonha n'essas noites... de festa!

. ˙ .

Qual foi de vós outros — ó liberaes que apedrejaes as irmãs da caridade — o que teve a coragem de dizer a essas mulheres cuja educação vós tendes constantemente despresado, que em nenhuma sociedade moralisada, em nenhuma sociedade — não tão profundamente ignorante dos seus interesses mais vitaes como a sociedade portugueza — são taes costumes os de uma mulher ajuizada e honesta?

Qual de vós lhes narrou que na alta sociedade de Londres e de Paris só frequentam os bailes as senhoras que dão bailes, e estas teem dezenas de criados empoados e doirados nas suas salas; teem vinte lacaios nos seus peristilos, e pagam de ordenado ao chefe da sua cosinha mais do que recebe em Portugal o presidente do conselho de ministros?

Os inglezes que não teem meios para sustentar esse luxo (indispensavel para que se não tornem ridiculas as existencias de apparato) passam as suas noites em casa com a sua mulher e as suas filhas, o seu amigo intimo, e o seu gato. As senhoras fazem musica, lêem, cozem ou desenham á luz do candieiro. A agua quente canta alegremente na chaleira de cobre, e ó

dono da casa com os pés no *fender*, ao pé do lume, consolado n'um *fauteuil*, honradamente coberto pelo *Times*, lê ou dorme — no seu posto.

O francez leva da *cave* para a casa em que se passa a noite uma garrafa de Bourgogne, e emquanto a sua mãe, sentada n'uma cadeira de braços, com um *edredon* sobre os joelhos, joga uma partida de cartas com uma velha amiga, os amigos d'elle, que a beijam a ella na face, fazem estalar os seus espirituosos paradoxos por entre o fumo do cachimbo, e a esposa ensina a ler os pequenos alegres em um livro de figuras, ou lhes prepara para a sua ceia as fatias de vitella assada com pão e manteiga fresca.

. ˙ .

Desçamos porém a vista d'esses pequenos e luminosos paraizos domesticos para as baças regiões em que se acham em Portugal os padres aveirenses e os criticos liberaes.

A obrigação dos primeiros é fomentar a prosperidade e o engrandecimento dos institutos da sua egreja. A obrigação dos segundos seria consolidar a sacrosanta sociedade da familia, inabalavelmente, sobre as bases que primeiro lhe poz o Christianismo e que depois lhe reconstruiu

a Revolução, que em 93 aboliu a familia aristocratica — degeneração do primitivo principio christão fundada no interesse e no arbitrio.

Ora em Portugal (demos graças aos politicos e aos sabios!) a familia democratica, se não está inteiramente por fundar, está ainda por manter. A democracia não nos penetra porque em nosso interior nos falta a fé em que a democracia se baseia, a fé na dignidade humana e na santidade da terra. O portuguez tem ainda o seu coração no antigo estado inculto de se detestar a si e ao mundo em que vive, porque o portuguez desconhece ainda o homem e a natureza. O paiz inteiro está ainda no periodo juvenil das loucas phantasias, dos morbidos hysterismos, das vagas tristezas, das perennes indecisões, das estupidas incertezas, dos prazeres occultos e dos amores prohibidos—todos os vicios de uma puberdade sensual, ignorante e ociosa. É o que estamos representando, como um parenthese nebuloso, no meio do mundo moderno.

Todos os estrangeiros notam, todos os viajantes consignam, todos os naturaes que regressam á patria depois da mais curta viagem por outras terras da Europa observam, que nós somos o paiz dos tristes, dos scismaticos, dos piegas, dos cho-

ramigas. Isto procede de sermos o paiz dos mandriões e dos ignorantes : a mandriice é a mãe do tedio; em seculo tão instruido como o actual a ignorancia não póde deixar de produzir uma tristeza desconsolada, abatida e profunda. Sim, queridos compatriotas, consocios e amigos! desenganemo-nos bem d'isto : ninguem na Europa sabe menos, ninguem trabalha menos do que nós na Europa. Parece que só não foi para nós que os pensadores meditaram, que os historiadores escreveram, que os naturalistas pesquisaram, que os chimicos descobriram, que os philosophos averiguaram! Do microscopio e do telescopio, dos meios de alcançarmos o que não viamos por infinitamente pequeno ou por infinitamente distante para a grosseria e para a mesquinhez dos nossos orgãos, aproveitamos apenas binoculos para as *toilettes* de S. Carlos e lunetas para as physionomias do Passeio Publico.

E assim vamos pastando o nosso tedio, no inverno no theatro lyrico, e no verão na *Deusa dos Mares!*

Ora homens assim não podem constituir familia democratica porque a familia, n'aquella alta accepção da palavra, baseia-se na satisfação, que é o fructo da sciencia da vida, e no traba-

lho, que é a expressão logica e positiva da fé.

Quereis combater o reaccionarismo que vos converte em freiras as mulheres de que vós deverieis fazer mães de familia? Só tendes para isso um meio licito, legitimo e justo: é o de oppôr á propaganda catholica a propaganda democratica.

Em uma sociedade em que o marido se vae tornando tão raro como a phenix e em que o annel nupcial começa a ser tão precioso como o annel de Salomão, a mulher sem meios herdados de fortuna, ou se ha de fazer comparsa no theatro da Trindade, cigarreira na fabrica de Xabregas, costureira, criada de servir, concubina ou irmã da caridade.

Segundo uma estatistica official que temos á vista o numero dos filhos illegitimos e dos filhos abandonados que se baptisaram em Portugal nos doze mezes do anno de 1866 foi de *Vinte e dois mil quinhentos e sessenta e oito*. Ao passo pois que os padres lazaristas nos apresentam pelo seu lado sete senhoras conquistadas, durante uns poucos de annos talvez, para um instituto de caridade, vós apresentaes-nos pela parte que vos toca vinte e duas mil quinhentas e sessenta e oito mulheres deshonradas em um anno.

Inclinemo-nos com a submissão que deve inspirar-nos a consciencia de uma profunda desorganisação moral diante do funebre cortejo d'essas desgraçadas martyres!

Antes de apedrejardes a sociedade religiosa pensae em organisar a sociedade domestica. Antes de prégardes o despreso ás irmãs da caridade, tratae de promover a gloria ás mães de familia.

. ˙ .

Sois no entanto coherentes: fechastes as portas do Casino, é logico que arrombeis pelo mesmo principio as portas do convento de Sá!

. ˙ .

Uma só coisa vos pediremos por ultimo que nos expliqueis. O que quer a imprensa liberal que se entenda por esta coisa a que ella chama a *Religião do Estado*, e qual o modo preciso como o cidadão deve considerar os seus deveres perante essa disposição da carta regulamentada pela policia, pela opinião, ou pelo arbitrio? Os conferentes que no Casino se separaram do catholicismo foram supprimidos. Os padres que em Aveiro se cingem ao catholicismo são injuriados. Se não tiverdes a bondade de nos es-

clarecer sobre qual seja, entre essas duas manifestações da vossa crença, a religião que seguis, concluiremos que não sois senão hypocritas.

Esperamos que a *Gazeta do Povo* nos illucide.

Houve este mez um panico patriotico: julgou-se que iamos perder Macau. Os chins, dizia-se, tinham intimado modestamente a evacuação, cheios de energia — e de rabicho!

Accusava-se acremente o governo; a baixa pullulava de alvitres; e o orgulho nacional da rua dos Retrozeiros estava profundamente ferido. Dizia-se que o sr. Carlos Bento, como outr'ora Caim, ouvia, a horas mortas, vozes vingativas que lhe bradavam:

— Que fizeste tu de Macau, Bento?

E tanto que o governo exclamou, d'entre as columnas do *Diario do Governo*:

— Não, portuguezes, não, Macau ainda é vosso!

Foi então que todo o mundo ficou convencido

que Macau, perdendo os ultimos restos de pudor, se tinha feito inteiramente — chim!

A verdade parece ser que Macau está ainda preso á Metropole — por alguns telegrammas que se estão trocando entre o governador de lá, e o governo de cá. Diriamos que está — *por um fio!* — se tão lamentavel equivoco se podesse escrever quando se trata da honrrrrrra nacional!

. ˙ .

As nossas colonias são originaes n'este sentido: que o unico motivo porque ellas são nossas colonias — é o não estarem situadas na Beira. Porque não nos dão rendimento algum: nós não lhes damos um palmo de melhoramentos: é uma lucta... de abstenção!

— Não, exclamam ellas com o olhar voltado de revez para a Metropole, não! menos rendimento que este anno, que é nenhum, não és tu capaz de nos pilhar, malvada!

— Tambem, responde obliquamente a Metropole, tambem, sceleradas, em maior despreso, não sois vós capazes de estar!

. ˙ .

Santa cordialidade de relações! Ás vezes a

Metropole remette-lhes um *governador*: agradecidas as colonias mandam á mãe patria — uma banana. É vendo este grande movimento de interesses e de trocas que Lisboa exclama:

— Que riqueza a das nossas colonias! Positivamente, somos um povo de navegadores!

É necessario no entanto fazer uma certa justiça: a Metropole faz grandes sacrificios pelas colonias. Assim como pelos Açores — que não são uma colonia, mas que pela distancia, pelo abandono, pela separação de interesses tem toda a physionomia colonial, com não serem senão uma provincia. Portugal para com os Açores é inexgotavel... de desembargadores! Ás vezes os jornaes dos Açores, tomando um ar severo, voltam-se para a Metropole e dizem-lhe no rosto: *madrasta!* O reino envergonha-se, e manda-lhes com todo o zelo — desembargadores!

Mas d'ahi a pouco os Açores, inquietos, começam a dizer que não seria mau tentar os Estados Unidos! O paiz ataranta-se e para lisongear os Açores manda-lhes mais desembargadores. Todos os paquetes, os Açores vêem aterrados desembarcarem nas suas praias series de desembargadores. Aquelle solo, aquelle fertil solo, negreja de desembargadores.

— Basta! — exclamam os Açores affogados em tanto carinho, basta de segunda instancia!

E a Metropole — inexaurivel no seu amor — continúa impassivel a verter-lhe no seio — catadupas de desembargadores!

.·.

Egual zelo pelas possessões de Africa, verdadeiras e legitimas colonias, essas! Para ahi o paiz é inexgotavel... de scelerados! Mas são escolhidos com intelligencia. Um sujeito que tenha tido a baixeza de roubar só 5$000 réis nunca poderá aspirar a fazer parte da sociedade de Loanda. Para se ser remettido como mimo da Metropole — é necessario pelo menos, ter sondado com navalha de ponta as entranhas de um amigo querido!

Nobre sollicitude!

Poderá suppôr-se que Moçambique e Comp.ª recebem estas dadivas com um *enthusiasmo* — extremamente sublinhado. Não. As possessões de Africa estão contentes. Ha de vir tempo mesmo em que quem quizer em Loanda ou em Angola um criado, um amigo ou um noivo — esperará a remessa dos facinoras.

Os commerciantes, dir-se-hão, com ar meditado :

— Isto vae mal! Não ha caixeiros de confiança! Os ladrões d'esta vez tardam.

E um sujeito será assim apresentado n'uma casa particular :

— O sr. Fulaninho, que teve a honra o anno passado de assassinar seu proprio pae, como demonstra.

— Oh! muito gosto em conhecer...

— E a sr.ª Fulana, ladra muito conhecida na sociedade da Boa Hora.

— Então? tem a bondade de se sentar!...

E haverá locaes assim concebidas :

— « Desembarcou hontem nas nossas praias o sr. Pedro Malaquias, distincto assassino e ladrão, que tanta fama gosou n'estes ultimos tempos. Este estimavel cavalheiro traz na sua companhia sua joven esposa, a quem teve occasião de render seus preitos e declarar seus fogos, estando ella tambem presa no Limoeiro. O sr. Malaquias vestia jaleca azul : tudo no seu porte denota a virtude e uma nobre isenção. Sua esposa tem um ar de immarcessivel candura. S. ex.ª vem por toda a vida. Parabens a Loanda! »

E ahi está como se responde victoriosamente

áquelles que vão, com falsas vozes, affirmando :

Que o paiz despresa as colonias; que ellas estão abandonadas a uma froxa iniciativa particular, sem estimulo, sem protecção, sem tranquillidade; que a iniciativa é excellente mas só póde desenvolver-se n'um paiz bem policiado : que nas colonias não ha garantias de segurança, nem tranquillidade; que não ha melhoramentos, nem protecção ao commercio, nem exercito, nem hygiene, nem instrucção; que tudo ali vive na desordem, na desorganisação, no desleixo, e n'uma antiquissima rotina ; e que o unico movimento que ha é o do estrangeiro que as explora de facto — apezar de nós as possuirmos de direito.

. ˙ .

Mas, meus senhores, antes de tudo, nós não temos marinha. Singular coisa! Nós só temos marinha pelo motivo de termos colonias — mas justamente as nossas colonias não prosperam porque não temos marinha! A nossa marinha, ausente dos mares, sulca profundamente o orçamento. Gasta 1.459:000$000!

Que realidade corresponde a esta phantasmagoria das cifras? uns poucos de navios, velhos, decrepitos, defeituosos, quasi inuteis, sem arti-

lheria, sem condições de navegabilidade, com cordame podre, mastreação caruncbosa, e historia obscura. É uma marinha invalida. A *D. João* tem 50 annos; o breu cobre-lhe as cans: o seu maior desejo seria ser barca de banhos.

A *Pedro Nunes*, está em tal estado que, vendida dá uma somma que o pudor nos impede de escrever. O Estado póde comprar um chapeu no Roxo com a *Pedro Nunes* — mas não póde pedir troco.

O *Mindello* tem um geito: é andar de lado; e uma teima — deitar-se. No mar alto, todas as suas tendencias, todos os seus esforços são para se deitar. Os officiaes de marinha que embarcam n'este vaso fazem disposições finaes. O *Mindello* é um esquife — a helice.

A *Napier* saiu um dia para uma possessão: chega, e não póde voltar. Pediu-se-lhe, lembrou-se-lhe a honra nacional, citou-se-lhe Camões, o sr. Melicio, todas as nossas glorias. A *Napier* insensivel não se mecheu.

Etc., etc., etc.

Das 8 corvetas que temos — são inuteis para combate ou para transporte — todas as 8. Nem construcção para entrar em fogo, nem capacidade para conduzir tropa. Não teem applicação.

lla idéa de as-alugar — como hoteis. A nossa esquadra é uma collecção de jangadas — desfarçadas! Este grande povo de navegadores acha-se reduzido — a admirar o vapor de Cacilhas.

Teem um unico merito estes navios perante uma aggressão extrangeira: impôr pelo respeito da edade. Quem ousa attacar as cans de um velho?

Tem-se tentado muitas vezes introduzir nas fileiras d'estes vasos decrepitos — alguns navios novos, robustos e sanguineos. Tentou-se primeiro compral-os.

Succedeu o caso da corveta *Hawks*: era esta corveta uma carcassa britannica, que o almirantado mandava vender pela madeira — como se vende um livro pelo peso. Por esse tempo o governo portuguez — morgado de provincia ingenuo e generoso — travou conhecimento com a *Hawks*. Inexperiente com corvetas, achou-a nova, virgem, distincta, forte, — comprou-a. E quando mais tarde, para gloria da monarchia, quiz usar d'ella, a *Hawks* com um impudor abjecto — desfez-se-lhe nas mãos. Nem fingir soube! Tinha custado umas poucas de mil libras.

Tentou-se então construir em Portugal. Sa-

bia-se que o arsenal é uma instituição verdadeiramente informe : nem officinas, nem direcção, nem instrumentos, nem engenheiros, nem trabalho, nem organisação. Tentou-se, todavia — e fez-se nos estaleiros a *Duque da Terceira*. Gastaram com ella 156 contos. Foi a Inglaterra metter machina, mas quando chegou — oh maravilha das dissoluções organicas! — a joven *Duque da Terceira*, da edade de mezes, tinha o fundo podre! Foi necessario gastar com ella mais cento e tantos contos.

Nova tentativa : entra nos estaleiros a *Infante D. João*, 87 contos de despeza. Vae metter machina a Inglaterra. Fundo podre! O arsenal perdia a cabeça! Aquella podridão começava a apresentar-se com um caracter de insistencia verdadeiramente anti-patriotica! Os engenheiros em Inglaterra já se não aproximavam dos navios portuguezes senão em bicos de pés... e com o lenço no nariz. As construcções saidas do arsenal succumbiam de podridão fulminante. A *Infante D. João* teve de gasto em Inglaterra, mais cento e tantos contos!

O arsenal, humilhado no genero *navio*, começou a tentar a especialidade *lancha*. Fez uma *a vapor*. Lança-se ao Tejo, alegria nacional,

foguetes, bandeirolas, e a lancha não anda! Dá-se-lhe toda a força, geme a machina, range o costado, e a lancha immovel! Mas de repente move-se: alegria inesperada, e desillusão immediata! A lancha recuava: tinha-se erguido uma brisa que a repellia. Em todas as experiencias a lancha recuava com extrema condescendencia: brisa ou corrente tudo a levava, para traz. Para diante, não ia. Pegava-se. O arsenal tinha feito uma lancha a vapor que só podia avançar... puchada a bois. O paiz riu durante um mez.

O arsenal roeu a humilhação, e encetou a especie *cahique*. Ainda o havemos de ver, no genero construcção em madeira, cultivar... o palito!

. ˙ .

A nossa gloria, inquestionavelmente, é a *Estephania*. Diz-se que poucas nações possuem um vaso de guerra tão bem tapetado! O orgulho d'aquelle navio é rivalisar com os quartos do *Hotel Central*. É um salão de verão surto no Tejo. No Tejo realmente dá-se bem: nem naufraga! No mar alto, não: ahi afflige-se, tem tonturas: não nasceu para aquillo; um navio é um organismo; como tal póde ter vocações: a vocação da *Estephania* era ser gabi-

nete de *toilette*. É pacata como um conselheiro; é uma fragata do Tribunal de Contas. Por isso quando a quizeram levar a Suez, que desgostos não deu á sua patria! fez brancas á honra nacional! É verdade que houve coisas respeitaveis: os cabos, que eram novos, da cordoaria nacional (sempre tu, oh terra do nosso berço!) quebraram como linhas, e ninguem lhes póde contestar que tivessem esse direito! A marinhagem não quiz subir ás vergas — opinião respeitavel porque a noite estava fria. Alguns aspirantes gritavam, de enthusiasmo, pela patria. O capellão quiz discursar aos navegadores.

O caso foi muito fallado n'esse tempo; foi mais celebrado que a descoberta da India: essa só teve Camões que naufragou; — a viagem da *Estephania* teve o sr. O. Vasconcellos — que arribou! Tanto é similhante o destino dos que cultivam o ideal! O facto é que desde então brilha no Tejo tranquilla, bella, reluzente e vaidosa — a *Estephania*, corveta mobilada pelos srs. Gardé e Raul de Carvalho.

∴

Com esta marcha como hão de as colonias

prosperar? O governo d'aqui a pouco, quando a edade for desimando estes antigos vasos de guerra — não tem quem lhe leve um regimento, uma ordem, um officio ás colonias. Vel-o-hemos — para vergonha eterna d'uma das caveiras de Vasco da Gama — pedir á marinha mercante o patacho *Constancia* para acudir a Timor. Ha de chegar-se a recorrer ás faluas de Alcochete. E mais tarde — pela nossa pobreza progressiva — as communicações com as colonias terão de ser feitas — de viva voz!

Quando houver um officio que remetter para um governador de colonia, irá um amanuense da secretaria ao caes do Tojo, e ahi, voltando-se para o sul, bradará no espaço e nos ventos:

— Ill.mo e ex.mo sr...

E as pavorosas solidões do Oceano responderão gemendo:

— Ill.mo e ex.mo sr.!

. ˙ .

E depois, succede que nem todos os ministros dão egual importancia á marinha. Se por exemplo os srs. Latino e Rebello pensavam que a organisação da marinha era a prosperidade

das colonias, aqui está o sr. Mello Gouvêa que pensa d'outro modo, elle!

Elle entende:

Que a marinha serve—para ter bem presente ás colonias a idéa da patria, e sobre tudo (e isto é textual: discurso de s. ex.ª por occasião da discussão do orçamento da marinha na legislatura passada)—e sobre tudo «para certificar ás colonias, que ellas são lembradas na patria, com carinho e saudade.»

Ora ahi está! A gente a pensar, que um navio ia proteger o littoral, garantir a paz interior, sancionar a fiscalisação, impor o respeito ao extrangeiro, dar força ás auctoridades e protecção ao commercio—e no fim o que o navio vae fazer é significar ás colonias que a patria melancholica lhes manda muitos recados e os seus suspiros!

Ora n'este caso a marinha póde-se dispensar. Para expressar o sentimento basta que o governo remetta ás colonias, pelo vapor da carreira, um bilhete contendo uma saudade roxa, uma mecha dos seus cabellos e estes dizeres meigos:

—Colonia: lembro-me de ti com pungente magoa. Definho nos teus ardores. Lembra-te

de mim, meu bem. Olha de lá a lua, que eu de cá tambem a miro. Pensando nos teus encantos dou largas ao salgado pranto. Até á morte o teu

Fiel amante,

O ministro e secretario dos negocios da marinha e ultramar,

Gouvêa e Mello.

Ou para não dar escandalo, póde o governo de S. M. recorrer a um bilhete amoroso nos annuncios dos jornaes — dizendo:

COLONIAS PORTUGUEZAS

FITA AZUL NO CHAPEO

Sigillo e sentimento. Recebi. Ralado de paixão mando-te o meu suspirar. Confiemos no ceo. Quem te podesse ver no Passeio Publico á boquinha da noite! Unamos as nossas mentes na mesma prece. Teu, *Gouvêa.*

Em fim o amor é muito engenhoso, e o sr. Mello Gouvêa, achará de certo depois de extincta a marinha — um meio interessante para que

o governo possa manifestar ás colonias — a sua chamma!

. ˙ .

Para que temos colonias? E em primeiro logar não as teremos muito tempo. Podem-nos ser expropriadas por utilidade humana. Póde-se pensar que immensos territorios, pelo facto lamentavel de pertencerem a Portugal, não devem ficar perpetuamente sequestrados do movimento da civilisação. Tirar-nos as colonias é conquistal-as para a riqueza e para o progresso. Nós temol-as aferrolhadas na nossa miseria: no nosso carcere privado da civilisação. Póde-se pensar, na Europa, em libertal-as. Ellas mesmas o sentem; sentem-o os Açores sobre tudo, provincia proxima mais abandonada que uma colonia distante. E teem razão. Povos novos e fortes não querem estar presos á nossa decadencia; com elementos de riqueza não querem soffrer as fatalidades do nosso aniquilamento; vivos não querem estar amarrados ao nosso cadaver. Este movimento de separação, que se sente manifestamente nos Açores, apparecerá nas colonias á clara luz da acção, quando as colonias, mais adiantadas, adquirirem uma consciencia de si mesmas. Ellas são o filho sensato: nós so-

mos o pae prodigo. Que prestigio, que razão tem a nossa tutella?

Por consequencia — sejamos vilmente agiotas, como compete a uma nação do seculo XIX — (vide Allemanha, etc.) — *Vendamol-as!*

. ˙ .

Sim, sim! bem sabemos, toda a sorte de phrases ôcas! a honra nacional, Affonso Henriques, Vasco da Gama, etc.!

Mas somos pobres: e que se diria d'um fidalgo — quando os havia — que deixasse em redor d'elle, seus filhos na miseria, na fome e na immundicie — para não vender as salvas de prata que foram de seus avós? — Dizia-se que era um imbecil canalha! Pois bem, estes 4 milhões de portuguezes são os filhos esfomeados e pobres — e o Estado hesitará em vender as colonias — tão estereis como sendo livres, e um pouco mais dispendiosas? E isto quando fatalmente sabemos que temos de as perder! Se o paiz se podesse reorganisar, — bem! As colonias seriam no futuro uma força e uma prosperidade. Mas assim! Com esta decadencia, fatal, progressiva, irremissivel!

É verdade que se as vendessemos, o governo

deixaria o paiz no mesmo estado de miseria, de deficit e de confusão, e como já não tinha colonias, — compraria fragatas! — Dilemma pavoroso! Devemos vender as colonias porque não temos governo que as administre; mas não podemos vendel-as — porque não teriamos governo que administrasse o producto! *Miserere!*

Riamos! riamos sempre! E depois se as vendessemos, que dôr para o sr. Mello Gouvêa — que as ama! A quem daria elle então as esperanças da sua mocidade e o viço do seu peito? Não, colonias, sede sempre fieis a Mello Gouvêa! Não espesinheis aquelle coração de vinte annos, cheio de crenças! Que a vossa divisa seja sempre: *Gouvêa e cacau!*

E prosperareis!

Samuel escreve-nos uma carta, que elle intitula *Consciencia* e em que discute opiniões, juizos, ditos, espalhados ao fluctuante acaso do humorismo, nas paginas rapidas d'estes volumes.

Samuel é nosso amigo, ama o nosso riso, e

presta as suas mãos, que elle diz *cançadas e velhas*, para ajudar a tirar a verdade do fundo do nosso poço.

Samuel escreve com vigor; affecta a bonhomia de quem descança da vida — mas sentem-se n'elle as violentas palpitações do sentimento. De resto o seu juizo é firme, a sua consciencia subida, a sua mão incisiva. E se este livro fosse um largo terreno, desatravancado e nú, quereriamos batter-nos com *Samuel* — ao primeiro sangue! Mas *Samuel* bem vê: a casa está cheia de quadros, de phantasias, de instrumentos de tortura, de *chinoiseries*, de gargalhadas que esperam immoveis como a justiça! — não ha um palmo de soalho, para nos despedaçarmos gentilmente! Ai! *Samuel* tem o *livro*: nós temos apenas a *lauda!*

.˙.

Samuel vara, de lado a lado, algumas idéas nossas, que tinhamos deixado ir alegremente pisar o macadam.

Samuel, por exemplo, não estima as mulheres: e censura que as *Farpas* depois de lhes terem mostrado um perfil carregado e um sobr'-olho hostil — fossem immediatamente ao encontro d'ellas, dobrando o joelho, com as chaves da

cidade n'uma bandeja galante. E *Samuel*, deixa cair sobre as mulheres — lentamente, a uma e uma, como as lugubres gotas de agua de um subterraneo — as palavras do seu desdem, por vezes da sua colera.

Pois quer ver *Samuel* como a sua argumentação colorida e forte — cáe por terra, peça a peça, como uma armadura que se desequilibra de um tropheu? — Basta encostar-lhe, de leve, esta phrase antiga e amada dos simples: *Aquelle que se julgar sem peccado que atire a primeira pedra!*

. ˙ .

Samuel, desenvolvendo comnosco uma questão theologica e philosophica, nega que o catholicismo seja a expressão logica do christianismo. Ó livros de Proudhon, livros de Vacherot, ide! Vós sabeis bem que as *Farpas* tem 96 paginas aforadas á pilheria e ao castigo, ide fazer-nos o serviço de vos abrirdes diante de *Samuel*, na sua mesa de trabalho, e pelo poder da vossa razão immortal, convencei-o, vós que tendes o tempo e a sciencia de ligar as almas, e sobretudo sois em 8.º francez!

. ˙ .

Samuel diz que as *Farpas* são vaidosas em affirmarem que são o *bom senso*, por que ninguem é o *bom senso!* Mas, injusto *Samuel*, attende — as *Farpas* não disseram que eram o bom senso absoluto, com a plenititude da razão, a impeccabilidade da consciencia, a posse perenne da verdade, nenhum temperamento e muita roupa branca! O nosso prospecto não dizia — *As Farpas são o espirito de Deus levado sobre as aguas.*

Pobres *Farpas!* de certo que ellas não são a *columna de fogo*, as *doze taboas da lei* e a *grande voz do deserto!* — Enfeitadas e coloridas na sua qualidade de bandarilhas, aguçadas e incisivas na sua porção de ferro, ageis e laboriosas como abelhas, ellas são sobretudo e antes de tudo 96 paginas impressas na typographia Universal, sem grandes erros de grammatica e sem grandes verdades de philosophia, estalando de riso por todas as entrelinhas, mesmo quando franzem a testa — e contentando-se com serem alegremente recebidas, pela manhã, á hora do correio e do almoço, por alguns espiritos sympathicos e por algumas brancas mãos. Diogenes de certo não apagaria a sua lanterna!

⁂

Samuel censura que não tenhamos politica.

Samuel não comprehende que se não pertença ou ao conde de Chambord, ou a Felix Pyat, ou ao sr. bispo de Vizeu. Nós pertencemos todavia a um partido profundo : aquelle que está na platéa, commodamente sentado, com o binoculo na mão, o libretto da opera nos joelhos, e no bolso — *O tratado dos Temperamentos*. Ora, as *Farpas* são evidentemente uma das glorias d'este partido — interessante e interessado!

⁂

Emquanto ás tuas boas palavras para nós, *Samuel* — aqui as guardamos como se guardam dentro de um livro flores que se trazem do campo. Não sabemos quem sejas : se és feliz, boas tardes! Se és infeliz, lê Proudhon : elle ensina a ganhar a serenidade pelo amor da humanidade. E de resto, quando olhares para os lados onde nos acharmos, n'esta longa viagem atravez de ruinas, verás acenar-te de lá o nosso lenço branco!

Publicou-se, ha tempo, na imprensa da Universidade em Coimbra, um folheto ácerca da *Communa*.

Bom, ou mau, o folheto foi lido, levemente discutido e inteiramente comprado. Era anonymo.

Que ha de acontecer? o governo prohibe-lhe a venda! Só aqui ha um mundo revolto de risadas. O livro é publicado em maio, exgotado em junho, e prohibido em julho! A unica critica é a gargalhada!

. ˙ .

Porque emfim, nós bem o sabemos: a gargalhada nem é um raciocinio, nem uma idéa, nem um sentimento, nem uma critica: nem é o desdem, nem é a indignação; nem julga, nem repelle, nem pensa; não cria nada, destroe tudo, não responde por coisa alguma! E no entanto é o unico inventario do mundo politico em Portugal. Um governo decreta? gargalhada. Falla? gargalhada. Reprime? gargalhada. Cae? gargalhada. E sempre a politica, aqui, ou pensando, ou creando, ou liberal ou oppressiva, terá em redor d'ella, diante d'ella, sobre ella, envolvendo-a, como a palpitação d'azas de uma ave monstruosa, sempre, perpetuamente, vibrante, cruel, implacavel — a gargalhada!

Criticar a prohibição do folheto! para que? o governo exorbita? oh que pilheria! É terrivel, tyrannico? Santo Deus, que estalamos a rir!

Oh politica querida, sê o que quizeres, toma todas as attitudes, pensa, educa, ensina, discute, opprime,—nós riremos. A tua atmosphera é de *chalaça!* Tu és filha de um dichote que casou com uma pirueta! Tu és clown! tu és Fajardo! Se viveres, rimos! Se morreres, rimos! A oração funebre que diremos sobre a tua campa será—Ah! ah! ah! – A tua critica na historia será—Ih! ih! ih! A tua recordação no futuro será—Uh! uh! uh! Oh poder executivo! oh Sancho Pansa! oh pilheria! Publicado n'um mez, exgotado no outro, prohibido no seguinte! Oh Patria! Oh cambalhota! oh Bertholdinho!

. ˙ .

Mas que mais? Diz-se que o governo vae processar o auctor do folheto. Ahi, alto! Recolhemos a gargalhada, e tiramos do cesto o ferro em brasa.

Processado por que?

Tres coisas fazia o auctor anonymo d'aquelle opusculo.

Explicava a situação e as idéas dos partidos em

França; verberava os srs. Thiers e Jules Favre; defendia alguns actos da *communa* e exaltava alguns dos seus homens.

Por qual d'estes tres factos é elle processado? Qual determina o estado de criminalidade?

Explicar os partidos em França? Então são seus cumplices e devem ser processados pelo governo portuguez:

Todos os jornaes, de todas as cores, de todos os paizes;

Todos os deputados de todas as facções, de todas as camaras, de todas as nações;

Todos os livros de todas as politicas, de todas as nacionalidades;

Todos os homens de todas as opiniões de todos os territorios.

É preparar para toda esta gente, quartos no Limoeiro! Ergue-te e abre, ó Manuel Mendes Enxundia!

É accusado o auctor do folheto por ter verberado os srs. Thiers e Favre? Que lei lh'o prohibe? Que regulamento, que portaria, que decreto me inhibe, a mim, a ti, a elle, de gritar em cima das torres que o sr. Thiers é um imbecil, o sr. Favre um traidor, o imperador da Russia um bebedor de Champagne?! Está o sr. Thiers ele-

vado á cathegoria de dogma? Elle equiparado pelo governo portuguez á religião do Estado? É o sr. Thiers inviolavel como Christo? Que façam um processo ás *Farpas*, pois nós declaramos que:

O sr. Thiers é um sugeito astuto que póde aproveitar a um paiz que precise viver de expedientes, mas perfeitamente inapto para uma nação que tenha de se organisar com idéas. É um politico de pequenos meios, que já foi policia e parteiro.

O sr. Favre é um mystico, bastardo de Robespierre, declamador de tribunal, violentador do poder em 4 de setembro, como radical, e em 18 de março ministro conservador, personagem caracteristico d'aquella farça politica que se chama — *tira-te tu, para que vá eu!*

E aqui estão o sr. Adolpho Thiers e o sr. Julio Favre, eguaes em inviolabilidade á Sagrada Eucharestia, ou á Immaculada Conceição! E seremos processados, seremos degradados, se ousarmos vergastar com algumas phrases de historia as carnes antiquadas dos srs. Adolpho e Julio!

É accusado o auctor do folheto que tem defendido alguns actos da *communa* e exaltado alguns dos seus homens? — Oh! indigna vergo-

nha! Pois é prohibido em Portugal ter opinião sobre um facto extrangeiro? Pois a *communa* passou-se na nossa politica? Pois foi a rua do Arco do Bandeira que foi incendiada? Pois foi o sr. O. de Vasconcellos que mandou fuzilar o arcebispo de Paris? Pois não pertence a historia ao puro dominio do pensamento? Pois a propria França não impede que se escrevam livros louvando a *communa*, e o governo portuguez impede-o?! Pois o governo não prohibe que os jornaes legitimistas exaltem o absolutismo que prendeu, matou, cortou a machado nossos avós, nossos paes, as mulheres das nossas familias, que sequestrou as nossas casas, queimou as nossas searas, e prohibe que se discuta uma politica, cujos excessos se passaram a 100 leguas de nós, sem relação comnosco, sem acção na nossa acção?! Pois ha alguma lei que me obrigue a amar S. Francisco de Salles e a despresar Tiberio?! Pois a opinião impõe-se como as posturas da camara municipal?! Pois haverá cartilha para as nossas apreciações historicas? Se o governo prohibe que se exaltem os homens da *communa*, deve logicamente prohibir que se exaltem os homens de 93, o governo provisorio de 48, e que admiremos o proprio sr. Thiers,

antigo redactor do *National*, fautor da revolução de 30! E que vá mais longe então! que nos processe, porque nós admiramos os Gracchos, Spartacus, salvador de escravos, Moysés que libertou um povo, Christo que remiu uma raça!

O governo portuguez pondo a sua tosca mão sobre a historia, sobre a critica, sobre o pensamento! — oh-pirueta, dá-lhe tu a recompensa!

. ˙ .

Uma ultima palavra e muito séria.

O governo de S. M. sabe perfeitamente que em Portugal não ha partidos republicanos, nem socialistas, nem conspiradores; sabe perfeitamente que nem ha clubs, nem agentes da *Internacional*, nem associações secretas, nem escriptores que ensinem o socialismo, nem jornaes que o discutam, nem armas que o realisem.

Pois bem! o governo inventa em Portugal o socialismo, como o segundo imperio inventava as conspirações em Paris. O governo cria o phantasma *vermelho*, para ter o prazer de o combater. A republica em Portugal é apenas uma conspiração da policia.

Em Portugal, todos o sabem, ha tres ou quatro pensadores que não querem sair por ora da

concava paz dos seus livros. E ahi está o socialismo em Portugal!

E sabe o governo como a opinião, que comprehende e sabe isto, explica esta perseguição a um supposto socialismo inventado *ad hoc?*

Sabe o governo o que se diz? Sabe o boato terrivel, indigno, que se espalha, e que elle deve ter em sua honra destruir? — Sabe? Diz-se isto:

Diz-se que um dos membros do governo espera dentro em breve occupar em Paris um posto importante, e que está em Portugal fazendo uma supposta perseguição a um supposto socialismo, para merecer em Paris os agrados do sr. Thiers, para se fazer valer, para ser bem recebido, para ser convidado com amisade ás *soirées* da presidencia!

É isto o que se diz! Nós sabemos que esse membro do governo é incapaz, pelo seu caracter, de deshonrar o seu paiz em favor da sua vaidade! Que desminta pois, pelo seu procedimento politico, esta vaga accusação. Porque sabe elle, o que seria esse facto, essa adulação? Seria collocar Portugal na cathegoria de um paiz servil: seria pôr-nos á disposição das phantasias do sr. Thiers; seria perpetuar a

tradição da aventura de *Charles et George*, seria, para ganhar as boas graças de um ministro extrangeiro, trazer um paiz inteiro, em sobresalto, em desconfiança, e nas amarguras do terror!

P. S. Os jornaes dizem com espanto que um *deputado e jurisconsulto* aconselhara o governo a que demittisse o auctor do folheto do seu logar de professor, e viesse á camara pedir um *bill!!* Não dizem o nome do deputado! Pedimol-o. Exigimol-o. Estamos soffregos d'elle! Estamos esfomeados!

Que quem o souber nol-o revele, e será bemdito da justiça! Pois não vêem que elle pertence ás *Farpas?* que elle deve ficar perpetuamente estatelado e espalmado entre duas paginas d'este livro, fazendo o vago desenho de um grotesco immortal? Pois não vêem que elle deve passar entre a geração contemporanea, crivado de *farpas* como um ouriço, e arrastando a sua opinião amarrada a um tornozelo, como um cão arrasta uma lata!? Depressa o seu nome, o seu querido nome, o seu nome sublime, o seu immortal nome, o seu adorado nome! Rangemos os dentes de soffreguidão!

A critica levantada em redor das *Farpas* accusa-as de pordigalisarem cortezias a el-rei.

Ha por outro lado quem as suspeite de fazerem secretamente votos pela republica.

Ora as *Farpas* tomam a liberdade de declarar que não desejam ardentemente para si e para o seu paiz senão uma coisa, — que é juizo.

. * .

Emquanto á inviolabilidade do chefe do estado offerece-se-nos expor o seguinte:

Ha um cidadão a respeito do qual é permittido ao jornalista mais timorato ou mais covarde escrever quotidianamente as allusões mais aviltantes, ensinuar as calumnias mais perfidas, apontar os insultos mais profundos, sem o minimo risco de que o aggredido tente no dia immediato esbarrar a cabeça do aggressor sobre o delicto respectivo. Este cidadão é o rei.

Differe singularmente da educação dos outros homens a educação dos reis constitucionaes. Os outros homens desenvolvem a sua razão para acertarem com a escolha de uma religião ou de uma politica; o rei cultiva a sua rasão unicamente para a sujeitar á politica e á religião que lhe derem.

Os outros homens criam as suas idéas para as fazerem combater e triumphar; o rei dispõe as suas do modo mais conveniente para poderem submetter-se ás idéas estranhas.

Os outros homens desenvolvem a sua força para reprimir e castigar os seus inimigos; o rei habitua a sua a resignar-se e a ceder.

Toda a energia physica e moral, todo o valor e toda a valia de um rei devem produzir na magestade considerações identicas ás que lhe são suggeridas pelo aspecto da sua bengala: joia de luxo que nunca em suas mãos poderá ter o pratico e phylosophico destino das bengalas plebeias: — partirem-se nas costas de um consocio!

Os outros homens discutem e deliberam; os reis sómente presidem. O destino dos outros homens é o movimento; o d'elles é a immobilidade. Os povos quando teem febre mandam tocar a rebate; os reis quando os revolve a colera não podem mandar tocar senão o hymno.

No dia do ultimo beijamão no Paço, eu, redactor das *Farpas*, que estava de mau humor, accendi um charuto, e fui para Cintra; S. M., o rei, que estava de mau humor como eu, veiu de Cintra para Lisboa receber as felicitações do regulo

de Cabinda. O sr. Manuel Puna notou que el-rei tinha o sobrolho carregado e fallou n'isso ao ministro dos negocios estrangeiros. A corte, fazendo egual reparo, encolhia os hombros com enfado e applicava mentalmente ao real sobrecenho a justa medida da constituição e da pragmatica.

No entanto um de nós, entendendo que na sua ausencia, S. M. se poderia encarregar de receber o calor que viesse, e as homenagens dos principes africanos que chegassem, viajava no Norte; o outro comia espargos no Victor, e declarava aos creados que não estava em casa para o regulo de Cabinda!

É por isso que — em vão tentariamos escondel-o! — não queremos nenhum mal aos reis, antes sentimos por elles uma pequenina ponta de affecto levemente humedecida em gratidão pelo acolhimento que elles de quando em quando se dignam fazer por nós aos regulos que nos visitam, e outros. Muito obrigado!

Pelo que diz respeito á demasia das cortezias que circundam os reis, uma só consideração a justifica: é que os reis são as unicas pessoas que não podem pedir aos individuos do seu conhecimento, que se dignem de trocar pela in-

differença a assiduidade com que os veneram.

Era uma vez uma péga!

Esta péga habitava com a sua dona um mercado de Lisboa. A péga de quando em quando visitava o estabelecimento de um visinho. Um dia o visinho, molestado pelas assiduidades da pega, corta-lhe os voadouros.

Resultados:

O visinho da péga foi levado ao tribunal e condemnado á cadeia.

. ˙ .

Tiremos d'este facto a jurisprudencia que elle encerra.

Artigo 1.° A péga é inviolavel.

Art. 2.° Quem levantar a mão para a péga tem pena de prisão.

. ˙ .

De modo que, supponhamos que um de nós, ámanhã, ao abrir os olhos, encontra á sua cabeceira uma péga. Levanta-se e pede-lhe que se

retire. Ajoelha-se e supplica-lhe que o não deite a perder. A pêga inabalavel, crua, sarcastica, espaneja-se, dá pullinhos, e fita a sua victima com o olhar implacavel do destino que espreita.

Precuramos vestir-nos: ella esconde-nos os botões da camisa e o alfinete da gravata. Tentamos almoçar: ella esgaravata-nos a omelette e dá bicadas sordidas na torrada.

Abandonados os meios suasorios, principiamos a empregar o terror. Damos-lhe gritos, ladramos-lhe, miamos-lhe, fazemos-lhe caras, mostramos-lhe a *Gazeta do Povo*, bradamos pelo nome do sr. Coelho do Amaral! Ella no entanto tripudia passeando nas casas a sua cauda austera como a casaca preta de um conselheiro.

Appellamos então para o magnetismo; buscamos adormecel-a: lêmos-lhe poesias lyricas, recitamos-lhes discursos bellicosos do sr. Barros e Cunha; promettemos leval-a á exposição dos gessos que nos mandou a Hispanha; juramos apresental-a ao sr. Fernandes de los Rios para tomar parte nos jogos floraes, abrir-lhe uma assignatura no *Boletim do clero e do professorado*, fazer-lhe escutar a voz do sr. Padre Radmaker, acompanhal-a ás reuniões politicas da maioria, mostrar-lhe os candieiros postos em torno do

monumento do Rocio, o sr. Antonio Ayres e o Passeio Publico! Ella porém não dorme. Nem se senta. Nem sequer boceja! Manifesta apenas que, depois de nos ter provado o almoço, lhe appetece tambem provar-nos a cabeça.

Offerecemos-lhe alpiste, mas ella patenteia que prefere a engulir o alpiste esburacar-nos um olho e furar-nos delicadamente o outro.

.˙.

Durante esta luta desegual e terrivel, o tribunal da Boa Hora, á janella do predio fronteiro, perscruta com o seu binoculo o interior do nosso quarto e espera o momento em que eu peça á péga o distincto obsequio de tirar as azas para luctarmos, — porque, no fim de contas, a verdade é que eu tambem estou sem azas! — para n'esse momento o tribunal da Boa Hora me lançar a mão a um braço e me mandar para o Limoeiro.

Pedimos humildemente á justiça uma solução para este caso.

.˙.

Ignoramos se a offensa de palavras á péga é punida com o mesmo rigor que o attentado con-

tra as suas pennas! Em todo caso quer-nos parecer que nos achamos fóra da acção que possam ter sobre nós os ferros de el-rei, por isso que nas linhas que se acabam de ler exposemos apenas uma simples hypothese, sem lisonja para a péga — é certo — mas tambem sem odio nem má vontade. Se por ventura porém, no calor da narrativa alguma phrase soltamos que possa parecer acrimoniosa ou dura para a dignidade da péga, declaramos solemnemente — tomem bem sentido n'isto! — que a retiramos com toda a consideração e respeito que nos merece tanto e péga como qualquer outra ave. — Mas mais a péga!

Para que a distribuição d'este periodico fosse feita com a maxima regularidade aos nossos assignantes resolvemos expedil-o pela posta.

No dia 15 de julho, ás tres horas da tarde, entraram no correio de Lisboa todos os exemplares destinados aos nossos assignantes, devidamente cintados, subscriptados e estampilhados. Dos referidos exemplares parte foram entregues em Lis-

boa n'esse mesmo dia, parte no dia seguinte, outros d'ahi a dois dias!

Tomamos a liberdade de perguntar porque não haveriam sido todos distribuidos no dia 15. Segundo parece, pela razão de que os srs. entregadores não quizeram compromettер a dignidade dos seus uniformes officiaes percorrendo as ruas da cidade com grossos volumes debaixo do braço. Admittimos perfeitamente este pejo dos srs. entregadores: sómente pediremos a suas senhorias que o declarem.

Porque, n'esse caso, nós mesmos nos encarregaremos de entregar o nosso periodico. E como, incumbindo-nos d'este serviço, nos não pesa naturalmente um pequeno trabalho a maior, offerecemo-nos a suas senhorias para lhes entregarmos tambem as suas cartas.

E assim poderão os srs. entregadores retirar-se definitivamente ao interior das suas familias.

* * *

É bom ponderarmos que o correio não é mais que uma empresa que se encarrega do transporte de uma parte da nossa propriedade circulante, mediante uma certa paga previamente ajustada.

O Estado, achando lucrativo este negocio, fez d'elle um monopolio, privando-nos assim a nós ambos da faculdade de realisarmos com o publico esta transacção, servindo-o mais barato e melhor do que o serve o Estado. Se nós nos encarregassemos do serviço do correio separariamos a chamada *posta interna* do serviço geral da nossa empreza; collocariamos uma caixa especial para a correspondencia de Lisboa á esquina de cada rua, poriamos em communicação rapida de uns com os outros todos os nossos entregadores de cada rua, mandariamos abrir de hora em hora as nossas caixas, e fariamos por tal modo circular constantemente dentro da cidade toda a correspondencia dos seus habitantes, evitando assim que uma carta que actualmente se expede do alto do Loreto leve um dia, em vez de levar meia hora, a chegar ao fundo do Chiado.

E por este modo os serviços que nós prestariamos ao publico seriam mais procurados por elle que aquelles que o Estado lhe offerece, e nós ganhariamos mais dinheiro do que ganha o Estado.

Visto porém que o Estado monopolisa o correio, seria moral que pelo menos cumprisse as

condições aliás suavissimas a que por esse facto se obrigou.

Insistindo em o não fazer obrigar-nos-ha o Estado a dirigirmos-lhe, com todo o respeito devido, o requerimento seguinte :

Senhor.

Tendo-se os abaixo assignados encarregado perante o publico de escrever um periodico mensal intitulado *As Farpas*, e tendo Vossa Magestade havido por bem encarregar-se por outro lado de distribuir o mesmo periodico, depois de devidamente estampilhado com o sello da real effigie de Vossa Magestade, succede que sendo o alludido trabalho regularmente feito por nossa parte, o não é do mesmo modo por parte de Vossa Magestade. Isto nos leva a propor que para inteira satisfação do publico com relação ás *Farpas*, d'ora ávante, queira Vossa Magestade encarregar-se de as escrever e nós de as entregarmos. E julgando os abaixo assignados da maior equidade e razão aquillo que pedem, esperam se lhes defira.

E. R. M.

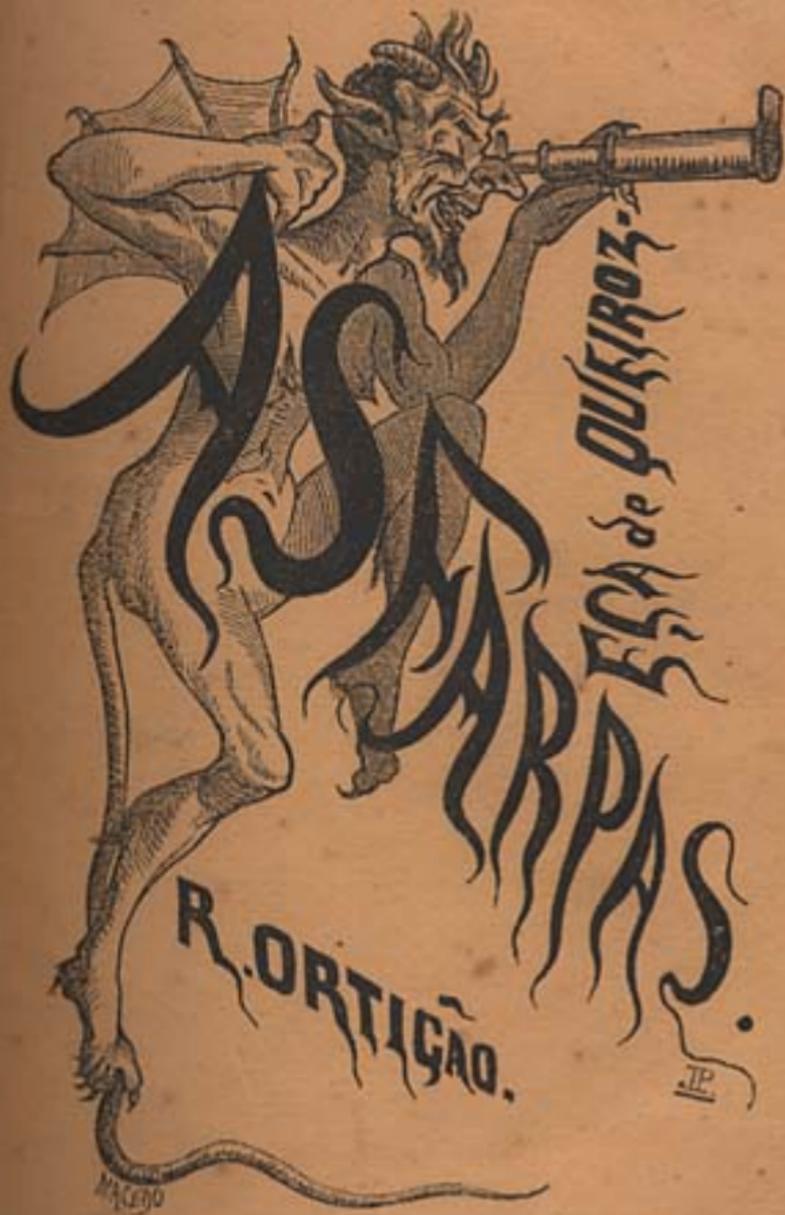
Preço de cada volume, 200 rs.

Vende-se e assigna se:

Em Lisboa na livraria do sr. A. M. Pereira, na rua Augusta; na do sr. Silva, no Rocio; na tabacaria Neves, no Rocio, e na Casa Havaneza, no Chiado.

No Porto em casa dos srs. Martins & Peres, na rua de Santo Antonio.

Em Coimbra na livraria Central.

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deverá ser dirigida aos *Redactores das* Farpas, calçada dos Caetanos, 30, Lisboa.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.
MACEDO

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

Agosto de 1871

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1871

SUMMARIO

Delibera-se não reformar a carta pela razão suprema de que ella precisa de reforma! Explicam este caso os srs. José Luciano, Barjona, Pinheiro Chagas e outros. — O Limoeiro. Os encarcerados, os carceres, a humanidade e a geropiga. — A camara dos deputados, e o espectaculo que ella deu ao paiz no presente mez. Um periodico lugubre dá o entrecho do entremez. O sr. Arrobas cruza os braços. A eloquencia parlamentar descalça as botas. — O *shocking* elemento ministerial. Os grandes homens e as luas. O grande homem d'este mez. Avè, Antonio! O espirito de Deus sobre as aguas e o das creaturas nos chiqueiros. — Uma pagina romantica. — A provincia, o genero pastoril, a intriga, o sulphato de quinina. — Boatos revolucionarios. Tres typos de revolução. O que os periodicos dirão no outro dia da revolução que vier. — Os *minusculos*, a Bohemia, a roupa branca e a grammatica portugueza. — O nosso bilhete de visita aos rodovalhos, e outras coisas urgicas.

A camara conservadora defende-se! regeita por 51 votos contra 23 a reforma da Carta! Mas

extremamente joviaes foram as declarações de alguns dos 51 conservadores! Porque, — quem jámais o diria? — elles se votaram contra a reforma da Carta — é por que entendem que a Carta deve ser reformada!

Sómente entendem mais que a reforma é *inopportuna*. Um homem é agarrado por dois ladrões, amarrado a uma arvore: pela madrugada chegam a passar dois cavalleiros e vêem ao longe vagamente na neblina o vulto: comprehende-se que discutam no primeiro momento, se é ou não um homem que ali está em agonia: mas desde que verificaram que é um homem — o que se dirá do seu bom senso se elles começarem a discutir — a opportunidade de o salvar?

A Carta contraria ou não as tendencias do espirito moderno, e a opinião? — Sim ou não? Só isto se póde discutir. Mas confessar publicamente que sim — e votar que não — é o mesmo que declarar:

— Nós entendemos que o paiz soffre com esta constituição — mas desejamos que elle continue a soffrer!

Mas ninguem dá credito ás vossas declamações, senhores! Vós o que não quereis é a reforma da Carta, o que evitaes é toda a interven-

ção popular! E sabeis porque? Por que se a democracia — mesmo sob a forma monarchica — tivesse a sua realisação politica — os vossos ordenados eram diminuidos e as vossas sinecuras estateladas no chão! E vós quereis ouvir *Bellini* em S. Carlos, e tomar sorvetes no verão. Eis ahi!

Ah! vós dizeis que *amaes o progresso!* Amaes o progresso que vos inventa cadeiras mais commodas para estardes recostados; amaes o progresso que vos traz operetas de *Offenbach* para acompanhar a compasso a digestão do vosso jantar; o progresso que faz caminhos de ferro ao pé das vossas quintas; o progresso que inventa melhores limas para cortardes os vossos callos! Esse progresso amael-o! Mas o que não amaes é o progresso politico, por que esse traria uma ordem de coisas que extinguiria os vossos ordenados, levantaria as vossas decimas sonegadas, transtornaria as vossas posições; — isto é: este progresso tirar-vos-hia os meios de poderdes gosar o outro. E ahi está o que vós não quereis, amaveis bandidos!

E os desgraçados — para deffender a sua opinião começaram por a disfarçar. E não se contentaram em ter principios antiquados, disseram coisas comicas!

Vinde pois para diante dos leitores das *Farpas*, com o extracto das vossas opiniões collado ás costas — E já que não auxiliaes o bem, ajudae a gargalhada!

. · .

O sr. Barjona começou por dizer — seguindo uma logica de partido, mas traindo a feição da sua intelligencia — que o projecto da reforma lhe parecia *indefinido e vago*. Ora o projecto marcava muito explicitamente os titulos 3, 4. 5, 6 e 7. Póde chamar-se-lhe largo, — mas indefinido! Santo Deus! se s. ex.ª chama á designação *explicita* de 5 capitulos uma cousa *vaga* — o que chamará então ás nuvens do poente? Chamar-lhes-ha somma de 5 parcellas?

E acrescenta s. ex.ª que não é *d'aquelles* que liga muito pouca importancia ás constituições politicas. Ainda bem! — Mas que estranha revelação! Ha pois politicos em Portugal (e só em Portugal se é só politico), que não dêem importancia ás constituições politicas? O meu creado não dá com effeito muita attenção a essa especie, mas é que dá todos os seus cuidados a escovar o meu fato, — e ainda assim não gosta do sr. Carlos Bento, mas é uma questão puramente pessoal. Mas realmente que haja sujeitos que

tendo profissão de ser só *politicos* (oh farça!) — não deem attenção ás constituições politicas — estranho parece, porque em fim a verdade é que esses individuos não estão encarregados como o Miguel de escovar o meu fato.

. ˙ .

O sr. Silveira da Motta é mais extranho ainda: examina, com grande criterio todas as reformas que o paiz precisa — e termina por dizer que em vista d'aquella dolorosa ladainha o paiz não precisa reforma nenhuma. O que se traduz d'este modo tragico: *isto está tão arruinado que já agora deixal-o ficar assim!*

. ˙ .

O sr. Barros e Cunha diz que todo o seu sentimento (extasi, melancholia, doçura, amor, ternura etc.) são pela reforma da carta: mas que a frieza da sua cabeça não lhe permitte que admitta essa reforma: isto é — como homem frio, quando raciocina, o sr. Barros e Cunha é conservador — mas como homem de sentimento, isto é, quando scisma ao luar, quando ouve o gemer da guitarra, quando escuta o rouxinol — ai! como elle então deseja a reforma da carta!

. ˙ .

O sr. Adriano Machado não quer aquelle projecto da reforma da carta — por que quer elle mesmo apresentar um. Isto entende-se. É um homem que tem ambições, e a sede d'um nome! Em logar da *Reforma-Mendes* quer que os jornaes da provincia celebrem no futuro *Reforma-Adriano!*

. ˙ .

O sr. Costa e Silva entende que a carta é liberal e não precisa reformas, e, a tel-as, só em algum dos seus artigos, *não muitos*. Para este senhor a questão é de quantidade. Ahi 5 ou 6 contentam-n'o: se fossem só 3 e meio, tinha caimbras de prazer! Mas sobretudo o que elle quer — é a questão financeira! E espera que ella seja resolvida! Doce ingenuidade! Todo o mundo estava admirado de tanta innocencia infantil, e perguntava-se com cuidado onde teria o sr. Costa e Silva deixado o seu *bibe!*

. ˙ .

O sr. Rocha Peixoto (?) depois de se ter visto singularmente enredado em grandes phrases rhetoricas, conseguiu desprender-se, e dizer claramente, que antes de tudo o que é necessario

fazer — é escrever bons livros! que não basta que haja escolas: que são sobretudo indispensaveis *bons livros!* Faz isto desconfiar que o sr. Peixoto suppõe que o unico livro que se tem escripto depois do Genesis são as *Proezas de Rocambole!* Deixe lá, sr. Peixoto! ensine o povo a ler que elle mesmo escreverá os seus livros! Mas o sr. Peixoto termina por dizer — ora vejam! — que o povo *não tem direito a mais liberdade!* Todo o mundo ao ouvir isto estava com pena do sr. Peixoto, que se *estava a dar ares.* O sr. Peixoto, que não é neto do conde Chambord, nem possue na Africa plantações de café — estava a fingir para a galeria — que era da casa de França e grande senhor de engenhos! Pobre moço! E quando elle diz que a verdadeira reforma a fazer era dar ao povo livros — que lhe ensinassem a natureza do seu paiz e a sua propria indole! Muita gente comprehendeu que o sentido d'esta phrase difficil era que a camara antes da questão de fazenda, de administração etc., se devia occupar — em escrever compendios!

E terminou assim: Estas reformas reclamam todas as nossas forças e todo o nosso tempo: não fatiguemos *aquellas*, e não percamos

este! Abysmemo-nos na contemplação d'este periodo immortal, que, á parte a sua construcção comica — significa: Não nos levantemos tarde e não comamos coisas que nos façam mal ao estomago. Se accrescentarmos a isto os banhos do mar, ha todo o motivo para suppor que o paiz será salvo!

.˙.

O sr. Pinheiro Chagas vota contra a reforma da carta por que é pouco experiente: justifica o seu voto — mostrando a sua pouca barba! Homem de talento entalado n'uma intriga — tal é o nosso espirituoso amigo. A camara não comprehendeu de certo todo o fino espirito, todo o tacto, toda a intelligente malicia d'aquelle voto...

Pobre camara, tão espessa!

.˙.

O sr. Luciano Castro entende que uma reforma só deve ser feita no dia seguinte a uma grande revolução que, *sacudindo os alicerces da sociedade...* (!) *decreta e escreve sobre as ruinas!!!* (!!) Faz calafrios isto: exhala cheiro do petroleo e de sangue de refens! N'aquellas phrases bailam phantasticamente a chamma da *camara municipal* e a do *barracão da alfandega!*

Parece dito por Ferré e commentado pelo incendio! As galerias tremiam. O sr. Antonio Ayres suava! O sr. Luciano de Castro tem o que quer que seja na phisionomia — do feroz Raul Rigault — procurador da communa: aquelle cabello correcto e luzente, a luneta de oiro, a testa liza e fria, faz lembrar, para quem se recorda — a energica cabeça de Rigault. Santo Antonio nos valha!

. ˙ .

O sr. Franco Frazão entende que a reforma da carta não deve ser admittida á discussão, porque está muito calor! Este homen é grande! Este homem ha de ir longe — em havendo frio! Deixem vir janeiro, e o paiz verá como o sr. Franco reforma e organisa. Por ora não — É este um grande principio — que passará para os reportorios assim fixado: *Janeiro, frio, geada: planta chicorea e reforma a carta!*

. ˙ .

O sr. Telles e Vasconcellos entende que só devia ser reformada a carta — se a liberdade estivesse ameaçada — Isto é: quando por exemplo o governo legitimista subisse e annullasse a carta — então é que era a occasião de a reformar.

Agora é que se vê quanto foi injusto mandar para Rilhafolles aquelle honrado cidadão cuja loucura se limitava a dizer: *ah! em eu estando preso na cadeia, como hei de passeiar por essas ruas!*

. ˙ .

Tal foi esta sessão, em que notaveis opiniões viram a luz do dia — e a luz do dia viu notaveis opiniões!

Visitar os encarcerados é uma obra de misericordia que se cumpre á risca em Lisboa, uma vez por anno, no dia designado para se levar a communhão aos presos do Limoeiro. Este é um dia de gala n'aquella casa. O sr. procurador regio convida para o Limoeiro como para uma *soirée*. Vão senhoras, vae o ministerio, vão os altos funccionarios. Ha flores, festões de murta e cortinas de damasco encarnado. Luzem os grandes uniformes, palpitam os pennachos, telintam as espadas, scintillam as *toilettes*, roçam no chão as sedas dos vestidos, toca a musica, ha nas physionomias uma idéa vaga de quem vae

tirar par. É finalmente uma bella festa n'um logar horrendo. De quando em quando pairam no ar as baforadas calidas da enxovia, o cheiro insalubre da multidão, impregnado das exhalações do suor, do caldeirão do rancho e do fumo dos cigarros. Os leques porém agitam-se, os perfumes dos lenços e das luvas contrariam os cheiros nauseabundos dos carceres, a musica toca mais forte, e o sr. procurador regio, de gravata branca, aperta a mão dos jornalistas.

.˙.

Não é por certo um acto de prazer, mas é uma boa obra a que tu fazes, leitor querido, entrando n'aquella casa em dia que não seja de communhão aos presos — hoje por exemplo — em nossa companhia.

.˙.

Eis aqui, não a sala da recepção dos dias festivos, mas sim a residencia dos presos. Esta é a enxovia.

Em uma quadra sem ar para mais de cincoenta pessoas, acham-se no entanto sessenta. Á tua entrada n'este recinto, os presos estirados no chão, como uma matilha que dorme ao sol, desenroscam-se em volta dos teus pés e formam

em ala. Ahi está o lodo humano, grosso de mais para que podesse continuar a correr nos esgotos da cidade. Empilharam-o ahi. Esses são os facinoras de todas as condições e de todas as edades. Este com dezoito ou vinte annos, alto, forte, robusto, com peito e pescoço de Hercules, cabeça alta, tez morena, olhos esmaltados, attitude intrepida, matou seu irmão para lhe roubar oito moedas. Aquelle ancião, de cabeça tremula, cabellos brancos e estatura encurvada, envenenou uma familia.

Os crimes dos outros orçam pelos d'estes dois.

Tens diante dos teus olhos, leitor, a legião dos condemnados ao maximo das penas applicadas pela justiça.

Reunidos ahi, na familiaridade e na expansão de uma convivencia perpetua, sem somno para dormirem e sem trabalho para se occuparem, sem um momento de solidão para se recolherem em si mesmos, em que fallam esses homens? Que terrivel e monstruosa conversação inspirada pela miseria ou pelo cynismo, viemos nós cortar para que se reate ao sairmos no ponto em que estava quando entramos? Que projectos! que recordações! que esperanças! Que lama ou que lava brotando d'esse vulcão ou d'esse charco!

Aquella porta vae já aferrolhar-se sobre a vossa reclusão e sobre o vosso isolamento. Continuae, ó prelectores sinistros da desgraça! Foi para isso, para que prosigaes eternamente esse curso de uma philosophia sinistra, que a justiça vos encerrou aqui. As vossas conferencias não ha regulamento que as delimite, nem lei que as prohiba. Derribae o throno, despedaçae os altares, pollui os vasos santos, dilacerae com as vossas unhas ganchosas e com os vossos dentes anavalhados as entranhas sociaes, calcae debaixo dos vossos sapatos immundos o amor, a religião e a familia. A vós a liberdade augusta da manifestação do pensamento pela palavra humana! Corrompei, chagae, empeçonhae, esphacelae! O sr. Martens Ferrão amortalhará piamente na sua toga curul a podridão que ficar de vós... Na porta do vosso carcere podeis escrever: *Aqui residem os livres pensadores*. A guia de prisão deu-vos a alforria da palavra.

.·.

Estes encarcerados não são alojados gratuitamente pelo Estado. O preso da enxovia paga 150 réis para o carcereiro. O carcereiro é retribuido pelo orçamento, mas isto não obsta a que

o preso pague 150 réis ao carcereiro. Mais 120 para o juiz da prisão; 40 réis para o escrivão; 40 para o varredor. Os que não pagam estas quantias são condemnados a fazerem a limpesa adjudicada ao varredor. O varredor é pago para limpar, mas isso tambem não impede que os presos que não pagam limpem em vez d'elle, sem que ninguem os remunere.

A todo o preso que atteste não ter recursos é abonado um rancho, que se distribue duas vezes por dia, ás nove horas da manhã e ás tres da tarde. Consta cada uma d'estas refeições de um quarto de pão negro e uma especie de caldo asqueroso. Este abono do rancho tem porém seus tramites no despacho, e não se faz logo que o preso entra na cadeia. Alguns ha que esperam, dois dias, cinco dias, dez dias e mais, que se lhe mande distribuir um bocado de pão. Ha providencias para estes desgraçados: mandam-os formar, em volta do caldeirão, ao lado dos presos *abonados*; depois de servidos estes, dá-se o que sobra aos *addidos*. Como muitas vezes nada sobra, e o que sobra de outras vezes é repugnante de mais, aquelles desgraçados morreriam de fome se os seus companheiros, movidos por um supremo impulso de humanidade, não achassem

meio de cercear no seu caldo e no seu quarto de pão com que darem esmolas aos que nem isso teem!

Com as camas, que constam de uma enxerga e de uma velha manta, succede aproximadamente o mesmo que referimos com relação aos alimentos.

O aspecto das enxovias durante a noite é lugubre e repulsivo de mais para que tentemos descrevel-o.

O vestuario, quer de verão quer de inverno, é fornecido duas vezes por mez! Consta em todas as estações do anno de uma camisa de linhagem grosseira e de um par de calças do mesmo estofo.

.˙.

Ha presos que trabalham no pateo. Dois ou tres antigos presos, enriquecidos na cadeia, são os patrões da industria que ahi se exerce. Fornecem a materia prima e os instrumentos de trabalho, e negoceiam os generos fabricados. São os monopolisadores do trabalho sdo infelizes. Ha homens que ao cabo de uma semana de trabalho afincado em cada dia, desde o romper do sol até o cair da noite, tem ganho apenas tres ou quatro vintens. Para merecer 50

réis é preciso torcer cem braças de tamiça! Para ganhar 45 é necessario encher uma duzia de escovas! Tal é a correlação do trabalho e do salario.

. ˙ .

Das causas que acabamos de expôr, da pessima alimentação, da falta de aceio, da falta de ar, da horrenda viciação dos costumes, resulta um mal immediato e fatal. N'um pessoal de 400 a 500 presos uma mortalidade de 25 a 30 pessoas por anno! As enfermidades predominantes n'aquelle fooco insalubre são a cachexia, a febre meningo-gastrica, o typho, a pneumonia aguda, os tuberculos e a tysica pulmonar.

. ˙ .

Na cadeia do Limoeiro ha muitos annos que se não fazem melhoramentos nem reformas de especie alguma. Em compensação — folgue a administração, folgue o paiz e folgue a humanidade! — tem-se feito economias. As enxovias eram illuminadas por conta do Estado: apagaram-se as luzes das enxovias. Havia uma escola de primeiras lettras: supprimiu-se a escola.

A unica coisa que persiste é o rancho — constante de agua e de arroz; seria porventura

possivel um derradeiro exforço em proveito da fazenda: eliminar o arroz... e supprimir a agua! Talvez que a camara dos dignos deputados assim o resolva ainda na corrente legislatura, se por acaso ella conseguir levantar o seu espirito apocaliptico da insondavel questão que n'este momento a domina, a saber: se a geropiga é ou não é uma bebida fermentada!

Que a providencia illumine a camara e tenha de sua mão a geropiga, como todos havemos mister!

A camara dos deputados está tendo realmente uma comprehensão muito estreita dos seus deveres parlamentares. Nota-se com espanto que os srs. deputados ao entrar não descalçam as suas botas! Ninguem explica esta privação. O sr. Barros e Cunha ha dias tinha calor e não se poz em mangas de camisa! Via-se bem antes de hontem que o sr. Arrobas estava um pouco apertado no seu collete e no entanto não se desabotoou! Estranhas abstenções! A maior parte dos srs. deputados não desapertam a gravatam! Por-

que se cohibem, santo Deus? Porque não vão elles de chinellas? Realmente! Porque se dão a inexplicavel privação de não beberem cerveja na sala? Que significa esta falsa comprehensão dos deveres constitucionaes? Porque se cohibem? Porquê?

. ˙ .

Porque não tiram para maior commodidade de suas pessoas a consequencia logica do seu procedimento? Se se desprenderam de todo o respeito, porque não se desembaraçam das suas gravatas? Se se attribuiram o direito de dizer injurias, porque não se dão o direito de trazer chinellas? Porque conservam uma certa compostura de *toilette*—se teem desabotoado tanto a dignidade? Se os não prende o decoro, para que os ha de affoguear a sobrecasaca? Vamos, meus bellos cavalheiros da injuria franca! Um ultimo passo! Já aniquilaram o respeito, ponham de lado a polidez. — Então! nem se prendam com o aceio! Tirem esses botins e atirem por cima das carteiras—á face do paiz — essas pingas de alvura duvidosa! Desaboteem esses colletes, e que a patria veja nas pregas das camisas o suor dos seus eleitos! Venha cerveja! Saltem as primeiras rolhas! caiam as ultimas injurias! Ferva

a intriga e espumem os *bocks!* Ao tilintar dos copos misture-se o embate dos insultos! — *É falso, mente! Mais cerveja! Isso é uma bestialidade, fora! — cigarros!* Venham as disputas de café, em attitudes de taberna! Ninguem se cohiba! Que o fumo do tabaco faça uma nuvem ás votações — e as nodoas de vinho um commentario aos projectos de lei! E praguejem, e assobiem, e escarrem! E viva a troça! Hip hip! hip! Hurrah!! Salta uma cerveja! Fora patife! E lari lo lé, lo lé! Parta o pagode! Oh! legisladores! Oh! homens d'estado! Oh! feira das Amoreiras!

.˙.

Que ao menos tenham o pudor de processar estas paginas das *Farpas*... Isso sim! Porque? Pois temos nós obrigação de respeitar a camara, quando ella se não respeita? Pois ella vive nas assoadas indecorosas — e ha de exigir que nós digamos que ella vive nas idéas elevadas? Pois aquella senhora que ali mora defronte — poderá estranhar — que eu a repilla brutalmente, em logar de a saudar delicadamente — se ella, em vez de passar na discreta compustura do decoro, me vier fazer esgares com a cuia á banda?

Porque vos havemos de respeitar, dizei? Pela

seriedade — que não tendes? Pela elevação de idéas — que não possuis? Pela dignidade — que renegastes? Leem-se os extractos de todas as camaras do mundo e em todas ha o decoro, a discussão intelligente; em todas se trabalha, se pensa, se organisa, se estuda, em todas, e só n'esta camara impudente — se vê, durante um mez, arrastar-se uma discussão sobre personalidades de influentes de eleições e de regedores, e se se fez ou se não fez a estrada da Covilhã, e se o governo comprou ou não comprou exemplares d'um *Elogio do sr. Avila* — E todas as questões de administração, de politica, de instrucção, de dinheiro, etc. despresadas, e em perpetua ventania de insultos trocados, de desmentidos brutaes, de aggressões imbecis, uma praça, uma feira, um restaurante, o despreso de toda a idéa, o odio de todo o trabalho, o desdem de todo o pudor! E no entanto a Hispanha, mede pollegada, por pollegada, a porção da nossa liberdade que se vae enterrando no lodo! Olhae! vós sois tão criminosos que nos fazeis perder o riso. E no entanto é necessario não o perder. É a nossa vingança! É indespensavel que elle esteja sempre pronto, amargo, cruel! E em nome da consciencia offendida ir-vos-hemos ex-

pondo, querendo Deus, tremulos e grotescos, homens d'estado — por ora em grupo e mais tarde um por um — ao escarneo, á gargalhada da multidão.

Não, senhores!

Não queremos que accusem as *Farpas* de parciaes e acres! Não se dirá que foi a nossa penna exaltada de phantasia e de despeito, que desenhou os contornos de uma sessão memoravel na camara! Tomaremos a exacta narração que o sr. Melicio, correspondente, deputado, homem noticioso e lymphatico, dá ao *Commercio do Porto*, excellente folha lugubre!

O sr. Barjona fallava quando o motim rebentou. O sr. Melicio, pallido, descreve com uma pericia tremula... *As provocações eram acompanhadas de murros sobre as carteiras.* Quadro esplendido! dramatica perspectiva! Suas ex.as de cabello em desalinho, gravata solta, suam pateam, berram, as carteiras vergam e — tanto quanto lhes permitte a sua qualidade de madeira — tomam biôcos supplicantes, e suas ex.as

agarrados a ellas, expedindo uivos, ladrando, miando, piando, grunhindo, atiram-lhes murros, soccos, punhadas, encontrões, pontapés, cachações, palmadas, estoiros, cartoladas, todas as variedades sonoras de uma argumentação eloquente! Isto é grande! Isto é prodigiosamente grande! E d'aqui por diante os candidatos, conquistarão os suffragios com promessa de murros!

Eu dei vinte murros, povos de Villa Franca!

Povos! exclamará outro n'um tom biblico: — inumeraveis foram os meus murros, e os meus pontapés foram sete!

E — continua o sr. Melicio — *o barulho não podia ser maior!*

Decididamente tudo se viu ali! Houve o *ronco*, o *berro*, o *brado*, o *urro*, todas as vozes graves; houve o *grito*, o *assobio*, o *silvo*, o *guincho*, o *pio*, o *uivo*, todas as vozes agudas! Oh! como nós te amamos terra do nosso berço!

Mas ha sobre tudo n'aquella correspondencia uma phrase terrivel, livida, tragica. Diz o sr. Melicio: *as* POSIÇÕES POUCO ACADEMICAS E MENOS PARLAMENTARES (???) *d'alguns srs. deputados, levaram o sr. presidente a* MANDAR EVACUAR A GALERIA!

Ora pergunta a imaginação aterrada — que posições foram essas?

Não! isto é extremamente sério! Porque, emfim, que o presidente de uma camara mande evacuar as galerias porque isso é do regimento, vá, mas que o faça para estas não presencearem as posições que os deputados estão tomando, — é necessario para isto que estes se tenham permittido attitudes verdadeiramente extranhas! Porque, dado mesmo que alguns srs. se tivessem deitado ao comprido, ou tivessem dado cambalhotas — nada d'isto, ainda assim, justifica a precaução pudica do sr. Antonio Ayres. E note-se que as galerias resistiram: é que uma curiosidade singular as irritava, é que as magnetisava um espectaculo refinadamente excepcional.

— Que se passou pois?! perguntarão na provincia.

A imaginação recua de nervosa a certas supposições!

— Seria...

Oh! impossivel! impossivel! Não! Não!

.... Teria o sr. Barjona de Freitas mandado para a mesa as suas botinas?

Mas isto não era bastante para que se man-

dasse evacuar para o não vêr uma galeria que tem visto tanta coisa, e que não cospe na representação nacional, nem lhe atira com cebolas...

Teria o sr. visconde de Valmôr rompido no excesso de se pôr de cocoras?—Mas é tão natural isso—no parlamento!

Teria o sr. Telles de Vasconcellos tomado a terrivel deliberação de se barbear?—Mas isto que tinha—entre portuguezes!

Teria o sr. Jayme Moniz, para affirmar á camara e ao paiz a moderação dos seus principios, mostrando o forro do seu collete de flanella? Teria o sr. Arrobas cortado os seus calos? Teria o sr. Barros e Cunha n'um accesso de ira olympica botado a lingua de fóra?

Mas não! Não podia ser somente isto!

Posições academicas e pouco parlamentares!

O sr. Antonio Ayres, pondo o seu chapeu, não se cobriu apenas, vendou-se. Enterrou o chapeu até o pescoço, e para que s. ex.ª se descobrisse á porta, diante do commandante da guarda, vieram medicos que depois da sessão lhe extrahiram o chapeu a ferros.

Que seria?!

Santo Deus! Deus clemente, piedoso e justo! profundo Deus! Ter-se-hiam elles posto nus?!

Feliz parlamento! Todos dizem que elle vive na decadencia fatal da inercia e da intriga! Lá! lá! como vos enganaes moralistas do Martinho, moralistas da Aguia de ouro! O parlamento vive na *edade de ouro*: vive nas edades innocentes, em que se collocam as legendas do paraiso — quando o mal ainda não existia, quando Caim ainda era um bom rapaz, quando os tigres passeavam docemente par a par com os cordeiros, quando ainda ninguem tinha tido o cavalheirismo de inventar a palavra *calumnia!* — e a palavra *mente!* não attrahia a bofetada!

Senão vejam: todos os dias aquelles illustres deputados se dizem uns aos outros: *É falso! É mentira! É falsissimo!* E não se esbofeteam, nem se trocam duas balas! Piedosa innocencia! Cordura evangelica! Parece um parlamento educado por S. Francisco de Salles!

— *O illustre deputado mente!*

— *Ah minto?* — *Pois bem : appello...*

Cuidam que apella para o espalmado da sua mão direita ou para a elasticidade da sua bengala? — Não, meus caros senhores! Appella...

— *Para o paiz!*

Chama-se a isto comprehender a virtude! Outros que lhes atirem ás mãos cheias as apostrophes ironicas! Nós não! Nós admiramos a quantidade de elevação christã que ha n'um diploma de deputado! Quando um homem leva em pleno peito, diante de duzentas pessoas que ouvem e de mil que leem, este rude encontrão — *É falso!* — e diz com uma terna brandura: — *Pois bem, appello para o paiz!* — este homem é um santo! Não entrará de certo nunca no *Jockey-Club*, d'onde a mansidão é excluida, mas entrará no reino do ceo, onde a humildade é glorificada.

Porque é uma escola de humildade o parlamento! Nunca em parte alguma, como ali, o insulto foi recebido com tão curvada paciencia, o desmentido acolhido com tão sentida resignação! É um curso de caridade christã. E veremos os tempos em que um qualquer senhor deputado, esbofeteado em pleno e claro Chiado, dirá brandamente ao agressor, mostrando o seu diploma:

— Sou deputado da nação portugueza! Appello para o paiz! Faz favor de me deixar passar?!

. • .

E depois que doçura de expressões! Não vimos ainda ha pouco o sr. Avila designado no meio de uma questão financeira com estas benevolas qualificações — *camaleão, sapo, elephante?!* Que auctoridade no dizer! que dignidade no pensar! que respeito no tratar! que consciencia no argumentar!

Como é fecundo, como é instructivo, como é moral o ver discursos assim concebidos:

— Não approvo o projecto do illustre presidente do conselho, porque entendo na minha consciencia, e digo-o á face do paiz, que s. ex.ª é uma verdadeira serpente!

— Peço a palavra: O illustre deputado que me precedeu na discussão é, segundo colhi da sua argumentação, um refinado sapo.

— Mando para a mesa a seguinte moção: A camara, compenetrada de que o sr. ministro da fazenda é uma lontra, passa á ordem do dia!

. • .

Patria, corôa os teus filhos!

.˙.

Depois outra coisa : o modo caridoso como a camara tomou conta da infeliz palavra *insulto!* Aquella pobre palavra exilada — o parlamento acolheu-a. Aquella pobre palavra tão compromettedora, que nunca apparecia outr'ora que não fosse o signal de um duello ou de uma policia correccional — o parlamento refez-lhe uma virgindade e um decoro, e ella agora vem, manifesta-se, e ninguem se revolta, e sorri-lhe — o sr. Antonio Ayres!

Leia-se qualquer sessão da camara : a palavra *insulto* vem, volta a cada momento : corôa pomposamente os periodos : explica, commenta, argumenta e legisla.

— O illustre deputado ha tres dias não faz senão *insultar-me (textual;* tres dias!)

— O illustre deputado não me *insulte!*

— Vou responder a esses *insultos.*

— Menos *insultos!*

— O que! mais *insultos?*

Ai! o mundo despoetisa-se! As coisas terriveis perdem o colorido da legenda, apparecem na sua verdade positiva. As creanças riem-se do *papão* : a *injuria* perdeu a sua tradicção cruel! começa a ver-se que o diabo — não é tão

feio como o pintam! — e por seu lado o insulto não é tão aviltante como dizem! Não é! A camara dos deputados vive ha um mez, tendo no seu seio o insulto em perpetua ordem do dia — e engorda!

. ˙ .

Mas o sr. Antonio Ayres, esse, para que continua a dizer com a sua voz eloquente:

— Para ámanhã continua a mesma discussão?

A quem quer s. ex.ª enganar? — A dignidade da franqueza e o escrupulo da verdade — e s. ex.ª sacerdote e catholico está adstricto a observar este *regimento* da consciencia — pedem que se diga:

— Para ámanhã continua a mesma assuada.

Assim — a curiosidade ficava avisada e os srs. deputados tambem! Porque nada deve custar mais a um illustre deputado — que quer zelar os interesses do seu paiz — do que ver n'uma discussão exhausta a sua collecção de injurias, findos os seus apontamentos de berros!

Não é quem quer doutor em improperios!

E assim, devidamente prevenido, cada deputado, podia formar de vespera, consultando o diccionario, o seu aguadeiro, a porta da alfan-

dega e a praça da Figueira, uma curiosa, intelligente e séria lista de argumentos!

. · .

Ha uma palavra, sobretudo, que temos estranhado notavelmente não ver nos movimentos eloquentes da camara: é a palavra *canalha*.

— O illustre deputado é um *canalha!* — isto é sonoro, rhetorico, scientifico, discreto, digno!

Ha outra palavra egualmente excellente:

— O illustre deputado é um *ladrão!*

É um pouco mais especial, mas tem tambem uma alta significação nas discussões politicas de principios!

Estamos convencidos que estas duas estimaveis injurias encontrarão brevemente, — graças aos nossos discretos conselhos — um uso, moderado sim, mas incisivo e franco — na camara dos srs. deputados.

E as *Farpas* terão emfim feito alguma coisa pelo bem do paiz!

O sr. Carlos Bento faz na camara um uso talvez excessivo da palavra *bestialidade*. (Perdoem-nos as pessoas delicadas que nos leem o deixarmos atravessar, de passagem, por estes livros aceados esta palavra parlamentar!) Não! nós não queremos embaraçar o sr. Carlos Bento na livre acção da sua palavra! não queremos estrangular nas estreitas cordas de uma critica miuda o largo esvoaçar das suas azas pelos ceus poeticos! Mas, parece-nos que a palavra *bestialidade*, como mimo rhetorico é talvez excessivamente — romantica.

Nem a poesia sanguinea e esguedelhada de Byron, nem o plangente idealismo de Lamartine ousaram elevar-se a nuvens tão remotas. E a palavra *bestialidade*, apparecendo de espaço a espaço nos discuros do sr. Carlos Bento, dá-lhes uma feição exageradamente lyrica!

Que se diria de um deputado ás côrtes que usasse d'este modo da palavra *celeste*:

Sr. *celeste* presidente: o *celeste* e illustre deputado, que com tão *celestes* argumentos acaba de combater o *celeste* projecto de lei etc.? Oh dir-se-hia que este homem era meigo a um ponto — que lhe se deveria talvez prohibir! Pois bem que dirá a historia, quando encontrar nos velhos

papeis d'este tempo discursos do sr. Carlos Bento, concebidos d'este modo engenhoso:

—Eu era incapaz de commetter similhante *bestialidade!* Eu não posso suppor opinião tão *bestial*. Esse argumento seria de uma *besta* etc?

Oh a historia dirá — em primeiro logar «shocking» — e em segundo logar dirá — que o sr. Carlos Bento é um parlamentar lyrico! Ah! sr. Carlos Bento — nas salas sim — seja galante, precioso, scintillante, perfumado, doce — mas no parlamento — pela immortal obra de D. Pedro IV —! seja grave, circumspecto, positivo, e não se deixe ir a dizer, com ar namorado aquellas delicadas, finas, aromaticas palavras — *bestialidade e besta!* E a patria penhorada mandará gravar com discreto buril no pedestal da sua estatua:

AO HOMEM
QUE
SACRIFICOU ÁS INSTITUIÇÕES
O SEU ENTRANHADO HABITO
DE DIZER
LYRISMOS!

Á falta de grandes homens que resistam inteiros á acção destruidora do tempo, Portugal para satisfazer o espirito peninsularmente idolatra da multidão toma os seus grandes homens — ao mez.

Com o fim de cada lua o nosso grande homem da lua antecedente esconde-se no occaso, emquanto o novo astro surge na fórma de um apostrophe por entre as chaminés da patria.

A nossa gloria durante o mez findo foi o ex.^mo sr. padre Antonio Ayres de Gouveia presidente da camara dos srs. deputados.

. ˙ .

Antonio é um d'estes sujeitos que Byron gostava de cantar, e que veem ao mundo com o báratro no cerebro. Em menino os seus bonés cheiravam a chamusco. Adulto traduziu Tibulo em linguagem tal que obrigou a critica d'esse tempo a confessar que as pessoas ignorantes do latim se viram forçadas a comprar Tibulo no original a fim de poderem comprehendel-o na traducção.

Fez depois o celebre livro dos *aprisoamentos*, no qual o porvir do aprisoado é de tal modo e maneira conjunctivado ás partes da aprisoação

e ao arbitrio do aprisoante que a dita obra dos aprisoamentos tem sido meditada por alguns lexicographos como um dialecto novo na historia phylologica da raça humana.

Como deputado da nação sustentou mais tarde que as ostentações do luxo eram os favonios da prosperidade economica dos povos.

Como ministro da corôa revogou um dos mandamentos da lei de Deus que manda guardar os domingos.

Como professor da Universidade propalou coisas desagradaveis para Santa Isabel.

Fazendo em seguida uma pausa na elipse luminosa que ia descrevendo no cosmos e sentindo que tinha ainda em brasa a maça cephalica, pediu prima tonsura para refrescar o craneo.

Sentiu então perpassar-lhe nas bossas, desafogadas da guedelha impura do seculo, a aragem ceraphica da contricção. Então percebeu que n'elle se verificava a palavra de Isaias, e que do ôvo que elle concebera saira um aspide.

Com as mechas saint-simoneanas da cabelleira gentilica de Antonio despovoaram-lhe o espirito as tentações incubas e os erros mundanaes. Vendo que até ahi estivera chocando um bicho damninho aos calores nefastos do seu es-

pirito illuso, levantou os olhos para Deus e de dentro do professor e do politico, suspeitos de heresia, saiu alado para as regiões mysticas da contemplação e do extasi, intemerato e limpido, o clerigo *in-minoribus*.

As choreas celestiaes entoaram hymnos de graças ao Senhor. Os Atanasios e os Ambrosios abriram entre si um logar para o novo lume da egreja, e Antonio, pondo os seus bentos pés no caminho de Roma, foi depôr no seio da curia e perante o Santo Padre a solemne retractação dos seus erros.

Sacerdote de Jesus, vemol-o em seguida pleitear uma candidatura, bater em brecha as resistencias de um circulo eleitoral, abandonar o altar para fiscalisar a urna, e descer finalmente das alturas radiosas do Thabor, com as tabuas da lei debaixo de um braço e uma chapelleira debaixo do outro, a tomar o logar da presidencia na camara dos deputados.

Ahi fomos nós a encommendar-nos em espirito ás orações de Antonio, quando o vimos vociferar palavras de rancor sobre a multidão amotinada, metter na cabeça o seu chapeu, não com a compostura de quem encerra n'um feltro os esplendores paradisiacos de uma fronte predes-

tinada, mas sim com o desplante guerreiro de quem cala uma viseira para o inimigo.

Vimol-o—com estes olhos mortaes que a terra ha de comer—levantar a mão para o seu secretario, e bater-lhe!

Vimol-o finalmente objurgar as galerias com um saracoteamento de energumeno e intimarnos a evacuação com o gesto mais similhante áquelle com que o divino mestre expulsou do templo os vendilhões. Aqui, alto, padre Antonio! Apagamos com o devido respeito a vela que vos tinhamos accendido, e vamos a inquirir qual de nós entrou indevidamente no recinto de S. Bento, qual de nós deve sair primeiro de lá para fóra.

. · .

Nós, filhos miserrimos d'este seculo, vivemos nas commoções e nos interesses da lucta temporal que nos rodeia. Não temos votos, nem compromissos, nem promessas que nos empeçam a curiosidade nos negocios publicos. A nossa mesma obrigação é seguir o turbilhão que nos cerca e acompanhal-o na sua orbita vertiginosa e tumultuaria.

Tu porém, reverendo Antonio, abjuraste o seculo com as suas presumpções, os seus erros, as

suas mundaneidades e os seus interesses especulativos e mesquinhos. Mais feliz que nós, fizeste finca-pé n'esta precipitosa ladeira de espinhos, de enganos e de lagrimas, em que nós rolamos para o aniquilamento ou para o abysmo; alevantaste os teus olhos para Deus, e a religião recebeu em seu seio maternal e amoroso a tua fronte calcinada pelo fogo devorador das paixões humanas.

E agora, repousado, sereno, refrigerado, vendo inclinar-se respeitosamente na tua passagem aquelles a quem deste costas, pedes licença á religião para ir lá fóra, e voltas ao seculo a invectival-o, a bater-lhe, a expulsal-o d'onde elle está, a emborcar-lhe uma campainha pela cabeça abaixo?!

Receiaste que não podessemos viver cá sem as tuas luzes e acodes a allumiar-nos as veredas tortuosas do saber?!

Erradamente presumiste de tua sciencia, beatissimo padre!

No Genesis devias ter lido que o espirito de Deus era levado sobre as aguas — *ferebatur super aquas* — e isto quer dizer que não é á babuge lodosa dos charcos politicos que devem baixar os que representam a divindade.

O Ecclesiastico diz que quem tocar no pez se ha manchar n'elle — *qui tetigerit picem inquinabitur ab ea.* E é o mesmo que prevenir que não pode a estola de um sacerdote varrer impunemente com um aceno a galeria de um parlamento.

No evangelho de S. Matheus especifica-se terminantemente: *Nemo potest duobus Dominis servire.* E é ainda como se se dissesse que a causa do sr. marquez de Avila é incompativel com o serviço de Jesus Christo.

Aos corinthios escrevia S. Paulo que a sciencia produzia inchaços — *Scientia inflat.* Se o teu mal é este, ó amado Antonio, sangra a tua sciencia pela caridade, não a espremas pela ostentação.

S. Bernardo escreveu com penna de oiro este eloquentissimo periodo: *Vinum scientiae saecularis inebriat quidem, sed curiositate, non charitate; implens, non nutriens; inflans, non aedificans; ingorgitans, non confortans.* És aquelle *quidem* embriagado com a sciencia do seculo! Ministro de Deus, sentado na presidencia da camara dos deputados, serves a curiosidade e não a caridade; a sciencia que ahi ostentas enche mas não nutre; incha, mas não edifica; avoluma mas não conforta.

A religião é a morte para o mundo. Esta é a opinião de Santo Antonino — *Sancta religio figurative vocatur mors*. Aos que da religião repontam para o mundo que abandonaram applicou um sacerdote portuguez o texto de Santo Antonino, deduzindo que esse era o caso de cheirarem mal os que morrem e se não enterram.

. ˙ .

Suppomos ter provado ao sr. Antonio Ayres de Goveia que conhecemos os escriptos sagrados tão bem, pelo menos, como s. ex.ª reverendissima conhece os artigos regulamentares da camara. Se em nome d'estas lettras s. ex.ª nos expulsou da galeria, em nome d'aquell'outras o convidamos nós a que se retire da presidencia.

Ser de Deus e ser ao mesmo tempo de Cezar não póde ser. Ter a benção paterna de Sua Santidade Pio IX, e ter o osculo fraternal de s. ex.ª o sr. Carlos Bento é muito ter.

Ou volte quanto antes para a religião a que se recolheu ou deserte clara e abertamente para o mundo em que desvairou. E este derradeiro alvitre é — se s. ex.ª nos quer crer — o mais avisado talvez! É melhor estar na lama com as

saudades do ceu do que estar na religião com as saudades da lama.

Sua ex.ª reverendissima decidirá porém em sua consciencia o que se lhe figurar mais consentaneo ao lustre da religião e á honra da politica. Que s. ex.ª se apresse no entanto a decidir-se, para que a patria saiba se tem de offertar-lhe uma mitra, ou um chifarote!

Pode alguem estranhar que as *Farpas* não contenham nunca uma pagina dada ao romance, á imaginação, á paizagem: pois bem—aqui está uma perspectiva dramatica que abre sobre o mar:

Era o outro dia, ao fim da tarde, na Foz. O ceu era, no alto, d'um branco polido como as porcelanas: a decoração inflammada do poente apagava-se, e os grandes dourados desbotavam n'uma tinta roxa. O mar tinha um azul duro, pesado, riscado de espumas. Entre as rochas, na praia, a maresia era violenta, e na linha da barra succediam-se largas ondas monotonas.

Vinha a entrar uma lancha á vela. Havia vento, as ondas tomavam a pequena embarcação pela popa, ella escapava, á bolina, rijamente impellida. Uma onda maior sacode-a: pescadores, mulheres, em terra no largo, ao pé do castello, começam a gritar. Ha alli perto uma barraca de saltimbancos. Dois palhaços, já vestidos, caiados, com guisos, vieram ver.

A lancha corria: ergue-se sobre ella um mar mais forte. — Está livre! não está livre! Santo Deus! Jesus! — A onda, quebrando, tinha-a tomado pela popa, ergueu-a, balançou-a rijamente, e por um momento, viu-se apenas, na espuma, a vella oscillar, como a lenta palpitação d'um passaro que morre.

Na praia as mulheres gritam, de bruços sobre o chão. Os palhaços olhavam pasmados. A sombra da noite começava a bronzear a agua.

A lancha tinha escapado. Correram todos ao caes, vel-a atracar. Vinha cheia d'agua: a vela molhada até meia altura: remos partidos: tinha estado perdida; contava-se isto com grande alarido das mulheres. O patrão, um velho baixo, secco, de cabeça branca e um barrete de pelle de lontra, atirava para fora a corda da rede. Tinham trazido 10 ou 12 pescadas!

Cada pescada podia valer seis vintens! E tinha estado perdida a lancha e era ao anoitecer, longe de soccorro, na agua impiedosa!

Ora sabem qual é o imposto, que sobre este duro trabalho lança o fisco? — 40 réis por pescada. Não é o antigo *dizimo tyrannico* — é o *terço liberal!* — E assim acaba o romance!

Na manhã do penultimo domingo do mez de agosto a redacção das *Farpas* apeava-se na Marinha Grande, no meio da praça da villa, em pleno mercado. Dissemos então comnosco:

— Vejamos a provincia!

. * .

A um e outro lado do caminho em que estavamos estendiam-se pyramides de pucaros e panelas de barro, montes de melancias, cabazes de pecegos e canastras com galinhas, que cacarejavam e leventavam as suas cabeças lustrosas, de reflexos metalicos, por entre as malhas da rede que as cobria.

As pessoas moviam-se lentamente, comendo

figos, em volta d'estas coisas. Os homens eram magros, requeimados do sol, pallidos, com as mucoses desbotadas e os beiços lividos. Tinham o olhar triste e dilatado dos convalescentes. Alguns vestiam gabões, apezar do ardente calor do sol a pino. As mulheres, mais macilentas que os homens e tão tristes como elles, tinham em grande parte lenços pretos na cabeça, o que é nas aldeias o signal do lucto.

Ouvia-se o dobrar de um sino. Estavamos no campo uberrimo de Leiria, onde por entre a frescura das varzeas o phantasma esqualido da febre, como a divindade aquatica do sitio, se espelha na superficie dormente dos pantanos.

Aquella era a população dos moços da lavoira, dos rachadores do pinhal do estado, e dos operarios da fabrica dos vidros.

. · .

As sezões devoram metade d'aquella geração dos servos da gleba da industria e do trabalho.

— Mas o quinino? perguntam os medicos.

O quinino, queridos doutores, custa um preço prohibitivo. É uma droga de luxo, sobre a qual o governo portuguez em sua esclarecida philantropia faz pesar um direito cheio de therapeutica

e de caridade. O quinino pode ser que um dia venha a introduzir-se na população dos campos de Leiria — como joia. Aquellas raparigas anemicas, de mãos descarnadas, de morbido sorriso, de longas pestanas e profundas olheiras, se lhes derdes o quinino usal-o-hão... em arrecadas.

Na falta de quinino ha os remedios caseiros.

O Thomé ferrador, enfermo de maleitas depois de anno e meio, caiu uma noite em um ribeiro, esteve tres horas encharcado, e foi assim que se curou. Em cada dia que elle conta esta pequena historia no adro ou na taberna, quatro ou seis doentes tremem a sua sezão mergulhados n'um pantano, e morrem na semana seguinte.

O Barata moleiro ri-se d'esta brutalidade, e refere que como elle esconjurou as quartãs que o chupavam havia dois annos fôra simplesmente comendo duas duzias de laranjas verdes e bebendo-lhe em cima uma tarraçada de agua. Os que o escutam vão experimentar a receita, e o certo é que ainda nenhum voltou a queixar-se da sua ineficacia!

. * .

Entretanto as pessoas piedosas das grandes cidades, movidas pelos mais augustos sentimen-

tos da religião e da phylantropia, reunem-se em *meetings* ao divino, e expedem ao Santo Vigario de Christo na terra alguns milhares de libras para que não desmaiem nem descorem os esplendores da curia.

Ficam por esse modo compensados os effeitos de uma das maiores calamidades portuguezas. As sinetas das capellas quasi arruinadas do campo de Leiria continuam a tocar a finados, mas os sinos de Braga, quando o padre Radmaker prega ao povo que jejue, repicam mais alto. O que a uns falta em remedios da botica e em pão para a bocca sobra a outros em luminarias a Pio IX e em indulgencias plenarias.

As lagrimas que tu choraste por amor dos homens e que ficaram atravez dos seculos constelladas em teu rosto, ó divino Jesus, não indicam aos que te representam no mundo o caminho dos que padecem como tu, mas allumiam pelo menos os palacios dos que podem dar esmolas para o papa, invocando o teu nome. Gloria pois a Deus nas alturas e ao reverendo padre Radmaker sobre o solo portuguez!

. ˙ .

Estavamos ainda na praça da Marinha Grande

quando por entre os grupos do povo que feirava principiaram a apparecer os vultos caracteristicos dos poderosos da terra, os quaes nas suas respectivas localidades dão as cartas — e os deputados.

Usam gomma nas camisas, chapeu de seda ou de palha de Italia, varinha de marmelleiro, collete de veludo para ir á missa e barrete do mesmo para estar á janella. Passam-lhes as estradas á porta, assignam um jornal de Lisboa, trazem o palito na bocca desde as tres horas da tarde até á noite.

Os poderosos approximavam-se dos humildes, riam-se para elles, abraçavam-os, batiam-lhes no hombro, fallavam-lhes ao ouvido, levavam-os comsigo pela mão. Só faltava darem-lhes uma lista! Parecia dia de eleições, e nós perguntavamos onde estava a urna, quando á janella de um predio que dava para a praça appareceu um homem que fallou ao povo, dizendo-lhe muitas coisas — talvez mesmo que lhe dissesse tudo! Percebemos que se tractava do abbade da freguezia, e que na casa do cidadão que fallava estava submettida á assignatura dos habitantes uma manifestação contra o parocho. Um tanto adiante do predio em que este homem

orava appareceu então uma mesa onde se principiaram a colher assignaturas para segunda manifestação em sentido contrario á primeira. Os senhores de collarinho engommado que circulavam agitadamente por entre o povo conduziam uns ao predio, outros á mesa que estava na rua. Uns levados nos braços assignavam aqui, outros de rastos iam assignar acolá. Muitos perseguidos pelas instancias e pelos empurrões assignavam as duas manifestações contra e a favor do mesmo sujeito. Alguns desprendendo-se dos braços que os seguravam fugiam ao galope das suas egoas. Vimos uns que se evadiam pelos muros dos quintaes.

Penetramos em alguns d'estes grupos, e ouvimos o que se dizia alto e o que se dizia baixo: o que se proclamava e o que se conversava. Maldizia-se sempre. Aquella scena era a prolongação de factos que andavam historiados nos periodicos. As indiscripções das correspondencias e dos communicados, as provocações, as vinditas e as represalias, a que tinha dado origem a publicação do pleito na imprensa, tinham remexido o ultimo lodo da opinião. Tinham-se enxovalhado reciprocamente os extranhos e os proprios, os conhecidos, os amigos e os parentes.

Allusões imperceptiveis aos que liam as correspondencias da Marinha, em Lisboa, palavras apparentemente insignificantes ou insignificativas tinham perante as lentes da localidade garras mordentes e aceradas. Não havia reputação que não escorresse sangue, não havia animo que não trasbordasse fel, não havia despeito que não cuspisse peçonha!

Ó simplicidade meiga dos campos! ó edilio! ó bamburrio! ó ecloga!

Não o devemos occultar! Falla-se — nem letra de mais nem letra de menos — n'uma r-e-v-o-l-u-ç-ã-o!

Aqui damos — como critica philosophica d'esses successos possiveis — as principaes noticias que os jornaes darão um mez depois d'esse facto temeroso. Que cada um commente, aprecie e interprete:

. ˙ .

1.ª especie de revolução.

—19 de fevereiro. — O governo que felizmente nos rege continua caminhando na sua missão de pacificação. A redacção da *Nação* mudou-se para o palacio dos srs. duques de Palmella, ao Calhariz. Foi preso hontem o sr. Oliveira Marreca, decano do partido republicano. — Diz-se que uma representação do clero exige o desterro do sr. Alexandre Herculano. — A emigração tem abrandado n'estes ultimos dias: vae renascendo a confiança. — Falla-se em grandes bailes dados pela corôa. — Mandaram-se fundir á Allemanha tres carrilhões, no valor de 3 milhões cada um, para os Inglezinhos, S. Luiz e Martyres. — Assistiu hontem uma inumeravel multidão á execução do sr. Osorio de Vasconcellos, reformista. S. ex.ª caminhou para o supplicio com grande valor. Debalde tinha pedido para ser fuzilado: quiz fallar mas o rufar dos tambores abafou-lhe a voz. — Tem havido em Braga bastantes illuminações. — Vae ser demolida a estatua de D. Pedro IV. — As auctoridades, pessoal diplomatico, e funccionarios das secretarias foram demittidos em massa. — Falla-se em grandes tributos. — Foi hontem apu-

pado na rua da Alegria, o sr. Vidal, poeta erotico, na occasião em que observava algumas andorinhas!

.·.

2.ª especie de revolução.

— 19 de fevereiro. — O novo governo provisorio deu hontem um esplendido jantar no *hotel central*. — O sr. padre B... foi nomeado patriarcha. S. ex.ª passeou hontem as ruas de *Dogkarr*. — Foi preso o sr. Batalha Reis, antigo conferente do Casino. — O sr. marquez d'Avila e Carlos Bento foram fusilados. SS. ex.ªs estavam extremamente abatidos. — Os membros do novo governo attribuiram-se ordenados annuaes de 12 contos de réis. — O sr. Anthero de Quental — a quem o *comité* da rua da Bitesga, fora offerecer a presidencia, deu pontapés no *comité* — Tem sido suspensos varios jornaes. — Chegou a Paris o sr. D. Luiz de Bragança. — Foi saqueada a casa do sr. José Maria Eugenio. — Teem sido saqueadas igrejas. — Nas provincias do norte é grande a miseria- — Bandos armados dão pilhagem nas provincias do sul. — O governo provisorio lançou fogo aos archivos da policia. — Foram suspensas as *Farpas*. — Foi hontem apupado no Rocio, o sr. Vidal, poeta

erotico, que ia a correr atraz d'uma borboleta!

. ˙ .

3.ª especie de revolução.

— 19 de fevereiro. — Foi publicado o decreto licenceando o exercito. — É organisada uma guarda nacional. — Estão presos e vão responder a um processo todos os principaes vultos dos ultimos annos da politica constitucional: diz-se que serão degradados. Foi demittido todo o pessoal diplomatico. Foi supprimida a camara dos pares. — Diz-se que se vendem algumas das colonias. — Foi decretada a instrucção obrigatoria e gratuita. — Vae ser feita a reforma administrativo-communal. — Decretou-se a liberdade de cultos — Vae-se reformar o imposto — Estão nomeadas commissões para proceder á confecção do cadastro. — Fechou-se a universidade: o ensino superior vae reformar-se n'uma nova base. — Vão crear-se escolas industriaes. — Decretou-se a liberdade de reunião e de coalisão. - Formam-se por toda a parte sociedades cooperativas. — As secretarias vão soffrer grande golpe: o funccionalismo d'esta vez succumbe. — Cada membro do governo provisorio tem annualmente 600$000 réis. — Hontem o sr.

Vidal, poeta erotico, foi apupado na rua do Arco do Bandeira onde estava a contemplar um lyrio.

Leitor amigo, assesta sobre esta pagina o teu microscopio. Estamos no mundo dos infinitesimos, e trazemos-te aqui, na ponta de uma tenaz, um dos seus habitantes. Temos a honra de apresentar-te Ennes — o minusculo. Individualmente considerado Ennes não valeria o tempo que lhe consagramos; como expressão typica da variedade social a que pertence Ennes merece estudo. Eil-o aqui pois, o exemplar dos minusculos! Põe-o entre o teu candieiro e o teu livro, não te fará sombra; deita-o pela chaminé dentro, não te apagará a luz; espeta-lhe o bico da tua penna, não escreverás mais grosso. Seria inoffensivo, desconhecido, imponderavel, incoherci-vel, se tivesse tomado nas correntes subalternas da sociedade qualquer outro rumo que não fosse o da imprensa. Como porém, em vez de fazer fios, deliberou escrever folhetins na *Gazeta do Povo*, sabemos que se chama Ennes, e vimos o

cursivinho agatanhado, esfusiado e torto, que elle deixa de quando em quando no papel branco em que lhe permittem rabear. Na ultima das suas obras diz Ennes que os que discutem com elle teem as manhas d'aquelles toiros que em vez de marrarem na capa repontam para o toireiro, querendo assim dizer, ao que parece, que, pelo modo, alguem lhe tocou no pôdre que elle em sua intrepidez deliberára valorosamente esconder.

Queira declarar onde é que está escorreito. É exactamente de uma fibra valida que se precisa para a pequena operação que se lhe vae fazer... É uma coisa de nada! Póde-se até dizer-lhe já o que é. —Vamos pendural-o.

Não é para lhe fazer mal; é porque é preciso mostral-o. Havemos de mostral-o. Quando perceber que temos acabado, e porventura vir que o esquecemos, não tem mais do que dar um signal para não ficar ás moscas. Se não estiver á vontade, dê parte para o pendurarmos por outro lado para o numero que vem.

. ⁘ .

Sem nenhuns documentos que nos attestem o seu prestimo como cidadão, o seu talento como

litterato, a sua actividade como homem, saído da escola para se sentar na *Gazeta do Povo* com o chapeu entre os joelhos e o queixo sobre o castão do guarda-chuva, á espera que o sr. Melicio lhe aponte da janella o logar que tem de lhe pertencer no horisonte, este exposto do ideal e da arte emprega os seus ocios escarnecendo a Bohemia.

A Bohemia tinha no entanto por divisa: *a arte independente e a vida livre*, e se não conhecia o modo de se governar e dirigir a si mesma, tinha pelo menos, na desordem da pobreza, a doce virtude de saber encantar e consolar os outros. Ennes não sabe nada.

Os bohemios dizia Murger que saiam da miseria e iam para a academia franceza, para o hospital ou para a Morgue. Ennes vem do botequim do Martinho e vae para as repartições do Terreiro do Paço.

Os bohemios não estavam ao serviço de nenhuma facção nem ao soldo de nenhum partido. Ennes faz sentinellas á porta do centro historico.

Os behemios calcavam algumas vezes a engommada tesura britannica do Jockey Club, mas sempre lhe respeitavam a roupa branca. Ennes verbera a Bohemia com esta textual palavra de

uma convicção obscena — *Ella não traz seroulas*. Não traz! Como o sabe elle? Quem lh'o disse? Não foi de certo *Musette* nem *Mimi*, as quaes nem na volta da Courtille teriam com os seus companheiros embriagados indiscripção tão *shocking*. Não foi tambem Nerval nem Gautier, dos quaes não nos consta que Ennes fosse jámais nem lavadeira nem *bonne*. Diga pois como o soube. Em nome da dignidade, do pudor e da roupa suja de Colline, o philosopho, emprasamos Ennes a que se justifique ou se desdiga.

Pobre Ennes! A verdade é que os bohemios — ainda quando porventura lhes escaceasse a roupa branca, ainda quando lhes não sobrasse o talento ou o estudo — tinham na sua alma a abnegação e o desinteresse, tinham a bondade, e em resultado d'essas qualidades de coração e de caracter, tinham a delicadeza, a graça e o mimo; os bohemios alguma vez chamavam-se Nerval ou Beaudelaire. Ennes, apezar de ter todos os botões nos suspensorios, de não beber senão agua, de tomar muitas notas no Curso superior de letras e de meditar muito de noite, no Aterro, nunca tirou do côco duramente martelado um periodo elevado, uma idéa original, uma palavra luminosa, um dito, uma risada ao

menos! E nunca se chamará, elle, senão Ennes — Ènnes que talvez principiasse por se escrever assim: NN — expressão pudica e anonyma com que nos cartazes se designam os figurantes que não fallam nas peças: um guarda, um camponez, um pobre, um moço que traz uma carta. NN, sempre NN — como quem diz inicialmente *Nullo, Nenhum, Ninguem, Nada, Nenhures.*

. · .

Ennes é jornalista ha não se sabe quantos annos... Quem percebeu quando elle principiou! quem dará fé quando elle acabar! Durante essa existencia litteraria que fez em favor da sciencia, da arte, da moral, dos costumes? que principios proclamou? que erros desfez ou mesmo que erros sustentou? Que ridiculos demoliu? Com que almas, com que espiritos, com que caracteres se entendeu? Quem o conhece? quem o viu? quem o leu? quem soube que elle paspasse nunca no mundo?! Schaunard, o bohemio, mero auctor da simples symphonia *Sobre a influencia do azul nas artes,* despresaria Ennes como um pedante importuno, funerario e nullo.

Espigado á tona da lagôa escura da semsaboria e da tristeza, como alforreca á flôr de um

charco mephitico, Ennes vitupera o riso. Para elle não ha senão uma eloquencia—a do arranco; uma nota—a do gemido; uma harmonia—a do ranger dos dentes. O que logicamente elle devera ser era cypreste.

Se ainda houvesse perseguidores, e um d'elles fizesse no *Diario de Noticias* o seguinte annuncio: *Precisa-se de uma victima*—Ennes apresentava-se. A sua vocação é ser martyr a fim de tornar assim execrada uma porção ruim do genero humano—os algozes.

. ˙ .

Porque é elle triste? porque é desconsolado? porque é relamborio? Pelo simples motivo de que não póde ser alegre. Não é alegre quem quer. A primeira condição indispensavel para ter graça é ter razão. Ora para ter razão é preciso achal-a; para isto requer-se a penetração, o criterio, a lucidez do espirito, a rectidão do caracter, a logica da consciencia. Os juizos antecipados, a má vontade, o odio, a inveja esterilisam as fontes d'onde rompe a alegria, afogam a mocidade, estancam a imaginação, tornam a vista baixa, fazem a palavra dura.

Os minusculos são as onze mil virgens do

riso, são os abstemios da graça. D'essa legião sombria, anonyma, indefinida, que esfuma os derradeiros planos de todas as litteraturas, d'esse formigueiro dos minusculos sáem ao olho do sol, como os cogumellos, os choramigas, os vates de cemiterio e os jornalistas de obra grossa. Não surgem nunca as naturezas despreoccupadas e joviaes.

Uma prophecia te fazemos pois, ó minusculo!

É incuravel o vicio escuro da tua organisação, a melancolica empôla do teu cerebro. Por mais que trabalhes, por mais que te esforces, por mais que te guindes e te distendas, tu serás perpetuamente e para todo sempre triste — triste sem nunca chegar a ser tragico, triste de uma tristeza incaracteristica e chata, triste como um trapo no fundo de um saguão, triste como um velho biscoito ao canto de um armario.

. · .

A ignorancia crassa dos minusculos, o seu inteiro desconhecimento das regras mais triviaes da sciencia da linguagem, dá á prosa dos pequenos jornaes que elles enegrecem um ar tão bordalengo de fórma, tão mesquinhamente saloio

de construcção, tão rafadamente sovina de vocabulos, que permitte duvidar se os auctores em sua vida aprenderam mais alguma palavra além das que lhes ensinaram em pequenos as amas vilãs que os amamentaram.

Tomemos ao acaso, para exemplificar, um periodo de Ennes.

« As farpas são ferros acerados em fórma de lança ou colxete para melhor rasgar. »

Como definição esta phrase tem o pequeno defeito seguinte :

As farpas não são ferros; não tem fórma de lança; não tem fórma de colxete; não servem para rasgar.

Vejamos agora a imposição dos vocaculos e a regencia dos termos.

Acerado em fórma de... Pois então, ó Ennes, do modo como se acera depende a fórma da coisa acerada ?! *Acerado* quer simplesmente dizer : que contém aço. *Acerado em fórma de...* é barbarismo.

Em fórma de colxete para melhor rasgar... Ó boçalidade, ó tarellice, ó descôco! Para rasgar melhor — um colxete! Pois o colxete rasga ?!

Vamos! que Ennes responda! ou ficaremos colligindo que elle ignora o que seja *aceração*,

rasgão, ferro, colxete e *lança* — as coisas mais communs e mais triviaes! Notavel e temeroso exemplo de pobreza cerebral! Nunca se viu assim no genero sarrafaçal tão profunda e insondavel expressão de idiotismo e de inanidade!

. ˙ .

Quando emprega palavras francezas em vez de termos vulgares, — liberdade a que elle chama gallicismo (!) Ennes esforça-se por desatremar com afinco ainda mais tonto e mais pertinaz. Fallando dos livros de certo escriptor diz — que sendo elles *bugiarias primorosamente lavradas* — o que tambem é tolice, porque sendo bugiarias não teem preciosidade no lavor, e se o lavor é precioso não são bugiarias — affirma com o mais imbecil dos discernimentos, que o logar de taes livros não é nas estantes mas sim nas *étagères!* Como se *étagère* e estante não fossem exactissimamente a mesma coisa, commum origem latina, identica etymologia, egual significado! o que parece deduzir-se da critica incomprehensivelmente cabalistica de Ennes é que os livros a que elle se refere não podem ser considerados em absoluto como livros, mas sim unica e exclusivamente como — livros!

. * .

Querendo parecer mau homem, Ennes accusa as *Farpas* de plagiarem as *Guêpes*. E propõe-se demonstrar. Para isto leu as *Guêpes* e leu as *Farpas*. E que achou? O seguinte:

1.º Que tendo dito Alphonse Karr que nenhum periodico do seu tempo publicaria a sua doutrina, nós asseguramos que os periodicos da nossa época pensavam exactamente a respeito dos nossos livros o mesmo que a imprensa franceza sentia ácerca dos de Karr.

Segundo o bestunto criticante de Ennes é clarissimo que, tendo Karr exposto um facto com referencia aos periodicos seus contemporaneos, qual era a nossa obrigação para não cairmos em glagiato? Ter a respeito dos jornaes com os quaes concorremos a affirmação de um facto exactamente contrario ao do redactor das *Guêpes*.

Quantos dias diz Karr que tem setembro? — Trinta? — Que havemos nós de dizer a respeito do numero dos dias que tem setembro? Segundo Ennes a nossa obrigação imprerogavel, obvia, indiscutivel, é attestar que o supracitado mez tem cincoenta dias.

2.º e ultimo: Outro sim achou Ennes que, lendo-se nas *Guêpes* que Thiers, presidente do con-

selho de ministros, geriu em certa época todas as pastas do seu gabinete, nós — com um impudor que obrigou Ennes a cobrir o rosto — dissemos que o sr. marquez de Avila geria todas as pastas do ministerio a que preside!

E Ennes, cotejando cuidadosamente os nossos livrinhos com os livrinhos de Karr, nada mais achou de identico entre as nossas palavras e as do escriptor francez! Por Deus! Mas ha muito mais! O sr. Ennes pode mandar vir o copo d'agua porque o prevenimos de que vae cair para traz desmaiado com a escandalisação do nosso cynismo... Não ha porém remedio já agora senão mostrar-lhe toda a nossa hediondez! a verdade, a triste, a dura, a revoltante e iniqua verdade, é que em tudo quanto até hoje temos escripto não ha uma só palavra que algum dos escriptores que nos precederam não tivesse empregado muito antes de nós.

Perdeu os sentidos com esta declaração? Não temos culpa nenhuma d'isso: quiz ouvir, ahi tem! Agora que o sangrem ou que lhe deitem agua fria pela cabeça abaixo! Não temos que dizer senão uma coisa:

Elle assim o quiz.

A honrada camara municipal do Porto quiz dotar a cidade com uma *praça de peixe*. Nada mais hygienico, mais gastronomico, mais justo. De todo o tempo, nas grandes cidades, o peixe teve os seus aposentos definitivos. A vadiagem do peixe pelas ruas — fazendo concorrencia á vadiagem dos filhos familias — é sobre modo insalubre! Mas o que é verdade é que uma *praça de peixe* não é um theatro nem uma casa de banhos — nem mesmo um *chalet*. Tem uma archiectura propria, a sua feição, condições originaes de ar, de luz, de agua, de ventilação... Assim em toda a parte as praças de peixe são em largos, com uma construcção ligeira, aberta, devassada, livre a toda a acção dos ventos, ligeiras columnatas de ferro, sustentando um tecto de pau ou de vidraças, fontes, e o perpetuo escorrer d'agua, arvores — um logar são, fresco, hygienico, livre, desinfectante.

Pois bem! A camara municipal do Porto, com uma nobre sollicitude pelo peixe, para quem parece ser uma extremosa mãe — receando, com um carinho assustado, que o peixe se constipasse, ganhasse catharros ou soffresse a indiscrição dos visinhos, construiu-lhe uma *praça* fechada, altas e fortes paredes, varandas, gabi-

netes interiores, corredores, salas, alcovas, uma casa bem reparada, quasi um carcere. E aquillo é de tal modo tranquillo, aconchegado, confortavel, velado da luz, que a camara hesita se ha de pôr ali peixes se livros — e se fará d'aquillo um mercado ou uma bibliotheca!

Não queremos cravar, n'esta delicada intenção da camara municipal portuense, o lusente farpão da ironia! — mas parece-nos, que com mais alguma despesa a camara daria ao paiz o exemplo de uma grande dedicação pelo peixe! — Era mandar tapetar-lhe a praça, pôr-lhe pianos e sophás; os robalos estariam deitados em leitos de mogno; o polvo teria um tapete para se estender! O comprador seria introduzido pelos creados n'um gabinete estofado. Entregaria o seu bilhete e pediria o «genero». A peixeira conduzil-o-hia a uma alcova, com as janellas cerradas, ergueria os cortinados d'um leito e mostraria, innocentemente adormecidas sobre a molle doçura dos cobertores de damasco — duas pescadinhas marmotas!

O comprador tiraria o seu chapéo commovido.

— Suas ex.as recolheram-se tarde: São 80 réis cada uma!

. ·.

Ah! A camara tem de certo grandes planos! Como estão bem feitas, rasgadas, esbeltas, as largas varandas de ferro da fachada da praça! Alguns malevolos riem do erro. Mas nós sabemos que aquellas varandas na praça do peixe — largas, altas, commodas, tem um destino nobre, e que ninguem — a não ser inspirado pelas injustiças da inveja — poderá reprehender. Aquellas varandas, são para que — aos domingos — o peixe venha tomar café para a janella!

Entre os privilegios que ainda existem em Portugal — e que seria bom que acabassem, uma vez que o paiz, como bem manifestou ainda na ultima questão das ostras, começa evidentemente a odiar todo o privilegio — contam-se em primeira linha os privilegios que a chamada carreira politica permitte áquelles que a seguem.

Para servir taes privilegios a opinião publica obteve meios de dividir uma coisa essencial-

mente indivisivel e una — a probidade — em probidade politica e probidade individual.

Uma vez admittida esta casuistica um tanto immoral, o individuo considera-se irresponsavel perante a sociedade por todas as ignominias, por todas as baixesas, por todas as infamias que commette na politica. É vulgar dizer-se: «Velhaquissimo em politica, mas de resto um perfeito cavalheiro!»

Ora nós não queremos defender o privilegio para a engorda da ostra. Notamos só que a politica assim considerada fica sendo egualmente — uma ostreira de tratantes.

. ˙ .

O homem politico — simples influente eleitoral, mero candidato a deputado — lisongeia, mente, diffama, atraiçôa. Na politica portugueza raros dão um passo que o não conquistem por algum d'estes vicios. Toda a gente o sabe. As eleições fazem-se ou pela compra da consciencia a dinheiro, ou pela promessa, pela lisonja, pelo dolo, pela mentira. Não ha integridade nem limpeza de caracter que resista á influencia degradante e sordidissima de uma campanha eleitoral. Em presença do eleitor, nas conversações,

nos comicios e na imprensa, para *desvanecer attrictos*, para *abater difficuldades*, para *minar resistencias*, o candidato, de concessão em concessão, de recuamento em recuamento, de curva em curva, de cortesia em cortesia, desdiz todas as suas opiniões, desmente todos os seus propositos, falsea todas as suas convicções, renega todas as suas crenças. A campanha eleitoral é uma navegação pestilencial pelo cano de esgoto de todas as immundicies da conveniencia, do egoismo e da ambição. Tal tribuno que hoje bate nos peitos com o punho cerrado, fazendo saltar pelos olhos chispas de valor e deitando pela bocca os mais estrondosos borbotões de independencia, escumas da raiva civica e patriotica — perguntae aos eleitores e aos ministros que o viram passar — foi para esse logar de rojos pela lama, com os joelhos no chão, babando-se em condescendencias asquerosas e em risos nojentos.

. * .

A lucta partidaria o que é? Nenhum partido se distingue dos outros pelas idéas que professa. As idéas são sempre as mesmas — poucas, pequenas, mas identicas. Os partidos teem para as idéas de seus gastos um mealheiro commum ce-

bento de velhice, de economia e de miseria. O que estabelece as distincções, o que assignala as differenças, o que suscita os combates, e o que resolve as victorias, é a intriga.

. · .

Pelo modo pois como a politica se acha constituida em Portugal muitos homens ha que para a exercerem abdicam as severidades rectilineas do caracter. Ainda assim o publico não considera deshonrados esses homens, porque o publico distingue a honra politica da honra individual. Ora isto é que não deveria continuar a ser.

Na America a vida intima dos cidadãos não é defesa ao exame e á critica da imprensa como nas civilisações europeias. Em Washington e New York entende-se que todo o homem publico é responsavel perante a moral e perante a opinião por todos os actos da sua vida. Sendo os costumes uma das fórmas porque o caracter se affirma, a publicidade desvenda os costumes dos cidadãos para que a republica saiba onde estão os caracteres verdadeiramente immaculados. Em Portugal esta acrysolação, aliás perfeitamente democratica, é impossivel pela falta de consis-

tencia dos cadinhos que houvessem de a apurar. Não pediremos por tanto que aos homens que entram na vida publica se peçam contas da sua vida particular. O que porém nos parece inteiramente exequivel é que na vida particular se tome aos cavalheiros uma pequena responsabilidade dos actos da sua vida publica. Assim se nos figura que poderiamos desde já principiar por estabelecer, por exemplo, o seguinte:

Que quando um sr. deputado, em pleno goso da inviolabilidade que a carta lhe garante, tivesse no parlamento gestos incivis, allusões equivocas, palavras indecorosas, desmentidos grosseiros, etc. (vid. *Diario das Camaras*) as familias dessem parte aos seus creados que deixavam de estar em casa para os alludidos sujeitos.

Devemos satisfação a uma parte gravemente conspicua do nosso publico, o qual pede ardentemente ás *Farpas* que lhe propinem uma estranha droga, de que elle se mostra faminto: — o riso.

. ˙ .

Não, publico amigo! O riso não se dá nem se regeita. O riso tem-se ou não se tem. As gargalhadas de uma multidão alegre podem-se apagar com uma simples palavra lugubre. O amarroamento de uma multidão verdadeiramente triste não ha scintillação de palavras que o illumine. Ora Portugal é essencialmente um paiz em modorra. Não escreve, não lê, não conversa, não falla. Para se divirtir, fuma. Fuma, ou dorme. Mas dorme em tal silencio que toda a gente o julga acordado. Ao pé d'este sorumbatico illustre está sentado o sr. Fernandes de los Rios, o qual de quando em quando o aperta contra o coração n'um abraço expressivo e lhe diz batendo-lhe nas costas:

—Coragem, amigo! É um portello que todos havemos de passar. Ninguem cá fica. Aquelle que Deus tem era effectivamente grande, e irreparavel é a sua falta. Altos decretos da Providencia!... Chore, amigo! Chore, que o choro suffocado produz a apostema no sangue! Chore, que eu tambem choro!.. Coitadinho d'elle!.. Tão joven, tão tenro, tão menino, tão vivedor!! Ai! — dize — porque tão cedo nos fugiste, ó Vasco da Gama?!...

O governo em sua paternal sollicitude pelo desconsolo do paiz propõe que se faça a Vasco da Gama — um segundo enterro.

A Academia Real das Sciencias vem á sua janella adornada de crepes funerarios, e diz ao paiz:

— Cidadãos! a patria chora, e mister se faz que vós choreis com a patria! Aconsoantae a desconsolada chochice do vosso pranto. Elle morreu. — Agora as nenias! Real! real! real! por el-rei de Portugal!

. ˙ .

No meio d'isto, ó portuguezes, pretendeis vós que se batam as palmas, que uma porta se abra, que entrem as *Farpas*, e que vos façam rir!

Isto é o mesmo que se um defuncto se sentasse de repente no caixão e nos pedisse que o fizessemos viver. Cruzes, feitiço! Some-te, coisa má! Some-te onde não tolhas as creaturas!

Ah! tu queres rir? Vae-te para os que te fizeram chorar, que são esses os que a nós nos fazem rir. A ti, ó patria, subiu-te á tristeza o que bebeste nas fontes do comico. Queres rir? contempla o estado da força publica. Queres rir?

Lê os compendios da instrucção primaria e da instrucção superior. Queres rir? Chega á janella e vê a nossa marinha. Queres rir? Deita o oculo para as colonias? Queres rir? abre o herario. Queres rir? lê a pauta das alfandegas. Queres rir? passeia nas nossas estradas.

Visita as escolas, visita os lyceus, as cadeias, os hospitaes, as confrarias, as irmandades, o Gremio e a camara dos deputados. E tu, que nunca riste, de nenhum modo que fosse, rirás de todas as maneiras. Rirás assim:

—Ah! ah! ah!

E mais assim:

—Oh! oh! oh!

Rirás tambem por esta fórma:

—Uh! uh! uh!

E até—ó pechincha!—poderá ser que rias d'esta maneira:

—Ih! ih! ih!

. ˙ .

As Farpas riem. Riem-se ellas que são umas pobres creaturas diligentes, trabalhadoras, desambiciosas, retiradas a um canto do mundo, na sua officina de pequenos artefactos curiosos, mordentes e cortantes—com uma galeria de grotescos sublimes de chiste pendurados pelas

paredes, um vaso com flores no telhado, e um livre raio de sol pela janella dentro.

Riem *As Farpas* — o que não quer absolutamente dizer que ellas se achem por esse motivo constituidas na obrigação de fazer rir os outros.

Se *As Farpas* tivessem o condão magico de fazerem rir o paiz, assim como ellas mesmas riem, *As Farpas* não quereriam talvez a responsabilidade de tornar effectivo o prestimo do seu talisman.

O riso tem uma força tão poderosamente explosiva como a polvora. Se o paiz a uma hora dada se risse de quanto ha n'elle — ôco, assoprado, barrigudo, comico, ridiculo, grotesco, desformado, caricato, torto, narigudo — a maior parte das instituições portuguezas saltariam em estillas n'essa hora, desmoronadas e expellidas do solo pela força omnipotente da hilaridade publica.

.·.

Não! *As Farpas* não fazem rir o povo. Ainda bem! Se ellas tivessem esse perigoso prestigio, que não ambicionam, poderiam talvez converter-se n'uma coisa, que os seus auctores não desejariam que ellas fossem: as *petroleiras da gargalhada*.

As pessoas que intendem na direcção dos melhoramentos municipaes e dos edificios publicos teem no dominio da arte uma só preocupação, mas esta muito vehemente e profunda. E vem a ser : pintar ou não pintar a cantaria.

A architectura, a arte civil por excellencia, aquella que, entre todas, mais directamente contribue para a felicidade dos povos, a que os governos sempre vigiam como um dos mais vivos interesses nacionaes, é em todo o Portugal, mesmo em Lisboa, a negação mais flagrante de todos os principios da arte e do gosto.

O architecto lisbonense tem a respeito do edificio entregue aos dictames da sua intelligencia uma idéa fixa, inabalavel, birrenta : pôr-lhe no alto, por cima das janellas, encobrindo o telhado, um triangulo de pedra. Um edificio é um pretexto para um triangulo. Collocado o triangulo, o artista analysa-o n'uma local que faz inserir nos periodicos, e repousa na immortalidade emquanto lhe não chega a encommenda de um triangulo novo.

Nos edificios sumptuosos mandados construir pelas pessoas mais notoriamente abastadas o architecto por um exforço violento da imaginação salpica o muro que deita para a rua com alguns

dos ornatos interiores das casas. É isto que dá em resultado vermos na frontaria de alguns predios lisbonenses umas cavidades circulares dentro das quaes, — sem que ninguem tenha podido descobrir por que principio artistico, — se collocou uma esculptura.

As pessoas que por parte do estado ou das administrações locaes dirigem as obras publicas ou as obras municipaes, essas velam as suas noites meditando as obras immortaes de Callicrates, de Miguel Angelo, de Barrozzio, de Paulo Wren e de Delorme, e amanhecem um dia com uma idéa: Levantam-se então os madeiramentos, engrenam-se as traves, lançam-se os andaimes, trepam os operarios, — e caia-se de azul um campanario.

O concelho limitrophe vendo tal e sentindo-se ferido por uma nobre emulação, exclama:

— Ah! elles pintam de azul o campanario? Esperem lá. Chame-se o mestre d'obras. Andaimes á torre. Pinte d'ocre.

Assim se foi indo de concelho em concelho até que um dia a critica gritou:

— Ó senhores! olhem que essa cantaria não se esteve a lavrar, a rendilhar e a polir para que

os srs. lhe despejem em cima as drogarias das suas localidades.

Algumas parochias e concelhos ruraes não ouviram esta advertencia da critica. A camara municipal de Lisboa, porém, sentiu que esta observação lhe entrava no seio, e legislou d'esta arte :

— Em nome da opinião illustrada, justamente offendida com o reprehensivel abuso que a cantaria está fazendo do ocre e do vermelhão, raspe-se toda a cantaria dos monumentos da capital. E seja d'ora ávante defeso todo o contacto do monumento com droga que largue tinta.

— Mas, notou-se, a unica pedra pintada que existe em Lisboa é a das ombreiras das portas.

— Raspem-se as ombreiras!

— Succede porém que as ombreiras não são absolutamente consideradas como primores de arte que a pintura macule, antes vemos que em todas as cidades do mundo esta parte das edificações se encobre de algum modo, succedendo, por exemplo, que no boulevard de Paris ninguem vê um palmo de ombreira.

— Que importa! a opinião illustrada pede um despique. Basta de ocre! Este municipio precisa em sua honra de raspar alguma coisa. Raspe-se

a ombreira. Se o habitante retorquir, raspe-se o habitante!

E assim foi que a velha cantaria esbotenada das portas lisbonenses, desafivelou a mascara envernisada que a cobria para sorrir, com um sorriso cariado e podre, aos estudiosos que fazem o seu curso de architectura civil perante as portas das camisarias e das tendas.

Acontece agora que na Batalha, onde estivemos ha oito dias, se tracta de raspar egualmente os ornatos pintados da primeira capella lateral. Ora se virmos assim brilhantemente dilatados os effeitos da postura da camara lisbonense, das ombreiras das portas da rua dos Bacalhoeiros aos lavores manoelinos do primeiro monumento de Portugal, então é que nós diremos que as artes renascem, e que a posteridade terá talvez de pôr um dia ao lado do seculo de Leão x o seculo do sr. Antonio Ayres!

EXPEDIENTE

Aos seus assignantes pede a empresa das *Farpas* desculpa da involuntaria demora que houve na publicação do presente numero. Deram causa a esta irregularidade os trabalhos da reimpressão do primeiro volume, que foi indispensavel acumular com a publicação d'este.

Os subsequentes numeros das *Farpas* apparecerão successiva e regularmente segundo a ordem estabelecida durante o primeiro trimestre d'esta publicação.

Com o ultimo numero do primeiro anno da sua assignatura os srs. subscriptores receberão gratuitamente um volume, no formato dos d'esta revista, original e inedito, do sr. Ramalho Ortigão ou do sr. Eça de Queiroz.

AS FARPAS

CHRONICA DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

Um volume de 80 a 100 paginas por mez. Preço 200 réis.

Assigna-se em Lisboa : em casa do sr. Antonio Maria Pereira, na rua Augusta ; e no Porto : em casa dos srs. Martins & Peres, na rua de Santo Antonio.

Á venda em Lisboa : nas livrarias Pereira, na rua Augusta ; Silva, no Rocio ; Rodrigues e Afra, rua do Ouro ; e na tabacaria Neves, no Rocio. No Porto : na livraria Moré ; e em casa dos srs. Martins & Peres, na rua de Santo Antonio.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.
MACEDO

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

Setembro de 1871

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES IMPRESSOR DA CASA REAL,
Rua dos Calafates, 110

1871

SUMMARIO

Rebello da Silva. O talento. O coveiro e a patria. Grande cidadão e pequena cidade. Perfil á penna de José Estevão. — A nobreza e os mendigos. Conta corrente. — Maneira de interessar o viajante, matando-o. — Pinheiro Chagas. A sua estreia politica. O deputado e o escriptor publico. A theoria da eloquencia. O nosso desdem a Demosthenes. Elle e Madame de Sevigné. — O *Centro Promotor* e o amor dos golpes de estado. O que diriam as *Farpas* se estivessem na mesa do sr. ministro. Deverá o *Centro Promotor* recitar Lamartine? As revoluções e as mobilias. O terror vermelho para os capachos do Centro. — Aquella que habitou as Tulherias. Camisas brancas e homicidios. Um dito de Julio Vallès. A mesma lei para as malas de uma imperatriz e para a chapelleira de um critico. — Sua alteza o principe Humberto no Café de Madrid. O Martinho e a etiqueta. De que não é polido devorar certos principes. — Um parenthese triste. *Julio Diniz*. As paizagens. A belleza da morte. — A consciencia dos Açores. O talento expontaneo e o talento por contracto. Que o sr. Senna Freitas não pode em sua honra ser inferior a Michelet. O genio e o recrutamento. — Surpresa ao saber-se que ainda existe a India. Uma caricatura militar. *Mouros, canarins, banianos e gentios. Mestiços, castiços e descendentes*. A revolta em nome da rupia. O *babadé*, philosophia das insurreições. Guarda muni-

cipal, *poquelós e fringuis*. (Se estiveres na India fala indio!) A aguardente salva a India. Situação triumphante de um alferes revoltado. Os desembargadores que matam indios por descuido! Mapuçá. Diante do regimento revoltado o coronel toma café. Bruno de Magalhães. A Inglaterra? Nunca. Um registro para a revolta das colonias. A India a vôo de coruja. Glorias passadas e rosas murchas. O que o tempo presente tem que dizer a D. João de Castro. — A engenheria na India. A gruta de Macau, a sabearia e a lyra do sr. Thomaz Ribeiro — A espada de sua alteza. O patriotismo de el-rei e o valor do senhor infante. Fallas do governador da India. A integridade do territorio e o poço novo do hospital de Goa. — A escola medico-cirurgica na India. Como se viaja na India Portugueza. Caso muito triste de um juiz que jornadeava em cesto. O corpo docente da escola medica. — Dá-se a Ennes uma entrevista, e descobre-se que o homem tem a bicha. — Birras e manias. E do mais que o summario não diz para não matar surprezas.

Vimos de acompanhar um enterro ao cemiterio dos Prazeres. Um coche da casa real rodeado de archeiros com toxas levava o corpo. Setenta e tantas carroagens conduzindo cerca de cem pessoas formavam o prestito. Ao pé do cemiterio passou-se em frente dos regimentos que formavam em alas fazendo as honras funebres ao morto. Alguns curiosos passeavam, escutavam a musica ou analysavam os uniformes. Á beira da campa aberta uma voz eloquente despediu-se, em nome da amisade, d'aquelle que ia ser sepultado. Os regimentos deram as descargas do estylo. De-

pois as musicas tocaram um passo dobrado. A multidão accendeu os seus charutos. Os padres deitaram as sobrepelizes pela cabeça, arregaçaram as batinas e debandaram saltando com os seus grossos sapatos por cima da murta. Um vento quasi tempestuoso agitava as nuvens pardacentas agglomeradas no céo e fazia ramalhar e ranger os cyprestes. O coveiro e o seu ajudante passaram uma corda pelas azas do esquife e desceram-n'o á sepultura. Dentro d'esse caixão, entre quatro pranchas de pinho forradas de veludo com debruns dourados, ficava, prematuramente morto no vigor dos annos, inerte, frio e immovel como um marmore; com o sangue congelado nas veias, com os olhos cerrados, com os braços crusados no peito, com os labios para todo sempre mudos, Luiz Augusto Rebello da Silva, o talento de mais variadas aptidões que tinha Portugal, a mais vasta e operosa intelligencia, a penna mais delicada, mais leve e mais facil da imprensa, a voz mais eloquente da tribuna portugueza.

Repousa em paz, querido amigo, insubstituivel mestre, a quem nós devemos tantas palavras de consolação em dias de desalento, tantas animações e conselhos no trabalho e na lucta, tão

scintillante alegria em horas felizes de recordações e de esperanças!

A tua alma, essencialmente sympathica, era — como a de muitos escriptores peninsulares — d'aquellas que, segundo a expressão de Byron, oscillam sempre como um pendulo entre o riso e as lagrimas. Não tinhas a serena melancholia dos poetas que morrem velhos, como Milton, Gœthe e Lamartine.

Desconhecias os pacificos processos de recolhimento que governam a inspiração como um apparelho mechanico. A tua tendencia invencivel era a expansibilidade. O teu destino era encantar perpetuamente aquelles a quem chegava o lampejo da tua penna, o murmurio da tua palavra, a doçura do teu olhar. O teu espirito estava assim em constante laboração, em perenne productibilidade perante o publico que te esperava e perante aquelles com quem particularmente vivias.

Fallando, escrevendo, escutando, pertencias sempre aos que te cercavam. As liberalidades insinuantes e magneticas da tua convivencia, dissipador sublime, envolviam e penetravam a todos. Entre os que te rodeavam não havia espirito que se não tivesse accrescentado com al-

guma parte da força que tu dispendias e prodigalisavas. Os que vivem como tu teem constantemente as suas faculdades n'aquelle estado de excitação fatigante que acompanha as creações do talento. Para traçar um simples folhetim, para commentar uma ligeira noticia, para sustentar uma hora de conversação — se pretendemos realisar um determinado intuito artistico — empregamos sobre a nossa intelligencia um esforço tão violento como o que seria preciso para conceber um livro. Por essa rasão duram pouco os homens de tal constituição intellectual. A sua scintillação, a sua alegria, a sua veia inexgotavel, a sua dominação, o seu prestigio, o seu encanto são o resultado de um profundo trabalho interior, inconsciente, expontaneo e fatal. Estes homens apparecem no mundo cheios de vida, ardentes, impetuosos como cavallos de batalha. Não sabem como se descansa. Devora-os a impaciencia da carreira, não se aquietam nunca, estuga-os o estridor das armas, allucina-os a lucta, o combate e o perigo, partem com um fogo que nunca esmorece, galgam os despenhadeiros, salvam os abysmos, bebem o espaço. De repente a espuma do freio remordido de impaciencia e de vigor, tinge-se de sangue, e o corsel generoso

e fiel abate-se de golpe, e morre fulminado por uma fadiga, que ninguem presentiu e que ninguem premiou.

Foi assim que tu viveste e que tu expiraste.

Ensina-se, administra-se, governa-se, ora-se, escreve-se, falla-se, dispende-se uma prodigiosa e incalculavel quantidade de vida, em que se não repara, n'essas multiplicadas relações da existencia tumultuosa de um grande espirito. Os clarões da gloria que o illuminam saem da forja accesa, onde está batendo um malho, de dia e de noite, inflexivel e constante como a pulsação do helice n'uma navegação a vapor. Em poucos annos precisa-se de um pouco de frio, de um pouco de silencio e de um pouco de sombra, — e morre-se.

. · .

A face mais caracteristica e mais popular de Rebello da Silva é a que elle nos offerece como orador parlamentar.

Sempre que se trata da eloquencia portugueza é uso citar-se José Estevão.

José Estevão tinha em grau inexcedivel todas as qualidades plasticas do tribuno: a physionomia aquilinamente energica, o olhar penetrante, a estatura musculosa, o peito largo, a voz de

um timbre que ficava no ouvido e nunca mais se esquecia — mascula, clara, metalica, dando as inflexões mais variadas e mais precisas, — grave, concentrada e convicta ou explosiva, retumbante, dominativa no meio de todos os tumultos, como o som de um clarim na confusão de um acampamento; — o gesto largo adquadissimo á palavra, cheio de expressão e de grandesa, terrivel nas conjuncturas supremas, como a garra de uma fera. Sobre isto tinha o periodo largo, um tanto hispanhol, mas bem cortado e quasi sempre correcto.

No entanto a palavra de José Estevão, desencorporada das circumstancias prestigiosas em que a falla do orador a envolvia, descora singularmente e desmaia de um modo que mal permittirá á posteridade medir com justiça pelos discursos escriptos do grande orador a legitima fama que elle teve entre os seus contemporaneos.

Rebello da Silva como artista da palavra tinha apenas com o seu emulo uma unica affinidade: Plutarco diria d'elles, como de Cicero e Demosthenes, que os reunia o amor da patria e o desejo de a servir por meio da liberdade.

Na declamação ha porém um estylo peculiar de cada um que falla, assim como na escripta

ha um estylo especial para cada um que escreve.

A supremacia do estylo no escriptor consiste em dar inteiramente á sua phrase todos os effeitos com que poderia realçal-a o gesto, a voz e o olhar de um orador perfeito.

Por pouco que se conheça a arte de escrever nada mais exequivel do que trasladar perfeitamente pela escripta o processo por que nos commoveu um actor. Um escriptor pode ser tragico *exactamente* como Ristori, ou comico *exactamente* como Levassor, empregando identicos processos e conseguindo eguaes resultados. O estylo colloca-se como um homem que falla: cruza os braços, encara-nos, fita-nos, brada-nos, fulmina-nos, possue um gesto, uma voz, uma inflexão, uma linha de attitude, uma expressão de rosto.

Rebello da Silva tinha no seu estylo parlamentar o gesto, a voz, a inflexão, a linha, o contorno de José Estevão.

Assim, se quizermos hoje ter uma idéa do que experimentaram os que ouviram o discurso de José Estevão na questão *Charles et George*, o melhor meio que temos é lêr o discurso que por essa occasião proferiu Rebello da Silva. E isto não é um phenomeno de accaso, é a consequen-

cia de uma verdade que está demonstrada na arte. Taine, o eminente critico, quando procura comprehender o gosto e o talento de um artista, a razão porque elle preferiu tal typo, tal colorido, tal representação de sentimentos, indaga-o no estado geral dos costumes e do espirito publico na epoca em que elle viveu, fundando-se em que o artista pensa na mesma ordem geral das idéas dos seus leitores, dos seus espectadores e dos seus ouvintes. Ora na prosa parlamentar de Rebello da Silva — verdadeira manifestação de arte — espelha-se a influencia viva da presença do grande orador popular, que representava no parlamento o mais arrojado elemento democratico do seu tempo, e os dispersos lineamentos d'esse perfil tribunicio, apagados nas proprias obras de José Estevão, reconhecem-se fixados no estylo cristalino de Rebello, assim como nas aguas de um lago se retrata a imagem que lhe fica sobranceira.

José Estevão conhecia o coração humano e tinha o condão instinctivo de o reduzir e fulminar com a sua presença. Rebello da Silva conhecia a natureza, e possuia a arte suprema de perpetuar aquelle dominio transitorio com um rasgo de penna sobre uma pagina branca.

.·.

Na administração publica, no governo, na litteratura, no professorado e na imprensa, Rebello da Silva deixa no seu paiz rastros de tanta luz como aquella que ha de assignalar para sempre o seu logar na tribuna. Levanta e sustenta no parlamento todas as grandes e nobres questões em que podia ter a palavra o patriotismo, a liberdade e a honra; funda o museu colonial, cujas incalculaveis vantagens para o commercio com as possessões ultramarinas a ignorancia, o despego e o desdem deixarão ainda por muito tempo despercebidas; decreta a lei das colonias penaes, que seria o eterno brazão do paiz que a cumprisse; gladia-se na imprensa com os mais famosos campeões; succede ao visconde de Santarem na redacção dos tomos do *Corpo Diplomatico* e do quadro elementar das nossas relações politicas; dota o paiz com varios volumes da historia patria; eleva o ensino superior, pela sua erudicção e pelo prestigio da sua palavra, a uma altura em que elle nunca tinha estado; redige os periodicos *A Carta* e *A Imprensa;* collabora em quasi todos os periodicos de Lisboa; escreve *Rausso por Homisio*, *Odio velho não cansa*, *Uma corrida de toiros em Salvaterra*, *A*

mocidade de D. João V, Os fastos da igreja, Poetas da Arcadia, Tratado de agricultura; trata os assumptos mais diversos e oppostos, como romancista, como professor, como erudicto, como historiador, como antiquario, como agronomo, como critico, como philosopho, como theologo, como jornalista!

.˙.

Dize-nos, ó patria miseranda mais digna de piedade que de desdem, — quem mais do que este homem te serviu e te amou? Quem melhor do que elle comprehendeu que é mais legitima modestia não fallar de si do que fallar de si modestamente? Quem menos se apregoou e se impôz ás dignidades e ás honras? Homem de letras, quem mais do que elle teve a maxima virtude de que principalmente depende a prosperidade, a paz e o progresso dos estados — o amor da sua profissão? Sem titulos postiçamente nobiliarios, sem propositos de engrandecimento que lhe não viesse dos recursos da sua penna ou da sua palavra, quem mais claro exemplo nos deu do typo completo de um digno e honrado cidadão?

Sabes agora, ó patria, qual é a differença caracteristica que te distingue de todos os paizes

do mundo, e que vivamente te retrata na tua indifferença, no teu egoismo e na tua inepcia? É que se um homem, que deixasse de si um nome como o de Rebello da Silva, morresse em Madrid, em Paris, em Londres, em Florença, em Berlim ou em Bruxellas, lá, vinte mil homens a pé, levando no coração o lucto nacional, o teriam acompanhado á derradeira morada.

Tu mandaste um coche da casa real!

Prospera em tua grandeza, ó patria! Ao teu filho morto seja-lhe leve a terra, que o não merecia!

O acontecimento elegante d'este mez foi uma toirada em Cintra, dada pela mocidade fidalga em beneficio dos pobres d'aquella villa O gado era bravo e os lidadores destemidos. Assistiu el-rei e a côrte.

Esteve tambem o principe Humberto, expressivo typo de homem em cujo olhar se revela a combinação internacional do mysterio italiano e do *spleen* inglez. Sua alteza tinha a expressão sympathica, posto que talvez demasiado á moda,

de quem se não considera o homem mais feliz do mundo. Dizia-se com louvor que o herdeiro da corôa italiana detestava todas as ostentações principescas, — o que veiu a confirmar-se mais tarde quando se soube que sua alteza real gratificara cada um dos remadores da galeota que o conduziu a bordo do seu navio com a somma de 190 réis, mostrando assim não querer que o tenham por mais do que um pobre cidadão dotado de todas as virtudes de um cidadão pobre. Honra lhe seja!

Alguns dias depois da festa os periodicos publicaram os resultados financeiros d'ella em uma conta concebida pouco mais ou menos nos seguintes termos:

Conta da nobresa com os mendigos de Cintra

Producto do espectaculo.........	1:082$440
Despeza feita..................	945$980
Deve a nobresa aos mendigos....	136$460

Alguns periodicos, ao mencionarem este saldo, exclamaram:

— Apenas!

Não nos parece que em tal caso tenha essa palavra da imprensa um perfeito cabimento. Supponhamos nós que a concorrencia dos espectadores tinha sido de ametade do que foi: a conta variaria logo da maneira seguinte:

Conta dos mendigos de Cintra com a nobresa

Producto do espectaculo.........	541$220
Despeza feita..................	945$980
Devem os mendigos á nobresa....	404$760

Ora só n'este caso é que os periodicos se deveriam permittir a liberdade de principiar a dizer:

Apenas!

Jornadear nos caminhos de ferro portuguezes de norte e leste é — a todos os respeitos — uma aventura cheia de commoções. Andando, ha para interessar — a probabilidade do descarrilamento; no *bufete* das estações ha para sensação mais

pungente — o envenenamento a 500 réis por cabeça.

Esta hesitação adoravel, entre o tombo e a colica, — mantem o espirito do viajante n'um estado nervoso de palpitação e interesse: é como quando se joga n'uma ultima volta de roleta a ultima placa de uma herança! é mais interessante ainda que ler *Os tres Mosqueteiros!* dá mais tremores de perigo possivel que uma ascenção ao *Monte branco!* é como estar para ser fusilado! É irritante de sensação! é acre! é incisivo! excita os nervos, apaixona! A intenção da companhia é evidente! As *sleeper* podres, os *rail-way* gastos e desaparafusados, os tunneis mal seguros, as pontes rachadas, os aterros que tendem a desabar, os desaterros que tendem a esboroar-se, as machinas cançadas, o serviço desleixado, as refeições envenenadas, tudo, tudo, até as demoras, as irregularidades, os atrazos, a confusão — tudo converge para o mesmo legitimo fim — commover o viajante, dar-lhe sensações, interessal-o!

Parece-nos pois que alguns conselhos á companhia não podem deixar de ser por ella recebidos — não diremos de braços, — mas de *rails* abertos.

Assim, por exemplo, seria de todo o ponto dramatico e commovente espalhar pela estrada destacamentos de bandidos, que espingardeassem o comboyo!

Outro sim, metter em cada carruagem um lobo esfomeado parece-nos um meio efficaz de impedir que o viajante tenha occasião de se aborrecer. E emfim — o que se nos afigura sobre modo pathetico e proprio para levar a uma alta vibração o interesse — ter a companhia em cada estação empregados, que, ao parar do comboio, se aproximassem do viajante, e delicadamente, com todo o respeito — lhe cravassem uma navalha na ilharga! E a viagem ficaria d'este modo na memoria do viajante com indeleveis encantos!

Em Portugal um litterato do qual se propale que estuda fica por esse facto desacreditado perante a critica e perante o conceito publico. Tem-se em Lisboa a respeito do trabalho intellectual a estranha opinião de que só trabalha

quem não tem talento. E d'aqui chegam ás vezes a deduzir que tem talento todo aquelle de quem se prova que não trabalha.

Assim as solidas e incontestaveis reputações de capacidade de espirito fazem-se nos botequins.

A immortalidade — do Loreto ao Rocio — repousa entre as dez horas e a meia noite n'um banho de cerveja da pipa.

A fonte da sciencia na Baixa é o pote do Martinho.

Os moços do café Central, se lhes pedirdes uma celebridade litteraria, virão chamal-a á rua como se chama um trem.

No Gremio suppõe-se que não sabem ler nem escrever os sujeitos que não passam ali a noite, a fumar, até ás duas horas.

Ainda havemos de ver individuos attestarem os seus merecimentos litterarios por esta forma: «Fulano de tal, bacharel formado em direito e freguez da Aurea!»

Appareça um temerario que se atreva a suspeitar de talento alguem que passe as noites em casa,

Oh! — responde-lhe logo o côro da opinião — é um bruto de estudo, é um quadrupede de trabalho, é um carnivoro de leitura!

Segundo esta convicção essencialmente nacional, a ociosidade é a mãe do genio. O Chiado, supremo aferidor da legitimidade dos nossos direitos perante a fama, só nos entregará de boamente aos braços da gloria depois de se encher de rasão para affirmar do eleito: « Ahi vae um de quem não consta que abrisse livro. »

. ·. .

Um dos escriptores que o publico mais violentamente deprimia com as illações d'este criterio era o sr. Pinheiro Chagas.

Este litterato procedia realmente de um modo verdadeiramente irritante para a consideração do publico! Como orador principiou por fallar em uma serie de conferencias organisadas pelo sr. Andrade Ferreira: discurso estudado!

Fallou depois na sociedade Primeiro de Dezembro: discurso estudado!

Fallou mais tarde no Gremio: discurso estudado!

O publico, que principiara por escutal-o com a mais benevola curiosidade, de desillusão em desillusão veiu finalmente a despresal-o: elle estudava sempre!

Deputado na presente legislatura, chamado a

intervir com a sua palavra na direcção dos negocios publicos, n'esse momento solemne de trocar a toga pretexta pela toga viril, o joven orador resolveu reconciliar-se com a patria que o elegera propugnador dos seus foros, e proferindo o seu primeiro discurso politico no dia 6 do actual mez de setembro, o sr. Pinheiro Chagas, representante do povo, provou brilhantemente que era tão capaz como qualquer outro de ignorar da maneira mais profundamente patriotica o objecto de que se tractava.

A patria reconhecida jubilou ao sentir palpitar em seu regaço o coração d'esse filho ingrato que por algum tempo se homisiara na reflexão e no recolhimento. Elle finalmente não estudava!

O illustre deputado tinha inimigos na camara; os seus precedentes justificavam honrosamente a desconfiança e a animadversão. O discurso a que alludimos foi um repique de pacificação universal. O orador foi cumprimentado affectuosa e sinceramente pelos srs. deputados de todos os partidos.

N'esses abraços e n'esses apertos de mão a camara cumprimentava-se a si mesma: — tinha mais um cumplice.

.˙.

A rasão porque o sr. Pinheiro Chagas confundiu o poder judicial e o poder executivo, a rasão porque não discriminou o socialismo do communismo, a rasão porque misturou a lei de reunião com o regulamento dos theatros, a rasão porque affirmou que o socialismo supprimia a familia, a rasão finalmente porque fez do seu discurso uma especie de paizagem d'aquellas regiões dithyrambicas de que falla Flaubert, as quaes teem á esquerda um miranete tartaro, á direita uma ruina romana e ao fundo uma capellinha, — a rasão porque tudo isto se fez está no assumpto que se escolheu pora objecto d'esse quadro.

Sem analysarmos pois este discurso, exporemos apenas a moção que lhe serve de alicerce:

«A camara entende que as circumstancias especiaes, em que se achava a Europa, justificam o procedimento do governo em relação ás conferencias democraticas.»

Ora a camara effectivamente entendia isto. O sr. Martens Ferrão tambem o entendia. Entendiam-o egualmente os mais illustrados e respeitaveis magistrados, porque a magistratura é um poder eminentemente conservador que entende

perfeitamente tudo quanto não seja accrescentar a minima innovação ás coisas que ella estivera na vespera á noite a inventariar, commodamente embrulhada n'um cobertor de papa. O sr. Pinheiro Chagas, escriptor liberal, democrata illustrado, com todas as convicções e todas as virtudes do homem moderno, é que não podia entender, nem fingir que entendia tal.

A portaria que mandou fechar as conferencias democraticas não foi só uma flagrante violação da lei applicavel áquelle caso, foi tambem um attentado claro e terminante contra a liberdade da palavra sem a qual é nulla a liberdade do pensamento.

Ora attentados contra a liberdade — e contra a liberdade no mais augusto dos seus foros — não ha circumstancia nenhuma que os justifique.

Sociedade em que o mais inviolavel direito do homem, que é discutir o seu destino superior, encontra uma condicional, uma atenuante ou uma restrictiva da parte do poder, é sociedade entregue ao despotismo.

Se a circumstancia *a* justifica hoje a suppressão da palavra, porque é que a circumstancia *b* não ha de justificar amanhã a suppressão da vida? Se hoje entendeis que para uma hypo-

these de segurança publica é justificado o sacrificio minimo, porque não justificareis amanhã o sacrificio maximo? Segundo a vossa theoria uma hypothese justifica, e ninguem vos pode impedir de accumulardes hypotheses. Com uma, condemnaes-me ao silencio; com dez, com cem ou com mil, podereis condemnar-me á prisão, ao degredo ou á forca. E sereis apenas coherentes e logicos.

Com respeito á suppressão das conferencias democraticas ou a qualquer outra suppressão da liberdade, a questão não pode versar senão sobre este ponto: se *perigou* ou se não *perigou* a segurança publica.

O *poder perigar* não se discute: é um argumento prohibido, que tem sido o escudo de todos os despotas, de todos os tyrannos e de todos os oppressores.

As cartas «de cachet» nunca se expediram em França sem violentas protestações dos parlamentos em favor da liberdade: os reis justificaram-se sempre com a *segurança publica*.

A inquisição nunca queimou ninguem pelo simples prazer de fazer bifes humanos: o seu intuito era manter a *segurança publica*.

A expulsão dos judeus em Portugal e a car-

nificina dos huguenotes em França foram exigencias da *segurança publica*.

Todos os actos de oppressão monstruosa que nos espantam e nos aterram foram recebidos em seu tempo com os regosijos que sempre inspiraram os justificados sacrificios á *segurança publica*.

O successo da Saint-Barthelemy foi celebrado em Portugal com repiques e luminarias, e na igreja de S. Domingos, onde houve *Te-Deum*, o padre frei Luiz de Granada prégou um sermão de parabens á *religião* e á *segurança publica*.

Assim é que a segurança publica encobriu sempre a violação do direito.

O sr. Pinheiro Chagas sabe todas estas coisas tão bem como nós, ou antes muito melhor do que nós. É um espirito esclarecido e recto. A contradicção que assignalamos entre o seu brilhante passado como escriptor publico e o seu primeiro discurso como deputado manifesta apenas o deploravel caso da influição perniciosa da politica portugueza nas intelligencias mais elevadas e mais dignas.

. ˙ .

Vimos o sr. Pinheiro Chagas fallar no Gre-

mio a respeito da litteratura dramatica com a escolha de termos e com a compostura de gestos do mais correcto e grave parlamentar. Vemol-o na camara fallar das conferencias com a desenvoltura e o desmancho de um frequentador do Gremio. Tanto é verdade que em toda a parte se pode talvez hoje ser parlamentar, menos no parlamento!

Não somos dos beatos da palavra, dos gulosos de figuras e de tropos, que dão á eloquencia — no sentido vulgar d'esta palavra — uma adoração que ella não merece. Consideramos Longino e Quintiliano como uns pobres instructores de pedantes, pelos quaes professamos um respeito extremamente commedido.

Nas sociedades modernas a utilidade pratica dos rhetoricos vae-se tornando cada vez mais restricta, e é natural que dentro em pouco nos seja absolutamente impossivel atural-os, se elles se não derem ao trabalho de se acompanharem a si mesmos — ao piano.

Um homem que actualmente fallasse como Demosthenes seria tão profundamente ridiculo e insupportavel como uma senhora que nos dirigisse cartas como as de madame de Sevigné.

Ha porém uma coisa tão intoleravel como a

affectação oratoria, impropria das tendencias e dos destinos d'este seculo, é o desaceio ostentosamente ordinario, é a atrevida sem-cerimonia e a reles frescata da moderna tribuna portugueza.

Nunca se viu coisa mais corriqueira e mais esbandalhada do que essa pobre tribuna que esbeiça e se esborôa em solecismos! Os discursos são um rebate de estafados palavrões grotescos e de banalidades descompostas de pensamento e de grammatica, indigestas e insipidas, proferidas de ordinario com um bambaleio de inflexões e de maneiras plebeias, por meio do qual se convencionou simular as naturalidades de uma improvisação truanesca. As poucas excepções que existem confirmam salientemente a generalidade d'esta regra.

Este phenomeno indica uma deploravel depressão no nivel geral da educação e da arte.

Se os homens novos, com o talento do sr. Pinheiro Chagas, se deixarem levar por esta corrente do palavrorio relaxado, o parlamento portuguez cairá em breve n'uma prostração que não poderá deixar de lhe ser fatal. O plebeismo da palavra torna rasteira a opinião. A baixeza indecorosa do stylo é um peso que desloca in-

sensivelmente o pensamento da sua dignidade e da sua elevação. Uma camara que falla mal é impossivel que proceda bem. Se ella tivesse concepções elevadas e rectas, a sua linguagem seria indispensavelmente commedida, clara e grave.

Esta clareza e esta gravidade, que constituem as principaes condições da linguagem parlamentar, não são o producto de um artificio rhetorico, são o resultado impreterivel da compenetração dos interesses superiores da justiça, da dignidade e da honra.

Phocion, passeando junto da tribuna atheniense, e sendo-lhe perguntado se estudava o que devia accrescentar na sua harenga, respondeu com uma palavra, que é o mais bello preceito da eloquencia tribunicia: « Penso no que devo cortar no meu discurso para me tornar digno de ser escutado por um povo livre. »

Na tribuna moderna o homem cuja voz deixou clarões tão intensos que parecem disgregados das immortaes irradiações da Biblia, foi Abrahão Lincoln, o libertador dos escravos. E comtudo elle não era um sabio nem um erudicto, e muito menos um rhetorico; era simplesmente um espirito profundamente democratico

e um coração elevadissimo inteiramente dedicado á humanidade.

Nós não pedimos que venham Demosthenes ao parlamento portuguez: não cremos que elles sirvam para muito, nem que d'elles proceda grande bem. O que desejariamos para credito e recobro da tribuna desmantelada seria simplesmente que em cada uma das cadeiras de S. Bento se sentasse um homem digno e um cidadão honesto inteiramente devotado á justiça.

Emquanto isto não succeder, as nossas *Farpas* continuarão a cair sobre essa assembléa, d'onde em nossa consciencia entendemos que desappareceu a decencia.

Se o exemplo dado pelo sr. Pinheiro Chagas não acompanhar as recriminações verberadas por nós, restar-nos-ha lamentar que elle deixe devoluto na camara o logar que lhe pertencia para occupar um outro, que o sr. Arrobas poderá talvez invejar-lhe.

Um dia o *Centro promotor das classes laboriosas* sentiu o impeto todo moderno e nervoso

de sair de uma obscuridade antiga e de uma modestia tradicional. Appeteceu as palpitações do perigo, a popularidade do *telegramma*, a prosa descriptiva do sr. Melicio, correspondente.

Fallou, perorou, e esperou. O seu desejo, o seu capricho, o seu *filé*, era attrair-se um *golpe de estado*. E depois as bellas attitudes do protesto, e a impressão que ainda fazem os martyres em Villa Nova de Cerveira e em Mogofores!

Por esse tempo o sr. ministro do reino teve a despreoccupada imprudencia de chamar á secretaria o vice-presidente do Centro, e amigavelmente, tomando talvez ambos o seu rapé, sentados, trocaram alguns periodos. O sr. ministro pedia que o Centro não continuasse em discussões, que nem estavam na permissão dos estatutos nem na dignidade da corporação. O sr. vice-presidente do centro tremia, torcia-se de jubilo: tinha-o ali inteiro, perfeito, real, presente, o acontecimento appetecido, o facto invocado, — o estremecido, o amado *golpe de estado!* Tinha-o! Correu, precipitou-se na sala do centro e bradou, como se se tratasse de um codilho:

— Meus senhores! levamol-o!

— O golpe de estado? interrogou o centro, avido, esgaseando os olhos.

— O golpe de estado.

E então, tomando subitamente o aspecto de solemnidade, grave, o centro deliberou. E, para fazer alguma coisa como a destruição da Bastilha ou a demolição da columna, — porque emfim é necessario conservar a tradição jacobina — o centro subiu a um banco com um martello, despregou um retrato da parede da sala, sacudiu-o do pó, pôl-o ao canto de um armario, e serenado por esta decapitação moral, sacudiu as mãos, limpou os beiços, e de pé — jurou qualquer coisa!

. ˙ .

Nós não sabemos, e ainda não se averiguou nitidamente esta verdade — que especie de discussões agitavam o ar abafado da sala do centro. As opiniões dividem-se. Uns dizem que ali, a horas lobregas, se fallava da *internacional* e das suas pompas, e se discutia a sanguinolenta questão do salario! Querem outros porém affirmar, com mais seguro criterio, que as discussões do centro eram de ordem politica e intrigante e que se analysavam, se esmiuçavam ministerios, cama-

ras, reformistas e reforminhos, eleições, influencias, partidos, e outras especies torpes.

. ˙ .

Estas duas informações alteram, parece-nos, completamente o indefinido perfil da questão.

Se o Centro Promotor discutia nas suas reuniões a politica que intriga e que grunhe em S. Bento, então a advertencia do sr. ministro adquire uma alta feição de sensatez e de dignidade; — e não só está na legalidade, — por que fez cumprir um estatuto, mas na inteira justiça — por que affastou os que trabalham da penumbra dos que enredam. E se o pequeno volume das FARPAS, estivesse, sobre alguma mesa visinha, diria com a voz indistincta que ás vezes sae da alma das coisas:

— O sr. ministro tem razão, amigos operarios do Centro. O dever da vossa associação não é discutir combinações ministeriaes ou personalidades estereis. Vós, operarios, que importa ao vosso bem estar, ás boas cores de vossos filhos e á substancia de vosso caldo que a farda publica esteja nas costas amplas do sr. Avila ou nas magras costellas do sr. Braamcamp? Quereis dar á politica a vossa collabora-

ção? Vós? Tão desmoralisados estaes que queiraes abandonar a vossa grande dignidade de trabalhadores, para virdes curvar-vos na estreita humilhação de politicos? Vós os productores por excellencia — por que só trabalhaes — que tendes de commum com os improductivos por excellencia, — por que só intrigam? Quereis trocar a altiva fadiga do trabalho pela ociosidade mendicante da politica? Quereis trocar o ar livre das vossas officinas pelo ar abafado das secretarias? Não é outro o vosso dever, outro o destino do vosso pensamento? Não tendes tão altas questões de salarios, de trabalho, de producto, de escola, de instrumentos, de officinas? Ellas erguem-se, as questões sociaes, as vossas, de todos os pontos do horisonte, correndo, correndo á desfilada sobre o velho mundo que apodrece! Voltae ás vossas idéas, voltae ás vossas officinas, voltae ás vossas casas, voltae; deixae o sr. Arrobas ser um politico, ó riso! e o sr. Vaz Preto um homem de estado, ó graça!

Ahi está o que diriam as *Farpas*, ellas que, sendo de ferro, não podem ter as condescendencias de um junco!

. · .

Ah! mas se por ventura o Centro Promotor

tratava apenas nas suas sessões a questão social e operaria, — o salario, o trabalho, a associação, a coalisão, a *greve* — então, bom Deus, a advertencia do sr. ministro enche-nos de perturbação.

Porque parece que se não deve estranhar que uma associação creada para promover o bem das classes laboriosas — trate as questões de salario e de trabalho, que mais vivamente interessem as ditas classes laboriosas.

Aqui á puridade, entre *gentlemen*, confessemos que seria para complicadas admirações — que, operarios reunidos, em logar de fallar do seu salario, discutissem a melhor maneira de servir o *champagne*. E qualquer de nós ficaria pallido de surpresa se visse, no Centro, um operario, para tratar dos seus interesses de operario — levantar-se e dizer:

— Pedi a palavra sobre a questão social: a minha opinião é esta:

> La donna é mobile
> Qual piumma al viento, etc.

. .

De certo que seria muito interessante e pro-

veitoso que o centro promotor se occupasse em averiguar e experimentar o meio mais proficuo de pernear o *can-can*, — porque convem que cada um saiba a maneira de se portar no meio das sociedades cultas! Mas tambem nos parece que não seria inteiramente inutil, que, — visto acharem-se ali reunidos — depois de terem dado uma parte da noite ás questões serias — como por exemplo a maneira mais meiga de interpetrar o *final* da *Lucia* — dessem uns minutos, como por demais, por prazer, para repousar o espirito, á futil e folgasã questão do salario!

Que — entenda-se — as *Farpas* não querem de modo algum dizer que as associações operarias sejam para discutir as questões operarias; não. O operario nas suas reuniões deve exercitar-se em recitar Lamartine: isto está estabelecido na pratica de todas as nações e nos principios de toda a economia...

Mas uma vez não são vezes, — deve-se consentir — ainda que com moderação — que, de vez em quando, e sem que isso perturbe os interesses de ordem litteraria, lyrica, elegante e romantica, que lhes estão confiados, — os operarios, coitados, se entretenham a arranjar o melhor meio de não morrerem inteiramente de fome!

. · .

Ora o centro julgou-se tyrannisado, e protestou. Como? Fazendo um arranjo na sua sala. O retrato do sr. A. R. Sampaio estava na parede: agora o retrato do sr. A. R. Sampaio está no armario. Oh grandes homens do centro! Vós quizestes ter uma fina intenção moral; mas o que fizestes foi uma alteração na mobilia! Estaes desmascarados! Vós querieis significar por esse facto que ereis os homens da justiça austera, e todo o mundo vê que sois simplesmente os admiradores das paredes lisas! Dizei cá: A advertencia do sr. Sampaio, ministro, foi ou não oppressiva do vosso direito? Não? Então que homens sois vós que gratuitamente, caprichosamente, daes a desauctorisação a quem vos deu a associação? Foi oppressiva? Então que homens sois vós que por todo o desafogo da vossa dignidade desattendida, do vosso direito violado, do vosso pensamento reprimido — não tendes nem mais acção, nem mais iniciativa do que a de um criado tonto, que desarruma os velhos moveis de seu amo! A vossa justiça indigna-se — despregando pregos! Isto leva-nos a acreditar que o vosso caracter se affirma — jogando o pião! Creançolas! pequerruchos!

grandes homens do centro! diabretes! traquinas!

. · .

Ah! a vossa maneira de protestar é commoda para os homens, mas é terrivel para a mobilia!

O centro é colerico, altivo, nervoso, independente. Mas cohibe-se, e já que não póde abalar as instituições, desarruma as cadeiras!

— Está suspensa esta sessão do centro, pode dizer o governo.

— Está? grita o centro — volte-se a mesa de pernas para o ar!

— O centro está dissolvido.

— Está? Rasguem-se as bambinellas.

E serão terriveis! Que culpa tendes vós, — mesa suja de tinta, bambinellas de cassa, portadas empenadas da janella, fechaduras, paredes de papel francez? A agitação do mundo tudo sacode. Instituições! chapelleiras! privilegios! lavatorios! Tudo oscilla!

Ai! se o centro se resolvesse um dia a conspirar devéras! — tremei, tremei, tremei, ó capachos da entrada!

Os jornaes d'este mez travaram, com uma cortezia irritada, uma questão singular. Accusava-se este facto: a sr.ª D. Eugenia de Monstijo, condessa de Teba, ex-imperatriz dos francezes (por um crime de seu marido) atravessára Lisboa para ir ver a Hispanha — os antigos paraizos da sua antiquissima mocidade; e o governo expedira á alfandega uma portaria galante — para que não fossem revistadas as bagagens de s. ex.ª A isto respondiam outras gazetas negando a portaria, — e ao contrario lembrando outra pela qual são isentadas das indiscripções ficaes as bagagens em transito; e affirmavam que os bahus ex-imperiaes, com um desdem censuravel pelas glorias de Lisboa, tinham passado rapidamente, sem curiosidade da alfandega para a estação de Santa Apolonia! Os periodicos accusadores, porém, declaravam que conheciam de antiga data, a portaria de excepção para as bagagens em transito — mas que tal não era o caso da branca e altiva inquilina das *Tulherias*. Por este tempo porém a India penetrou nos artigos serios, e a questão das malas perdeu-se na esbatida penumbra das locaes folgasãs. Nunca se averiguou se Madame Bonaparte tinha sido privilegiada delicadamente com uma portaria,

quasi amorosa — ou se aproveitara as disposições de uma portaria qualquer.

. ˙ .

Se o privilegio se deu — attenda-se bem — o privilegio não nos escandalisa: ah! e todavia temos visto bastantes vezes, estendidas nos balcões da alfandega, n'uma desordem impiedosa — toda a população obscura — que habita as nossas malas! Mas como todo o privilegio presuppõe um alto merito, nós queremos indagar qual é o da sr.ª condessa de Teba: procuraremos alcançal-o para nós mesmos e para todos os nossos concidadãos — pondo assim a nossa roupa branca ao abrigo das instituições!

Ora da sr.ª D. Eugenia de Montijo achamos — que ella é casada com o assassino de 2 de dezembro, com o deportador para Cayenna e para Lambessa, com o destruidor da riqueza da França, com o comedor das substituições militares, com o *farceur*, que sacode a cinza do seu cigarrinho historico sobre o peito dilacerado da patria, com o corso idiota de mecha grisalha e chata sobre uma testa livida; — o que denota de resto da parte da sr.ª condessa uma certa cumplicidade moral... Oh! sim, meus senhores, bem sabe-

mos: é uma infeliz e é uma dama etc. etc. Tregoa ás phrases! sejamos impassiveis como a historia, e vamos direitos aos factos como uma bala despedida. A pobre Catharina de Medicis era tambem uma infeliz e era tambem uma dama! Lucrecia Borgia gosava tambem estas qualidades fransinas. M.^{me} de Brinvilliers, feroz devota, não se julgava tambem feliz, e não era um homem!

A sr.ª condessa de Teba não era decerto tão especialmente nociva como estas tres especies — mas no seu tempo deportava-se para Cayenna, para Lambessa, para a ilha do Fogo, homens cujo unico crime era terem servido o republica de 48, que Luiz Bonaparte tinha tambem servido! E esses homens eram mandados aos milhares no porão dos navios, esfomeados, vergastados, cobertos de *vermine*, trabalhar nos presidios! E as familias ficavam dispersas, os filhos na penumbra da miseria ou na casa de correcção, as viuvas solitarias, extinguiam-se em lagrimas obscuras, e a sr.ª condessa de Teba, mulher, esposa e mãe, dançava nas salas das Tulherias, ao esvoaçar dos *tulles* e aos compassos de Strauss! Se essa devota Bênoiton, leitora simultanea dos manuscriptos eroticos de Merimée e

dos impetos mysticos de M.me Swetchine, crê em Deus, nunca terá bastante vida para consumir em bastante penitencia!

Taes são os meritos que encontramos na sr.a D. Eugenia Montijo. Se foi a elles que s. ex.a deveu a delicada vantagem de lhe não serem revistadas as suas bagagens, nada temos que estranhar; — sómente pedimos que se declare explicitamente por uma portaria:

Que alguns crimes commettidos no estrangeiro, isentam a bagagem de revista, quando se entra no reino!

Porque então estamos todos prevenidos, e não custa nada, quando se entra a barra, mattar dois ou tres grumetes. Com este documento, o sujeito tem a alta vantagem de lhe não ser amarrotado o engommado das suas camisas. Vale bem a pena: o individuo antes de desembarcar, aproxima-se de um marinheiro ou de outro passageiro e diz-lhe:

— O sr. tenha paciencia, mas eu não queria que na alfandega me desarranjassem a minha roupa branca, e então ha de dar licença que eu lhe crave esta navalha no figado!

É simples como *bons dias!*

E não havendo esta precaução, é triste real-

mente que um homem, que não tenha a vantagem de ter fusillado o seu similhante no boulevard ou de o ter mandado morrer de febres para Cayenna, chegue á alfandega, e por falta de tres ou quatro crimes, veja o pudor das suas piugas exposto á indiscripção publica!

.˙.

Ah! nós comprehendemos bem a delicadesa do governo, para com a antiga e captivante caçadora dos bosques murmurosos de Compiègne! O governo quiz consolal-a do throno perdido, e por isso deixou-lhe a mala intacta: e como já não tinha nada que respeitar na idéa napoleonica quiz ao menos respeitar-lhe os roupões!

.˙.

Era a 21 ou 22 de março, nos fins da communa. Paris ardia. Millière tinha sido fusilado, gritando: *Viva a humanidade!* Vermorel commandava o fogo das barricadas, com uma chibata na mão, dizendo, simplesmente: *vamos á morte, cidadãos!* Delescluse, cujos cabellos tinham acabado de embranquecer em tres dias, organisava a catastrophe na 21.ª *mairie*. Ali perto, Brunet tinha-se batido entre as suas duas

filhas, e de pé tinham commungado a morte. Os ultimos membros da communa iam deixar o Hotel de Ville: ficava apenas Pindy e outro para lhe lançarem o fogo, nos transes da defeza: então depois de se abraçarem, Jules Vallès, que ia morrer nas barricadas, voltando-se para Pindy, um rapaz, carpinteiro, disse uma palavra prophetica, quasi biblica — a ultima d'aquelle *phraseador* heroico.

— Pindy, toma a tua plaina, e aplaina-me o velho mundo!

. ˙ .

Não pediremos o mesmo ao governo; seria faltar ao respeito ao governo e ao velho mundo: dir-lhe-hemos apenas:

— Governo, aplaina essa velha alfandega!

Sim! que não haja chapelleiras priveligiadas, nem sacos de noite plebeus: que haja o bahu egalitario, egualmente aberto ou egualmente fechado. Que nem reis, nem ex-imperatrizes, nem secretarios de embaixadas, gosem o alto favor, de lhe não ser violada a castidade das suas chinellas!

Que não haja uma lei para as minhas sobrecasacas, e outra para a roupa suja de Eugenia!

. ˙ .

Se porém, — o que se não averiguou nas discussões dos jornaes, — a sr.ª condessa de Teba, não foi priveligiada, então só nos resta desejar a sua ex.ª uma boa viagem, ao governo uma boa maioria, e a todos a benção de Deus. *Diximus.*

Os jornaes de Madrid contaram que S. A. R. o principe Humberto todas as noites, em Madrid, ia tomar a sua *glace* a um café, onde geralmente se reunem os italianos. Esta familiaridade inteiramente contemporanea da *Internacional* encheu de um jubilo espumante a imprensa monarchica e o dono do estabelecimento. Em Lisboa lia-se isto — e esperava-se o principe Humberto, se não como um principe, ao menos — como um consumidor! S. A. porém chegou, esteve, partiu, de vagarinho, em bicos de pés, para não despertar ninguem, e se tomou café não teve a idéa de o tomar no *Martinho!* S. A. R., não foi ao *Martinho!* tanto é que a etiqueta cohibe os instinctos mais naturaes!

A população ficou desconfiada, suspensa: não sabia se a abstenção de S. A. significava economia, se desdem: no primeiro caso quereria propôl-o deputado reformista por Vouzella ou Palhares, ficando assim definitivamente accommodada na peninsula 'a casa de Saboya; — no segundo quereria simplesmente voltar-lhe umas costas democraticas — ficando assim exuberantemente vingado o café do Martinho.

Calmae-vos, portuguezes, e escutae-nos! A abstenção de S. A. a respeito do café e de outros ineffaveis encantos da Baixa, — só significa timidez. Tantos thronos abalroados rudemente, tantos reis errantes, tantos palacios onde o musgo nasce, teem tornado a especie timorata. Um rei, um principe, não se affouta assim pelo meio das populações, com a despreoccupação de um homem que entra na *Deusa dos Mares*: elles passam de largo, cozidos com a parede, *tic-tic*, com passinho miudo, colhendo a respiração, olho no povo, olho na porta, esbatidos, constrangendo a tosse — como quem passa por um cão de fila, que dorme, ao pé de um muro de quinta, largamente envolto no sol.

O principe Humberto teve estas precauções delicadas: chegou de devagarinho, esteve quieto,

partiu em bicos de pés. E ahi está, portuguezes, porque S. A. não foi bater com a ponteira da sua bengala no marmore de uma mesa do Martinho — pedindo o seu café!

Que S. A. R. se tranquillisasse, porém! Nós vamos no nosso trigesimo primeiro rei, e ainda não devorámos nenhum : não aproveitavamos a occasião de experimentar o dente n'um principe viajante. Tinhamos em nossa honra entregal-o, escorreito e são ao unico paiz legitimamente auctorisado a devoral-o — o bello paiz de Italia, *Italia mater*. Tragar um principe alheio seria indelicadeza e esquecimento das boas relações internacionaes. Os nossos compendios de civilidade, alteza, ensinam-nos que se não mette a mão no prato do visinho! Sabemos, alteza, que quando nos mostram um pecego não é da etiqueta ferrar-lhe o dente, e quando nos mandam um principe não é polido engulil-o de um bocado! Podia V. A. passar tranquillo no meio da população : podia V. A. mesmo ter sido mais affavel com os cavalheiros da tourada de Cintra, para quem, dizem os despeitados, V. A. não teve senão escassos charutos *regalia* atirados com mão enfastiada. E creia V. A. que não seria estransinhado. Portugal sabe respeitar o

principe — do seu proximo. Ser-nos-hia mais facil, instados pela gula revolucionacia, tomar o mesmo sr. Milicio, ás colheres — o mesmo sr. Vaz Preto, ás fatias! Mas cravar dente guloso n'um principe alheio! Nunca! Nunca! Se tal fizesseis, o sr. João Felix, lente de civilidade, jámais vol-o perdoaria, ó lusos!

Treguas por um instante n'esta aspera fuzilaria ironica! Esta pagina é um parenthese tranquillo e meigo, onde pomos a lembrança de Julio Diniz. Que as pessoas delicadas se lembrem d'elle, e se recolham um momento: recordal-o é aprender a amal-o: e nós, ainda não sabemos recordal-o bastante. Tanto é o nosso mal, que este espirito excellente não ficou popular: a nossa memoria, fugitiva como a agua, só retem aquelles que vivem ruidosamente, com um relevo forte: Julio Diniz viveu de leve, escreveu de leve, morreu de leve!

Um só momento seu, um romance, — fez palpitar fortemente as curiosidades sympathicas:

foram *As Pupillas do Sr. Reitor* : aquelle livro fresco, idyllico, todo cortado de largos fundos de paisagem, habitado por creações delicadas, vivas, originaes — surprehendeu. Era um livro real. Apparecia no meio de uma litteratura artificial, difficultosamente feita, rhetorica, — com uma simplicidade verdadeira, como uma paisagem de Claudio Loreno entre grandes telas mythologicas e emphathicas. Ia-se ali respirar!

Julio Diniz amava a realidade : é a feição viril, digna, valiosa do seu espirito. Copiava finamente, com um cuidado de miniaturista, as suas figuras ternas ou joviaes, e os planos esbatidos das suas paisagens.

O seu espirito porém nunca se desprendeu de uma certa contemplação sentimental, idealista : não se atrevia a pôr, nas paginas gentis, os severos, os crus aspectos da realidade : de modo que, copiava de longe, com receio, retocando os contornos duros, dando o pallido desbotado do sentimento sobre as côres fortes e salientes. As suas aldeias são verdadeiras mas são poeticas : parece que elle as vê e as desenha, quando a nevoa outomnal idealisa, azula, esfuma as perspectivas. Parece que nunca um sol sincero e largo lhe descobriu a forte realidade : todavia elle es-

tuda-a, elle persegue-a, elle ama-a : sómente quando a desenha é com a penna toda molhada no ideal.

Além d'isso os seus livros são paginas de memorias ; elle faz a aquarella suave das paisagens em que viveu ; personalisa em creações finamente tocadas, os sentimentos com que palpitou ; d'ahi a realidade que os seus livros teem ; sómente recordava-se, não fazia obras de arte ; fixava as suas lembranças, não dramatisava as suas idéas ; depois parece que não fôra feliz e que ao compassar dos soluços é que o coração lhe aprendera a bater : d'ahi pois, aquellas meias tintas veladas, em que se move com um rumor brando o povo romantico dos seus livros.

Era sobretudo um paisagista : as figuras estavam ali para dar expressão, vitalidade á paisagem : os seus campos de searas, os montes, as claras aguas, os ceos profundos, não são nos seus livros uma decoração á vida fortemente sentida : as suas mulheres romanescas, os seus galans violentos e ternos, as meigas figuras de velhos, até as suas caricaturas — é que foram collocadas assim para povoar, dar echo sonoro, movimento, calor, á paisagem e fazer destacar e recuar os fundos murmorosos das aldeias.

Ha nos seus livros tal descampado, tal eira branca batida do sol, tal parreira onde os gatos se espreguiçam, que tem mais drama, mais idéa, mais acção que o romance das figuras vivas.

Depois das *Pupillas do Sr. Reitor* os livros de *J. Diniz* passaram de leve, entre as attenções transviadas. Terão o seu dia de justiça e de amor: como aquellas aldeias que elle mesmo desenha, escondidas no fundo dos valles sob o ramalhar dos castanheiros; os seus livros serão procurados como logares repousados, de largos ares — onde os nervos se equilibram e se pacifica a paixão.

Foi simples, foi intelligente, foi puro. Trabalhou, creou, morreu : mais feliz que nós, tem o seu destino affirmado e para elle resolveu-se a *questão*. A terra transformadora tem o seu corpo extincto ; e o seu espirito, vive, ensina, cria ainda, é immortal na memoria dos homens : *suum cuique* — a cada um o que é seu ! A morte assim não tem terrores : comprehende-se e ama-se : ella de resto só assusta aquelles que não tendo collocado a sua alma na alma dos outros, — morrem com o seu corpo.

Emquanto elle habita, vivo, pura essencia, no

fundo suave dos seus livros, nós que amamos o seu espirito, continuamos este rude caminho, nas palpitações da luta, vivendo a rude vida d'estes tempos. Ai! muitas vezes pousariamos a penna, porque os tempos são desconsolados; mas a Justiça, Beatriz immortal, ou pelo menos uma figura luminosa que nos parece tal, retempera-nos e dá-nos a mão.

Vamos, vamos! fechemos este parenthese repousado e sereno: já do outro lado vemos innumeraveis, como abelhas vingadoras, as ironias aladas, leves, que com um rumor impaciente zumbem no ar tranquillo!

« A historia é a consciencia escripta da humanidade », disse um homem, hoje velho, com o cerebro tremulo, mas que teve, quando luctava, o segredo das palavras que ficam.

Nós podemos dizer, comesinhamente, que a historia dos Açores é a consciencia escripta dos Açores.

Ora succede que entre o passado governo do

S. M. e o sr. Senna Freitas se trocou este contrato:

O paiz daria ao sr. Senna Freitas 600$000 réis por anno, bom metal: por outro lado o sr. Senna Freitas encarregar-se-hia de pôr em letra redonda, boa orthographia, prosodia sã, pontuação certa, a dita consciencia dos Açores.

Mal este contrato foi assignado, estalou sobre toda a linha de artigos de fundo uma argumentação indignada: accusava-se o sr. ministro, escarnecia-se o contrato, estranhava-se o historiador, condemnava-se a historia, e os mais rudemente batidos eram os 600$000 réis!

Como se diria na Biblia: o escandalo veiu pelos phariseus!

. ˙ .

Pois bem, para este acto, nós só temos benção, flôres, lenços brancos a acenar. Achamos isto um facto de progresso, de elevação civilisadora. Glorificamol-o: a plebe irreflectida póde ladrar em vão.

Ouvi cá, homens de estreita fé: se o sr. Senna Freitas se tivesse decidido espontaneamente, gratuitamente, a escrever a historia dos Açores, que garantias dava elle de fazer um trabalho poderoso, critico, de alta significação? Que ga-

rantia dava de fazer mesmo um livro minucioso, instruido, cheio de factos, um livro — digâmos — benedictino? O sr. Freitas dava apenas a garantia do seu espirito. Mas ai! o espirito obscurece-se, o espirito dormita, o espirito distrahe-se, o espirito annula-se!

Ouvi mais: se o sr. Senna Freitas tivesse sido encarregado por este decreto:

« Manda el-rei que o sr. Senna Freitas seja um grande historiador... »

... que garantias dava o sr. Senna Freitas de que havia de crear uma obra original e profunda? O sr. Freitas dava só a garantia da sua obediencia ao seu rei. Mas — ai! ai! — a obediencia pode relaxar-se, pode fazer concessões, pode extinguir-se, e depois os reis omnipotentes ainda o são talvez nos artigos de fundo, mas quem sabe se o são já na consciencia dos homens!

E agora respondei: preso por um contrato, ligado por uma escriptura, não dá o sr. Senna Freitas a garantia suprema, a garantia da sua honra? Obrigou-se por um contrato a ser um grande historiador, e tem a sua dignidade empenhada em ser — um historiador grande!

Podia s. ex.ª, por exemplo, ser um espirito li-

geiro, podia não ter outra aptidão senão escrever sonoros folhetins, podia não ter critica, nem methodo, não conhecer a sciencia historica, não ter uma idéa do que é a philosophia da historia, não ter elevação de pensamento, não ter estudos especiaes, não ter segurança de juizo, não ter stylo, não ter grammatica — embora! Estamos descançados: s. ex.ª será um grande historiador. S. ex.ª obrigou-se por um contrato a ser um historiador notavel: s. ex.ª é um homem honrado: s. ex.ª será um historiador elevado. Acreditamos em s. ex.ª Conhecemol-o. Se s. ex.ª tivesse contratado com o sr. Avila que seria a 600$000 réis por anno um poeta maior que Victor Hugo, s. ex.ª, temos a inteira certesa, trabalharia, luctaria, consultaria o sr. Vidal, mas seria um poeta maior que Victor Hugo. Se s. ex.ª tivesse contratado ser um candieiro do Rocio, s. ex.ª cumpriria com valor o seu contrato, e seria um nobre candieiro do Rocio!

. · .

Podera! Sua ex.ª contractou! A fé juridica não admitte conciliações. Sim, sempre quereriamos ver agora, que s. ex.ª se atrevesse a não ser um grande historiador! Sempre quereriamos

ver, que s. ex.ª ousasse não ser um historiador sublime!

Em Portugal ha tribunaes! Seguiremos o trabalho de sua ex.ª, pagina por pagina, e quando sua ex.ª não fôr admiravel, como critica, como sciencia, como fórma — requereremos á Boa Hora:

— Que em virtude do contracto de tantos de tal, seja o sr. Senna Freitas citado, para no praso de vinte e quatro horas, — ser sublime a paginas tantas da sua obra sobre os Açores!

É assim! O contracto não foi escripto e registrado para que os Açores tenham um historiador mediocre: os Açores estão saciados dos desdens do continente: se os Açores percebessem que se lhes tinha escripturado um historiador vulgar, içavam definitivamente o pavilhão constellado da America do Norte.

Que o sr. Senna Freitas se lembre d'esta responsabilidade. Sua ex.ª é um rapaz intelligente, espirituoso, delicado: mas não basta, tem de ser um grande homem! Contratou para isso, tem de o ser! Cara alegre e espirito desafogado! É para ali!

Ah! queria talvez ganhar 600$000 réis e não ter o trabalho de ser um sublime historiador co-

mo Michelet! Ha de sel-o! Jã não lhe é permittida a obscuridade, nem a mediocridade! Queira ou não, tem forçosamente de ser um genio! Nem uma só vez lhe é permittido o doce desafogo de não ter grammatica! Ha de ser maior que Guizot, arrange as coisas como quizer! E se recuar, se se eximir, se hesitar, a Boa Hora lá está — que, de contracto em punho, e as contas do processo erguidas, o obrigará á força — a ser um homem immortal!

. ˙ .

Em Portugal só assim se podem alcançar grandes homens! É obrigal-os por um contracto. Ah! se o governo tivesse contractado com o sr. Biester que elle seria, a tanto por mez — um dramathurgo maior que Shakspeare, — não teria o paiz a vergonha de confessar que o sr. Biester é um dramaturgo inferior a Guilbert de Pixerecourt! Se o governo tivesse contractado com o sr. Arrobas, o ser elle um homem de estado como Pitt — não passava a patria pelo vexame de ver que o sr. Arrobas é, como politico, ainda inferior a Sancho Pansa, rei de Barataria! Que significa n'um paiz culto abandonar os homens á sua iniciativa? Que intento é este de deixar a cada um a liberdade de ser mediocre? O por-

tuguez só poderá ser intelligente, obrigado por um contracto! só poderá ter genio amarrado de pés e mãos!

Que o talento seja imposto como o serviço militar. Recrutem-se soldados para caçadores 5, mas recrutem-se tambem genios para Villa Nova de Gaia! Porque não temos um poeta epico? Que faz o governo? Quer desleixar a epopéa, como desleixa a fazenda? A patria precisa de grandes homens — imponham-se penas severissimas a quem não fôr grande homem!

É forçoso confessal-o! o paiz está embrutecido: e a culpa vem dos poderes publicos. Todo o cidadão valido deve ao seu paiz a decima — e um soneto! Que seja obrigado cada um que tenha de mostrar documentos, a apresentar além da *resalva* e da *folha corrida* — um artiguinho de almanach! Haja o genio obrigatorio! E o paiz florescerá — e poderemos definitivamente dizer que Portugal começa a ser mais civilisado do que a Hottentotia — e que em Matto Grosso começa a fazer impressão — o grrrrande genio lusitano!

Andavamos inteiramente esquecidos da India! Uma clara manhã ella apparece violentamente no meio de nós, envolta n'um telegramma do sr. visconde de S. Januario. Por essa occasião muito bom portuguez se admirou que a India ainda fosse nossa! Ella tinha saido, havia muito, das pompas solemnes do artigo de fundo. Ella quasi não apparecia nos orçamentos. Obscura, velha, arruinada, esteril, dobrada sobre si mesma, comia, nas brumas distantes, o seu arroz! A sua reapparição surprehendeu! A noticia de que ella ainda tinha vitalidade bastante para se revoltar, — espantou! A certesa que ainda ali havia soldados, cidadãos, fortes, interesses e telegraphos, — sobresaltou!

Uma vez que a gloriosa India ainda existia, era necessario que existisse o correspondente *brio patriotico* : sacudiu-se o *velho brio patriotico*, do pó e da caliça, — e cada um vestiu o *velho brio patriotico !*

Começou então o movimento. A baixa teve os seus alvitres: os jornaes perfilaram de novo, em parada, as phrases solemnes de perruca e rabicho, que celebram n'um rithmo dormente o alto amor da patria. Metteu-se na mão do sr. infante D. Augusto uma espada — condicional. A

propria *Estephania* commoveu-se, venceu os nervos, o chic, a preguiça, e partiu, cheia de mobilia e de brio, salvar — o mappa das possessões....

Nós, entretanto, riamos.

. ˙ .

Oh santo Deus! não era scepticismo, não! Como outros quaesquer, nós amamos a terra do nosso berço, a patria, o velho Portugal, etc. etc., mas nós sabemos, meus dignos senhores, que uma revolta na India é alguma coisa tão extremamente insignificante, ephemera e nulla como um *meeting* em Portugal.

Como o sr. visconde de S. Januario sentiu a necessidade apparatosa de fazer telegrammas patheticos, nós sentimos o desejo humilde de escrever rasões claras.

E já que os jornaes serios e barbados o não fizeram, as *Farpas*, para esclarecer os espiritos hesitantes, desenham a grossos traços de carvão e de tinta as caricaturas militares da India.

. ˙ .

O grosso do exercito da India é composto de indigenas — *mouros*, *canarins*, *banianos* e *gentios*:

estes nomes melodiosos designam castas; e as castas na India conservam toda a sua velha e tradicional individualidade: as castas desprezam-se, evitam-se, guerreiam-se e não se communicam. Se um *baniano* toca a pucara de barro poroso de um *canarim*, o *canarim* espedaça n'um cunhal a pucara desventurada! Estas hostilidades asperas nada as dissipa: nem as concessões inevitaveis da convivencia, nem os rigores egualitarios da disciplina. De sorte que o exercito, formado de elementos antipathicos, que se não unem, que se amaldiçoam, que apenas teem o contacto dos hombros na fileira, — não tem unidade, cohesão, uniformidade: d'aqui uma disciplina difficil.

Além d'isto todas castas teem habitos fataes, horas impreteriveis. Está o soldado gentio de guarda; se chega a hora do seu arroz, e não lh'o trazem — pousa tranquillamente a espingarda, cruza as mãos atraz das costas, e vae ao quartel ladrar ao rancheiro; se chega a hora da ablução, atira a arma para um canto, e corre aos pulos a acocorar-se á beira do mar! Estas concessões feitas á tyrannia intransigivel que os habitos teem no Oriente, — racham de lado a lado a disciplina.

Os officiaes d'este exercito são pela maior parte portuguezes nascidos na India, — *mestiços, castiços* ou *descendentes*. Estes cidadãos são filhos de antigos degradados, de velhos bastardos da fidalguia India, de officiaes expedicionarios, etc.

Ora além d'estes officiaes indios, nascidos lá — ha os officiaes europeus, mandados do continente: são os expedicionarios. Estes, por altos motivos que só os grandes homens de estado como o sr. Barros e Cunha podem saber, teem um soldo maior que os officiaes indios. Ora os officiaes indios, com um zelo pelas *rupias* extremamente comprehensivel, quereriam ter um soldo egual aos officiaes que vão de Portugal: por consequencia requerem; teem a ingenuidade aziatica de requerer! Mas quando desesperam dos despachos da patria, permittem-se, como uma variedade mais ruidosa, uma certa porção de revolta! Levam alguns batalhões para a rua e soltam o *babadé*. O *babadé* é um *ah! ah! ah!* prolongado, sonoro, afflicto, — cortado pela mão espalmada que bate rapidamente sobre a boca. Taes são as revoltas da India, ó concidadãos timoratos!

. . .

Para conter este elemento indigena e revoltoso, que meios tem o sr. governador geral? Diz-se que o sr. governador geral tem, para defeza dos grandes interesses portuguezes, a guarda municipal.

Esta guarda foi de todo o tempo composta de portuguezes, soldados que os indios chamam *paquelós*: os portuguezes que vão servir como funccionarios são considerados aristocracia e chamam-se *fringuis*: na India o sr. Milicio seria um *fringui!*

Esta guarda foi sempre briosa, segura, fiel, brava: sómente, hoje, tem aquella qualidade lamentavel das legiões de Varro: — já não existe! A patria distrahida esqueceu-se de renovar os *paquelós*: e a morte, com um desdem pelas nossas possessões que nunca lhe censuraremos bastante, foi-os levando, e *paqueló* por *paqueló* destruiu na India todo o poder lusitano. Hoje duas ou tres companhias de *moiros* compõem a guarda fiel: estes pobres indios, arrastam os seus sapatos rotos e auxiliam o seu entranhado patriotismo com uma aguardente de banana, bebida hallucinadora, que leva á cachexia! — De modo que — o que hoje n'essa India gloriosa

e tradicional, policia e sustenta o *n-o-m-e* portuguez, são alguns moiros sujos, idiotas, bebados d'aguardente!

. ˙ .

Pois bem! ainda assim uma revolta na India não tem seriedade. E o motivo é:

Que os officiaes, que, para terem maior numero de rupias no seu soldo, fizeram uma revolta, vêem-se singularmente embaraçados. Vêem-se *sós*.

Em primeiro logar os soldados não vão por interesse proprio: divididos em castas, fracos, ignorantes, odiando-se, sem terem desejo commum, vontade commum — elles vão unicamente porque os seus officiaes, no primeiro momento, lhe disseram que fossem: *é mesmo assim* — como elles dizem. Se contra elles se apontar uma espingarda fiel — como elles estão ali não em virtude da revolta propria, mas por obdiencia á revolta alheia — dispersam.

E depois, caso supremo, os officiaes revoltados não teem rancho para lhes dar: o povo conserva-se indifferente, sem adhesão, sem sympathias; os que tem alguma *rupia* n'esses dias enterram-n'a, os que tem arroz ensacado es-

condem-n'o. Ninguem dá uma *para* um official revoltado. De modo que, ao segundo dia, quando chega a hora do rancho — os officiaes só teem a dar aos soldados — palavras de enthusiasmo!

Os soldados — nunca podemos comprehender porque—preferem o arroz á rhetorica; começam a debandar.

Além d'isso não ha polvora, nem munições. Quasi não ha armas.

Por outro lado, á mais pequena insurreição, a disciplina, que já é famosamente diminuta, perde-se sem pudor algum; e as diversas castas aproveitam os vagares da revolta — para se espancarem convictamente!

Accrescente-se que os officiaes da India não teem instrucção, nem sciencia, nem tactica; não são capazes de ordenar uma marcha habil, de fazer um campo intrincheirado, de darem um apoio estrategico á revolta.

De sorte que, ao fim de dois dias de gritos e de *babadê* — acham-se n'esta situação triumphante: sem ponto de apoio, sem adhesões, sem mantimentos, sem rancho, sem munições, sem dinheiro, sem disciplina. Se o governador geral faz sair um bando que ao som do tambor, propõe a amnistia, cada um dá um *ah!* de satisfação e

de allivio, e volta para o seu quartel! Ainda tendes medo, patriotas da Arcada?

. ˙ .

E não se deve esquecer ainda esta circumstancia: o indio das nossas possessões é de uma debilidade gelatinosa.

Anemico, esguio, assustado, consumido pelo sol, dormente, mal sustentado de arroz, o indio cae de bruços com uma caricia no rosto, e morre com uma palmada na espinha. É uma fraqueza comprometedora. As pessoas inexperientes e impacientes fazem um prodigioso consumo de indios. Um empurrão: e elles acham-se do outro lado — na eternidade. Não ha talvez desembargador algum em Goa que não tenha, com a sua mão grave e juridica, assassinado um indio! Porque, dá-se-lhe uma pancada n'um hombro, elle cambaleia, suspira, n'esse dia come pouco, no outro estende-se ao sol e geme, começa a beber muita agua e morre.

E depois para o soldado indio basta o nome de *paqueló*—treme. Ahi vem o *paqueló* — foge! Vê o *paqueló* — atira-se de bruços.

Ha tempos em Mapuçá um regimento de 400 praças revoltou-se. Sae para a rua e vem fazer

babadé para defronte da casa do commandante. O commandante, á janella, em chinellas, tomava o seu café, e entre os golos, vagarosamente sorvidos, exclamava para o regimento insurgido:

— Ah! vocês revoltaram-se?—e para dentro ao criado:

— Mais assucar!

E continuava:

— Bem, eu já vos fallo. — Uma colher! — Assim é que estaes disciplinados, velhacos? — Dá cá o cachimbo! — Deixae estar que os *paquelós* ahi veem! — Lume!

O regimento hesitava. N'isto apparece, n'uma pequena elevação, a distancia, o tenente Bruno de Magalhães que vinha com 20 *paquelós* bater os 400 revoltosos. A este aspecto os 400 revoltosos debandaram aos gritos. E a revolta acabou: nem mesmo se chegou a saber porque elles se tinham revoltado!

. ˙ .

Porém, ó homens d'estado, podeis dizer-nos:

— Mas se a Inglaterra metter lenha para o forno?

Uff! A Inglaterra?! No dia meus senhores, em que a Inglaterra mandasse um soldado á

fronteira da India portugueza — todo o territorio indio, *mestiços, canarins, descendentes*, todas as castas, todas as classes, todas as fraquezas se levantavam n'um impeto. Povo e tropa na India tudo querem — menos o inglez.

O povo não quer o inglez — porque no nosso regimen elle vive na ociosidade, no desleixo, na sua immundicie querida, na sua traficancia; e se fosse inglez, o cipaio vinha obrigal-o a golpes de *courbach* a ser policiado, e a ser trabalhador.

E o soldado indio detesta o inglez — porque sob o nosso regimen elle pode subir os postos até major; e sob o regimen inglez não subiria a cabo!

. · .

Ahi está porque uma revolta na India não tem valor, porque os telegrammas do governador foram d'um pathetico emphatico, e os nossos impetos d'um brio piegas!

No entanto o que é indispensavel é que estes sustos acabem! O paiz está debil e fraco, e estas commoções matam-n'o. Ha pouco Macau, agora a India! Que as colonias nos deixem respirar! Que se revoltem sim, mas com intervallos, sem accumular. Que se abra mesmo um

registro no ministerio da marinha. Em setembro de 71 revoltou-se a India? — Pois bem, só em setembro de 1872 é que será permittido aos Açores revoltarem-se!...

. · .

Comprehendamol-o: a India não nos serve senão para nos dar desgostos.

É um pedaço de terra tão pequeno que se anda a cavallo n'um dia; as pequenas povoações cáem em ruina e em immundicie; não tem movimento, nem iniciativa; a unica cultura que ha é o arroz, exportam-n'o a 5 para o importar a 8!: a unica industria é fazer *olas*, que são uns encanastrados de palmeira com que se fazem os *pacarís*, alpendres coloridos e frescos, que sombreiam as janellas; não ha nenhum commercio; ha dois ou tres homens ricos, Jossy e mais dois, que se vêem nos patins, descalços, encruzados, comendo o seu arroz com a mão; teem o dinheiro enterrado, quando se lhes garante um forte juro cavam e emprestam; as escolas são uma ficção grotesca; as estradas são a espessura do mato; a hygiene é feita pelos cães que lambem as immundicies na rua; a policia é feita por cada um com o seu

bambu; uma intriga sordida e rastejante liga indigenas e europeus; o deboche inflamma-se pelo clima; os soldados embebedam-se com aguardente: os tributos pezam; a Inglaterra espreita; e no entanto velhos pardieiros, que se esboroam ás mordeduras do sol, esconderijos de corvos, lembram as nossas glorias e alastram o chão de caliça. Tal é a India portugueza.

N'outro numero das *Farpas* lembrámos a respeito das colonias o seguinte melhoramento — vendel-as! Occorre-nos outra coisa a respeito da India — dal-a!

E emquanto a glorias nacionaes, contentemo-nos com o barytono Lisboa e com o sr. Arrobas, — e é já gloria bastante!

.˙ .

A unica coisa porque conservamos a India, é porque ella é uma gloria do passado. Oh! meus senhores, tambem D. João I é um passado glorioso, e nós não estamos abraçados ao esqueleto d'esse cavalheiro, soluçando e gemendo.

O passado é bello, heroico, epico — bem: quando o passado pretende antepôr-se aos interesses do presente, o passado é caturra! Seria verdadeiramente cruel, que uma rosa mur-

cha tivesse a pretenção de andar na *boutonnière* da nossa sobrecasaca : que uma pomada rançosa do anno passado tivesse a ousadia de querer anediar os nossos cabellos : e que o esqueleto da mulher amada quizesse dar-nos beijos!

Se nós podemos vender a India aos inglezes, vendamol-a : o melhor melhoramento que podemos dar á India é o bom senso inglez.

Emquanto a Gôa, Diu, Damão, se ellas se querem conservar na historia e na pompa da epopeia, quietinhas e caladinhas, damos-lhe uma consideração sympathica. Se quando se tratar de negociar, ellas se interpozerem com recordações, dir-lhes-hemos insolencias, e desejariamos dar-lhes coronhadas : fóra d'aqui caturras! voltae para o sepulchro e para o pó das chronica!

D. João de Castro, hoje, não serve senão para os rapazes de latinidade fazerem themas na provincia. Tem paciencia, glorioso varão : os heroes hoje pertencem á opera comica. Sobre todas as tuas legendarias façanhas, o nosso tempo scientifico, experimental, positivo e racionalista, não tem senão a dizer-te : Andaste bem, João! Deixa-nos!

O grande e legitimo orgulho da India é o seu corpo de engenheiros. O corpo de engenheiros na India é de vinte officiaes, e não tem soldados. Nem precisa! Estes senhores officiaes servem para tornar bem patente á India que, se ella não tem canaes, nem estradas, nem pontes, nem edificios, nem calçadas, não é positivamente pela razão humilhante da falta de homens. Quando o estrangeiro curioso pergunta á India pelos melhoramentos materiaes que se succederam ao emprestimo colonial contrahido por D. João de Castro sobre os cabellos da sua barba, a India orgulhosa manda pôr em fórma os bigodes da sua engenheria pela ordem pomposa das respectivas habilitações.

—Eis os monumentos publicos! eis as pontes e calçadas! eis os traçados de viação! eis a canalisação dos rios! eis a electricidade, o vapor e a machina!

Os engenheiros perfilam-se e respondem:

—Pronto!

Depois do què, a engenheria retira-se a suas casas, e a India, crusando as pernas e sentando-se sobre os calcanhares, continua a sopetear o seu caril.

. ˙ .

De uma vez houve um desgosto na India. No meio do claustro do hospital de Gôa existia um poço, cujas aguas se empregavam nas lavagens do estabelecimento. Um dia, procedendo-se diante de peritos, no hospital, a um exame comparado da roupa suja e da roupa lavada, reconheceu-se (oh pasmo!) que a roupa lavada era muitissimo mais suja do que a roupa suja.

A sciencia reflectiu maduramente n'este singular phenomeno, e querem até dizer que se fizeram algumas memorias academicas tendentes a mostrar a suspeita de que — a epiderme do indio enfermo revia necessariamente importantes particulas de soda e de potassa, as quaes reagindo sobre a transpiração do doente produziam naturalmente sabonetes entre os lençoes do hospital de Gôa.

Os srs. visconde de S. Januario e Thomaz Ribeiro começaram a suspeitar que eram victimas de uma fatalidade infernal, e que estavam, sem o saberem, a dirigir uma saboaria, quando cuidavam administrar uma colonia.

O sr. Thomaz Ribeiro seguia com a sua lyra os estudos da chimica sobre as tendencias vilmente sabonaceas dos descendentes do Jau, e

tremia pela dignidade das musas. Ó gruta suspirosa de Macau, em que revoam ainda, plangentes e tepidas, as endeixas do amador de Nitercia! Será acaso teu destino vires a ser olhada por torpes mesteiraes como um simples cortiço de futuras barrelas? como dorna desprezivel de brutaes lixivias? Ó fainosos Pintos Bastos! Ó Burnays ganhões! estará acaso destinado que pelo proximo navio vós mandeis lavar as vossas camisolas ao pierico rochedo, em que a patria deveria suspender um transcendente poleiro para os suspiros de Eduardo Vidal, ou para os gorgeios de D. Guiomar Torresão?! Quem assim te passou dos sonoros dominios do poema para as sordidas cathegorias da borracha e da ginguba? quem sobre a *detergentina ingleza* te esfolhou,

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella! ?

Emquanto talvez d'est'arte cogitava de além mar o cantor de *Delphina*, o sr. Baron, por arrojada iniciativa, pedia do Chiado um malaio enfermo para desfazer em pinceis de barba!

. ˙ .

Conheceu-se finalmente — por acaso talvez,

que é como todos os grandes descobrimentos se fazem! — que o phenomeno observado na roupa sûja da India procedia simplesmente de precisar de limpeza o poço do hospital.

A chimica então retirou-se, opinando que seriam porventura infructiferos todos os esforços que d'ahi em diante se continuassem a fazer — para conseguir tirar espuma sabonaria da immersão da cabeça de um indio doente na bacia de um lavatorio.

Recolhida a chimica, veiu a engenheria, e dispondo-se em redor do poço começou a contemplal-o com commoção e respeito. Em seguida fizeram-se averiguações:

1.° A engenheria debruça-se no bocal do poço e grita para baixo: — *Huuu!!!...* — Reconhece-se que ha um ecco.

2.° A engenheria lança algumas pedras ao poço. Manifesta-se que existe agua no fundo.

3.° A engenheria cheira o poço. Attesta-se que não cheira bem.

4.° A engenheria arreia por meio de um cordel uma bengala de bambu ao interior do poço. Retirada a bengala, constata-se que vem suja.

A engenheria recolhe-se então a meditar so-

bre os seus apontamentos, e colhe a seguinte illação:

Que o poço não está limpo.

Houve então um silencio. A engenheria estava concentrada e taciturna. De repente corre em toda a assembléa um como que estremeção electrico. Todas as frontes se erguem com altivez. Relampeja em todos os olhos uma estranha luz. Os engenheiros indios tinham tido todos o mesmo pensamento, mas nenhum se atrevia a communical-o. Havia nos olhares uma dilatação espectante e nos labios um ligeiro tremor nervoso.

Finalmente uma voz exclamou n'um rapto explosivo de enthusiasmo:

« Porque não, camaradas?! Este é o seculo dos mais assombrosos e titanicos emprehendimentos a que se tem arrojado a humanidade. A Europa rasga o isthmo de Suez e vara de lado a lado a corpulencia enorme do Monte Cenis. Porque não ha de a Asia, a velha mãe de todas as maravilhas, acompanhar a Europa na sua marcha portentosa para o infinito progresso?! Não será a minha singela voz que o diga na isolação de um individualismo impotente e mesquinho: digamol-o todos; digamol-o em côro, amigos!

companheiros na luta! irmãos na immortalidade! »

Ergueu-se então aos ares o bambu que fôra ao fundo do poço, e descrevendo elle de encontro aos ventos cardeaes os movimentos de um compasso ternario, a engenheria da India bradou n'um côro unisono e compacto:

— Limpemos o poço!

Principiaram desde logo os trabalhos. Envidaram-se todos os esforços, toda a abnegação e todo o valor que a intelligencia humana pode consagrar a uma alta e sublime idéa. Nada porém se conseguiu, porque ha arrojos temerarios de sciencia, diante dos quaes a divindade, como no mytho de Prometheu, parece que diz ao homem: « Basta! »

Manifesta a impossibilidade de se limpar o poço, a engenheria abriu, ao lado do poço que existia, um poço novo.

A modestia do successo não embarga a grandeza do commettimento, e uma vez que tentou limpar o poço velho — embora o não conseguisse — a engenheria da India passará aos evos immarcessivelmente illustre!

O sr. presidente do conselho de ministros, e secretario de estado interino dos negocios da guerra, fez saber a sua magestade el-rei, no dia 29 d'este mez de setembro, do corrente anno do Senhor de 1871, que sua alteza o serenissimo infante D. Augusto Maria Fernando Carlos Miguel Gabriel Raphael Agricola Francisco de Assis Gonzaga Pedro de Alcantara Layola de Bragança Bourbon Saxe Cobourg Gotha, general de brigada honorario, deliberára pôr a sua espada ao serviço da expedição destinada a combater o indio.

Sua magestade houve por bem e lhe approuve conceder, que sua alteza serenissima fizesse parte da alludida expedição e ordenar outro sim ao governador geral do estado insurreccionado:

Que elle distribuisse a sua alteza o serviço compativel com a elevada qualidade e jerarchia de sua alteza.

Ora se esta derradeira circumstancia se não mencionasse bem especificadamente na carta de el-rei a seu extremoso irmão, o que é que naturalmente succederia?

Estamos d'aqui a ver as scenas funestas a que tal ommissão daria necessariamente causa.

Desprevenido o governador geral da India do

accordo que lhe cumpria estabelecer entre a jerarchia de sua alteza e o serviço que houvesse de lhe distribuir, é clarissimo que meia hora depois do desembarque da expedição em Gôa, não poderia de nenhum modo sua alteza deixar de receber de um dos ajudantes do governador a seguinte mensagem :

« Alteza ! sua excellencia o governador, desejando empregar em serviço da patria as forças vivas de vossa alteza, e não tendo a tal respeito instrucções especiaes do reino, incumbe-me de dizer a vossa alteza que na perplexidade de tal ignorancia, elle o encarrega de escovar as sobrecasacas e de lustrar os talheres n'esta fortaleza. Para o que tenho a honra de pôr aos pés de vossa alteza as escovas do fato d'esta possessão, e bem assim o faqueiro colonial. »

É claro que na primeira formatura das tropas expedicionarias o governador da India, encarregado de dispôr a defeza e o ataque, por nenhum modo se poderia eximir de fallar assim :

« Soldados ! o infiel sublevado ameaça arrear dos nossos bastiões as quinas lusitanas, banhadas no sangue de tantos dos nossos maiores e ha tantos annos palpitantes ao sopro immortal da gloria. Periclita a integridade do territorio do

nosso rei e a segurança de nossa fazenda. Do gentio insidioso e revel suspeita-se a felonia e a traição de conspurcar com sujidades execrandas e gentilicas as aguas do poço novo do hospital, — obrigando assim a nossa sabia e benemerita engenheria, fatalmente mutilada como sabeis na faculdade augusta de limpar os poços, a abrir poços novos e indefinidamente successivos, n'aquelle recinto sacrosanto em que, dentro em pouco, vós estareis comendo em mesinhas e drogas medicinaes, os soldos do vosso rei e a gratificação do vosso ministro. Soldados! precisa-se de uma sentinella para o poço novo. Dê um passo á frente sua alteza serenissima o sr. infante D. Augusto, herdeiro d'aquelle que, captivo em Fez, deu sua vida pela patria! Dê este principe invencivel um passo á frente, e vá com o seu gladio vingador pôr-se de guarda ao poço »!

No turbilhão da peleja, quando as hostes confundidas se medissem arca a arca, quando os ginetes relinchassem entre o fumo dos canhões e dos mosquetes, quando estrugissem as armas em embates supremos e desesperados, quando os moribundos mordessem raivosos a terra empapada em sangue, quando os gritos de morte se casassem ao som dos clarins, e os estandartes

de guerra adejassem tremulos sobre o aço dos elmos como aves feridas, o governador, do alto de uma colina, não poderia, sem a espressa clausula da carta de el-rei, privar-se de exclamar:

— É occasião de eu prometter ás tropas um habito de Christo: que sua alteza serenissima o sr. infante D. Augusto, com a auctoridade do valor e do sangue, me segure o chapéu e a bengala; eu vou fallar!

. ˙ .

Dize, leitor, é isto logico? é natural? é sequer possivel?... Não podia ser. E no entanto é isto o que, na formula inutil de um grave e patriotico documento official, parece receiar-se que succeda.

Cremos piamente que tanto el-rei como sua alteza o sr. infante D. Augusto pensam e sentem como homens de brio e de valor. Quando pois algum d'esses principes pede ao seu paiz uma espada para o defender, é aviltante e offensivo fazer prometter a um e fazer acceitar ao outro a condição vilipendiosamente mulheril de que essa espada será mais leve que a de qualquer soldado.

É caricato e offenbachico que n'um documento registrado nos archivos nacionaes se exponha o

pavor de que um principe da casa de Bragança, herdeiro das tradições mais cavalheirosas e mais guerreiras, não possa jogar a sua vida nos accasos de uma facil expedição sem o previo abono insultuoso de alguns pontos de partido.

D'onde é que veiu para a chancellaria do estado esta clausula de *ancien régime*, que parece a dadiva real de uma madeixa da cabelleira legendaria de Luiz XIV a um debil ente amado?

Vem da tradição?

Da tradição consta que antigos expedicionarios da India eram despedidos para a guerra com palavras d'estas:

« Pelo que toca á vossa pessoa não ficarei com cuidado, porque por cada pedra d'aquella fortaleza arriscarei um filho. O nascimento em todos é egual, as obras fazem os homens differentes. Lembro-vos que o que vier mais honrado esse será meu filho. Esta é a benção que nos deixaram nossos maiores: morrer gloriosamente pela lei, pelo rei e pela patria. »

D. Henrique, duque de Vizeu, o navegador, o infante D. Fernando, captivo na Barberia, D. Affonso V, que ganhou Tanger e Arzila, D. João II armado cavalleiro em Africa junto do cadaver do

conde de Marialva, D. Sebastião, que morreu em Alcacer Quivir, — todos os principes finalmente que teem saido de Portugal para servirem a sua patria ou para morrerem por ella, nunca, que nos conste foram acompanhados de expressões officiaes, que restringissem a sua dedicação e o seu valor. Cremos portanto que as phrases da carta regia a que alludimos são de invenção moderna. N'este caso *As Farpas* protestam em nome do bom senso, em nome do patriotismo de el-rei, e em nome do valor do senhor infante D. Augusto.

Ha na India portugueza uma escola de medicina. Esta escola, de que teem saido innumeraveis sabios, acha-se estabelecida em Gôa.

Ha pouco tempo um naturalista inglez, em viagem nas Indias, apeou-se do caminho de ferro que serpenteia n'aquella região torcendo-se por fora das nossas possessões em curvas graciosamente centrifugas, e o viajante penetrou em territorio portuguez.

Nas nossas possessões asiaticas, a locomação

tem um cunho extremamente local muito apreciado de todas as pessoas que andam correndo terras. Ali não se viaja em caminho de ferro, nem em diligencia, nem em carruagem. Ali (oh delicia!) viaja-se em cesto!

Um juiz da relação, um medico, um delegado, um major, são transferidos de população para população pelo mesmo modo como na metropole se transfere uma lampreia de ovos de uma casa para outra em dia de anno bom.

De uma vez no bota-fóra de um juiz iam dois cestos: um com o juiz, outro com a merenda levada pelos amigos que iam dizer-lhe adeus. O juiz depois de chorar muito e de atirar muitos beijos para fóra do cesto, adormeceu, sendo então coberto com um guardanapo por causa das moscas.

Quando bateu a hora do apartamento definitivo os amigos pararam com o cesto no caminho, e descobriram o guardanapo afim de darem o derradeiro osculo n'aquelle de quem iam apartar-se, talvez para sempre! O delegado dispunha-se a fazer um discurso, para o que já tinha tirado da algibeira um lenço, os circumstantes preparavam a cara internecida que o caso pedia, quando dentro do cesto appareceu o leitão com arroz,

que se cosinhára para a merenda que tinha de se comer na volta.

Tinha havido uma troca de cestos, e emquanto o bacorinho seguia na estrada acompanhado das bençãos e das lagrimas do povo, o magistrado adormecido ficava n'um campo, á beira de um regato, entre a frescura de umas hervas. Ahi foram dar com elle no momento em que dois gentios convencidos de que aquillo era a merenda se preparavam para o trinchar.

O naturalista britanico viajou pois em cesto como todos aquelles que percorrem a India portugueza. Deram-se as mais prodigiosas aventuras com os cestos em que elle se transportou. Succedeu, de uma vez, deixarem-o pendurado n'uma arvore por espaço de um dia inteiro. De outra occasião prendeu-se o cesto em que elle viajava nos dentes de uma nora que estava trabalhando, e o inglez teve de mergulhar tres vezes consecutivas no fundo do poço, agarrado á cadeia dos alcatruzes.

Por fim despejaram-o em Gôa, e elle foi em seguida visitar o famoso alcaçar da sciencia medica n'aquellas longiquas paragens.

Recebeu-o delicadamente um guarda, que o mandou entrar, e como o viajante dissesse que

queria ver tudo, o guarda apresentou-o á sua familia. O inglez, repousado das commoções d'este acolhimento verdadeiramente oriental, perguntou afinal pelo lente de anatomia.

— O lente de anatomia está fazendo a barba, respondeu o guarda.

— E o lente de pathologia?

— Está fazendo a barba.

— E o de physiologia?

— Está fazendo a barba.

— E o de materia medica?

— Está fazendo a barba.

O inglez escreveu na sua carteira, immediatamente depois da millesima quinta nota a respeito da locomoção em cesto: «Seria muito para desejar que na India portugueza as companhias de viação publica fizessem o serviço dos cestos com a mesma regularidade com que os professores de medicina fazem a barba.»

Meia hora depois tocava uma sineta. O corpo docente entrava na secretaria da escola. O viajante foi introduzido, e achou-se frente a frente e a sós com o nosso antigo e illustrado amigo João Stwart da Fonseca Thorie. Este homem, de uma rara erudição e de um elevado talento, era n'aquelle estabelecimento o lente proprieta-

rio e o substituto de todas as cadeiras, o director, o conselho e o secretario da escola. Ha occasiões em que esta prodigiosa accumulação de trabalho augmenta ainda mais, sendo o nosso amigo obrigado, além de fazer as vezes de todos os lentes, que não ha, a fazer egualmente as vezes de todos os discipulos, que tambem não ha!

Ennes! entre, e sente-se. O sr. escreveu contra nós cinco columnas de folhetim, esguias e perversas. Sabe o que se vê, Ennes? É que o sr. está com a cabeça inteiramente perdida, e atira-se a nós, tonto, rubro, com os cabellos hirtos, a barba mal feita, as mãos grossas e sujas, sem bom senso, sem dignidade, sem compostura, com um grosso ruido de tamancos!

Ah! é que os srs. não sabem... Ennes, n'esse escripto livido — começa por se recolher e por fallar em furunculos, depois chama-nos *moscas* e *podres*; depois afia pequeninas falsidades engenhosas; em seguida accusa-nos por termos a bocca arreganhada, e chama a um de nós *admi-*

nistrador do concelho; depois, cambaleando, ebrio de prosa e de odio, grita que um de nós tem *aboboda craneana* e outro *moleirinha*; depois diz de nós coisas, que nós por toda a gloria d'este mundo não desceriamos a dizer d'elle: Ennes dil-as de graça; logo atira-se de bruços e começa a examinar com rancor as botinas de um de nós; depois ergue-se de salto e põe-se a fitar com inveja o *plastron* do outro; immediatamente rompe em lamentos, e, arrepelando-se, queixa-se de que nós o não conheçamos; depois estaca um momento, e brada que tem vinte e tres annos; em seguida confessa cheio de lagrimas e de rabage, que é um *sarrafaçal* (textual); depois morde-se, e atira-se a discutir doidamente que *em* é uma coisa muito differente de *com*; em continente amua, e diz que ha de escrever muitos livros e muitos folhetos; depois espoja-se, bradando que as *Farpas* plagiam as *Guêpes*, e arrasta-se e estorce-se e espuma e guincha e procura morder-nos, e busca rasgar-nos, ladra de raiva; aguça as unhas no lagedo, lava no charco velhas mentiras cheias de pó, apruma-as, e tentando ser feroz é faceto — e tentando coroar-nos de espinhos, esparze-nos de rosas!

Ennes, socegue, respire. Esses esgares devem

fatigal-o. Beba um golo de agua, limpe o suor, escute, sente-se aqui, na *causeuse*, tranquillo. Pouse ahi o seu chapeu : bem ! Limpe a baba, enxugue as lagrimas, sacuda a lama. Muito bem! ouça, Ennes. Ennes, por que está o sr. n'esse desespero colerico?

Bem vemos que o sr. tem a vaidade em carne viva, todo o corpo córado e a pelle vergastada. O sr. sente-se ridiculo e humilhado. É por isso que nos quer morder?

Pois bem, juramos-lhe, Ennes, Ennitos, Ennesinhos, juramos-lhe que não sabiamos que os artigos joviaes das *Farpas* lhe cavariam assim as olheiras, lhe afilariam assim o nariz, lhe esverdeariam assim a pelle, lhe esgalgariam assim a figura. Ennes, Enninhos, o sr. está feio!

Nós imaginámos, que o sr. tomaria as nossas pequenas paginas ácerca da sua pessoa, Ennitos, como abelhas — a quem se afasta talvez com um lenço lavado, mas a quem se admiram os tons dourados e metallicos que luzem, palpitam nas resteas do sol. Coitado! nós não queriamos fazer-lhe sangue, queriamos fazer-lhe cocegas; mas o sr. desconfiou, e atirou-nos pedradas. O sr. filou-nos, Ennes; a sua intenção era canina, os seus dentes é que são molles! Deixe ver os

dentes, Ennes. O sr. não tem uns dentes maravilhosos. Feche a bocca depressa, Ennitos!

Ora bem: quem teve a culpa? Foi o sr. Nós começavamos tranquillamente as nossas *Farpas*: tinha-se tornado esta publicação necessaria: a podridão precisava de um cauterio. O sr. sabe-o bem, o sr. que já foi republicano, que já escreveu artigos republicanos, pamphletos republicanos, o sr. sabe bem, que estes tempos de lama precisavam palavras em brasa. Ao lado da grande corrupção apparece fatalmente a grande satyra. Depois da catastrophe de 51 veem os *Castigos* de Hugo: com a intriga burgueza de Luiz Filippe vem a *Nemesis* de Mery. O sr. sabe isto Se nós não escrevessemos as *Farpas*, outros escreveriam as *Garrochas*.

Ora tinhamos começado a escrevel-as: não tinhamos scintillação, nem *verve*, mas tinhamos razão. De toda a parte nos estendiam mãos amigas; e já então nos gritavam: cuidado! cuidado! vós ides ser calumniados e falseados; os espiritos honestos sabem que vós quereis castigar o mal, mas a baixa critica dirá que vós quereis especular com o escandalo.

Ennes, desde ha muito os seus folhetins eram previstos. Devia ser. Pois nós estavámos aqui a

fustigar a corrupção, e a corrupção não se havia de escandalisar? A lama, quando a pisam, repincha e salpica. Todos teem os seus orgulhos: os ceus profundos colorem magnificamente as suas nuvens; a lama atira o mais longe que pode as suas nodoas.

Foi o sr. que veiu: podia vir outro, Ennesinhos! porque emfim o sr. já foi republicano, e escreveu contra a corrupção. Não se esteja a morder, Ennes; não se esteja a coçar, Ennes!

Ora quando nós assim começavamos a escrever as *Farpas*, o sr. rosnou contra nós: nós sorrimo-nos, e, amigavelmente, como a um camarada de estudo e de espirito, atiramos-lhe umas flechas aladas, emplumadas, sem ferro e sem dôr. O sr., de repente, desenrosca o seu corpo como um galgo, e, esgaseado e tonto, correu-nos á pedra. Foi então que lhe cravamos, rindo, no pescoço, essas *Farpas*, que ahi tem, que o rasgam, que o desfibram—e d'onde cae, gotta a gotta, monotonamente, com um silencio lugubre, um sangue ennegrecido e aguado!

. ˙ .

Mas porque nos correu o sr. á pedra, Ennesinhos? Analysemos. É que o sr. é antes de tudo

um homem *azedo*. *Azedo* por que? *Azedo* por tudo.

O sr. é um symptoma: o sr. pertence áquella magra cohorte que vive no mundo em perpetua guerra, em perpetuo rancor, na inveja inextinguivel. Obscuros, sombrios, lugubres, hostis, vemol-os passar no macadam, com o sobrolho duro, a voz baixa, o passo apressado. Deitam ás vezes de esguelha, uma vista aguda, fria e avida para o trotar dos *coupés* de apparato, para as bellas mulheres que passam no rugir das sedas. Vão tristes, vão violentos, e sem saber por que, pensam vagamente em vingar-se. Para elles debalde o ceu se alarga, os bosques cantam. São os *azedos*. Saidos da burguezia, educados pelos livros francezes, exaltados, nervosos, anemicos, esses homens a quem Jules Vallès chamou os *refractarios*, teem o aspecto frio e escuro, mas são na sua alma cheios de ambições, de desejos, de odios, de vontades, de invejas, e de phrases de romance. Não teem a carne satisfeita, nem o espirito contente. Odeiam o mundo: odeiam-n'o pelo luxo que não teem, pelas bellas mulheres que não possuem, pelos bons livros que não escrevem, pelos bons jantares que não comem, pelos *londrès* que não fumam!

E enfatuados de odio e de inveja — quando lhes chega o seu momento — em vingança de Paris que não lhes deu gosos — dão a Paris os incendios! O sr. Ennesinhos, não incendiou Paris: escreveu folhetins.

E é contra nós que se irrita! e censura-nos pela sobrecasaca que vestimos e pelo dinheiro que ganhamos! E atira-nos em rosto que nós comamos *truffas*, e que usemos *plastrons!*

Ennes! Ennes!! Ennes!!! alargue o seu espirito, homem! dê mais generosidade á sua alma — seja superior ás *truffas* que os outros comem, e aos *plastrons* que os outros usam!

. · .

Para que está com as lagrimas nos olhos, Ennes? Estas palavras não são para o magoar, são para o fortificar. Não está em nossa intenção magoar ninguem: guerra aos factos, paz aos homens!

O sr. sabe-o bem! guerra ao funccionario, paz ao caracter.

O sr. sabe-o bem! Não queremos fazer-lhe doer a alma. O que queremos é tiral-o d'esse azedume hostil, negro, corcovado, — fazel-o entrar nos elementos naturaes da vida.

Passeie, Ennes! vá ao Campo Grande, distraia-se. Comprehendemos que o Campo Grande não distrahisse o alto *dandy* principe de Galles ou o alto critico Henri Taine. Mas o sr.! Distraia-se. Aprenda a jogar o voltarete. Appareça mesmo por aqui. Conversaremos em livros, em mulheres, em sentimentos, em arte, em *toilettes* e em idéas. Sentamol-o n'um *fauteuil*, damos-lhes um calice de *kummel*. Fica regaladinho! Já lhe está a luzir o olho, heim? Os homens são assim: crueis quando os esquecem, affaveis quando os convidam! Fallaremos tambem nos caracteres fracos, Ennes.

Mas o sr. não perde facilmente essa attitude *azeda*. Diga cá: o sr. tem um desgosto? Confesse, exponha, chegue-se mais cá: não esteja a limpar os dentes com a lingua: é *schoking*. Diga, que desgosto é o seu? Tem um livro inedito? Morreu-lhe algum papagaio? Rasgou o *paletot?* Diga, Ennes.

Sabe o sr. uma coisa de que nós desconfiamos? Sabe o que nos parece que o sr. tem? Sabe? Pois olhe com franqueza: essa tristeza, esse azedume...

O sr. tem a tenia!

Ennes, o sr. tem a tenia! Ahi é que está! É

o que é! O sr. positivamente tem a tenia. Eis ahi. É a tenia.

Esses odios sem razão, esses rancores, injustificados, essas invejas acres, esse azedume afiado — é a bicha!

Agora percebemos: todo o seu modo de pensar, de dizer, de criticar, de atacar — não é uma philosophia, é um verme!

O seu mal, o mal do seu espirito, não se cura com principios, com conselhos, com reflexões. Sabe com que se cura? É com *pevide de abobora*.

Agora pode-nos vituperar, apedrejar, morder, babar, rasgar; enodoar-nos de chalaças, sujarnos de pilherias, mandar a falsidade ferir-nos pelas costas: nós diremos na nossa serenidade: Ennes, pevide de abobora! o sr. critica-nos? pevide de abobora! conta os nossos plagiatos? Pevide de abobora! revela os nossos crimes? Pevide de abobora!

E se o sr. se tornar importuno, repetido, *assomant*, erguel-o-hemos por uma ponta do *frak*. e pondo-o a pernear, diante da multidão absorta, gritaremos:

— Ennes, o philosopho, precisa de pevide de abobora. Ha ahi alguem que dê pevide de abobora ao philosopho Ennes?

.·.

Vá-se, Ennes, vá-se embora! O sr. está vermelho, está afogueado. Vá-se. Olhe: não volte cá, não temos espaço para o escalavrar, bem vê: são 96 paginas, estreitas, avaras. [1] Vá, vá! To-

[1] Prevenimos o philosopho Ennes e o publico de que estas considerações não serão parte para que nunca em nossa vida cessemos de hospedar e festejar devidamente o philosopho Ennes. E o que dizemos de Ennes, tenham-o por bem entendido e para todos os effeitos declarado todos os demais philosophos a quem apraza desviar do seu fito as *Farpas*, que nós honradamente abrirmos da nossa mão em serviço do bem, da justiça e da verdade. Se Ennes ainda uma vez nos quizer honrar com a sua intervenção, á qual o ser boçal não impede o ser maligno, suppriremos a exiguidade d'estes livrinhos, recebendo-o em um folheto supplementar e expresso, que será ornado de desenhos e intermediado de trovas. Ahi o escreveremos, o desenharemos ao lapis e á aquarella, o sapatearemos em danças, e o descantaremos á guitarra, reservando para mais tarde lavral-o a cinzel, esculpil-o em barro, graval-o a agua forte, batel-o em cunhos, tractal-o em letreiros, em caixas de phosphoros, em modinhas de fado, em cartonagens de livros, em versos de rebuçados, em involucros de pastilhas e de amendoas, em bonitos para creanças, em jogos para velhos, em toda a parte finalmente onde caiba um dito, uma phrase, uma letra, um traço, um risco, uma visagem, uma nota de musica, o bico intencional de um alfinete, a ponta expressiva de uma aresta, até que Ennes esteja inteiramente esgotado como philosopho, como republicano, como escriptor, como jornalista, como animal, como bipede, como carnivoro, como vulto e como coisa. E que, tendo dito «basta!» todas as explorações, todos os commercios, todas as industrias, todas as artes, todos os conhecimentos litterarios, physicos, naturaes e economicos, elle mesmo

me o seu chapeu, adeus. Mas então! Elle está colado na cadeira! Elle está de bruços como uma coisa molle, elle está sem folego, inanimado, extincto! Ó lá de dentro, um criado! Apanhe esse philosopho, esse republicano, esse critico, essa coisa, esse trapo, e atire com elle á rua!

. · .

Não, não! coitado! nós temos caridade. Limpe-se. Aqui está o nosso hombro para se encostar — desça. Volte a ver-nos. Pense n'estas conversas sinceras. Acostume-se ao trabalho e á dignidade. Estude. Eduque o seu espirito. Nunca calumnie, nunca minta! Tome banhos frios para enrijar o corpo, e leia Proudhon para enrijar a alma. Escreva um livro, um trabalho, uma idéa. E não ande a ladrar em torno de nós, por que nós temos um chapeu excentrico ou uma gravata colorida. Deixe isso aos cães. Os homens discutem os homens — ou matam os homens. Ladrar-lhes, só os cães. Adeus. Veja, não escorregue. Vá! Vá com Deus. Allumiem ao

se dê por discutido, e o deixemos então cair na valla commum, coberta pela indifferença dos ceus e pelo esquecimento dos homens, onde repousam sem epitaphio, para todo o sempre, as coisas pódres, os philosophos espipados e os bichos mortos.

sr. Ennes philosopho e deem-lhe um *plastron* velho do sr. Ramalho Ortigão.

Ah! é verdade, já nos esquecia! Este mez caiu um ministerio e subiu outro! Tambem — se pomos aqui este facto trivial, é só para completar a chronica do mez. De resto estamos como o paiz: que caiam ministerios ou que subam, que é que isso nos faz a nós — a vós, pobres homens da provincia que trabalhaes e pagaes, a vós burguezes retirados que gosaes as vossas rendas, a vós commerciantes que vendeis as vossas peças de panno cru, a vós arvores que ramalhaes, a ti sol que nos crias? Um ministerio vae, outro vem; uns tem outros não, são bens de sachristão, cantando vem, cantando vão. Pobres d'elles! Vivem e não teem vida; pousam o pé e não deixam pégada; morrem e nada nos falta.

Este outomno vae bom: as colheitas no Douro não foram más, e algumas arvores, já meias desfolhadas, começam a destacar, no tom outomnal, sobre a pallidez do ar!

. . .

Oh! elles tambem não são precisos para nada, os ministerios! Tire-se o ministerio, e o paiz continuará a viver, as sementeiras fazem-se, os tributos pagam-se, os pobres enterram-se, os rios descem para o mar, os agiotas vencem!

É sempre o mesmo! Se teem minoria dissolvem, fazem outra camara com maioria, mas d'ahi a pouco, essa maioria tornou-se minoria, e como não podem dissolver outra vez — cáem! Occupados n'isto não podem fazer mais nada! Elle, até o melhor era deixar que cada ministerio dissolvesse as camaras que quizesse! Ficava um ministerio para sempre. Já a gente os conhecia. É verdade que assim tambem os conhece. De mais! Pobre gente! entretem-se n'aquillo! Tambem se não fosse a politica que seria de muita gente? Que seria do sr. . . . por exemplo? Elle não é agricultor, elle não é escriptor, elle não é tenor, elle não é a Cora Pearl, elle não é a corveta *Estephania*... Senão fosse politico... Credo, que o pobre homem era capaz de não ser coisa nenhuma! Ah! a politica: excellente arrumação! Podera! Ella é a posição dos nullos, a occupação dos vadios, a sciencia dos ignorantes, o prestimo dos inuteis, a gran-

desa dos mediocres, a renda dos que não tem renda!... Mas em que estavamos nós a fallar? No ministerio. Sim, coitado, foi feliz, subiu!

. ˙ .

Mas olhem que por fim é triste ser politico, fazer e desfazer ministerios, passar as noites nos centros, viver na arcada, fallar sempre com mediocres, negociar sempre com falsos... São fados! são birras! são teimas! Ora, pois não vemos nós o sr. Vidal fazer e desfazer rimas sobre os lyrios? Manias, birras! E em Braga, os fieis não compram cartas ineditas da Virgem Maria? Fados! Manias! E os operarios da Covilhã não se deixam espancar pelos patrões? Fados! E o sr. Padre Grainha não tem um confessionario forrado de velludo escarlate com uma especie de *sophá?* Manias! telha! E em Braga não querem erguer no alto de um monte um monumento á infallibilidade do Papa? Telha! Birras! E a instrucção publica não approva um compendio de arithmetica que começa assim: *P. O que é um? R. É um...* Fados! Partidas! Coisas!

. ˙ .

Ora! é nunca acabar! Nós mesmos? Birras!

manias! Embirramos com os escandalos, com as mediocridades triumphantes, com o que é insensato, etc., etc. Birras!

Em que estavamos nós a fallar? Ah! no ministerio. Pois bem, lembremo-nos da nossa divisa:

Guerra aos factos, paz aos homens!

AS FARPAS

CHRONICA DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

Um volume de 80 a 100 paginas por mez. Preç
200 réis.

Assigna-se em Lisboa: em casa do sr. Antoni
Maria Pereira, na rua Augusta; e no Porto: e
casa dos srs. Martins & Peres, na rua de Santo An-
tonio.

Á venda em Lisboa: nas livrarias Pereira, n
rua Augusta; Silva, no Rocio; Rodrigues e Afr
rua do Ouro; e na tabacaria Neves, no Rocio. N
Porto: na livraria Moré; e em casa dos srs. Mar-
tins & Peres, na rua de Santo Antonio.

Com o ultimo numero do primeiro anno da sua as-
signatura os srs. subscriptores receberão gratuita-
mente um volume, no formato dos d'esta revista
original e inedito, do sr. Ramalho Ortigão ou do s
Eça de Queiroz.

Compram-se por 200 réis, na livraria do sr. An-
tonio Maria Pereira, todos os exemplares que se of-
fereçam do volume do mez de julho.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.
JP
MACEDO

RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

Outubro de 1871

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES IMPRESSOR DA CASA REAL,
Rua dos Calafates, 110

1871

SUMMARIO

Os nossos filhos. Os bibes e os peccados mortaes. A educação na familia, no collegio e no lyceu. O futuro dos meninos. A roda dos expostos e a da loteria. O que a educação nos fez e o que nós temos feito. Palavras aos paes. — Os compendios, os gazes, os fluidos, a arithmetica, outras impurezas, e Lopes. — A policia pela coronhada. — Assobiae os cadaveres, mas deixae que os enterrem. — O governador da India collaborando as *Farpas*. Chronica da campanha. — Como a magistratura entende o crime e as vassouras. — Os missionarios. Os bentinhos e os cobres. — Drogas propinadas pela *Nação* ao partido legitimista. — A diplomacia, seus habitos, *toilettes*, espirito, concursos e fomes. — O clero expulsa do templo as creanças. — As galochas e Sardanapalo. — Portugal e a Hispanha. Do que temos de envergonhar-nos. Os senhores condecorados de Madrid. O heroismo dos que penetraram na rua de Alcalá. — De quando convém respeitar el rei. — Prisão a vinte pescadores, por não serem jurisconsultos. — A senhora condessa de Theba, explicações. — As substituições militares. Um pedido da redacção das *Farpas*.

Leitor! leitora! — fallemos dos vossos filhos. Levantemos a mão das fraquezas, dos ridiculos,

das miserias do nosso tempo, e consagremos esta pagina aos mais puros e aos mais vitaes dos nossos interesses.

Conhecemol-os — os vossos filhos. Temol-os visto, ao voltar do collegio, com os babeiros brancos, os chapéos mais velhos, o cabello despenteado e o dedo sujo de tinta, esfarpando de encontro ás pedras os bicos dos sapatos, emquanto o vosso creado, com os compendios do sr. João Felix presos por uma correia debaixo do braço, os segue pausadamente conversando em coisas lyricas com a criada da vossa visinha.

Vimol-os no lyceu, no dia do primeiro exame, pallidos de concentração e de susto, immoveis, extaticos, com os olhos pasmados na espessura dos seus juizes, lembrando-se um pouco mais das orações que vós resastes por elles, ó mães, do que das lições que vós lhes destes, ó mestres!

Tinhamol-os tambem visto no Passeio Publico, em noites de concerto, dançando ao pé do kioske, elles fingindo-se grosseiros para se darem o *chic* de velhos collegiaes, ellas sérias e graves, voltando o rosto por cima do hombro para contemplarem como pequenas senhoras a cauda hypothetica dos seus vestidos.

Ellas e elles são pallidos, teem as gengivas esbranquiçadas, os dentes baços, as pestanas longas, as palpebras ophtalmicas, os cantos da bôcca levemente feridos, o sorriso triste, os movimentos indecisos e fracos, o olhar quebrado.

Precisam de tomar banhos frios, de comer carne ao almoço, de beber uma colher de vinho generoso todos os dias, de fazer gymnastica, e de que se lhes corte o cabello.

Além do cabello extremamente longo — o que equivale perante a chimica e perante a physiologia a um dispendio de ferro com que não podem as constituições anemicas dos vossos pequenos — notamos-lhes ainda excessos de *toilette* cuja voga dá o seguinte resultado: Em parte alguma do mundo se encontram creanças tão mal vestidas como em Lisboa.

A gente rica veste os seus filhos de veludo, com meias de seda e plumas no chapeo. Ha typos calabrezes, escocezes, marinheiros, boleeiros... A gente pobre, que não pode adoptar integralmente os modelos consagrados na mascarada das creanças burguezas, veste os seus pequenos de cães sabios. — O que é de uma iniquidade verdadeiramente horrivel, porque, emfim, ninguem pode evitar que os nossos filhos

sejam os herdeiros forçados das nossas enfermidades e das irregularidades das nossas feições, mas é de mais abusar dos direitos da paternidade até o ponto de converter uma creaturinha graciosa e sympathica no cabide irrisorio das depravações artisticas do nosso gosto!

Ide ver as creanças, como nós as temos visto, aos domingos de tarde no passeio da Estrella ou em S. Pedro de Alcantara. Lá encontrareis os meninos vestidos de coliegiaes francezes, de guardas-marinhas ou de empregados do caminho de ferro, de postilhões, de huguenotes, de puritanos, e, sobre isto, as ordens compositas das *toilletes* de capricho, em que o hediondo toma profundidades de expressão prodigiosamente allucinantes: as botas côr de pulga com atacadores encarnados e biqueiras de verniz, chapéo de palha atado por baixo da barba com um laço de fita, vestido verde e paletot encarnado, coisas medonhamente similhantes ao traje de um macaco que dança ao som de um realejo.

Desafiamos-te, leitor, a que entre todos esses pequenos nos mostres duas creanças vestidas simplesmente — de creanças: com sapatos rasos, largos e grossos, e um fato commodo, logico, sensato, de linho no verão e de lã no in-

verno, que permitta ao rapaz que o tem usar livremente de todos os seus movimentos e de toda a sua força, sem vontade de olhar para a sombra que vae fazendo nos muros, nem de se considerar perpetuamente tutelado pelo verniz das suas botas ou pelo delicado estofo da sua tunica.

Conversae por um momento com esses pobres forçados á grilheta do apparato, e vereis com que idéas a primeira educação das amas e das creadas enche a immensa capacidade que tem a memoria desde os dois annos até os seis! Elles estão convencidos de que o judeu que lhes vendeu tamaras á porta do jardim tem uma cauda no fim das costas; que o mundo foi feito pelo Jesus; que as doenças, os desastres e os aleijões são castigos dados pelo Jesus; que as trovoadas são o Jesus que ralha com a gente. De sorte que para elles o divino martyr da dedicação e do amor da humanidade que suas mães adoram de joelhos, fica redusido ao chaveiro de todos os males, ao dispenseiro de todas as desgraças, ao pastelleiro de todos os desgostos! Não conhecem tão antipathico, tão monstruoso, tão terrivel como Jesus, senão um ente que existe em casa de cada um d'elles, escondido

nos quartos escuros, á espera que os meninos passem para os devorar. É o papão. O pae é uma especie de flagello intermediario dos dois referidos, um ministro da policia enviado extraordinario e representante effectivo dos verdugos invisiveis e mysticos. Quando o Jesus não ralha porque não ha electricidade athmospherica, e o papão se não manifesta porque estão luzes em todos os quartos, diz-se-lhes: *Esperem que ahi vem o papá!* quer dizer, o emissario de Jesus, que substitue os trovões pelos puxões de orelhas, e o substituto do papão, que espanca os meninos feios emquanto o papão se não resolve definitivamente a mastigal-os.

A unica instrucção séria que se lhes deu na primeira infancia foi o cathecismo. O Padre Nosso caiu-lhes na memoria como a toada somnolenta e monotona de uma melopea machinal, de cuja intenção e de cujo sentido — mesmo litteral — elles não teem a minima idéa. Outro tanto lhes succede com os mandamentos da lei de Deus e com os peccados mortaes. Nada mais edificante, sobre a falsa educação religiosa que nós cuidamos dar aos nossos filhos, do que ouvirmos as suas respostas quando lhes perguntamos o que entendem por esta palavra que os

obrigamos a repetir duas ou tres vezes por dia —*Luxuria* — Ou a sua interpretação para esta phrase que egualmente nos esforçamos por lhes fazer decorar: *Não invejar a mulher do teu proximo!* Uma pequenina nossa amiga entende que a *luxuria* é o peccado do demasiado *luxo*, e que guardar *castidade* consiste em não murmurar contra os *castigos*.

Taes são as coisas que os nossos filhos aprendem em nossas casas até a edade dos seis annos!

.·.

Chega finalmente a epoca de entrarem no collegio.

O collegio é uma casa triste, sombria, impregnada d'aquelle cheiro abafante que deixa no ar a agglomeração das creanças. O collegio tem um guarda-portão de aspecto duro, homem habituado a pagar-se nas lagrimas dos collegiaes pequenos das diabruras que os grandes lhe fazem. As paredes têem riscos e lettras a lapis; no chão escuro ha bocados de papeis rasgados; a disposição das camas, o aspecto secco dos prefeitos, as maneiras dos criados dão aos dormitorios um ar de hospital. As aulas, sujas pela lama que trazem as botas dos externos, os ban-

cos lustrados pelo uso, as carteiras de pinho pintadas de preto, os transparentes das janellas manchados pela chuva, a lousa negra polvilhada de giz a um canto da casa, o roda-pé da banca do professor de baeta lagrimejada de tinta, infundem uma tristeza lugubre. Tudo quanto pode converter o trabalho n'um objecto de repulsão e de horror acha-se felizmente reunido na maior parte dos collegios portuguezes. As mulheres, que a experiencia tem provado possuirem muito mais aptidão para o ensino do que os homens, são geralmente excluidas do professorado nos collegios de alumnos do sexo masculino. O ensino é ordinariamente feito por sabios de pouco preço, para os quaes os ambitos da sciencia bem como os da sociedade são egualmente cheios das trevas mais augustas e mais impenetraveis. Por via de regra litterato fallido, escriptor malogrado, critico inedito, o magister tem a pedanteria das pequenas lettras e as severidades da alta magistratura, envoltas n'um exterior intonso, com maneiras de uma gravidade suspeita e de um exemplo contestavel. No entanto como no tocante ás maneiras do alumno tudo quanto se exige é que elle seja approvado no seu exame de civilidade, lá estão para supprir tudo os com-

pendios do sr. João Felix, vigoroso freio para que o estudante nunca escarre na cara das pessoas de respeito nem arrote com reprehensivel estampido quando jantar na alta sociedade. Poupa o trabalho de dar exemplos a commodidade de possuir um livro assim, que permitte ao perceptor dizer simplesmente o seguinte a um homem que vae entrar no mundo: «Releia o seu João Felix, e conserve-se sempre de sobreaviso sobre as expectorações e sobre os gazes.»

. · .

O mesmo que succede com a civilidade é exactamente o que se dá com todos os demais capitulos em que se divide a educação da infancia.

A preoccupação unica e exclusiva dos perceptores é que os seus alumnos estejam quietos no collegio e sejam no fim do anno lectivo approvados no Lyceu Nacional. Para conseguir a approvação dos estudantes nos exames que elles façam o preceptor emprega todos os esforços e todos os meios, excepto talvez um unico,—que é o de lhes ensinar o objecto sobre que tem de versar o exame.

Para se ajuizar dos outros meios que dão em

resultado a approvação dos alumnos cumpre saber-se que o jury dos exames é composto de professores do lyceu. Estes senhores téem organisado o programma das suas perguntas e feitos os pontos que no fim do anno serão tirados á sorte para indicar a passagem sobre que tem de passar-se exame. Ora n'este caso o modo mais simples e mais logico de conseguir a approvação seria haver o programma das perguntas e a collecção dos pontos. Assim, quinze dias bastariam para que o alumno decorasse os textos sobre que tinha de tirar o ponto, e o exito do exame não poderia ser depois d'isso duvidoso. Succede porém que os lentes do lyceu insistem em não vender os pontos pela razão um tanto frivola de que isto seria a mais sordida das veniagas e o mais abjecto dos subornos. Aqui principiam os trabalhos memoraveis a que se dá o preceptor para assegurar o futuro scientifico e litterario do seu alumno.

— Homem! deixe-me levar os pontos aos rapazes!

— Não! isso não! leve-lhes tudo quanto quizer, menos os pontos! Quer uma coisa?... Leve-me a mim — por vinte mil réis por mez — mas os pontos não! nunca!

— Bem! basta! Não fallemos mais nos pontos, e venha d'ahi você!

Assim é que os professores publicos do Lyceu Nacional, vogaes do jury dos exames no mesmo lyceu, não vendem os pontos aos collegios particulares mas exercem n'elles o magisterio. Ha professor no lyceu de Lisboa que ensina particularmente a disciplina de que é examinador em oito differentes collegios de educação de rapazes! Não ha n'isto sombra de corrupção nem desaire de especie alguma. Sómente acontece — e isto é um facto extremamente secundario! — que de cada cem alumnos que concorrem a exame no lyceu podemos affoitamente computar em noventa o numero dos que ignoram as disciplinas em que são julgados aptos. Se os illustres professores nos quizerem honrar com o seu desmentido, requeremos uma syndicancia ás escolas e provaremos com factos que de cem alumnos approvados em latinidade no anno de 1870 não haverá seis que em 1871 traduzam correntemente meia pagina de qualquer auctor latino á *nossa escolha*.

.·.

São enormes, são pavorosos os males que resultam dos simples factos que acabamos de indicar.

Em primeiro logar os alumnos habituam-se desde a infancia, nos primeiros actos da sua vida civil, a descrerem do merito, do trabalho e do estudo, e a contarem para todo o exito com a falseação das provas, com a mercancia da justiça e com a omnipotencia do compadrio — perfeita iniciação para uma existencia de intriga, de indolencia e de deshonra.

Os paes, quites para com as suas consciencias dos encargos da educação que devem a seus filhos pelo facto de haverem delegado n'outros esses encargos, contentam-se em participar aos parentes que o menino continua a ser approvado nos seus exames, até que, aos dezeseis ou dezesete annos, o collegio devolve á familia plenamente approvado em todos os seus estudos o menino que a familia lhe confiará, e o pae encontra-se então, frente a frente, no seu campo, na sua loja, na sua officina ou no seu lar domestico, com um mancebo aproximadamente inutil para toda a especie de emprego. Todas as faculdades d'esse pequeno homem, em que a barba principia a repontar com as paixões ardentes da puberdade, estão inertes, enervadas ou corrompidas.

Em quanto á educação do espirito sabe pouco

e mal o que lhe ensinaram, não sabe quasi nada o que devia saber.

Pelo que respeita ao corpo, se vem de um *bom collegio*, sabe de gymnastica o sufficiente para fazer d'elle um mau arlequim, mas nunca empregou a sua força nos exercicios verdadeiramente uteis a um homem. Não está habituado á fadiga das marchas, não sabe defender-se se o esbofetearem, não sabe nadar, desconhece os principios mais rudimentares da hygiene.

No que toca ás suas faculdades de coração, nunca amou ninguem. Partido o affecto instinctivo que o prendia á familia, viveu no baixo egoismo dos reclusos. Desconhece o doce prazer de se sacrificar. Nunca teve a sua parte nos interesses delicados da familia, nunca subiu de corrida uma ladeira para chamar um medico para seu pae; nunca se bateu aos murros por alguma grosseria da rua dirigida aos bibes das suas pequenas irmãs, que elle estivesse encarregado de acompanhar á escola; nunca defendeu, nem consolou, nem acariciou sua mãe. A unica mulher que deixou na breve existencia d'elle uma lembrança secreta, ardente, devoradora, foi talvez uma, de longas saias engommadas e ruidosas que, passando na rua, lhe sorriu para

a janella do collegio, de um modo estranho, em certo dia em que elle fizera exame de rhetorica...

.˙.

Na escola polytechnica, na Universidade, n'um escriptorio commercial ou na casa paterna esse rapaz deixará correr descuidadamente a sua existencia pelo declive facil em que o puzeram, sem estimulos affectuosos, sem vontade, sem energia, sem força, sem consciencia e sem caracter.

E esta será a bitola dos futuros cidadãos portuguezes!

.˙.

Nós mesmos fomos já educados assim. Vêde o que estamos sendo! Vêde os homens que deitamos! Vêde o paiz que fizemos e a sociedade que constituimos!

Principiamos por desconhecer a nossa missão na humanidade. A familia enfraquece por toda a parte. O hospicio dos expostos em Lisboa contava no primeiro dia do corrente mez de outubro 15:099 creanças repudiadas por seus paes. A roda dos expostos joga com outra roda na administração do paiz — a roda da loteria. A loteria sustenta a Misericordia. O jogo protege a

prostituição. A tavolagem adopta o bordel. É a mancebia abjecta da batota e do prostibulo abençoada pelo Estado e acarinhada pelo paiz.

E nós vivemos n'isto, n'esta repulsiva podridão, complacentes, descuidados, felizes, dando a todo o mundo moral o espectaculo da maior degradação e da maior baixeza em que póde cair uma sociedade.

Na sciencia, na litteratura e na arte estamos estacados, imitando servilmente as obras de nossos paes, attestando a ignorancia mais flagrante, esterilisados nas nossas faculdades inventivas, narcotisados pelo tabaco de que abusamos como nenhum outro paiz da Europa, sem uma idéa elevada, sem um pensamento generoso, sem uma voz, sem um grito, sem um gesto que penetre, esclareça e vibre este velho mundo devasso e tonto.

Na politica a nossa historia actual é a abdicação por inepcia de todos os fóros e de todas as franquias de liberdade conquistadas pela geração que nos precedeu. Vêde a representação nacional. O nosso parlamento tem muitos defeitos, mas todos elles procedem de um vicio capital, irremediavel, sem cura — a incapacidade intellectual para comprehender o machinismo do

mundo moderno, perceber a lei das novas evoluções sociaes, e debater com perfeito conhecimento do systema da universalidade moral que nos governa os altos interesses do tempo a que pertencemos. Com menos eloquencia, com menos ardor, com menos fé que em 1836, os actuaes deputados da nação vivem ainda a equilibrar as velhas duvidas pulvurentas e desengonçadas do estabelecimento do systema parlamentar. No entanto no resto do mundo os acontecimentos scientificos, sociaes e politicos precipitam-se vertiginosamente creando transformações que os antigos tempos não viam senão depois de uma gestação de seculos. Dentro de poucos annos a Italia unifica-se, a corôa de Roma cáe da fronte do papa, os Bourbons são expulsos da Hespanha; os Bonartes fogem da França; constitue-se o imperio allemão; a America emancipa os seus escravos; a Europa perfura o Monte Cenis e abre o canal de Suez; em Paris estala a revolução social que no primeiro dos seus relampagos abre um abysmo de sangue; a classe operaria agita-se por toda a parte, e o murmurio, profundo como o do Oceano, que ella está fazendo na sombra, abala a confiança que tinha em si á propriedade e o capital

e obriga as classes medias, em cujo poder jaziam desde a revolução franceza os destinos da civilisação, a lembrarem-se de que a realeza, o clero e a aristocracia tiveram sobre o mundo antigo, assim como a burguezia sobre o mundo moderno, o seu tempo de dominio; que uma lei historica lhes arrancou o poder n'um momento, e que a hora do presente regimen póde soar ámanhã, assim como successivamente soou, irrevogavel e fatal, a de cada um dos dominios que teem senhoreado a humanidade. Isto pondera-se, medita-se, discute-se em todos os parlamentos. Em Portugal sana-se a questão apagando as luzes e fechando á chave a sala das conferencias democraticas. Teem os politicos portuguezes alguma leve noticia do que se está passando no mundo? Ignoramol-o. Os partidos avançados o que querem? Novas liberdades em uma carta reformada e a maxima descentralisação nos differentes ramos da administração publica. Ora em quanto á liberdade está-se provando em cada dia que nem da que possuimos temos aprendido a usar. Em quanto á descentralisação a civilisação portugueza pararia no dia em que a votassem. Quereis uma prova? Ha districtos em que o numero das escolas tem

duplicado nos ultimos annos; pois bem : o numero dos alumnos é egual ao do tempo em que as escolas eram de metade!

A verdade é que a civilisação, bem como a liberdade, se não decreta. Só ha um unico meio de a alcançar : é merecel-a.

Ha muito tempo que os governos portuguezes, todos bem intencionados e honestos, longe de resistencias, não encontram senão dedicações no espirito publico; e não obstante vão caindo todos successiva e rapidamente. Sabeis porque caem? Caem simplesmente pela ignorancia. E camaras e camaras successivas, tiradas de todas as condições e de todas as gerarchias sociaes, não dão de si um grupo de homens com a capacidade intellectual precisa para firmar o poder.

. ˙ .

Possam os nossos filhos reclamar a felicidade a que seus paes não teem direito, apresentando-se ao futuro com merecimentos que nós não podemos invocar! Suspensão de vehemencias e de ironias! Trata-se da infancia. Não nos dirigimos aos politicos. Conversamos honrada e sinceramente comtigo, leitor amigo, e comtigo, leitora honesta; descansamos por um momento

no chão as nossas armas para vos estendermos a mão.

Pesa sobre vós uma responsabilidade tremenda. No estado em que se acha a sociedade portugueza a familia é um duplo refugio — do coração e do espirito.

A familia é dos pouquissimos meios pelos quaes ainda é licito em Portugal a um homem honrado influir para o bem no destino do seu seculo.

Querido leitor! o modo mais efficaz de seres util á tua patria é educares o teu filho. Consagra-te a elle. A educação publica é uma burla atrozmente vergonhosa. Não lhe entregues a creança que o destino te confiou. Educa-o tu. Se não souberes mais, procura pelo menos tornal-o forte, ensina-lhe a ler e a escrever, dá-lhe um officio e fal-o um homem de bem; elle de si mesmo se fará um sabio, se tiver de o ser. A ignorancia tem isso de bom: que se desfaz aprendendo. A falsa instrucção tem esta perfidia: não dá o ensino e inhibe de o tomar.

Até ha bem pouco tempo (oh incuria!) todos os compendios de historia portugueza adoptados nas escolas de instrucção primaria principiavam invariavelmente do seguinte modo:

Pergunta. — Quem foi o primeiro rei de Portugal?

Resposta. — D. Affonso Henriques.

Pergunta. — Quaes foram os factos notaveis do reinado d'esse rei, e quem lhe succedeu?

Resposta. — Succedeu-lhe D. Sancho, etc.

E assim por diante até S. M. o sr. D. Luiz I.

A proposito d'estes compendios observou-se que elles eram imperfeitos pela razão de que se consagravam prolixamente ás anecdotas milagrentas da fundação da monarchia e aos casos biographicos e romanescos dos nossos antigos reis, deixando no escuro dos ultimos planos, apenas indicados com extrema leveza á attenção dos estudiosos, os factos da historia contemporanea, os quaes pelo contrario seria conveniente expôr com perfeita exactidão e lucidez critica, a fim de dar aos alumnos a lição que mais directamente os interessa: do estado social e politico no seu tempo e na sua epoca.

Assim, ficou opinado que o melhor compendio de historia patria seria aquelle cuja parte prin-

cipal fosse dada á historia contemporanea, deixando para ultimo logar o tocante á chronica das antigas dynastias e ao heroismo dos nossos remotos feitos.

Um professor illustre a quem isto se disse, attentando bem no que havia de profundamente proveitoso e pratico em similhante alvitre, propoz-se satisfazer n'este ponto as exigencias da critica, e para esse fim compoz um compendio, o qual continha exactamente o mesmo que todos os compendios feitos, com a differença de que, dando a primazia á historia contemporanea sobre os factos antigos, principiava assim:

Pergunta. — Quem foi (verdadeiramente) o primeiro rei de Portugal?

Resposta. — S. M. o sr. D. Luiz I.

Pergunta. — Quaes foram os factos notaveis do reinado d'esse illustre rei, e quem lhe succedeu?

Resposta. — Succedeu-lhe el-rei D. Pedro V, etc.

E assim por diante até D. Affonso Henriques, ao qual como mais remoto fôra consequentemente dado o derradeiro logar n'este portentoso livro!

O conselho superior da instrucção publica

apressou-se immediatamente a approvar para a adopção nas escolas a nova obra do arrojado reformador da nossa historia elementar.

Além d'este homem verdadeiramente grande, conheces tu já, leitor amigo, na historia dos compendios portuguezes Moreira de Sá — o dos estercos; João Felix — o dos gazes; Victoria Pereira — o dos fluidos.

Todos elles são preclaros e immortaes.

Victoria, descobrindo que a sciencia dos fluidos se chama a mineralogia, rasgou perspectivas inesperadas na sciencia.

Moreira, immergindo denodado das profundezas dos estrumes para revelar ás gerações absortas tudo o que ha a respeito do feijão, é bello!

De João Felix, que com mão firme pautou a direcção que cada um deve dar aos seus gazes achando-se em sociedade, podemos dizer que é o Franklin do arroto, o creador excelso de uma nova rosa dos ventos!

.˙.

Depois que tão altos varões foram por suas investigações e descobrimentos coroados pelo conselho superior da instrucção publica perante

a patria reconhecida, sentir no genio a pontada lancinante, prenucia de que o sujeito tem no interior um compendio de instrucção primaria, e não abafar esse compendio, não o estrangular nas entranhas, deixal-o que sáia á luz e que rabeie audaz entre os fluidos, os estercos e os gazes que o precederam, grande arrojo se figura.

Todavia no presente mez de outubro, inesperada e repentinamente, um novo compendio apparece. É seu auctor o sr. João José Lopes, e tem por tituto *Taboada methodica dos rudimentos de arithmetica*.

Para mais rapida e prompta propagação dos principios contidos no citado livro vamos fazer textualmente e verbo a verbo alguns excerptos:

Primeiro

(Pagina 7, linha 1.ª e seguintes)

P. O menino está ahi?
R. Estou, sim, senhor.
P. O menino só o que é?
R. Sou um menino.

Segundo

(Pagina 10, linha 32.ª e 33.ª)

P. O que é um?
R. É um.

Terceiro

(Pagina 11, linha 32.ª e 33.ª)

P. Havendo dez meninos como se chama o menino que estiver « antes » de todos?
R. É o primeiro menino.

Quarto

(Pagina 13, linha 20.ª e seguintes)

P. Sabe a quantidade de meninos que existem?
R. Não sei.
P. O que é preciso para saber a quantidade de meninos que existem?
R. É preciso saber o numero d'elles.
P. O que é saber o numero de meninos que existem?

R. É saber as palavras com que hei de dizer a quantidade de meninos que existem.

Quinto

(Pagina 14, linha 30.ª e seguintes)

P. Seria possivel contar uma a uma o numero das coisas que existem?

R. Se fossemos a contar o numero das coisas que existem, ellas são tantas que nunca acabariamos.

P. Então o que se faz para dizer com brevidade o numero das coisas?

R. Conta-se uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez coisas. Quando as coisas que se contam chegam ao numero dos dedos das mãos que são dez, em logar de dez coisas, diz-se que temos uma dezena de coisas.

. ˙ .

O livro a que alludimos foi approvado pela junta consultiva de instrucção publica para uso das escolas primarias, e está adoptado na escola annexa á escola normal primaria do sexo feminino.

Á junta consultiva de instrucção publica diremos... Mas não! para que? Nós duvidamos que a junta consultiva saiba ler.

Emquanto a ti, João José Lopes, prosegue! *As Farpas* sympathisam com o teu genero. Quem descobre como tu um meio tão simples de dizer com brevidade o numero das coisas que existem qual é o de as contar, um homem que acha isto, não pode deixar de ser um cavalheiro.

Vemos, amigo, que tens outras obras publicadas e que novos livros preparas para dar á estampa. Parabens, e ávante! Se Felix, Victoria ou Sá te morderem de inveja, cá estamos nós!

Escreve, escreve, João José! escreve muito! — verás o bem que isso ha de fazer-te ao figado!

Saiamos do *Antony*. Um pouco adiante de nós, subindo a rua nova do Carmo, vinham conversando dois hispanhoes, espadaudos e robustos. No alto da rua ao fundo do Chiado, alguns fadistas em grupo, com ruido, tocavam guitarra.

Quando os dois hispanhoes passavam, os fadistas envolveram-os, pularam, chasquearam e, para variar um pouco os seus prazeres, esbofetearam um hispanhol! O outro então, surprehendido, ergueu a mão e com um vigor castelhano, deu em redor algumas bofetadas sonoras, fulminantes, que iam fazer rolar na lama os magros tocadores da guitarra.

N'isto uma patrulha, que descia o Chiado, vem, pé ante pé, faz um cerco, e tomando as suas espingardas pela coronha começou por atirar ás costas do hispanhol uma pancada horrivel, de ecco, que o fez estacar immovel, suffocado, a arquejar. A esse tempo um fadista, gania, todo corcovado, sob a dôr de uma coronhada municipal. Ninguem foi preso. Um dos soldados, depois, queixava-se que tinha *escangalhado a arma!*

. · .

Respeitamos, submissos, este processo policial!

O redactor de um dos mais vivos e seguidos jornaes de Lisboa, contava-nos pouco depois, que vira na vespera alguns policias que, encontrando um homem com um accidente, tratavam de lhe fazer voltar os espiritos, dando-lhe pon-

tapés na cabeça : o homem rolava no chão, e elles davam-lhe pontapés no estomago. Talvez a medicina não siga inteiramente este systema de curar os accidentes : no entanto a policia tem esta opinião therapeutica, e nós não podemos contestar a ninguem o direito de divergir — em questões de sciencia — da escola medico-cirurgica ! O accidente tratado pelo espancamento é uma theoria de todo o ponto respeitavel.

Sómente nos parece que, visto a policia ter este methodo especifico, que ella de certo julga proveitoso, porque o usa, não lhe poderia custar muito um pequeno trabalho a mais, e o governo poderia encarregal-a de tratar os cidadãos enfermos. Poupava assim o estado á despeza com a escola de medicina. Quando alguem se sentisse doente, chamava da janella o policia da esquina, o qual depois de tomar o pulso e reconhecer a authenticidade da doença, arregaçava a calça e mandando pôr o doente em posição, escalavrava-o a pontapés !

. ˙ .

Uma economia parallela nos occorre a respeito da municipal. Porque emfim, coronhadas como as que vimos estalar, com um som baço e

gemente nas ilhargas de dois cidadãos, podem muito naturalmente matar um homem fraco, que soffra do peito, tenha uma lesão, um aneurisma, um vicio de construcção. Ora não queremos dizer que a patrulha não tenha a faculdade de matar á coronhada os cidadãos que destranquillisam as ruas! Seria esse mesmo o meio mais efficaz de estabelecer uma ordem inalteravel. O cidadão estendido morto, com a espinha partida ou o craneo aberto, aos pés do municipal dá garantias superiores do seu socego e do seu respeito. E de certo a melhor maneira de fazer entrar um cidadão na ordem — é fazel-o entrar no cemiterio.

Mas então — economia! — supprimamos os tribunaes. Recolha-se definitivamente a magistratura ao seio das suas familias. Não é necessario que haja juiz para julgar os cidadãos — quando a policia previamente se encarrega de desfazer esses cidadãos ás coronhadas!

O mais subtil magistrado ficaria pallido de embaraço — se lhe apresentassem o corpo despedaçado de um desordeiro — para elle lhe fazer perguntas! Não. Poupemos á justiça esta collisão vexatoria!

No Funchal um negociante rico, estimado, morre. O clero recusa-se a enterral-o no cemiterio,—logar sagrado (diz) porque elle emquanto vivo não cumpriu os deveres religiosos.

Ora esse homem não era um escriptor, um publicista, um philosopho ; não manifestou publicamente por palavras, artigos, pamphletos, conferencias, o seu racionalismo. Vivia simplesmente no seu commercio e no seu trabalho. De sorte que não podia ter provado a sua falta de impulso religioso, mais que nos actos triviaes de uma vida commum: — não ter ido á missa, comer carne á sexta feira, não se confessar talvez. E é por isto que este cidadão, negociante, trabalhador honrado, estimado, é atirado para o canto de uma velha estrada ou de um logar de immundicies — como um gato apodrecido, ou como a carcassa de um cão damnado.

. ˙ .

Respeitamos esta opinião do clero, mas ousamos perguntar :

Com que direito o clero exclue do cemiterio o cadaver de um cidadão ? O cemiterio não é um logar catholico, é um logar municipal ; não pertence aos padres, pertence aos cidadãos ; ser

enterrado no cemiterio não é um favor ecclesiastico, é um direito civil. Os cemiterios competem á camara municipal : é ella que os construe, os vigia, os limpa, os possue, os policia ; quem quer um mausoleu compra um terreno á camara ; os modelos dos jazigos são lá approvados ; é ella quem determina a disposição dos sepulchros. É um centro civil, é um orgão essencial da cidade. Os cemiterios teem a sua origem na hygiene, na policia, na moral da vida municipal. Não teem a sua razão de ser na theologia : o cemiterio catholico é o ceo !

.˙.

Ora temos que dar um bom conselho ao clero : na Belgica, quando um livre pensador, um professor das universidades livres, morre — o clero que o não pode expulsar do cemiterio, limita-se com grande sensatez, a mandar alguns garotos apupar o cadaver quando elle passa, entre as lagrimas dos seus amigos ! Aqui está o que é um clero que respeita os direitos civis : não impede o enterro, *patea* o cadaver !

Ora no Funchal deve haver garotos : quatro pedras, e dois assobios, e o clero castiga os impios.

Ha um mez, na occasião em que um telegramma do sr. visconde de S. Januario communicou ao governo a livida noticia de uma sublevação em Gôa, *As Farpas* desenharam, em uma pagina do album guerreiro e patriotico em que todo o mundo punha uma palavra emphatica, o perfil caracteristico e pittoresco de uma revolta na India. Dos vagos lineamentos da insurreição enviados pelo telegrapho á metropole construia cada um, segundo o seu juizo, um poema, um drama, uma tragedia; *As Farpas*, tentando modelar uma figura verdadeira e real, arrebitaram o nariz do seu esboço, deitaram-lhe a lingua de fóra e fizeram uma caricatura.

O telegramma do sr. visconde de S. Januario era como uma charada em que cada um tinha decifrado uma palavra differente. Segundo a *Revolução de Setembro*, aquillo queria dizer *victoria*; segundo o *Diario Popular*, *catastrophe*; o sr. Melicio optava por *incongruencia*; o sr. Vidal queria que fosse *amor*; nós sempre dissemos que não podia ser senão *bamburrio*.

Veiu finalmente o correio trazendo resolvido o problema que nos fôra posto pelo telegrapho. A nossa caricatura saiu o mais completo retrato; a nossa palavra tinha sido uma sentença.

Quereis saber explicita e positivamente o que foi a insurreição da India? Lêde o precedente numero das *Farpas*.

Quereis a confirmação official da chronica antecipada que fizemos? Lêde a proclamação por meio da qual o sr. visconde de S. Januario se determinou a colaborar n'estes livrinhos alegres.

Os regimentos indios sairam dos seus quarteis, vieram á rua e deram o *babaré*. Depois do que, se encontraram uns com os outros,— o que para s. ex.ª o governador foi a manifesta *denuncia de um plano premeditado*.

A noticia d'este acontecimento percorreu o paiz inteiro, accrescenta a proclamação, *deixando, não só o pasmo, mas a reprovação na sua passagem*. E cabe aqui ponderar como os tempos se despoetisam e achatam! Debaixo das patas do cavallo de Attila a herva emurchecia e o solo esterilisava-se. Na passagem da revolta da India os povos contentam-se em manifestar que prefeririam um baile campestre.

Ninguem sabia, prosegue a proclamação, *ninguem sabe, ninguem imagina sequer o motivo de similhante commettimento*. Exactamente o que nós dissemos: á hora do rancho a insur-

reição recolhe ao quartel, e ninguem chega a saber o motivo porque ella saiu ás ruas a dar o *babaré!*

O sr. visconde de S. Januario conhece como nós o espirito d'aquelle exercito. Por tal razão, inutilisados todos os demais termos de coherção e de resistencia, s. ex.ª não espera reduzil-os pela fome nem fazel-os voar com os estilhaços das minas. No transe derradeiro, *uma esperança me resta*, exclama s. ex.ª, como quem sabe que tem na mão a verdadeira palavra do futuro: *a propria consciencia os levará ao caminho da cordura*. Mordido o ultimo cartucho, comido o derradeiro biscoito, antes de *entregar o pendão que recebeu impoluto das mãos de S. M.*, o sr. governador geral, tentando um golpe decisivo e tremendo, appellaria para a consciencia do inimigo, e o inimigo então, tremelicante como um calvo a quem se deu um sopro traiçoeiro ao arrepio do craneo, cairia desmaiado nos braços da cordura.

Diante de uma revolta que não dá um tiro, que não solta um grito, que não faz um gesto violento, que atravessa as populações, recolhida, concentrada, serena, como a companha de uma lancha que leva a sua vela ao Senhor dos

Navegantes, a phantasia do sr. governador geral, balouçada na incertesa como n'uma gondola sobre um lago, ao som talvez de uma barcarola tangida na lyra do sr. Thomaz Ribeiro, entrega-se aos doces devaneios do lyrismo.

Para onde caminha a rebelião? Pondera s. ex.ª *Que tentará ella?*

Em torno d'esta pergunta ergue-se um côro de encontradas conjecturas.

Quererá a rebelião dançar uma valsa?

Quererá lêr a *Revista dos Dois Mundos?*

Quererá tomar um capilé?!

Quererá consultar um diccionario?!!

Quererá comprar umas luvas?!!!

O sr. governador geral colloca finalmente a suspeita que elle mesmo tem:

Tentará ella porventura escrever em volta das quinas gloriosas da sua bandeira algum nome proprio por divisa?!

Oh! n'esse caso que a rebelião trema! A India ainda tem uma resma de papel da costaneira para que as rebeliões escrevam os nomes proprios! E que o não tivesse, ó rebelião! Para que escrever nas quinas quem tem as esquinas?! Pois não haverá porventura em toda a India um muro branco e um carvão para que a revolta

escreva os seus nomes onde todas as rebeliões os escreveram?! Pois ahi vamos já, ó povos indios, que a bandeira portugueza substitua para vós o muro novo ou o velho papel almasso?! É isto justo, ó gentios, ó canarins, ó banianos?!

No entanto o sr. governador geral é bom, é condescendente, é amavel. Sim! Escrevei na bandeira. S. ex.ª o disse: A bandeira ahi está, *escreva a revolta um principio e levante-a!*

Que mais queres tu, ó exigente e caprichosa revolta? Queres escrever nas quinas? escreve para ahi! sómente: nada de nomes proprios! s. ex.ª o governador detesta o nome proprio como nós detestamos o persevejo. Quando o nome proprio ousa traiçoeiramente penetrar nos paços de s. ex.ª, s. ex.ª pega no nome proprio com umas tenazes e lança-o acrimoniosamente ao lume. Portanto: tudo quanto quizerdes, menos nome proprio!

Dizei, ó revoltosos, porque vos não contentaes em escrever um simples principio?! Para principios sim. Para escrever principios ahi tendes a bandeira! Ahi tendes bandeira e tinta. *Escrevei e levantae-a*, como s. ex.ª disse. Escrevei, e ponde-lhe uma estampilha! escrevei, e deitae-a ao correio! escrevei, e mandae-a ao namoro!

unicamente, se não quereis festa, fazei de conta que o sr. João Feliz publicou com a approvação da junta consultiva um novo opusculo grammatical supprimindo o nome proprio.

Nós pela nossa parte, os da metropole, vamos perguntar ao governo se elle approva a idéa, que teve o seu representante na India de vos dar as bandeiras para papel de principios. Porque então, se vamos a isso, se a sensatez constitucional resolve definitivamente fazer presente á burocracia das coisas que a burocracia ainda não devorou, se é ponto decidido desfazermos tudo isto em utensilios de escriptorio, se das bandeiras se faz papel de escrever, queremos tambem as bayonetas para desmanchar em caixas de pennas de aço, e pedimos Ennes para um tira linhas.

O sr. governador geral da India, além d'esta pequena offerta da bandeira como brinde de amisade, esmerou-se em tratar a revolta com uma amabilidade que a devia ter deixado para todo sempre penhorada pelas attenciosas maneiras de s. ex.ª S. ex.ª pediu galante e cavalheirosamente á revolta que entrasse nos seus quarteis, que se sentasse, que tomasse alguma coisa e que quizesse dizer o objecto da sua visita : *Pois*

que a revolta veiu, falle a revolta! mas entre de novo nos seus quarteis, etc. Elle o disse! Depois tomando, modestamente, logar n'uma cadeira junto do sophá, s. ex.ª accrescentou :

Repare bem a revolta que obriga o commercio a fugir espavorido; a agricultura a esconder-se; as colheitas a malograrem-se; as aulas a fecharem-se, tudo quanto é alegria e ventura a vestir-se de luto e a desapparecer.

Ora, com franqueza, se ha coisa que commova profundamente a delicada sensibilidade de uma revolta é apparecer quem tenha a coragem de lhe dizer que a *alegria e a ventura* desapparecem diante d'ella! Por este lado o sr. visconde de S. Januario foi de uma habilidade verdadeiramente machiavelica. As revoltas têem sempre, além dos seus fins ostensivos e expressos, um mote reservado e um fim occulto : *ventura e alegria!* Algumas dizem : *amor e concordia!* Mas tudo vem a dar na mesma. O que as revoltas não querem nunca é que haja luto, nem tão pouco que o commercio, a agricultura e as aulas soffram o menor incommodo. O sr. visconde de S. Januario fallando á India revoltada n'essas coisas meigas vibrou-lhe a fibra sensivel. Depois d'isso ella não podia senão fazer o q

fez: enxugar as lagrimas, comprimir no coração o arrependimento do seu erro, e exclamar: Visconde, partiste-nos os braços!

Em toda a historia d'esta campanha da India, tão auspiciosamente começada, tão afortunadamente concluida, uma só circumstancia nos desorienta um pouco no conceito de galanteria, de finura e de exemplar benevolencia em que temos o sr. governador geral. É o facto da amnistia concedida por s. ex.ª aos revoltosos. Não tendo sido possivel até hoje saber-se o que queria a revolta, figura-se que s. ex.ª o governador foi por ventura adiantado a um extremo que poderia comprometter a sua delicadesa, porque não só é possivel, mas até ha d'isso fundadas suspeitas, que o que a revolta da India queria era exactamente — acabar com as amnistias!

O *Diario de Noticias*, jornal que tem communicado aos seus correspondentes o habito das informações escrupulosas e honradas, inseria

ultimamente uma carta de Gouveia em que era narrado este caso:

«Um marido matára sua mulher, partira-a aos pedaços, fôra preso e condemnado...

Reparem: e condemnado...

«A varrer as ruas de Gouveia!»

. ˙ .

Oh! entenda-se bem: De modo nenhum queremos limitar os maridos no direito de matar suas mulheres. São questões domesticas com que nada temos. Nunca se dirá que as *Farpas* invadam o seio das familias. Que os maridos quando lhes convenha, para melhor organisação do seu interior domestico, partam suas mulheres aos pedaços — coisa é que nem nos escandalisa nem nos jubila! Talvez não imitassemos tal exemplo: não por que nos pareça fóra das attribuições maritaes, mas porque nos parece excessivamente trabalhoso estar a partir aos bocadinhos uma consorte estimada! E entendemos que quando um marido se sinta dominado pelo desejo invencivel de partir alguma coisa — é mais natural ir á cosinha trinchar o *roast-beef* do que á alcova, retalhar a esposa!

. ˙ .

Não nos espanta tambem o castigo infligido pelo meritissimo juiz de Gouveia. Nós não temos a honra de conhecer Gouveia. O codigo, sim, marca uma pena um pouco maior: não previa esse castigo de varrer as ruas de Gouveia — que de resto é todo local. Mas quem sabe que castigo é — limpar as ruas de Gouveia! Talvez o juiz — por lhe parecer pequena a pena de degredo perpetuo — rompesse no excesso arbitrario, de entregar aquelle facinora ao supplicio de limpar essas ruas vingadoras! Quem sabe se aquelle homem está cumprindo uma sentença pavorosa, e se não o devemos lastimar mais que os infelizes que S. M. Alexandre II da Russia, que Deus guarde e muitos annos conserve em prosperidade e gloria, manda trabalhar ao estalo do chicote, nas minas de Orirlieff! A immundicie da provincia tem mysterios! E talvez — limpar as ruas de Gouveia — seja o castigo que de futuro adoptem, em substituição da pena de morte, os codigos da Europa. O que — confessemol-o com jubilo — seria uma grande honra para a sujidade nacional!

. ˙ .

Mas uma coisa nos occorre: é que d'ora em diante varrer as ruas, deixa de ser um emprego municipal, e começa a considerar-se uma pena. E pode acontecer que os srs. varredores de Lisboa — que não querem, talvez por uma susceptibilidade exaggerada, passar por terem assassinado suas esposas, deponham com gesto de desdem o cabo das suas vassouras nas mãos atarantadas da camara municipal. Por outro lado, dada esta *grève*, nenhum cidadão se quererá encarregar de limpar as ruas: por que ha gente tão escrupulosa que embirraria de ser suspeitada do crime de homicidio na pessoa de sua consorte. Cada um é responsavel pelas suas acções, e esse cidadão poderia cair no desdem publico.

A unica pessoa que affoitamente poderia varrer as ruas, seria aquella de quem se não podesse suspeitar um crime, seria aquella pessoa que fosse pela lei declarada irresponsavel. Ora ha só uma n'este caso. É o chefe do estado. Esse é o unico que poderia varrer as ruas sem que ninguem ousasse voltar-lhe as costas: é irresponsavel. Mas seria realmente atroz que S. M. se visse obrigado, depois do theatro, a ir,

por essas ruas, melancolicamente seguido da sua côrte, levando de vassoura em punho, adiante de si, em nuvens de poeira, a immundice dos seus vassallos!

. · .

Que a justiça pois nos esclareça: se limpar as ruas é uma penalidade moderna, e se a troco de quatro vassouradas, qualquer cidadão pode ter a vantagem de espatifar sua esposa; se esse caso é só applicavel á immundice pavorosa das ruas de Gouveia; ou se o sr. juiz de Gouveia entende que matar a esposa é acto tão meritorio que merece um emprego remunerado pela camara! Esperamos, tranquillos, as respostas dos poderes publicos.

Alguns jornaes contaram este mez, com uma certa indignação ingenua, que na devota cidade de Braga alguns missionarios vendiam aos fieis *cartas ineditas da Virgem Maria*. Estas cartas, segundo parece, eram umas dirigidas a perso-

nagens dos tempos evangelicos — outras, mais particularmente, a cidadãos de Braga. Diz-se que os editores d'esta correspondencia inesperada da Mãe de Jesus, tiveram um ganho excellente. Parece ser um bom negocio.

. ˙ .

O commercio da reliquia piedosa é o facto usual dos srs. missionarios. Um sabio professor da universidade de Coimbra contava-nos, ha pouco, que presenceára em Traz-os-Montes uma singular agudeza.

Um missionario chegou ali com grande bagagem de *rosarios, contas, sudarios, pedaços do santo lenho, fragmentos da tunica, etc.* Mas o desleixado, o imprudente, não trazia caixeiro! De tal sorte que teve de se contentar com dois que lhe forneceu um negociante de pannos. Estes dois habeis vendedores a retalho, collocados á porta da egreja nas tardes de sermão, diante de taboleiros de feira, com toalhas bordadas, cheios das reliquias, dirigiam activamente o seu negocio piedoso. Quem entrava na egreja comprava com devoção. No entretanto, o missionario no pulpito trovejava! — Contar aqui o que elle declamava na sua voz minhóta, não o po-

demos, porque estas paginas não têem a vantagem de ser tão galantes e equivocas como as das memorias de *Faublas*.

No entanto uma inquietação dominava sempre o padre: elle não sabia a conta exacta das reliquias que dera aos caixeiros, e tinha n'elles uma confiança pouco evangelica! De modo que tinha um expediente triumphante: no fim do sermão clamava:

— Agora vão-se benzer as reliquias: quem tiver rosarios de Nossa Senhora, erga-os ao ar!

Os fieis que tinham aquella especie levantavam-n'a com grande fervor. O missionario então, como recolhendo-se em espirito, começava a contar com os olhos, rapidamente, a vôo de passaro, os rosarios. Depois abençoava-os.

Passava em seguida pelo mesmo processo á contagem das outras reliquias, e quando saia da egreja conferia estes apontamentos mentaes com os resultados monetarios. Os caixeiros eram honrados, e este homem teve um bom lucro. Que Deus o proteja, e a policia o não incommode!

. · .

Nós achamos tudo isto extremamente regular; sómente desejamos saber:

Se os srs. missionarios são exclusivamente negociantes, que de passagem e por demais tambem pregam sermões;

Ou se são sacerdotes, que, para fazerem mais alguma coisa, tambem fazem negocio.

. ˙ .

No primeiro caso, sendo elles negociantes, que por demais pregam sermões, achamos perfeitamente inutil que depois de terem feito o seu commercio queiram mostrar a sua eloquencia. Um negociante que depois de nos vender uma peça de linho nos recitasse uma ode da sua lavra, seria bastante impertinente. Parece-nos pois dispensavel que os srs. missionarios depois de terem recolhido na praça o seu ganho, subam ao pulpito a exhalar a sua rhetorica.

Porque — que andam fazendo elles? Andam levando a palavra de Deus? — Mas então se existem em Portugal villas ou aldeias ainda não convertidas ao christianismo, — que faz o governo que não manda as suas hostes rechassar o infiel? — Bajoica de Riba é moira? Invada-se Bajoica de Riba e expulse-se de lá o adorador de Mafoma! Mas se Bajoica já é christã e catholica que têem que fazer alli os missionarios?

Os antigos padres das missões, educados na tradição apostolica, iam á China, ao Japão e á India, em viagens maravilhosas, ensinavam o Deus novo, e morriam nos tormentos. Estes senhores que vão fazer agora em diligencia a Tondella, ou em omnibus a Mafra? — Não tem cada freguezia o seu parocho, as suas predicas, as suas missas, o seu culto? Se os missionarios não vão lá senão ensinar a religião que lá se prega, são evidentemente inuteis: se vão ensinar uma religião nova, então que a policia e o estado os condemne, porque não é permittido alterar a religião do reino.

Fugi a isto, doutores de theologia! E se os senhores bispos entendem que é necessario que os missionarios fortaleçam a fé enfraquecida das freguezias, — então que se dirá de ss. ex.as reverendissimas, que deixam nas suas dioceses crear-se e organisar-se um clero collado tão incompetente que deixa enfraquecer a religião a ponto de ser necessario para a restabelecer que percorra o paiz um clero errante? — Parece-nos pois inutil que elles depois de terem feito o seu negocio, preguem os seus sermões.

. · .

Se porém na hypothese do segundo caso, elles são sacerdotes que accumulam um pequeno negocio de reliquias, então uma coisa grave apparece

É que :

Todo o negociante que attribue ao objecto que vende uma qualidade superior, para o fazer valer, usa de fraude e está incurso nos regulamentos da policia.

A lei que não pode impedir a simplicidade e a credulidade, põe-a ao abrigo dos exploradores.

Ainda ha pouco um homem que vendia camisolas de malha vermelhas, declarando que ellas tinham o privilegio de curar repentinamente o rheumatismo mais rebelde, foi devidamente autoado e multado.

Por consequencia :

Todo o missionario pode descer do pulpito, e vir para a praça vender rozarios, imagens, lythographias de santos etc. Está no seu pleno direito civil.

Mas se, servindo-se da sua auctoridade sacerdotal, esse homem, revestido, affiança do pulpito, invocando Deus e sob a garantia da sua missão religiosa, que essas reliquias lhe foram

entregues por um anjo, e curam as doenças, e fazem voltar ao amor os maridos distrahidos, e saram a esterilidade, e livram de tentações e dão indulgencias — e que recáe um castigo sobre quem não compra — esse homem attribue ao seu ramo de commercio um valor sobrenatural, e vende como reliquia vinda do ceo, uma quinquilharia de Braga : está, como negociante fraudulento, sob os regulamentos da policia!

É logico — os jornaes liberaes dirão que esse homem lança a multidão n'um fanatismo animal; substitue o respeito de Deus, pela adoração imbecil de emblemas; faz da absolvição divina uma especulação propria; conduz os homens á idolatria! — Nós collocamo-nos no ponto puramente fiscal :

— Esse homem, diremos, é um negociante fraudulento.

. ˙ .

Todos aquelles que teem visto as missões e a venda de reliquias sabem de mais uma coisa terrivel :

É que, uma das promessas que se faz aos devotos é que a reliquia comprada absolve do peccado.

De modo que o cidadão devoto depois de pa-

gar e metter na algibeira a sua reliquia, rozario, pedaço de lenho santo, pedaço de sudario, bocado da tunica da Virgem — julga-se na graça de Deus, e na permissão de toda a phantasia! D'ahi por diante pode altercar na taberna, espancar o vizinho, roubar-lhe a mulher: não teem elles bem guardada ao peito a reliquia que absolve, que innocenta, que salva?

Nós já vimos n'uma cidade de provincia, marido e mulher... Mas não! deixemos, immovel, intacto, esse lodo humano!

Ah! o clero intelligente e sincero tem uma missão difficil: não é fortificar a religião, é extinguir o beaterio!

Ha um partido entre todos respeitavel: é o partido chamado legitimista. Em alguns velhos palacios em Lisboa e em antigos solares na provincia vivem ainda inteiramente furtados da scena publica alguns homens que constituiam a sociedade elegante da côrte do sr. D. Miguel. Retirados do mundo desde a proscripção do principe a que tinham votado a sua dedicação e

a sua fidelidade, estes fidalgos teem conservado intacto, como um deposito sagrado, atravez de todas as revoluções, de todos os contratempos e de todas as catastrophes, o capital dos seus primeiros affectos, das suas convicções, das crenças, das perdilecções e dos enthusiasmos da sua mocidade. Fizeram-se exclusivamente os guardas dos seus penates. Consideram-se os depositarios de uma tradicção, de uma lei, quasi de uma religião. A devoção desinteressada, a pobresa e a solidão d'essas existencias tem o que quer que seja da simples e austera magestade de um sacerdocio. No interior da familia estes velhos elegantes de uma geração passada, estes fieis cortesãos de um rei morto, estes fidalgos brilhantes de uma côrte extincta, estes soldados de um exercito batido e inteiramente annulado comprehendem bem que lhes não resta senão a morte diante dos regimentos victoriosos, dos hymnos e das descargas dos senhores do campo. Junto da bandeira que defenderam, encanecidos e dilacerados, quasi exctinctos pelas privações, pelas fomes, pelas fadigas, pelos profundos ferimentos da lucta, á voz suprema de *salve-se quem poder*, é effectivamente a morte que elles esperam, a morte ignorada, sem

pompas, nem prestigios, nem epitaphios — unicamente gloriosa para a consciencia d'aquelle que cae envolto no pendão que jurou, fiel á sua religião e á sua honra, exhalando o ultimo suspiro debaixo dos pés dos batalhões que passam sem dar por elle. Não podendo legar a solidão em que vivem aos seus filhos, os quaes teem de empregar a sua actividade directamente sobre a sociedade de que fazem parte, os legitimistas procuram perpetuar pelo menos nos seus descendentes a lealdade e o ponto de honra a que sacrificaram a sua existencia. Para este fim muitos fazem das suas casas verdadeiros santuarios de uma educação intransigente com todas as leviandades do espirito, do caracter e do pensamento. As revistas, os livros, os jornaes, as obras de arte, todas as manifestações da actividade moderna são por elles rigorosamente fiscalisados, revistados, apalpados, para que não introduzam fraudulentamente os principios de contrabando na sensibilidade ou na razão das suas filhas.

O periodico intitulado *A Nação* é o emissario official, o noticiador plenipotenciario das relações do novo mundo democratico com o velho mundo legitimista. Por este modo o jornal *A*

Nação, narrador dos casos da sociedade moderna nos salões brasonados da sociedade antiga, tem que se desempenhar de uma dupla responsabilidade,—responsabilidade perante aquelles a quem se dirige e responsabilidade perante aquelles de quem falla.

Ora o partido legitimista, ajuisando pela *Nação* do que se está passando a esta hora na sociedade de que se retirou, deve ter dos nossos costumes uma idéa extremamente original. Porque succede, por exemplo, que, ao tempo a que escrevemos estas linhas, está a *Nação* dedicando uma serie de artigos a um estudo que será considerado pelos seus leitores como um dos reflexos tolerados das discussões que nos agitam. Quereis saber o que *A Nação* passa pela linha legitimista para o hemispherio dos seus leitores, perante os quaes só nos é dada a palavra por via d'aquelle interprete? Um estudo casuistico, minudente, integralissimo, sobre o sexto preceito do decalogo, uma especie de monographia da luxuria, com retrato e autographo: uma palavra obscena e um corpo nú.

Ora permittimo-nos observar, para inteira exacção da nossa chronica filtrada pela prosa da *Nação* para leitura do partido legitimista, que

não é completamente este o objecto de que estamos tratando.

A Nação insinuando espirituosamente aos seus correligionarios que a sociedade militante de hoje tomou para texto das suas locubrações aquelle thema — *Usus inordinatus venereorum* — pratica simplesmente uma galanteria similhante á de alguns photographos que collam sobre um *cliché* de lupanar a cabeça de uma mulher honesta, e a fazem correr mundo grudada á impudicicia e ao desvergonhamento bestial do artifice.

Se *As farpas* tivessem a palavra junto do partido legitimista leitor da *Nação*, eis o que *As farpas* lhe diriam:

Não, meus senhores, nós temos do decoro das nossas mulheres e das nossas filhas uma comprehensão muito mais delicada do que o vosso periodico vos inculca, tornando-se ecco de discussões, que certamente não ouviu nas vossas salas, e que portanto pertende tacitamente incutir-vos como reminiscencia das nossas. Ora nós fallamos do nosso trabalho, das nossas idéas, dos nossos interesses communs. Não fallamos nunca dos nossos peccados. Consideramol-os como artigos vergonhosos e prohibidos. Se um

theologo *in minoribus*, se um clerigo safardana
e grosseiro, de dedos queimados pelo cigarro e
de halito grossamente avinhado, pretendesse
discutir com nossas mulheres a doutrina do
sexto preceito, lembrar-lhe-hiamos que, apezar
de não termos como vós outros a espada de nos-
sos maiores pendente de um tropheu de armas,
nem uma matilha de dentes anavalhados, nem
um troço de possantes lacaios, não era ainda as-
sim prudente que uma pessoa desbocada abu-
sasse da sua posição no sacerdocio ou na redac-
ção da folha legitimista para se metter comnosco.
Não, honrados legitimistas, senhores de todo o
nosso respeito e affecto, nós, rapazes de hoje,
descendentes de uma geração plethorica que se
mandava sangrar uma vez por mez, temos pouco
sangue que dispender e não estamos realmente
deliberados com um enthusiasmo prodigioso a
derramal-o, como no vosso digno tempo se fa-
zia, pelo throno e pelo altar. Apezar d'isso po-
rém, temos pelas coisas dignas um respeito que
vós farieis mal em nos contestar, e uma das an-
tipathias que mais nos atacam os nervos é o as-
pecto de um rei miseravel e de um altar sujo.

Emquanto á *Nação* advertiremos que o as-
sumpto escolhido por ella para os seus arti-

gos é d'aquelles cujos tratados a egreja prohibe aos seculares e aos simples sacerdotes em que não concorram especialisados predicados. Além d'isto a operação litteraria que a *Nação* se propõe fazer tende a reduzir a humanidade áquella casta de quem Tito Livio disse que era propria para envenenar os reis; cidadãos similhantes áquelle Eutropio, de quem falla o poeta Claudiano, o qual chegou a consul sem ser homem nem mulher; melancholicos neutros que S. Cyrillo compara ás lombrigas e ás minhocas; genero sem genero de que sairam os entes mais bestiaes e ferozes, os mais infames traidores dos antigos principes e os maiores inimigos da egreja primitiva.

Supponhamos que a *Nação* não tinha o privilegio das lôas áquelles individuos.

Cidadãos! Vejamos um pouco a nossa diplomacia. Ella leva-nos dinheiro: que nos dê distracção; já que não é um meio de progresso, seja um motivo de alegria. Quando voltamos

fatigados, enfastiados, da nossa secretaria, do nosso escriptorio, do nosso tribunal, como não temos um jornal alegre como o *Figaro*, livros humoristicos como os de *Pierre Veron*, comedias que nos alegrem, temos de recorrer ás instituições do nosso paiz—para que nos façam rir. Oh! a Carta Constitucional foi previdente n'esta questão do riso! Deixou-nos instituições: ellas são entre nós:

Pilherias organisadas, funccionando publicamente!

Assim a diplomacia. Não que os seus actos nos façam rir:

Como nos não fazem bocejar!

Como nos não fazem soluçar!

A diplomacia não tem actos.

Queixava-se ha pouco o excellente *Jornal da Noite* que o governo não publicasse os relatorios, os resultados da organisação diplomatica. É o mesmo que censurar que se não photographem os baixos relevos—de uma parede lisa. Que quer o distincto redactor do *Jornal da Noite* que o governo publique? A diplomacia só tem a offerecer como resultado dos seus trabalhos ha vinte annos o seu papel almasso—em branco. Se os nossos diplomatas quizerem um

dia remetter para Portugal, em consciencia, devidamente empacotados, os documentos do que nas suas missões fizeram, organisaram, pensaram, crearam, trataram — a secretaria encontraria ao abrir o pacote :

Um montão de luvas *gris-perle* em mau uso!!

. ˙ .

Se a esses cavalheiros que teem sido embaixadores, ministros, encarregados de negocios em Londres, em Berlim, em Paris, em Madrid, em Bruxellas, em Stockolmo, em S. Petersburgo, em Milão, em Roma, no Rio de Janeiro, em Vienna d'Austria, em Washington, com os seus secretarios de embaixada, os seus addidos, os seus ordenados, despezas de representação, despezas de expediente, despezas secretas, uma voz impertinente perguntasse :

— Como teem v. ex.as desempenhado as suas missões ? Que tratados vantajosos teem alcançado para o nosso paiz ? Que estabelecimentos portuguezes teem favorecido lá ? Que serviços internacionaes teem regularisado ? Que relações solidas, que protecções valiosas teem obtido para a nossa pequenina nação ? Que estudos teem feito sobre a organisação e institui-

ções d'esses paizes? Em que sabios relatorios as teem aconselhado para nosso progresso? Em que bem feitas analyses criticas teem inteirado o nosso governo da politica internacional? Que conhecimento teem dado a esses paizes das nossas instituições, do nosso commercio, da nossa sciencia? Etc.? Etc.? Etc.?

Se fizessem a esses cavalheiros taes perguntas elles ficariam pallidos de surpresa! Porque elles ignoram—que estes sejam os seus encargos. Nenhum curso lh'os ensinou, nenhuma lei lh'os incumbiu. Elles seguem a velha tradição que a diplomacia é uma ociosidade regalada, bem convivida, bem comida, bem dançada, bem *gantée*, bem *voiturée*, com bons ordenados e viagens pagas. Elles estão alli para serem diplomatas na gravata — e não para serem diplomatas no espirito. Achariam um abuso inclassificavel que os tivessem nomeado para dançar o *cotillon* e no fim — lhes exigissem relatorios. S. ex.[as] entendem que o paiz está bem representado desde o momento em que o collarinho d'elles é irreprehensivel. Mas tenham paciencia: ss. ex.[as] estão representando uma nação—e não uma camisaria! Se ss. ex.[as] vão unicamente encarregados de mostrar nos paizes estrangeiros a excellencia

dos nossos alfaiates, — então o paiz não é o interessado — e o sr. Keil que lhes pague! Se ss. ex.as vão simplesmente mostrar lá fóra, em nome do paiz, que dançam bem, — entendemos que ss. ex.as prestam melhor serviço na sua patria, — e não ousando pedir ao governo que os faça recolher á secretaria, pedimos aos srs. Valdez e Cossoul, empresarios de S. Carlos, — que os façam recolher ao corpo de baile!

Ah! é que não sabem a historia anedoctica, garantida da nossa diplomacia... Um, quando em 66 se fez a inesperada campanha da Bohemia, era embaixador n'uma das côrtes em lucta: o governo mandava-lhe d'aqui telegrammas impacientes, pedindo-lhe informações precisas, intimas; chega um officio do embaixador: a secretaria agrupa-se ávida para ouvir, e escuta-se:

«Estive hontem no paço: S. M. tratou-me com a sua costumada benevolencia, sorrindo-me. Beijo as mãos de S. M. o rei de Portugal. O embaixador...»

A secretaria estava costumada: nem impallideceu! Outro... mas para que especialisar, alludir, anedoctisar? O paiz conhece a nossa diplomacia: viu-a á luz da rampa, ao rumor da

orchestra: riu com ella, bateu-lhe as palmas, chamou-a fóra: ella destacava-se, exactamente a grã-personalisada, na côrte grotesca de S. A. a grã-duqueza de Gerolstein,—barbeada, de luva côr de palha: era o barão Grog, não se lembram? Sómente a nossa diplomacia não usa rabicho, e curva-se com menos elegancia! E o barão Grog conspira! Os nossos nem sequer conspiram! Elle tinha graça, os nossos são lugubres! Elle só nos custava um bilhete de platéa, os nossos custam-nos infinitos contos! Elle fazia-nos rir, os nossos fazem-nos corar! D'elle diziam os jornaes, como nós lemos: *é engraçado aquillo!* Dos nossos dizem os personagens estrangeiros, como nós ouvimos: *ils sont piteux ceux-la!*

. · .

Parece-nos pois que na organisação da nossa diplomacia vamos seguindo um caminho esteril.

As habilitações que se exigirem de um cidadão devem estar em harmonia com os serviços que se esperarem d'elle. Não se exige dos que pretendem ser lentes do curso superior de letras que elles apresentem certidão de saber dançar dignamente o *can-can*. Ora se a missão de um diplomata é comer bem, dançar bem,

vestir bem, parece-nos inutil que se exijam provas de que o sujeito conheça o direito internacional e a historia diplomatica! O mais trivial bom senso pede que elles sejam examinados simplesmente em pontos como estes:

Maneira mais propria de pôr a gravata branca e suas divisões:

Methodo mais fino de comer uma ostra, principios geraes, applicações:

Da walsa: theorias, questões principaes, exemplos, etc.

Assim, supponhamos que algum dos nossos mais respeitaveis vultos politicos, o sr. Braamcamp, por exemplo, pretende uma embaixada: auctorisam-n'o a isso a sua experiencia e o seu criterio: que se lhe dê, mas que antecipadamente s. ex.ª seja examinado na secretaria dos estrangeiros por um jury competente e recto.

— Tenha v. ex.ª, sr. Braamcamp, dirá o jury, a bondade de se sentar áquella mesa e comer aquella pescadinha marmota: para nos provar que não lhe é estranho este ponto da sciencia diplomatica.

E s. ex.ª tomando delicadamente o garfo, e na extremidade de dois dedos uma codea fina de pão, os braços unidos, a cabeça direita, os

olhos baixos, provará a sua aptidão n'aquelle lance difficil.

— Tenha agora v. ex.ª, sr. Braamcamp, a bondade de walsar um momento pela casa, com donaire.

E s. ex.ª arqueando mollemente os braços, despedido em giros graciosos por entre as mesas da secretaria, a cabeça meigamente reclinada, o olhar amoroso, a cintura morbida, provará victoriosamente que tem compulsado com mão diurna e nocturna todos os expositores d'aquella materia.

N. B. Para que o concorrente não walse só, poderá utilisar-se como dama o continuo da secretaria, que o examinando tomará nos braços, com requebro apaixonado.

E approvado que seja o cavalheiro nos pontos difficeis sujeitos ao seu criterio, o paiz póde entregar-lhe confiadamente a representação na côrte estrangeira, certo que os seus interesses serão ali dignamente — comidos e dançados!

.·.

Tambem nos occorre, que sendo uma das principaes funcções dos secretarios de embaixada e addidos — dançar nos bailes do paço,—

a melhor maneira de alcançar um pessoal diplomatico verdadeiramente digno, seria escolhel-o — no corpo de baile!

Ninguem teria então entre a diplomacia europea mais graça, harmonia, poesia no movimento. E seria honroso para todos que os jornaes estrangeiros noticiassem:

« Chegou hoje a sr.ª Pinchiara, antiga primeira bailarina de S. Carlos, hoje secretario da embaixada portugueza.

E mais tarde dissessem para honra da nossa patria:

« Hontem a maravilha no baile da côrte foi a maneira digna porque dançou a sr.ª Pinchiara, secretario da legação portugueza. Parecia um sylpho com os seus vestidos de gaze. Notou-se apenas que o sr. secretario da legação estava um pouco decotado de mais! É admiravel a brancura do seu collo!

. ˙ .

O que nos parece egualmente vantajoso, é que o concurso para addido de legação — seja feito não sobre a sciencia dos concorrentes — mas sobre a sua roupa branca. Sendo o grande dever de um addido a exposição apparatosa dos

seus engommados, no collarinho que se alteia sob a suissa, nos largos peitos da camiza que se arqueiam como uma couraça, e nos punhos que espirram fóra da manga, com uma rijeza d'aço — deve o governo de S. M. utilisar para o serviço diplomatico — aquelles que — pela belleza das suas roupas brancas, melhor acreditarem lá fóra as nossas instituições! E a diplomacia começará a dar garantias da sua seriedade quando o sr. X. tiver conquistado os suffragios do jury pelas suas camizas inglezas de bretanha e pelo valor das suas piugas, — e o sr. Y. fôr plenamente reprovado por ter apresentado por toda a sciencia — um relles collarinho á mamã!

. · .

Com entranhada magoa o dizemos: os senhores diplomatas portuguezes vestem-se de um modo, a que só falta para ser distincto, — ser inteiramente diverso do que é. Ss. ex.as ou se ageitam de um feitio nacional, que tem decerto a inteira approvação da rua dos Fanqueiros, ou então adoptam o velho *chic* de boulevard, de ha tres annos, ainda do tempo do ministerio Rouher, hoje unicamente usado pelos *pollos* de Madrid! Não seria pois fora de proposito que existissem

na secretaria dos estrangeiros figurinos modelos: que os senhores addidos fossem estudal-os, com commentarios e notas : e que nunca ousassem fazer um *frack* sem previamente levarem o *corte e talhe*, á approvação da commissão diplomatica. Egualmente pedimos ao governo, em nome do paiz, que não deixe sair nenhum senhor diplomata, sem previamente lhe ter examinado :

As unhas e a caspa do cabello!

Ah! todas as precauções são poucas, quando se trata de fazer apparecer um portuguez diante das nações cultas!

. ˙ .

Uma das coisas tambem que prejudica a nossa diplomacia, é ella não possuir espirito. Ser espirituoso é metade de ser diplomata. A tradicção classica mostra-nos Talleyrand, o velho Merternich, governando a intriga europea, com as finas decisões dos seus bons ditos : modernamente Morny, M.me de Merternich, Paradol, o mesmo hirto sr. de Bismark, etc., fizeram do espirito — quasi um methodo. O espirito insinua, decide, resolve, anniquilla : elle move tudo e não responde por coisa alguma : elle é a eloquencia da alegria, é o intrincheiramento das situações difficeis : salva uma crise com um bom dito:

desarma fazendo sorrir : condensa em duas palavras a critica de uma instituição, disfarça ás vezes a fraqueza de uma opinião, accentua outras vezes a força de uma idéa : é a mais fina salva guarda dos que não querem definir-se francamente : tira a altivez ás convicções fazendo-lhes cocegas, substitue a razão quando não substitue a sciencia, dá uma posição no mundo, e adoptado como um systema derruba um imperio. E sobretudo pelo indefinido que dá á conversação, é o methodo verdadeiro da diplomacia. Ora digamol-o com compuncção : a nossa diplomacia não tem espirito. Seria por isso bem util, que o ministro dos estrangeiros, examinasse os senhores diplomatas, dando-lhes *pontos* assim concebidos.

— Estando o senhor addido n'uma sala, e estando na rua a chover, que pilheria deverá o senhor dizer ?

— N'um camarote de opera quaes são as facecias que deve dizer um addido, sobre o corpo de baile ?

E seria conveniente, que a secretaria possuisse uma lista de jocosidades, para todos os usos da vida, que os senhores diplomatas deveriam decorar :

Pilherias para baile.
Ditas para almoço.
Ditas para ceremonias religiosas.
Ditas para recepção no paço.
Ditas para entreter personagens celebres.
Ditas para enterros de pessoas reaes.
Ditas para distrahir viuvas de ministros. Etc.

.˙.

Ora uma coisa que concorre para que a nossa diplomacia seja soturna, é o horror que o paiz tem a ser representado por homens intelligentes. Não se pode dizer que seja pelo amor de os possuir no seu seio : antes parece que é com receio de que elles vão destruir a reputação de embrutecimento que o paiz goza lá fóra. A verdade é que quando algum homem intelligente vae em missão diplomatica, o paiz torce-se de rancor, os seus jornaes bravejam, e a opinião publica apita!

Se alguem ousasse, por arrojo absurdo, mandar em missão o sr. Alexandre Herculano, a nação mordia-se e abria as veias! Por sua vontade o paiz mandaria para as côrtes estrangeiras, para ser representado dignamente,— bacorinhos do Alemtejo : não o faz porque, como

ao mesmo tempo é avaro e desconfiado — receia que as côrtes estrangeiras, não podendo arrancar a taes diplomatas — segredos politicos, lhes arrancassem — presuntos! — Por isso manda homens; só por isso!

Que de resto temos, pela nossa diplomacia em actividade, a mais perfeita consideração: e não julgamos desattender os seus meritos — dizendo que ella não é tão habil como mr. Thiers, nem tão espirituosa como foi mr. Sainte-Beuve, esse homem notavel, morto da sua dupla profissão de senador e atheu!

. ˙ .

Ora a verdade é que o paiz gosta de pagar barato á sua diplomacia. E n'este ponto abusa. Quer uma diplomacia bem fardada, bem bordada, bem apparatosa, e no fim se se lhe apresenta por ter uma diplomacia — uma conta um pouco maior do que por ter um carroção — escandalisa-se, e grita pelo sr. bispo de Vizeu, D. Antonio.

De modo que o embaixador nomeado vê-se mais embaraçado com o rol das compras que com o encontro das politicas. A contabilidade da sua

divida occupa dentro em pouco todo o pessoal da legação.

Os diplomatas portuguezes passam por agradar lá fóra pela sua pallidez! mas não se sabe — que a sua pallidez vem — não da belleza da raça peninsular, mas da fraqueza da embaixada mal alimentada. Onde o embaixador portuguez, confessemol-o, mais se demora, — não é diante das instituições estrangeiras com respeito — é diante das lojas de mercearia com inveja! E se elles não podem alcançar bons tratados para o paiz — é porque andam occupados em arranjar mais *roast-beef* para o estomago. Se não fossem os jantares de côrte e as ceias dos bailes, a posição de diplomata portuguez era insustentavel. Lá fóra sabe-se isto: e é sempre com terror que os donos de casa véem entrar o embaixador portuguez, á frente do seu pessoal esfomeado. E ainda veremos os jornaes estrangeiros, noticiarem:

« Hontem, na rua de... caiu inanimado de fraqueza e de fome um individuo bem trajado: conduzido para uma botica proxima o infeliz revelou toda a verdade — era o embaixador portuguez. Deram-lhe logo bifes. O desgraçado sorria, com as lagrimas nos olhos. »

. ˙ .

Que o paiz attenda a esta desgraçada situação! que elle tenha um movimento generoso e franco! dê aos seus embaixadores menos titulos e mais *beefs*: embora lhes diminua as attribuições, augmente-lhes ao menos a hortaliça. Elles pedem ao seu paiz uma coisa bem simples: não é um palacio para viver, nem um *landau* para passeiar, não são fardas nem titulos! É carne! É carne! Que o paiz, no numero do pessoal diplomatico, — diminua nos addidos, e augmente nos bois!

. ˙ .

E vae a nossa diplomacia ficar amuada comnosco, depois de lhe termos feito, com toques ligeiros e transparentes, o retrato gentil? De certo que não: nós rimos, mas a chuva aromatisada não molha. E só restava, bom Deus, que a nossa diplomacia tivesse a falta de espirito, — de nos não achar espirito!

Jesus, quando não tinha ainda aquella aspera melancolia, que lhe deu mais tarde a presença

de Jerusalem *branca e dura*, era um meigo rabbi, que percorria perpetuamente, no infinito enlevo do sêu sonho, a sua tranquilla e humana Galilea: seguiam-n'o: ora ia a pé, ora n'um d'aquelles pequenos burros de olhos grandes e doces, que veem da alta Syria; entrava nas synagogas e comentando os velhos papyros da lei ensinava o Deus novo: parava nos casaes, sentava-se ás portas, sobre os largos encanastrados de vime, debaixo dos sycomaros: davam-lhe mel, vinho de Safed: as mulheres diziam: — falla rabbi, falla! As creanças tomavam-lhe as mãos, ou puxando-lhe pelas compridas pontas da *couffie*, amarrada por uma corda da pelle de camello, queriam ver-lhe o fundo dos seus olhos: os discipulos affastavam-os: mas o mestre dizia então sorrindo:

— Deixae vir ter comigo as creanças, abençoadas são ellas! ellas sabem muitos segredos que os sabios ignoram.

. · .

Parece que ultimamente o clero não tem esta consoladora idéa de Jesus! O sr. Encommendado de Santos-o-Velho, no dia de finados, depois da missa conventual, paramentado, no de-

grau do altar, voltou-se para o povo e reprehendeu as mães que levavam comsigo as creanças á missa! [1] E ahi estão emfim as creanças, expulsas da egreja, não podendo ao menos ir uma vez por semana, erguer as suas pequeninas mãos para aquelle que foi outr'ora, nas sombras da Galilea, o seu amigo immortal!

. · .

Respeitamos profundamente esta opinião catholica do sr. Encommendado de Santos-o-Velho: d'ora em diante é sem duvida mais moral que as mães levem seus filhos á taberna, e lhes ensinem cuidadosamente — mostrando-lhes em logar de uma cruz uma navalha de ponta, — esta maxima salutar: *esfaqueae-vos uns aos outros!* É assim que se formam os homens justos. E seria mesmo conveniente que a opinião do sr. Encommendado tivesse uma realisação pratica: que houvesse na egreja para as creanças a mesma policia que ha para os cães: e que ao lado do respeitavel funccionario *enxota-cães*, houvesse do outro lado da porta o meritorio empregado *enxota-creanças!* E o culto alcançaria,

[1] Jornaes do mez.

definitivamente — limpo do ladrar dos cães e do chorar das creanças — o mais alto grau de pureza!

. · .

Ora realmente as creanças que choram á missa commettem um desacato: e segundo diz a theologia casuistica, os *manuaes de inquisidores, dissertações dos dominicanos* (*Chicotes, Lanternas, Fustigações*, são os titulos dos livros dos dominicanos) e ainda segundo as profundas obras de Nieder, Sprenger, Spina, Bodin, o illustre legista de Angers, as creanças são habitadas pelo Maligno, e quando choram nas egrejas é porque Satanaz quer insultar o culto e o sacerdote. De sorte que o sr. Encommendado de Santos-o-Velho ainda nos parece tolerante; porque elle deveria talvez, com a sua auctoridade de sacerdote e de theologo, ordenar ás mães, que quando á missa as creancinhas lhes chorem ao peito — immediatamente lhes esmaguem as cabeças no lagedo, — para abafar a voz do Maligno!

. · .

Ora o sr. Encommendado referia-se apenas ás creanças pobres; ás creanças ricas, não faria elle, sacerdote de Jesus, esse aristocratico

mestre, uma exclusão irrespeitosa. — E essas mães pobres podem talvez dizer-nos

Que ellas são pobres; que não téem quem lhes fique em casa a tomar conta dos filhos, que os não querem deixar sós no berço, chorando no isolamento, e se são mais crescidos ás vezes ao pé do lume, ou arriscados a cairem, a ferirem-se, a virem para a rua, a serem atropellados; que não se querem separar d'elles; que emfim são pobres, sem pão farto, e que, vendo-se desgraçadas n'este mundo, só lhes resta o sonho consolador de um ceu que repara! Ora isto é talvez assim, ainda que se percebe que estas razões são inspiradas por Satanaz. — Mas o que tambem é verdade é que os srs. Encommendados ou padres não podem ser interrompidos na sua missa pelas creanças que rabujam, e que então é de toda a justiça que sejam excluidas da egreja, como perturbadoras da ordem, da decencia e do respeito — as mães que ousem vir rezar, com o seu filho ao collo!

.˙.

Pobres pequenos! consolae-vos. Jesus o vosso amigo, tambem não é mais feliz: ha muitos seculos que elle procura erguer a pedra do seu

tumulo, e ha muitos seculos que o seu clero carrega na pedra para baixo!

Uma palavra a Ennes — uma só palavra — rapida porque o tempo não nos permitte delongas. O tempo, além de breve, está lamacento e chuvoso, o que nos obriga a repartil-o irmãmente por Ennes e por galochas.

Ennes tem andado bem. Tinha uma reputação de cotovellos de fóra e com gordura na gola. Quiz uma reputação nova, e manifestou o desejo de que nós lh'a fizessemos. Tem-a no corpo, e fica-lhe bem. Talvez o moleste um pouco a sua reputação, nos primeiros tempos; — a celebridade tem isso: ás vezes aleija — depois o sujeito habitua-se.

Démos-lhe a sua reputação, Ennes. Vestimol-o de homem celebre, como o sr. desejava. Outros que lhe assentem as costuras, que nós, como acima dissemos, temos mais que fazer — o tempo urge — e chove!

O sr. não lhe faltava para a ventura senão

uma coisa : ser conhecido. Pois bem o sr. conseguiu-o. O povo, sempre que o vê passar na via, exclama : « Lá vae elle com a tenia! »

Recolha-se ao templo, Ennes, e renda graças aos Deuses : o sr. chegou onde poucos homens dos seus meios teem chegado. Se pedir mais á sorte, o sr. entrará nos dominios do illicito, e poderá então ser comparado pela posteridade a Sardanapalo, o funesto!

A companhia dos caminhos de ferro está talvez abusando um pouco da amisade impaciente que no seu entender — nós e a Hispanha nutrimos reciprocamente. A cada momento nos facilita entrevistas — baratas e ternas. Sim, decerto, nós e os hispanhoes amamo-nos meigamente! Mas não sentimos a necessidade urgente e avida de nos precipitarmos, assim, todos os oito dias, nos braços uns dos outros!

.˙.

De mais a companhia dos caminhos de ferro, cheia de intenções civilisadoras, colloca-nos em

embaraços terriveis: vexa-nos com esses comboyos de hispanhoes, que a cada momento pretende introduzir pela fronteira, a preços reduzidos. Digamol-o rudemente: nós não estamos em estado de receber visitas! Vivemos aqui ao nosso canto, sem cerimonia, em chinellas — e não gostamos que gente culta e rica venha ter a revelação da nossa mobilia podre e da nossa conversação idiota.

E tanto — que pedimos claramente ao governo, em nome do paiz envergonhado e com a barba por fazer, que prohiba, sob as penas mais severas, á companhia dos caminhos de ferro o facilitar, assim, cheia de impudor e por preços baratos — a essa apparatosa Hispanha, viagens de recreio atravez da nossa miseria!

O paiz não pode em sua honra consentir que os hispanhoes o venham ver. O paiz está pobre, embrutecido, nullo, remendado, sujo, insipido. O paiz precisa fechar-se por dentro e correr as cortinas. E essas commissões que se preparam, a grande ruido de rethorica, no palco da opera de Madrid são bastante ousadas, bastante impertinentes, em introduzir assim, no *brik-a-brak* do nosso total desarranjo, hospedes curiosos, interessados, de luneta sarcastica!

. . .

Ora digamol-o, aqui, em familia, baixinho, chegadinhos uns aos outros, ao ouvido: imaginemos que ámanhã chega ahi, a largo arquejar de machina, n'um d'esses comboyos impudentes, uma cohorte hispanhola, descaradamente illustre, estadistas, oradores, generaes, litteratos, pintores, professores, architectos, jornalistas, burocratas!... que vergonha, meus senhores, que vergonha!

Imaginemos que esses homens politicos, esses oradores, esses parlamentares, Sagasta, Pi Margall, Nieto, Zorrilla, Rivero, Castellar, Canovas, conservadores e revolucionarios, ministros e tribunos, philosophos e dialecticos, se vão sentar, n'um dia de sessão, na galeria desbotada de S. Bento: e vêem, piedoso Deus! as nossas camaras, a nullidade de pensamento, a baixa trivialidade de palavra, a estreitesa de interesses, as personalidades de regedores que se discutem, o abandono de todo o decoro, os gritos e os insultos e os desmentidos, a compostura plebeia e grossa, as debeis condescendencias dos caracteres, o *offenbachico* dos assumptos, a sciencia que falta, a intriga que abunda, e o pundonor que abdica! Santo Deus,

piedoso Deus! e que nós vemos esses homens do *Congresso*, descer a escadaria de S. Bento, suffocando de riso, com o lenço na boca, os olhos chorosos de hillaridade, as pernas tropegas de escarneo!

Imaginemos que esses estadistas, conversam com esses que são entre nós os estadistas — e veem, vergonha eterna! que a sua conversação é espessa e a sua critica romba, que ignoram a administração, a economia, a historia, as questões do tempo, a geographia, toda a idéa, toda a data, todo o facto, e que por unica *verve* e por unica profundidade sabem — que o regedor de Cabanellas é amigo do ferrador da Cortegaça e que este compadrio aldeão dá cincoenta votos combinados ao governo de S. M. F.!

Ai! imaginemos que esses generaes que venceram em Africa e que venceram em Hispanha, fallam um momento com os nossos generaes e veem a sua sciencia, observam um momento o nosso exercito e analysam a sua organisação,— e sáem, com frouxos de riso, arrastando cheios de desdem hespanhol o *tlim-tlim* dos seus sabres!

Oh por piedade! consideremos que esses professores podem entrar na obscura vergonha das

nossas escolas! Que esses burocratas podem querer visitar a confusão abafada das nossas secretarias! Que esses jurisconsultos podem ir ver os nossos tribunaes! Que esses architetos podem ver os nossos monumentos! esses pintores as nossas galerias! Que esses homens do mundo podem conversar com os nossos dandys, ou mirar-lhes a *toillette!* Que vergonhas! que vergonhas! Ah! meus senhores, não consintamos que essa cruel Hispanha, que se levanta, que se affirma, que se organisa, que se engrandece — venha, de luneta no olho e gargalhada na boca, fazer o inventario jocoso do nosso abaixamento! Não consintamos que nos vejam! Aferrolhemo-nos! Os chins out'rora não consentiam que os europeus vissem o seu esplendor! Sejamos a China da miseria!

.˙.

E se por acaso a companhia dos caminhos de ferro, para fingir que tem passageiros e movimento, precisa impreterivelmente de fazer passar a fronteira a alguns viajantes curiosos, — então ao menos que só dê logar nos seus velhos wagons — áquelles de quem nós não tenhamos vergonha, com cujas civilisações possamos competir: Cafres, Patagonios, Laponios, Abexins,

Ethiopios, Tartaros, e Hottentotes! E encontrar-nos-hemos em familia!

. · .

A Hispanha, porém, a garrida Hispanha, é que parece desejar profundamente que nós os portuguezes examinemos de perto o seu *salero* politico, economico, dançante, artistico, religioso e theatral: por que, com uma originalidade comica, que excede tudo quanto contaram os romances piccarescos do seculo XVII — a Hispanha dá condecorações a todos os portuguezes que commettem o arrojado feito de ir a Madrid! Sem distincção, sem escolha! O viajante portuguez chega, o dono da *Fonda* traz-lhe chocolate — e um continuo do *Paço* traz-lhe a commenda. Ou porque a Hispanha queira compensar os incommodos e os tedios de lhe ir ver a capital: ou porque o rei Amadeu, que nunca foi visitado pela aristocracia hispanhola, se commova até á lagrima e até á condecoração, quando se digna ir vel-o a burguezia lusitana, — o portuguez que chega, recebe em pleno peito, sem prevenção, sem *agua vae!* — uma commenda e um diploma enrolado!

Já se sabe de antemão aquella graça. Póde-se

até telegraphar assim para Madrid: *Hotel de los embajadores, calle S. Jeronimo: ao sr. Moreto, dono do hotel — Chego ámanhã, prepareme quartos e a commenda de Carlos III.*

Podia, até, para maior franqueza, ser a condecoração indicada na lista dos hoteis.

Gravansos........................ 1 duro
Grã-cruz de Izabel a Catholica....... gratis.

.·.

Querem dizer que o governo hispanhol, para favorecer a companhia, resolveu condecorar os que tomam bilhetes de 1.ª ou 2.ª classe. Contava attrahir assim muitos ingenuos!

Em tal caso era mais commodo entregar logo a condecoração em Santa Apolonia.

— Um bilhete de 2.ª classe e a condecoração! gritava o viajante ao *guichet* do vendedor de bilhetes!

E a companhia pregava-lhe — a marca no bojo do sacco de noite — e a commenda no peito do frack. E o sr. commendador entrava para o seu wagon!

.·.

Ha evidentemente duas intenções delicadas n'aquelle derramar de condecorações:

A *primeira* é compensar as contas de hoteis. Depois da guerra de Marrocos aquelles que podiam mostrar uma cicatriz, apresentavam-se na secretaria da guerra e recebiam a *medalha de Africa*. Agora parece que depois de alguns dias de Madrid aquelles que poderem mostrar, não uma cicatriz mas uma conta de hotel, recebem na secretaria da *gobernacion* a commenda de Carlos III! N'esse caso aqui estamos! Temos uma conta da *Fonda de Madrid*, em Cadiz, plaza Santo Antonio — innumeravel em *gravansos* — e em *duros* innumeravel! Em boa logica não pode deixar de nos ser dada uma grã-cruz e uma capitania geral! E ainda perdemos!

A *segunda* intenção é premiar os que viajam. Mas então que honras se reservam áquelles, que vão ainda além de Madrid? Que grã-cruzes se dão a quem vae a Barcelona? Que titulos de nobreza esperam aquelles que chegam ás Vascongadas?

Porque emfim, se um de nós se perfilasse deante de S. M. Amadeu, e lhe fallasse d'esta arte:

— Real senhor: o vosso humilde servidor já foi a Hispanha, d'ahi a Malta, depois ao Egypto, d'ahi á Arabia, depois á Palestina, a Jerusalem,

atravessou os montes da Judea, peregrinou até ao Jordão, subiu á Syria, visitou o Libano...

... S. M. Amadeu não podia deixar de descer os degraus do throno, e gritar commovido:

— Viajante d'essa ordem, reina sobre os hispanhoes!

.˙.

Gloriosa Hispanha, faceta Hispanha! a Christovão Colombo que fez a viagem maravilhosa e chegou ao novo mundo, déste umas poucas de palhas para elle morrer n'um carcere: — a quem faz a viagem de Madrid e chega a *Calle Reale* dás uma commenda de prata, gloriosa Hispanha, faceta Hispanha!

.˙.

Andavamos bem enganados com os meritos humanos. O nosso espirituoso amigo Pinheiro Chagas tem sido desde a mais distante mocidade um trabalhador: jornalista, poeta, romancista, historiador, dramaturgo, critico, sempre á sua mesa de trabalho com o valor de quem está n'uma trincheira, tem animado com a sua penna vigorosa a nossa curiosidade! Nenhum governo lhe pôz nada ao peito, nem um botão no casaco. A Hispanha, onde era conhecido,

nunca pensára em lhe dar os bons dias! Pinheiro Chagas lembra-se um dia de se metter n'um wagon do caminho de ferro, o governo hispanhol sobresalta-se, fita-lhe o peito, e com um grito de amor, crava-lhe a placa de Carlos III.

Qual é a illação? É que, aos olhos do governo hispanhol o maior feito que pode commetter um varão contemporaneo, não é fazer um grande livro, ganhar uma grande batalha, descobrir uma grande machina — é ter a sobre-humana coragem de ir a Madrid. O que, digamol-o, é assás humilhante para Madrid. É fazer uma lamentavel idéa de uma capital, considerar como um acto de coragem — o ir lá. Madrid fica d'este modo com a reputação de Floresta Negra: só lá iam os grandes audaciosos.

O dr. Levingstone, que tem viajado os desertos desconhecidos, os asperos sertões, os rios barbaros, as tribus antropophagas — é grande — mas falta-lhe a façanha suprema, o definitivo heroismo, — ir ao meio dia á rua d'Acálá!

.˙.

E nós portuguezes, levando nossos filhos pela mão, quando encontrarmos algum dos heroi-

cos viajantes de Madrid, diremos a nossos filhos:

—Vês meu, filho, aquelle senhor condecorado, meneando a sua bengala?

—Sim, meu pae.

— Admira-o, menino, e imita-o mais tarde. Aquelle homem sublime, n'um momento de coragem allucinada, tendo em nada a vida, cheio só da fé em Deus e do amor na humanidade, teve um dia o valor febril, a audacia estonteada, de tomar o comboyo de recreio e de ir a Madrid. Imita menino, imita:

> Os poderosos barões assignalados
> Que da occidental praia, heroicos, sós,
> Em *wagons* nunca d'antes frequentados
> Passaram ainda além de Badajoz.

Reappareceu ou continuou (não sabemos) no theatro de S. Carlos, um antigo costume de todo o ponto prejudicial aos interesses da monarchia.

Consiste elle em que — nos dia de gala, quan-

do S. M. está na tribuna, no apparato de côrte — os espectadores, a multidão anonyma, não pode applaudir, nem *patear*, nem mostrar opinião.

Este costume, — vindo dos antigos tempos em que na presença do seu rei o vassallo devia estar sem idéa, sem acção, immovel, perfilado e nullo — é bello: por que emfim é justo que estejamos humildes e concentrados diante dos nossos reis! Mas, Senhor, isto auctorisa uma estranha logica! Porque:

É evidente que, podendo o espectador applaudir ou desapprovar quando S. M. está no seu pequenino camarote de velludo côr de cereja — e não podendo fazer ruido quando S. M. está na tribuna, sob o esplendor dos lustres — seguese que: o rei só é respeitavel e só se respeita quando está de gala!

E portanto á maneira que S. M. vae saindo do apparato da gala, vae diminuindo o nosso respeito para com elle!

Quando S. M. está na tribuna estamos humildes e tacitos:

Quando S. M. nos dias simples vem para o seu camarote, perdemos um pouco o respeito e começamos a fazer barulho.

Ora esta logica não pára:

Quando S. M. sair do seu camarote e fôr humanamente a metter-se na sua carruagem, como a gala diminuiu ainda mais, o nosso respeito diminue tambem — e começamos a permittir-nos dirigir-lhe chufas.

Quando S. M. dentro do seu coupé, accender o seu charuto, como o apparato é menor do que no caso antecedente, o respeito é menor tambem — e começamos logo a atirar-lhe cebolas.

Se vissemos S. M. a comer bifes, o nosso respeito estava quasi no fio, e principiavamos a dar-lhe piparotes na orelha.

Se o vissemos de *robe de chambre*, o respeito estava de todo extincto, e dar-lhe-iamos beliscões no nariz.

Ora isto realmente, não convém á monarchia!

. ˙ .

Por que emfim, por esta logica — que é indestructivel — S. M. não tem remedio para se fazer respeitar cabalmente — senão ficar eternamente na tribuna.

E seria cruel obrigar S. M. a dormir na tribuna, tomar banho na tribuna, passeiar a ca-

vallo na tribuna, caçar a lebre na tribuna, e viajar pelas provincias — na tribuna.

Não, portuguezes, não o consintaes!

. · .

Que os poderes publicos pois sejam generosos: permitta-se á platéa de S. Carlos, mesmo no dia de gala, ter opinião! Porque não applaudir, estar sério, sorumbatico, soturno, — é talvez o respeito: mas pode confundir-se tambem com o embrutecimento.

E seria triste que perguntando um estrangeiro:

— Porque está esta platéa tão lugubre?

Se lhe devesse responder:

— Porque faz annos o seu rei!

Na Foz foram presos vinte pescadores, por usarem redes de arrastar. Parece que essa prisão teve um aspecto dramatico: as familias seguiam-nos, chorando afflictas.

O sr. juiz respectivo encarcerou os pescado-

res na relação: os barcos ficaram em estado de aresto: o peixe apprehendido foi vendido em leilão: o dinheiro cuidadosamente guardado no deposito judicial.

. ˙ .

No Egypto no tempo de Mehemet-Ali, ainda depois de 1820, os *cadis* (auctoridades locaes) que — ou por violencia de temperamento, ou por imbecilidade, ou por exploração — vexavam o *felkah*, eram pregados a uma porta pelas orelhas, como morcegos, e ali ficavam dois dias, solitarios, gottejando sangue. Não estão sentindo uma certa saudade por este tempo exemplar de Mehemet-Ali, o tranquillo tyranno que fôra pastor? Ah! realmente, uma auctoridade dá muitas garantias, muitas, muitas, muitas! quando está sujeita a ver as suas orelhas pregadas por dois pregos de cabeça amarella, no travejamento de uma porta! Dá muitas garantias! Muitas!

. ˙ .

Raciocinemos! As redes de arrastar prejudicam a pesca; extinguem a creação; o peixe desappareceria das nossas costas se se fizesse de taes redes um uso immoderado. Uma lei prohibiu as

redes de arrastar: mas até 1867 nunca foi posta em pratica. Começa, por uma portaria, a vigorar em 1867. No ministerio seguinte a portaria cáe em desleixo e as redes de arrastar varrem livremente as costas. Vem o sr. bispo de Vizeu, e prohibe de novo as redes. Vem o sr. Dias Ferreira e dá-se ampla liberdade ás redes. No ministerio seguinte nova prohibição. Esta prohibição relaxa-se. E a ultima portaria impõe vigilancia escrupulosa.

Como vêem, é uma legislação complicada e obscura; é necessario seguir com cuidado o *Diario do Governo*, para conhecer com precisão quando as redes são legitimas e quando as redes são criminosas. É, como vêem, uma acção que varia de perfil, ora meritoria ora culpada, conforme o temperamento do ministro e o seu amor pela pesca. Um advogado consultado tem de folhear a collecção de leis: o sr. governador civil do Porto, naturalmente, não conhece de cór esta legislação confusa: os srs. administradores não poderiam dizer com pontualidade as epocas tolerantes e as epocas prohibitivas: os srs. regedores estão de certo extremamente alheios a esta parte de jurisprudencia da pesca.

Pois bem, foi justamente por não terem de cór estas portarias successivas que os vinte pescadores da Foz foram encarcerados na relação!

. · .

Um pobre homem passa o seu dia remando, molhado, quebrado da lucta do mar, para comer á noite, na promiscuidade da mesma gamella com uns poucos de filhos, uma pouca de sardinha, levou a sua rede de arrastar com que trabalha ha muito, que elle vê ao seu amigo, ao seu visinho, ao seu patrão, desembarca ao pôr do sol, esfomeado, cheio de agua, — e encontra-se na frente do sr. regedor! — E como existe a portaria de tantos de tal, revogada por uma portaria posterior, mas posta em vigor por outra, e caida em desleixo, e novamente revogada e alterada por uma nova legislação, de novo reformada e agora viva e activa, e como elle ignora inteiramente esta jurisprudencia errissada, vão aquelles soldados leval-o ao Porto e aferrolhal-o n'uma enxovia!

De tal modo, o crime d'este homem é não ler o *Diario do Governo!* Esse homem está preso por não ser um jurisconsulto! Esse homem será condemnado por se não ter prevenido — e por

ousar ser pescador — antes de ser bacharel formado!

.˙.

Foram presos vinte. Vinham em dois barcos: eram duas companhas. O arraes é o dono do barco e o mestre da companha: é elle quem dirige a pesca, quem vae ao leme. Pela manhã manda-os embarcar, as redes estão no barco! mãos aos remos! vella ao largo! Partem, e se o mar tem a condescendencia de os não esmagar na negra rocha de Leixões ou de Felgueiras, é realmente estranho que á volta, com os barcos cheios de peixe, doze horas de remos, molhados das voltas do mar — vão d'ali do caes, em chusma, presos por não terem ido consultar um advogado, antes de obedecerem ao seu arraes!

— Mas tinham-se affixado editaes! — Lêem elles editaes, sabem elles ler? Trabalham: o barco tem as redes, o vento refresca, o mar aplaina, o arraes diz: *larga!* Largam.

E se algum arraes leu o edital, quantos editaes não teem visto na esquina! quantas vezes pregados, quantas vezes arrancados! quantas vezes teem pescado com as redes, claramente, diante do regedor? Quantas vezes tem sido prohibido e quantas vezes tolerado? E realmente

elle vê o mar bom, o ceu limpo, o vento tacito, e naturalmente não manda um telegramma á secretaria: Cá vou á pesca, ha ahi alguma lei nova que o prohiba?

Porque então torna-se difficil ser pescador, serão necessarios grandes estudos de legislação, e o unico homem que póde em consciencia tranquilla, sem receio de desacatar alguma portaria, ir pescar á sardinha — é o sr. Mártens Ferrão, procurador geral da corôa!

. ˙ .

E além d'isso foram presas tres creanças de 10 annos! Ah! estes criminosos vão decerto ser tratados com as penas mais sevéras! Lá estão na enxovia! As mães choram ás grades! É justo! estes indignos entesinhos tambem pescavam! Aos 10 annos, quando todas as creanças brincam, até as dos lavradores miseraveis, que guiam os bois, trepam aos ninhos, rolam-se nas altas hervas, estes bandidos que já trabalham, que já vão ao mar, que já aprendem a morrer na edade em que os outros ainda nem sequer aprendem a viver, que já ajudam os paes, que já são um braço ao remo, uma mão á escota, ás vezes uma creança ao mar! estes sce-

lerados, tinham ido nos barcos com as redes, ganhar o seu pedaço de pão, estes imprudentes! emquanto as mães inquietas esperavam na praia; e tinham ousado tambem elles, os faccionoras, ignorar as portarias do ministerio do reino! Por isso choram na cadeia!

. • .

E foram vinte pescadores! Vinte familias! dez familias pelo menos! sem pão, sem peixe, sem lume! Os paes, os maridos, os irmãos presos! Teem ao menos o rancho da cadea: ellas pedem pelas esquinas! E estamos em pleno inverno, e vem os temporaes e vem o frio, e aquelle mar violento na sua demencia afflicta, varrido dos ventos, que as pobres mulheres olham dias e dias, da praia, com os seus manteos pela cabeça, sem o verem condescendente, sem o verem piedoso!

. • .

E no entanto o peixe aprehendido é vendido em leilão: o dinheiro guardado no deposito. É justo: os homens na cadéa, o dinheiro no deposito, as mulheres na miseria!

. . .

Não sentem uma certa saudade dos tempos exemplares de Mehemet-Ali, o velho tyranno que pedira esmola aos piratas do archipelago nas praias da Cavalla? Bom Mehemet-Ali! Excellente Mehemet-Ali! Scismemos! Um cadi, pendurado pelas orelhas, e ellas repuxadas, arroxeadas, ensanguentadas, laceradas! Bom Mehemet-Ali! Evidentemente é uma grande garantia. Dois bons pregos: uma trave segura: e as duas orelhas de um regedor! Positivamente — dá muitas garantias!

O *Clamor do Povo*, n'um artigo traçado com uma eloquencia nobre, com uma fina distincção, com uma generosidade apaixonada e poetica, censura ás *Farpas* algumas paginas ironicas sobre a sr.ª condessa de Teba, imperatriz que foi dos francezes — da decadencia!

O *Clamor do Povo* pensa dignamente que é menos delicado envolver em ironias vingativas uma mulher desgraçada. — A verdade porém é

que a sr.ª condessa de Teba é apenas uma imperatriz despedida. A sr.ª condessa não foi uma esposa tranquilla e desinteressada, no fundo retiro dos seus quartos. S. Ex.ª foi duas vezes regente, assignou proclamações, decretos, sentenças, constituiu ministerios, interveiu na politica do seu tempo, presidia á reacção religiosa; presidia ao lado de seu marido os conselhos de estado. Estes factos collocaram-n'a sob a critica e sob a historia. Se a sr.ª condessa de Teba, durante o governo adoravel de seu esposo, não se tivesse separado do seu cesto de costura, do berço de seu filho e das chaves da sua dispensa, como fazem SS. MM. as imperatrizes da Allemanha e da Russia, ella teria sido simplesmente uma esposa e uma mãe inviolavel, indiscutivel, inatacavel, inhistoriavel. Mas se s. ex.ª se manifestou na historia do seu paiz, como individualidade politica, actuante, gerente, reinante — cáe logicamente sob o dominio da critica historica, glorificada ou condemnada. Se a historia não póde fallar das mulheres, porque são mulheres, com que direito então os livros sagrados amaldiçoam Jesabel? Com que direito o Evangelho condemna Herodiade, que matou João Baptista? Levar para a histoari as preoc-

cupações de uma sala, seria *chic* mas não seria justo. Deixemos aos *petits-crevés* os falsos respeitos, apreciemos nos historiadores os severos juizos! Se devemos calar-nos e chorar quando passa uma imperatriz desthronada, que silencio e que lagrimas devemos então reservar quando no Evangelho passa a espiritual Maria, mãe de Jesus, á volta do Calvario? — Os politicos não teem sexo: teem o sexo dos seus actos: não podemos em boa verdade escrever historias — unicamente masculinas. Seria privar-nos de saber o que pensaram tantas lindas cabeças, o que commetteram tantas lindas mãos, desde a nossa mãe Eva, a loira e barbara curiosa! Se um historiador, sob o pretexto que Isabel II de Hispanha é uma mulher, calar no futuro o seu reinado, o *Clamor do Povo* dirá que elle é um homem bem educado, e nós que elle é um homem imbecil. E se o seculo XX aprofundar essa questão, elle dirá que o *Clamor do Povo* é um romantico ingenuo e as *Farpas* umas burguezas sensatas

. ˙ .

O *Clamor do Povo* faz o quadro pathetico, com uma bellesa colorida de fórma, da imperatriz saindo das Tulherias abraçada a seu filho.

Mas o *Clamor do Povo* sabe de certo que a sr.ª condessa saiu, vestida de preto, por uma porta escusa, acompanhada do seu antigo cortezão o cavalheiro Nigra, que a metteu n'um fiacre, e que, como um garoto gritasse: *É a imperatriz!* o cavalheiro Nigra apertou o pescoço do garoto, e o garoto arranhou o cavalheiro Nigra. O que é um pouco comico e destroe de certo modo a scena romantica do *Clamor do Povo.*

Sabe tambem que a esse tempo o joven Eugenio Bonaparte estava só, na Belgica, com um preceptor, entretendo-se no seu quarto de hotel, em fazer talvez uma d'aquellas finas aguarellas, — que são o encanto de seus paes!

. ˙ .

O *Clamor do Povo* diz que mais generoso que nós foi V. Hugo que nos *Chatiments* deixa no silencio a mulher de Luiz Bonaparte: mas n'esse tempo o *Clamor* sabe que a sr.ª condessa de Teba ou ainda não era casada, ou era apenas uma noiva amorosa, dançando nas Tulherias uma walsa desinteressada com o galante de Failly, coronel de guias! Hugo não podia prever na noiva de Saint-Cloud a regente de

França. Por este lado ainda mais generoso que Hugo, creia o *Clamor*, foi Tito-Livio!

. ˙ .

Diz o *Clamor do Povo* que não deviamos accusar a sr.ª D. Eugenia porque nunca recebemos offensas de Napeleão III. Mais pasmado ficará o excellente jornal quando lhe dissermos que Pilatos foi um scelerado, e que todavia, pela nossa honra o juramos, nunca, nunca recebemos de Pilatos—a mais ligeira descortezia! E por esse lado Michelet, Guizot, Martin, só poderiam escrever a historia de França se tivessem sido esbofeteados no boulevard por Carlos Magno ou Pepino o Breve!

. ˙ .

O *Clamor do Povo* pinta com grande sensibilidade, a sr.ª condessa de Teba, tendo trocado a sua corôa de imperatriz por uma corôa de espinhos. Mas a verdade é que s. ex.ª, quando passou em Lisboa, levava apenas um elegante chapeu branco, evidentemente saido dos armazens de Freidor Marcey and Comp.y em Picadylly.

. ˙ .

Diz o *Clamor* que se não deve motejar uma senhora que não tem quem a defenda. Oh! meu Deus, os jornaes francezes dizem justamente o contrario, — queixam-se de que a sr.ª condessa de Teba tem quem a defenda de mais! A França ao que parece ferve em partidarios bonapartistas. E de resto ella tem seu marido! e não nos eximiremos a trocar com Luiz Bonaparte uma estocada ou uma bala no alto de Alcolena, ou no Poço do Bispo, ao alvorecer do dia! Que s. ex.ª tenha apenas o encommodo de o dizer.

. ˙ .

O *Clamor do Povo* fez de resto um artigo eloquente, digno, cheio dos mais cavalheirescos sentimentos e das imagens mais coloridas, — paginas poeticas, que teem apenas um defeito: um trovador poderia assignal-as.

Apertamos a mão ao nosso collega e é para nós uma verdadeira honra crusar um momento o nosso humilde lapis cheio de realidade, com a sua bella penna cheia de poesia!

N. B. O *Clamor do Povo*, allude ás relações dos redactores das *Farpas*, sobretudo de um, com o segundo imperio francez. Esclareçamos:

Um dos redactores das *Farpas*, achando-se em Paris almoçando em casa de Véfour com o seu amigo H. James Mortimer, o mesmo que em Londres está redigindo hoje uma folha bonapartista, teve occasião de offerecer ao imperador, por intermedio d'este amigo commum, uma garrafa do mesmo vinho do Porto que o o jornalista americano e o jornalista portuguez tinham bebido juntos. O vinho foi achado delicioso nas Tulherias: e, passados dias, aquelle que devia ser depois o prisioneiro de Wilhemsoe fez entregar por mr. de Conti, *écuyer*, um bilhete de visita ao que é agora o redactor das *Farpas*. Uma garrafa dada, um bilhete agradecendo. O redactor das *Farpas* julga-se quite com o segundo imperio.

O outro redactor d'esta chronica, estando no Egypto, teve occasião de esperar a que era então S. M. a imperatriz dos francezes, durante *duas horas*, no caes de Port-Said, sob um sol metallico, apopletico, candente, até que S. M. desembarcando toda vestida de linho branco, com a sombra azulada da sua *ombrelle* chineza

ondeando-lhe sobre o collo, tomasse com aquelle firme andar que fazia lembrar Diana, em Homero, a dianteira de um cortejo, em que o redactor das *Farpas* se achava obscuramente incorporado!

Duas horas de sol, n'um areal do Egypto: em redor, apertados no estreito caes de madeira, suavam, e abanavam-se com seus lenços de *baptiste* os srs. de Beust, o duque de Aoste, o principe Frederico da Prussia, Abd-el-Kader, o principe da Hollanda, e S. M. o imperador da Austria!

Vinte dias depois, o mesmo redactor das *Farpas* passava no deserto de Sakara: caía um sol cruel: era na area fulva a perder de vista: pouca agua, uma fadiga terrivel: havia a distancia um *khan*, especie de casebre de pau: era um abrigo, o repouso, o bom somno. O redactor das *Farpas* não pôde abrigar-se ahi, pela razão que se estava lá abrigando S. M. a imperatriz, e continuou sob o sol. Mas, confessa-o, n'esse momento, lembrando-se tambem das duas horas de *Port-Said*, pediu mentalmente ao Deus justo que castigasse o segundo imperio — que lhe fazia apanhar tanto sol. A Prussia encarregou-se de vingar o redactor das *Farpas*. Elle

julga-se egualmente quite com a familia Bonaparte — e aproveita esta occasião solemne de agradecer publicamente á Prussia.

De um amigo anonymo recebemos uma carta em que se nos conta qual o processo por que se fazem as substituições no serviço militar. Colhemos a este respeito as devidas informações. O caso passa-se da maneira seguinte :

A freguezia A possue tres mancebos aptos para o serviço militar. O exercito pede á freguezia A um contingente de tres recrutas. Comparecem os n.os 1, 2 e 3. O mancebo a quem tocou o n.º 3 julga-se naturalmente dispensado do serviço e vae retirar-se. N'isto porém o mancebo 2 propõe-se pagar a sua substituição, e conta, por exemplo, trinta libras. O estado recebe este dinheiro. Vae dal-o a um homem livre do serviço das armas que substitua o mancebo 2? Não. O estado faz simplesmente o seguinte : Arrecada para si o preço da

substituição do mancebo n.º 2 e manda assentar praça ao mancebo n.º 3!

É horrivel de prepotencia e de iniquidade, não é assim, leitor? No entanto é

Por este modo o sorteamento parece-se com muitas outras instituições vigentes em ser um mero gracejo: sómente, com todo o respeito que as leis e as instituições vigentes nos merecem, ousamos advertir que é um gracejo pesado. Se um simples particular se permittisse gracejar assim, a justiça ou havia de declaral-o um « tributo de sangue » ou tinha de degradal-o por toda a vida.

Como vemos, aquillo a que vulgarmente se chama uma substituição militar não é uma substituição; é um imposto — desegual, iniquo, vexatorio, infame — mas, emfim, um imposto, legalmente cobrado pelo estado.

Ora sendo assim, entendemos que seria não só equitativo mas singularmente proveitoso ás urgencias do erario que no proximo recenseamento militar se incluissem, além dos mancebos destinados a não pegarem em armas, as seguintes classes de individuos egualmente assignalados para não derramarem o seu sangue pela patria:

Irmandades e phylarmonicas;
Os conegos;
As viuvas ricas, e os defuntos intestados.

. ˙ .

Outro gracejo assás caracteristico da nossa organisação militar é o que vamos citar. Acabamos de ver um principio. Passemos a encarar um facto particular.

Por cima de um monte de entulhos que defronta com a entrada da Academia Real das Sciencias passeia, ha dois dias, um bello homem de elevada estatura e de uma correcção e elegancia de fórmas que o assignala como um specimen perfeito da raça humana no meio das nossas constituições rachiticas e degeneradas. Este homem, de olhos baixos, gestos perplexos, physionomia dolorosamente contrahida, indicando o soffrimento mais profundo, a angustia mais absorvente, alheado a quanto se passa em volta d'elle, fechado na sua tristeza como n'um carcere invisivel, trajando um uniforme militar, com as divisas de tambor-mór nas mangas da sua fardeta, despertou-nos vivamente um interesse sympathico. Seguimol-o por algum tempo. Elle passeiava sempre, a largos passos incertos,

abstrahido, profundo, sem dar pela nossa presença ao seu lado. Por fim encostou-se a uma arvore, tirou o bonet, poz uma mão no peito, e ficou immovel. Um suicida teria a expressão de rosto que elle apresentava n'esse momento. Em vez porém de se apunhalar, o soldado persignou-se, resou um momento, persignou-se outra vez, e continuou a passeiar. Fallámos-lhe, interrogámol-o. Estava maniaco. Indagamos a historia d'este desgraçado. É a seguinte :

Era tambor-mór de um regimento. Pediu a reforma : negaram-lh'a com o fundamento de que elle perdera o direito ao seu futuro militar por ter servido, como substituto, em vez de outro. Como nunca vem só uma desgraça, na semana em que elle teve este triste despacho, a mulher com quem estava casado fugiu com outro homem, um alferes, parece. Elle recebeu baixa redonda, e passeia agora nas ruas de Lisboa o seu uniforme militar, a peregrina belleza das suas formas e a sua monomania. Quando o interrogam responde com esta simples phrase, que repete indefinidamente com uma insistencia de idiota : « A base da sociedade é o respeito dos inferiores : pois bem desappareceu o respeito dos inferiores ! »

Para que os destinos dos tambores-móres portuguezes não seja, como o d'este, morrerem de fome dentro do seu uniforme sobre os entulhos da capital, lembravamos ao sr. ministro da guerra uma coisa : quando se não podesse passal-os vivos para veteranos, passal-os para um museu — empalhados.

Ao amigo anonymo, que nos mandou pela posta uma carta de honradas informações enviamos o nosso agradecimento na ultima palavra d'este volume. Tanto a este como a todos os seus leitores pedem *As Farpas* a confidencia de toda a iniquidade, de toda a injustiça, de toda a violação do direito. A missão do jornalista, como *As Farpas* a entendem, é principalmente indagar e tocar com o dedo na corpolencia da administração e da sociedade o ponto em que a inercia principia a produzir o apodrecimento. Jornalistas, no momento em que hesitassemos em magoar a sensibilidade publica, a

sociedade agradecer-nos-ia as delicadezas do nosso animo, mas nós, jornalistas, considerar-nos-iamos desde esse momento traidores ao dever.

5

AS FARPAS

CHRONICA DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

Um volume de 80 a 100 paginas por mez. Preço 200 réis.

Assigna-se em Lisboa: em casa do sr. Antonio Maria Pereira, na rua Augusta; e no Porto: em casa dos srs. Martins & Peres, na rua de Santo Antonio.

Á venda em Lisboa: nas livrarias Pereira, na rua Augusta; Silva, no Rocio; Rodrigues e Afra, rua do Ouro; e na tabacaria Neves, no Rocio No Porto: na livraria Moré; e em casa dos srs. Martins & Peres, na rua de Santo Antonio.

Com o ultimo numero do primeiro anno da sua assignatura os srs. subscriptores receberão gratuitamente um volume, no formato dos d'esta revista, original e inedito, do sr. Ramalho Ortigão ou do sr. Eça de Queiroz.

Compram-se por 200 réis, na livraria do sr. Antonio Maria Pereira, todos os exemplares que se offereçam do volume do mez de julho.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.
MACEDO
JP

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

Novembro de 1871

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES IMPRESSOR DA CASA REAL,
Rua dos Calafates, 110

1871

SUMMARIO

Carta de Eça de Queiroz, Explicações. Os consulados, os centros republicanos e os concursos — As eleições municipaes. *Republicanos, historicos, regeneradores e logistas.* Triumpha o centro logista. — Singular aventura da *Correspondencia de Portugal* e de duas senhoras loiras. — Falla-se pela derradeira vez no sr. Melicio. — As fabricas de tabaco, o codigo penal e o Limoeiro: suas correlações. — Historia de Portugal, modos de a escrever: para o povo e para as academias. O grande historiador — A arithmetica de Lopes. — Historia de um cão. — O governo do Brazil e as escolas. — Notavel caso passado no gabinete do sr. Rodrigo de Moraes Soares. — O sr. Fisco e os srs. Salteadores, caso da provincia. — A famosa grève de Oeiras. — Carta de Ramalho Ortigão aos srs. François e Ladame, brinde do auctor á direcção dos caminhos de ferro.

Querido leitor. — Como nos velhos prologos, consente que eu, pessoalmente, te venha fallar um momento de coisas pessoaes. Porque emfim

é preferivel que te faça pequenas e finas confidencias, aqui, n'este livro largamente batido de um bom sol, e claro sob o ceo claro, do que vá ahi para o fundo escuro de um jornal, agitar sonoramente os meus periodos, diante da multidão estranha!

Deves saber, querido, que ha um anno eu tive a lembrança de me habilitar por um concurso a ser consul, *teu* consul de primeira classe: porque emfim *tu* és a patria. Ah! é-se humilde, mas lá vem uma hora orgulhosa e altiva — em que se pensa vagamente em dar á patria a vitalidade de uma vontade honesta e os serviços reflectidos de uma razão lucida. Os livros santos, a historia, o romance estão cheios d'este bello dever humano. Pela patria, Judith, a tragica viuva, fez a Holophernes aquella surpresa que sabem! Pela patria, Mucio Scevola tisnou a mão n'um brazeiro sabino! Pela patria, Viriato (sabem, o nosso Viriato) fez nas serranias do Herminio essas façanhas legendarias de que agora me não recordo bem: emfim eu resolvi abandonar as livres phantasias e ir para alguma estreita e sonora rua de uma velha cidade commercial, esquecido dos homens e conhecido dos *cambios*, velar pelo commercio do

meu paiz! Digo isto, mas dispenso os bilhetes de visita do corpo commercial!

Fui pois a esse concurso! Ah! lembro-me bem, estudei-o n'um inverno em Leiria. Um ceo nublado, hostil, entristecia e pesava: eu morava n'uma rua estreita como uma fenda e triste como o destino de um monge: de um lado tinha as velhas paredes da Misericordia onde as corujas piavam, do outro as torres da Sé onde os sinos faziam a cada momento rolar pelo ar os seus prantos sonoros! E havia na minha janella, n'um caixote de pau, um arbusto de alecrim, que erguia constantemente para o ceo os seus miudos bracinhos de verdura secca — nunca pude saber porqué, porque emfim na sua qualidade de planta devia ser materialista e atheo! Foi alli, no torpor d'aquellas tristezas, que eu reli o meu direito publico, o meu direito internacional privado, o meu direito maritimo, a minha economia politica, o teu codigo commercial, oh patria!... e posso affiançar-lhes que não é positivamente de interessantes e lacrimosos amores, de fundas e commoventes passagens — que tratam aquelles honestos compendios.

Ha no entanto um periodo que me lembra com uma melancolia feliz: oito dias que eu

passei estudando com o meu amigo Batalha Reis. O mundo vae talvez ficar pallido de surpresa diante d'esta fraternidade antiga, que parece em verso de um drama de Corneille. Sim, mundo, nós concorriamos ambos e estudavamos ambos! Era em casa de Batalha Reis, em S. Pedro de Alcantara, defronte da alameda: e quando a larga janella do quarto estava aberta, e nós sentados á mesa diante de Ortolan, Leclerq, Silvestre Ribeiro, Vrunsk, — via-se apenas um quadrado de folhagem, que se amarellava suavemente nas primeiras fraquezas outonaes da seiva, e no fundo, atravez do entrelaçamento da folhagem, o doce azul apparecia, meigo, com toques de indigo e delicadezas de setim. Anthero de Quental era então companheiro de casa de Batalha Reis: tinha chegado havia pouco da America do Norte, das pallidas paisagens septentrionaes da bahia de Halifax, e andava traduzindo Goethe. Batalha Reis e eu, porém, tinhamos-lhe prohibido com palavras terriveis, entrar no quarto onde nós estudavamos direito maritimo e tantos outros direitos que não especialiso — para não fatigar alguma senhora que tenha a delicada caridade de ir illuminando com a clara festa dos seus olhos esta historia infeliz! Quando Anthero de Quen-

tal entrava por acaso com o seu Goethe na mão, adeus, oh fecundos, austeros direitos! As vivas discussões batiam as azas! e terminavamos sempre por ir cear — sem convidar Ortolan!

O concurso fôra um dia, ás dez horas, n'uma fresca manhã... Eu conto estas coisas como o Marquez Fabricio conta na *Legende des Siecles* a tomada de Creta; mas é porque se eu te fizesse a historia d'este concurso sem o envolver em alguma paisagem, morrias de abstracção e de tedio!

Fiz esse estimavel concurso, e parece que o grosso caderno de papel official que escrevi não foi julgado inteiramente inepto. Havia um logar vago na Bahia.

A Bahia, dizem, é uma cidade alegre, com aspectos de agua venezianos; mas ha muitas osgas. Eu não acho a osga extremamente diplomatica, nem faço d'ella a minha convivencia querida: mas emfim o infante D. Fernando morreu pela sua patria, no captiveiro — e eu não podia eximir-me a soffrer por ella uma certa porção d'osgas!

No entanto não fui despachado — o que achei justo e galante.

Justo porque o cavalheiro escolhido, que ti-

nha uma classificação quasi egual á minha, ainda que inferior, tinha longos serviços no ultramar, estabelecimentos na Bahia, etc., estava em condições preferiveis e inatacaveis.

Galante, porque — segundo me foi revelado — eu não fôra despachado porque se quizera fazer a vontade a uma dama illustre, despachando o meu companheiro. Como comprehendem, fiquei contente, como na effusão de uma victoria! ergui na minha alma o escarlate pavilhão da alegria. Eu conhecia um pouco, como todo o mundo, essa dama: nada ha mais graciosamente fino, nem mais gentilmente nervoso: ella não tem a belleza terrivel das Junos antigas, nem o *mignon* descorado das figurinhas chloroticas de Gavarni. Ella é toda moderna; e é o typo flexivel das bellezas inquietas e magneticas.

Eu como sabem não sou o velho trovador Lorensal! Mas é-me sempre grato ter occasião de fazer sorrir de alegria, um pequenino rosto por quem até o impassivel sol é curioso! Ella tambem não exigia, como Herodiade, que lhe servissem n'um prato a minha cabeça: ella queria apenas que o meu collega passasse os mares! Eu nunca teria perdoado ao sr. ministro (não me lembra já qual era) se s. ex.ª em attenção

aos meus incertos meritos tivesse feito franzir as sobrancelhas finas e *cendrées* d'aquella gentil pessoa! E a unica coisa que me magoou foi ter só um consulado para lhe sacrificar: ah! se ao menos eu tivesse tambem um logar de membro da junta de parochia, ah!... porque estes dois logares, com algum alecrim em roda e algumas violetas no meio, já faziam um bonito mimo, para depôr aos seus pés!

Passou o tempo. Ha dias porém eu tive occasião de saber um caso singular. O sr. ministro dos estrangeiros declarara que eu *não poderia nunca* entrar na carreira consular, porque eu era... O CHEFE DO PARTIDO REPUBLICANO EM PORTUGAL!

Já me aconteceu a bordo de um paquete inglez ser tomado por andaluz, que horror! — e fiquei tranquillo. Já me aconteceu encontrar na minha cama um almirante americano, que eu não conhecia — seria uma historia longa — e não estranhei. Estou habituado ás surprezas violentas. Mas quando me disseram, sem me prevenir que eu era o chefe do partido republicano em Portugal — vieram-me as lagrimas de commoção! Bom Deus! Vi-me logo sob o esvoaçar da bandeira vermelha, entre restos de barricadas,

domando uma plebe irritada, condemnar os reis aos desterros e os palacios ao saque! Vi-me na alvorada das noites terriveis, emquanto os ultimos rebates se esvaem nos ares, proclamar á luz dos archotes o fim dos antigos opprobrios, emquanto nas alcovas ignoradas pallidas duquezas descoram e resam. Que querem? a impressionavel imaginação, as aladas ambições do humorismo!

Então indaguei: soube que realmente o governo me fazia honra de me suppôr:

Chefe republicano
Orador dos clubs
Organisador de *greves*
Agente da *internacional*
Delegado de Karl Max
Representante das associações operarias
Cumplice nos incendios de Paris
Ex-assassino do Mgr. Darboy
Redactor secreto de proclamações
Receleur de Pretole.
E emfim — antigo forçado!

Nunca, como agora, fui tão honrosamente accumulado de dignidades: trasbordo de occupações: seccumbo de importancia! E emfim:

Eu era seguido sempre por um policia!

. ˙ .

Ora direi antes de mais, que um governo moderno dispensa tudo, idéas, principios, actos, projectos — menos um pormenor:

Uma *internacional* a abafar.

É do *chic* que quando á noite na sala das suas relações o ministro da guerra, junto da mesa, sorve a pequenos golos o seu chá, a dona da casa, lhe pergunte com a tenaz do assucar entre os seus brancos dedos:

— E que ha da internacional, sr. ministro?

— Contamos suffocal-a: sim minha senhora, mais um torrão d'assucar.

— E uma *brioche*, sr. ministro?

— Beijo-lhe as mãos. Contamos suffocal-a: eu dei ordem ao meu ajudante de campo... ainda hontem disse eu ao meu ajudante de campo...

Não, srs. ministros, não, se querem abafar uma internacional, escusam de se voltar para mim.

Eu não sou um cabide onde se ponha um *bonet rouge* para se aniquilar e dar *chic* ao ministerio. Vistam um dos seus correios de *hydra d'Anarchia*, e vençam-n'o...

Ora o policia seguia-me sempre. Parece que este desgraçado enlouqueceu de terror. Logo desde os primeiros dias elle teve sobre a minha

existencia revelações pavorosas: elle soube, com os cabellos em pé, que o meu luveiro era na rua Nova do Carmo! A sua vida era negra. Eu ando depressa e o infeliz ganhou um esfalfamento. Ás vezes tomo uma carruagem, e então via-se aquelle homem respeitavel, vermelho, com a lingua de fóra, esgalgado, arquejando, trotando e seguindo o *coupé* de praça em que ia a *Revolução*. Porque eu era — a revolução! O governo só me conhecia a mim: em mim fazia cifrar todo o movimento revolucionario: eu era segundo o governo:

O chefe
O club
A barricada
O barril de petroleo
E a voz de 2:000 operarios!

Oh! meus senhores, pelo amor de Deus deem-me um collega! Distribuam fraternalmente esta accumulação de serviços! Eu consinto em fazer de *chefe*, que outro faça de *barril!* Eu tenho a voz fraca, e terminantemente o declaro, eu não posso ser a voz de 2:000 operarios!

Havia pavores convulsivos; quando eu entrava no theatro com o paletot abotoado, o policia mandava este bilhete ao governador civil:

« levava o paletot abotoado! » Este telegraphava para o concelho de ministros: *« ha coisa: levava o paletot abotoado! »* E então o sr. ministro da guerra, dizia pallido, ao seu collega dos estrangeiros, livido:

— Ahi está o homem que queria ser consul: que despreso pelas instituições! Que indole revolucionaria! Levava o paletot abotoado! Tenho 62 annos e nunca vi coisa assim!

E diz-se que o poder moderador, alta noite vagava pelos seus paços adormecidos, como out'rora Hamlet nos pallidos terrenos d'Elseneur, murmurando na angustia; oh Sancho I, o Capello! oh Affonso II, o Gordo: elle levava-o abotoado!

Ora se os srs. ministros me tivessem prevenido, eu tinha-lhes poupado esse susto amargo, indo para o theatro, como vulgarmente se diz, de corpo bem feito. O que é a gente não se entender! perdoem: mas bem veem que a demagogia tambem receia os defluxos!

Alguem me disse por essa occasião com ar mysterioso: « a sua conferencia!... »

Mas eu não acreditava. Porque emfim eu na minha conferencia condemnára a arte pela arte, o romantismo, a arte sensual e idalista, — e apre-

sentára a idéa de uma restauração litteraria, pela arte moral, pelo realismo, pela arte experimental e racional. «O que! pensava eu, será por isto que os srs. ministros me julgam um inimigo da ordem? Julgarão elles que o fim do *realismo* é declarar em greve os fabricantes de Oeiras? Pensarão elles por accaso que a occupação logicamente favorita de um critico de arte é queimar a casa da camara? Estarão elles na idéa que foi Boileau que matou Henrique IV? Supporão elles que o fim exclusivo da internacional é extinguir o romantismo? Viverão elles na crença que os esforços dos 17:000:000 de operarios filiados na Internacional, convergem para este fim: serem desagradaveis a Lamartine? Oh miseros!»

Porque emfim — se eu não posso ser consul por ter feito uma conferencia — se essa conferencia foi a condemnação do romantismo, segue-se que eu não posso ser consul por ter condemnado o romantismo!! Ora realmente, eu não sabia que para ser consul — era necessario ser romantico! Eu não vira entre as habilitações que o programma requeria esta: «Certidão do regedor de que o concorrente recita todas as noites, ao luar, o *Noivado do Sepulchro*, do chorado

Soares de Passos ». Eu não sabia d'isto! Porque então tambem declaro á secretaria dos estrangeiros: perdeu os dois consules que melhor lhe podiam convir, Antony e Werther. Ah! agora vejo, infeliz realismo, que me obstrues uma carreira! Ai! para ir ser consul para Pernambuco, quem tivera o coração de Romeo!

Mas então deviam-me ter prevenido! Sim, porque eu então não concorria! Não, minha patria, não, ser obrigado para ter a honra de te servir, a recitar e a amar as odes do sr. Vidal, não, minha patria, não! Agradeço-te, mas desisto. Olha, vê se *Lelia, por George Sand*, acceita o consulado de Vigo!

Mas tratava-se bem de conferencias! o facto era mais moderno, positivo, d'esta semana. Eu era accusado de ser *o chefe, o orador official* dos clubs republicanos.

Ora querem saber se eu sou o orador dos *clubs republicanos?*

Pois bem, com magoa o digo, francamente — não! Dispo aqui, humilhado, as minhas relusentes glorias! Não, eu não sou esse homem mysterioso e terrivel que todas as noites, das sete ás onze, como o governo suppõe, fere ao golpe de uma rhetorica afiada, o tronco, já fraco e

gemente do pecegueiro constitucional. Porque é um pecegueiro: como a religião é um roble e a revolução um carvalho. São os symbolos, as imagens classicas. Não sei porque o constitucionalismo é um pecegueiro: isto data do honesto Luiz Philippe, bom pae de familia e guarda nacional!

Não, eu não sou esse homem.

Não o sou porque não tenho paciencia para ser agitador; porque não tenho tempo: porque nos clubs ha falta d'ar: porque detesto os clubs, essa bastardia grotesca da decadencia parlamentar, onde, segundo a phrase admiravel do meu mestre Proudhon, «se falla como Cicero e se pensa como mr. de la Palisse»: porque não sou *jacobino*... Lamento que o governo não saiba talvez o que é ser *jacobino*, porque achava n'esta palavra a justa explicação da minha abstenção. Mas que o governo leia a monographia do *jacobinismo* por Proudhon, se o agrilhôa a curiosidade; eu não lh'o explico porque seria necessario fallar-lhe em *socialismo*, *communalismo*, *provincialismo*, *federalismo*, o que lhe faria uma confusão tenebrosa, e o levaria talvez, enganado por falsas apparencias, a nomear-me lente de Hebraico.

Não, não frequento os clubs! E todavia, encontrar-me-hia lá, n'uma companhia excellente, entre muitos deputados, ex-ministros, directores geraes, conselheiros e coroneis! — Todos estes honestos funccionarios se occupam nocturnamente em abater — o pecegueiro que sabem! Não estranhem, não! Que ha de fazer um pobre major a quem a monarchia conserva major, senão conspirar pela republica que o faça coronel! Ora como se dizia, n'uma opereta celebre, eu não sou esse major!

Ah! se os meus amigos Anthero de Quental ou Batalha Reis, tão celebres pelas suas opiniões radicaes, tivessem um club onde se discutisse scientificamente uma restauração social, eu correria lá, aprender na sua palavra erudita e nos seus honrados caracteres, e aconselharia os srs. ministros a que fizessem o mesmo; porque a verdade é que ninguem, desde o poder moderador até aos zeladores municipaes, acredita nos bons fructos do pecegueiro citado. Mas, ai, Anthero de Quental está tão tranquillamente no Porto esquecido na profunda paz de um grande trabalho philosophico e social! Batalha Reis está tão occupado na sua quinta do Carvalhal a fabricar os seus excellentes vinhos — isto não é

uma reclame! — que realmente tenho uns certos escrupulos em ir arrancar um á impassivel serenidade do seu trabalho, e outro á preoccupação technica das suas dornas, — para os obrigar a virem enfastiados e bocejando como homens estremunhados, abrir clubs em Lisboa de proposito para eu frequentar — e dar razão ao ministerio!

Ora realmente o ministerio querendo justificar o desprezo dos meus direitos, apresentando-me como agitador de *clubs* dá logar a duas hypotheses:

Ou não conhece o que se passa nos *clubs* — ou conhece.

Se não conhece, então deve ficar extremamente magoado quando lhe apparecer a verdade que eu nitidamente expuz — e desde já lhe permitto que me venha pedir perdão, e talvez eu lhe offereça charutos!

Se conhece o que se passa nos *clubs*, e me apresenta como agitador, então permitta que lhe diga que a sua intenção foi extremamente honesta — calumniar-me! Para que? — É bem simples. Para ter o direito de desprezar, ter como inutil o meu concurso? Na sua qualidade de conservador entendeu que a accusação mais

grave que podia fazer sobre a minha pessoa era apontar-me como *agitador*? Desde esse momento toda a injustiça para comigo era legitima : era anniquilar o monstro! Ora havia realmente um meio mais simples, era dizer : « O sr. Eça de Queiroz nunca poderá entrar na carreira consular porque levou um relogio de uma casa particular! » Era mais simples. Realmente não comprehendo os escrupulos do ministerio. Ah não imaginem, que eu vou accender a minha indignação para allumiar as profundidades escuras d'esta acção! Emfim, talvez o ministerio ignore o que se passa nos *clubs* e tirando illações phantasticas da minha conferencia, supponha que eu, desde que me declarei escriptor realista — tenho a obrigação logica de cravar um punhal jacobino na real arca do peito de S. M. F.

Mas como ao mesmo tempo é possivel que da parte do ministerio houvesse realmente a intenção de me apresentar como typo do monstro revolucionario — expressamente para me affastar, — eu logo que soube isto, resolvi — envergonhado de ver um governo descer a expedientes indecorosos — resolvi dar-lhe um motivo tão real, tão terrivel, tão patente, que realmente fosse para todos a justificação do meu concurso

desprezado. E a minha primeira idéa foi atravessar as ruas de Lisboa vestido de macaco: porque então que melhor protesto queria o governo? Não se manda para uma missão consular um homem que se veste de macaco, e começa a fazer visitas, sob o regimen constitucional. Mas que querem? Não ousei. Que os srs. ministros ponham o caso em si: ousaria qualquer de v. ex.as entrar na sua secretaria modestamente vestido de orango-tango, agitando uma cauda de *gutta-percha*, fazendo com a bocca *ghi! ghi!* e assignar nas portarias *Simãosinho?* — Não ousavam. Pois tambem eu não. Perdoem-me.

E então tomei um expediente mais simples: escrever esta carta. Isto sim, que é um pretexto completo, inatacavel, profundo. Depois d'esta carta eu não poderei nunca ser senão um cidadão affrontoso! D'esta vez, leitor querido, é que eu posso dizer que te sacrifico o meu concurso. É a segunda vez. A primeira foi á galante vontade de uma dama. Santo Deus! verão que me vae ficar este costume de o sacrificar por qualquer coisa! Ainda o venho a dar em algum dia de annos — com ovos!

Querido leitor: nunca penses em servir o teu

paiz com a tua intelligencia, e para isso em estudar, em trabalhar, em pensar! Não creias na intelligencia, crê na intriga! Não estudes, corrompe! Não sejas digno, sê habil! E sobretudo nunca faças um concurso: ou quando o fizeres, em logar de pôr no papel que está diante de ti o resultado de um anno de trabalho, de estudo, escreve simplesmente: *sou influente no circulo tal e não m'o façam repetir duas vezes!*

Aperto-te cordealmente a mão.

EÇA DE QUEIROZ.

Realisaram-se com grande enthusiasmo e fervor as eleições das camaras municipaes. Este acto eminentemente patriotico fez entrar no jogo dos nossos interesses politicos um partido novo destinado a profundas influencias: o partido dos srs. logistas.

Os srs. logistas constituiram-se em gremio politico, formularam a sua lista, foram á urna e fizeram vingar em Lisboa os seus candidatos.

Temos pois definitivamente organisado, mili-

tante e já victorioso em Portugal, o centro logista.

No meio da confusão ruidosa e aspera em que se acham divididos na Europa os espiritos modernos, entre republicanos, monarchistas, jacobinos, cezaristas, anarchistas, socialistas e internacionalistas, os srs. logistas, surgindo agora, representam talvez uma aurora para os espiritos, uma solução para as consciencias, uma pacificação para a humanidade.

Uma vez que os srs. logistas determinam consagrar uma pagina das suas fecundas costaneiras á escripturação dos nossos destinos politicos, podemos nós outros, os que não temos loja nem fazemos tenção de a pôr, retirar d'ahi o sentido e rendermo-nos a suas mercês.

.˙.

Os srs. logistas constituindo-se em associação eleitoral offerecem-nos commodos que nunca lhes agradeceremos bastante, porque esperamos que, tendo-se elles encarregado delicadamente da eleição dos nossos vereadores, passem a incumbir-se com egual deferencia de todas as nossas eleições.

Será com entranhado jubilo patriotico que nós

leremos d'ora ávante nos periodicos de avisos:

« Loja da America. Especialidade dos pannos abretanhados e dos deputados da maioria. »

« Nova mercearia na rua da Bitesga. Deputados opposicionistas e paios de Castello de Vide. »

.˙.

Os governos saberão ao certo quanto dispenderão com o fabrico das suas maiorias, porque ellas virão cotadas nas revistas dos mercados entre a purgueira e a mandioca.

Nos armazens do Chiado, quando do recesso dos estofos expostos ao fundo da loja surgir um cavalheiro louro com o cabello encoracollado para traz das orelhas e uma tesoura mettida no peito do fraque, e este cavalheiro, entreabrindo um sorriso molle como tafetá, nos fizer a honra de se debruçar sobre o seu balcão envernisado e de nos perguntar o que desejamos, será um grande consolo poder responder-lhe: Desejo ver as bareges e os candidatos.

.˙.

Os srs. candidatos á representação nacional serão distribuidos conforme os seus meritos e as

suas especialidades pelos arruamentos analogos ás respectivas cathegorias.

Teremos deputados da rua Augusta, das escadinhas da Barroca, da rua das Gallinheiras, e da Ribeira Nova. Uns serão examinados nas camisarias entre as piugas de fio de Escocia e os sabonetes Windsor; outros na rua dos Bacalhoeiros entre as largas pastas dos coiros de Salvaterra; os mais delicados e franzinos nas lojas de luvas e de flores de papel; os mais fortes e possantes nos talhos e nos salsicheiros, ao lado da carne da perna, ou do cevado, pendente de uma trave com a cabeça para baixo.

. • .

Sim, senhores logistas, vós comprehendestes bem a sociedade e o tempo em que viveis. Que deputados, que governos e que administrações municipaes nos teem dado os partidos que precederam o vosso?

O municipio de Lisboa tem sido até hoje o espelho da incuria e do desleixo.

Muitas das nossas ruas parecem canos — do avesso.

Nos esgotos, muitos dos quaes não correm ha innumeraveis annos, estão recolhidos e agglo-

merados os elementos de uma epidemia horrorosa.

A policia tem por unico emprego levantar os bebados e espancal-os.

Os jardins e os passeios publicos são eminentes modelos de mau gosto.

O serviço dos incendios, apezar das mais repetidas reclamações e instancias de um empregado singularmente dedicado e solicito, está organisado de modo que os soccorros estão para as necessidades da população na proporção brilhante de um para cem.

A questão das subsistencias está estudada de fórma que ninguem póde ainda saber ao certo por quanto fica em Lisboa um alqueire de trigo ou um arratel de carne. Vós, srs. logistas do pão e da carne, é que taxaes os preços d'esses generos.

E, graças á illustrada competencia dos illustres deputados e de todos os governos que elles apoiam, a administração do estado acha-se no mais sensibilisador accordo com a do municipio lisbonense.

. . .

Em vista d'isto, srs. logistas, o vosso momento psychologico tinha effectivamente che-

gado. Encontrastes na derradeira baixa o genero *vereador* e o genero *deputado*; tudo vos aconselhava a fazerdes o que fizestes: adquiril-o mau, mas de graça, para o vender caro e por bom!

O que estamos a receiar é que o não consigaes, e que os vossos eleitos se vos convertam em alcaides!

— Os annuncios! as *reclames!* direis.

Ó queridos! bem reclamada tem sido a revalenta arabica, e no entanto a revalenta não se vende! e faltam-lhe ainda os periodicos da opposição a desacredital-a — a revalenta —, a dizerem em artigos de fundo que o mais que ella descentralisa é nada, e que o que ella quer, em vez de se deixar devorar pelo paiz, como dizem os annuncios, é devoral-o a elle. E tudo isto, que se não diz da vossa revalenta, nem tão pouco da vossa agua circassianna, se dirá da vossa vereação e dos vossos deputados, ó logistas! Ao passo que por outro lado vós não podereis então exclamar como da agua circassiana e como da revalenta: tingi os cabellos como o sr. Saraiva de Carvalho! ou: comei o sr. Braamcamp desfeito em leite!

. ˙ .

Pela nossa parte fazemos votos ao ceu para que o novo e auspicioso partido dos srs. logistas prospere e augmente. Que elle tenha voz na imprensa, voz no municipio, voz no parlamento! Visto que o tribunal do commercio manda ás vezes fechar as portas a estes cidadãos, que a politica lhes permitta ao menos a compensação de abrirem as boccas! Oh! são evidentemente excepcionaes estas condições! Os demais partidos caem apenas, uma vez por outra; os srs. logistas, de quando em quando, quebram.

Oremos a Deus por elles.

. ˙ .

Já não dizemos a mesma coisa dos historicos, dos regeneradores e dos republicanos, pela razão de que a intervenção d'estes senhores nas ultimas eleições municipaes não a entendemos bem.

Não existindo, que nos conste, um pelouro especial de propaganda politica, desconhecemos inteiramente os meios por que estes cavalheiros projectavam affirmar no senado lisbonense as suas especiaes convicções e os seus particulares principios.

Não suppomos que os republicanos, senhores da administração municipal, abusassem dos alegretes do passeio de S. Pedro de Alcantara até o ponto de plantarem ahi a arvore da liberdade, ou que, recebendo a primeira das suas pilulas para devastação dos cães vadios a fossem subrepticiamente introduzir na bocca de el-rei.

. · .

Emquanto aos srs. historicos e regeneradores, como não possuimos integralmente a chave das intimas convicções que os desunem em guerra tão acesa, pediremos que nos illucidem:

Teem estes dois venerandos grupos idéas inteiramente oppostas e dirimentes — verbi gratia — no artigo limpeza?

Entregando o voto livre e espontaneo do municipio uma vassoura ao partido historico e outra ao partido regenerador para que elles varram a cidade, que determina fazer pelo seu lado, coherente com os seus principios, o partido regenerador? que é que pelo contrario resolve, fiel ao seu passado, o partido historico?

Posta a necessidade de abrir uma fonte no largo do Pelourinho, queremos admittir que occorram dois meios diversos de satifazer essa ne-

cessidade; concedemos que esses meios sejam: um embarcar para o Brazil, o outro ir para padre. Perguntamos ao partido regenerador e ao partido historico: Dada esta contingencia municipal, qual é o que vae para padre? qual é que vae para o Brazil?

.·.

Para fundamentarmos o nosso voto e assentarmos qual dos dois devemos escolher nas futuras eleições camararias, pedimos encarecidamente ao partido historico e ao partido regenerador que se definam com franqueza.

E como é a primeira coisa que lhes pedimos esperamos receber mercê.

Este mez teve duas coisas lamentaveis:

A chuva monotona e escura, a chuva fatigante e immoral que amollece o ser physico e dobrando a alma sobre si mesma é uma especie de *Lembra-te que és pó* — ás gotas e ás torrentes! A chuva com os seus trivaes aspectos pardacentos: ruas tristes e lamacentas que parecem

charcos policiados: casas que dão a sensação de rostos lacrimosos e viuvos: as galochas calçando pés enormes e velhos, apparecendo por baixo de uma saia branca que batte o tornozello, orlada de lama: o individuo humido, confrangido sob o guarda chuva como sob um destino: as creanças pobres que tiritam de frio, escondidas nos portaes: os cocheiros que curvam a cabeça sob o fustigar da agua, praguejando em silencio: os rostos enfastiados que apparecem por traz das vidraças baças; as portas das lojas cheias de lama, onde se apinham olhando idiotamente os silenciosos fios d'agua, as costureiras com as suas botinas de duraque encharcadas, os fieis de feitos transidos nas suas quinzenas de lustrina, e os empregados publicos que fazendo escorrer o guarda chuva ruminam o seu tedio! A chuva que é uma philosophia, porque se começa a pensar — que no fim de tudo o inverno está mais na terra do que no ar, que ha ainda menos espirito na cidade do que sol no céo, e que ha mais falsidade nas consciencias do que lama nas ruas!

Houve a chuva, e houve aquillo que se podia chamar o *caso da sr.ª duqueza*.

. ˙ .

A *Correspondencia de Portugal*, — que se póde considerar a consciencia escripta de Portugal para uso do Brazil, — contou um dia, na sua letra miuda e economica, um pequeno episodio, não inteiramente côr de rosa mas não inteiramente côr de sangue, passado sob os lustres officiaes, entre duas senhoras, — uma que se bem nos lembra tem o cabello louro, outra que se bem nos recordamos tem o cabello *cendré*, — porque são estas as duas unicas indicações que podemos dar, não pertencendo estas senhoras nem á maioria legislativa, nem á junta de parochia, e tendo por tanto os seus nomes direito a uma inviolabilidade austera!

. ˙ .

O artigo da *Correspondencia* era sobre tudo feito de pequeninas hostilidades á casa de Saboya. E ia muito socegadamente a pôr o pé na escada do paquete de 15, quando de repente é agarrado pela gola, arrastado para o sol das praças, para o gaz dos cafés, para o petroleo das tabernas, e ahi interrogado, mirado, interpellado, apalpado, ganha uma gloria imprevista e tem a honra insigne de ser considerado como

symptoma! O *symptoma!* Um *symptoma!* E no entanto o pobre artigo, como out'rora nos desastres de Paris, aquelle creado de café tomado pelo membro da communa Billioray — olha espantado em redor, jura que o tomam por outro, protesta que é um bom chefe de familia, e supplica que o deixem ir por que está a partir o paquete — e tem medo de já não achar bote!

.·.

O artigo foi-se: mas o escandalo ficou. E a *politica* que tudo tem estragado, que faz dos nossos folhetinistas de mais verve, sorumbaticos deputados da maioria! que faz dos nossos poetas mais vivos monotonos conselheiros de estado! que faz da nossa bella lingua portugueza, um vocabolario barbaro de injurias! que faz da nossa conversação, uma troca banal de noticias sobre a saude e os votos do regedor de Sinfães! não teve duvida em arrastar para as suas viellas escorregadias e lodosas, a phantasia nervosa de duas senhoras, e arremessar-se sobre aquelle facto delicado e *mignon* — e começar a roel-o, a raspal-o, a sujal-o, como um goso esfaimado, magro e vil faz a um resto de costelleta!

. ˙ .

Na verdade o grande mal! Duas senhoras, n'um momento impaciente e phantasista, arrufam-se — e estremece a patria de Affonso Henriques, a antiga tyrannia da India!

De sorte que tudo se explica: se o nosso credito baixa, se o nosso exercito se enferruja, se a nossa marinha racha, se a nossa litteratura se embrutece:

É porque no theatro de S. Carlos, entre duas arias triviaes e dois gorgeios monotonos, duas senhoras — em logar de trocar os seus leques, trocaram as suas ironias!

De modo que já sabemos: Escusamos de trabalhar, de organisar, de pensar: ha um meio simples de realisar, ámanhã já — uma regeneração social:

É alcançar que as senhoras se não zanguem, decretando:

« Quando qualquer dama estiver para se pentear, é prohibido que a cabelleireira tarde! »

. ˙ .

Pois bem, se depende d'essas duas senhoras a salvação radical da patria, que ellas tenham um movimento compassivo! estendam, aper-

tem-se as mãos. O paiz pede-lh'o de joelhos, rolando no chão a sua respeitavel calva hedionda! Os fundos teem-se sumido pelo chão abaixo e lá das entranhas da terra, pedem ar! As estradas em projecto pedem, com os seus ramaes estendidos, que lhes deem a consolação de ser de terra, porque estão fartas de ser de papel! Os navios de guerra erguem os seus mastros, como braços phtysicos, brandando: *depressa que nos sentimos apodrecer pela quilha!* O paiz inteiro pede que o salvem! Que ellas deem as mãos! Que se reconciliem porque parece que é a unica maneira de elle se ter de pé! Que essas senhoras não consintam que elle — perante o concilio das nações — dê o espectaculo vil de uma patria que cae de cocoras! Senhoras, beijae-vos sympathicamente. Deixae que este pedaço de terra molle se affirme n'uma nacionalidade! Deixae que este pantano seja uma bacia d'agua fresca! Deixae que este Bertholdinho seja um cavalheiro!

.·.

Porque parece que a patria é infeliz por que ellas não são amigas! Ah! em que se tornou o antigo, o celebre, o bem conhecido *arrufo!* Elle que foi out'rora a graça, a phantasia, os vapo-

res, o que havia de mais suave no histerico, de mais gentil nos nervos! Elle que foi sempre comparavel ao encontro de dois cristaes, que se ora dão um som harmonioso, suave e musical, logo dão um *tic* aspero, desafinado e hostil! Elle que era outr'ora como aquellas fendas que se abrem na terra secca onde se geram flores: parece que separam as plantas, as coloridas germanições; mas nasce uma relva espessa, fofa, verde, conciliadora — e desappareceu a fenda, e tudo é o mesmo terreno que o sol cobre e a que os aromas dão espirito! Elle, o bom *arrufo*, que se tinha certa vivacidade de chamma, lá tinha o seu elemento ephemero e transitorio — o fumo que o ar azulla! Elle, que tanto governou a sociedade de Luiz Philippe, sob o nome sympathico e meigo de *migraine!* elle que seguiu fielmente lord Byron e a sua pallida geração, disfarçado no interessante personagem que se chamava *humour!* Elle que corria o *bois de Bologne* em caleche, sobre o frio solo parisiense, e a longa avenida de Lichtental sob a romantica lua allemã, e que se chamava então caracteristicamente *Blue Devils!* Elle que nascia da esfumada impressão de uma nuvem escura, e se dissipava com uma walsa de *Schopin!* Elle o

bom *arrufo*, o meigo *arrufo*, que Mercutio o faiscante galan de Shakspeare, definia com luminosas palpitações de phantasia, emquanto Romeu taciturno, sob a folhagem da murta, olhava de longe as salas illuminadas e sonoras do palacio dos Capuletos! Elle, o *arrufo!* Quem se não tem arrufado? Arrufam-se na Biblia entre si as mulheres de Abrahão! Arrufam-se no Evangelho Martha e Maria, as duas irmãs perfeitas! Arrufam-se em Homero a austera e monotona Juno e Venus, cocotte e Deusa! Em todos os poemas ha arrufos! Arrufam-se as nuvens do céo, o raio estala, e d'ahi a pouco, como pombas que voam ao par, ellas pairam coloridas e triumphantes! Arrufam-se as folhas! Arrufam-se as ondas! Arrufam-se os ventos! Oh! gracioso, delicado, universal *arrufo!* O que ha de mais vago, de mais pertencente aos nervos! de mais aforado á phantasia! de mais cosido á moda! Doce, bom, meigo, *arrufo!* E ahi está o que nós fizemos d'elle! d'essa graça gentil! d'essa vibração dos nervos! d'esse sopro! d'esse fio d'aranha que o sol doira! Ahi está o que fizemos d'elle!

Um semsaborão que se estira a mugir como um boi na prosa dos jornaes, que fuma cigarro

á banca das redacções, que intriga ás esquinas das ruas, que diz palavras baixas, não lava os dentes e embarca para o Brazil! Ahi está o que fez do *arrufo* o systema constitucional? Que tinha elle feito á *Carta?*

E foi para isso que nossos paes se batteram, etc. e que desembarcou no Mindello a bem conhecida conta redonda dos 7:500!

. ˙ .

E demais que tendes vós, ó patriotas, com a casa de Saboya? Curioso! curioso! Desde que possuimos entre nós uma pessoa da casa de Saboya, todo o ministro demittido, todo o partido despeitado, todo o regedor caido, carrega o chapéo para a testa e vae para um canto amaldiçoar a casa de Saboya!

Mas que vos fez a casa de Saboya? Viveis vós em Florença? Viveis vós em Madrid? Sois vós o povo metralhado na galeria do café de Napoles? Sois vós o infeliz escriptor Roque Barcia, preso na enxovia de Madrid? Sois vós, ó habitantes da rua dos Fanqueiros N. S. P. O Papa Pio IX?

Que possuis vós, na vossa bella cidade de Lisboa, da casa de Saboya?

— Uma senhora!

Uma unica senhora: e confessae que, conhecendo da casa de Saboya só uma senhora, — a unica accusação que podeis fazer á casa de Saboya — é que ella se veste sem distincção ou se penteia sem gosto! Ora vós, barbaros, podeis, revolvendo a historia, accusar a antiga casa de Saboya de avara, de ingrata, de invejosa, de sanguinaria, de mercenaria, — mas o que certamente não podeis deixar de dizer — é que a parte da casa de Saboya que vós conheceis, tem uma elegancia impeccavel, um dandysmo absoluto, e guia melhor os seus poneys que a mithologica Diana!

A casa de Saboya entre nós é uma questão de toilette e de graça feminina: e melhores toilettes e mais distincta graça — sabei-o, barbaros, não a encontraes na casa de Hohenzollern, onde as mulheres são burguezas e *menagères;* na casa de Orleans onde as mulheres são feias e timidas; na casa de Hpsburgo onde as mulheres tem uma magestade theatral desusada; na casa Bourbon onde as mulheres são violentas e masculinas; e na casa do Hanover onde as mulheres teem a friesa dos rostos que se veem nas libras! Orgulhae-vos portuguezes! Nunca tives-

tes coisa assim! Conheceis a historia? Cuidaes por accaso que D. Mafalda, esposa do bem conhecido Affonso Henriques tinha toilettes mais distinctas? Pensaes que D. Urraca, a mulher do interessante Affonso II o Gordo, tinha *coiffures* de um vaporoso tão gentil? Estaes por ventura na idéa que D. Mecia Lopes, digna metade de Sancho II o Capello, tinha tão airosa debilidade?

Barbaros! Ah! vós não imaginaes que feias rainhas se agrupam no fundo da vossa historia! Só os heroicos feitos dos maridos conseguem fazer esquecer os horriveis narizes das esposas! Indagae na chronica! Sabei-o! E accusaes a casa de Saboya? Vós, portuguezes, vós descendentes dos vassallos que venceram em Silves, no Salado e em Ourique, e que á volta, com as suas armaduras amolgadas dos recontros maravilhosos, vinham — como era uso então, Santo Deus! — prostrar as suas brancas cabeças feudaes diante dos pés chatos e cheios de frieiras da desdentada Urraca, e diante da cuia odiosa da velha Mecia Lopes!

Ingratos! Ingratos! Ah! vós não merecieis a casa de Saboya, não, — merecieis a casa de Tuen-Fuem, tyranno da Patagonia!

No *Partido Constituinte* publicou mão anonyma dois folhetins consagrados a esta chronica. Entre palavras amigas, reprehensões benevolas, conselhos sensatos e votos affectuosos, pede-nos a critica que deixemos em paz o nome do sr. Melicio, o qual nome o leitor terá visto, com frequencia apparentemente demasiada, nas paginas d'estes livrinhos. O critico do *Partido Constituinte* funda o seu pedido na razão que o sr. Melicio nos será pesado — se vamos para a immortalidade.

Ai de nós, critico amigo! para a immortalidade não. Nós ficaremos extremamente agradecidos áquella gloria a que nos julgamos com direito se, em vez de nos mandar para a immortalidade, ella nos deixar ir modestamente para nossas casas.

Antes porém d'esse dia grande do supremo ajuste de contas com o mundo temos que proseguir ainda por algum tempo na nossa romagem atravez do publico, e n'esta peregrinação dolorosa, tão trilhada de espinhos, tão cortada de sobresaltos, tão cavada de incertezas, que nome invocaremos, a que symbolo visivel ergueremos os nossos pensamentos?... Oh! é então, n'essas horas de vaga meditação sobre as vicis-

situdes da celebridade, que o nome do sr. Melicio, d'esse excellente rapaz que nós particularmente amamos, se representa a nossos olhos, já nas alturas, luminoso como um pharol, já desdobado pelo chão como o cordel engenhoso de Theseu nos meandros do labyrintho. E em qualquer situação em que nós achemos — ponto geodesico d'esta vasta triangulação — na moral, na politica, na religião, na litteratura, na sociedade, nós temos de exclamar sempre a cada passo: — Aqui passou Melicio! — Lá vae adiante Melicio! — Lá está em baixo Melicio meditando! — Lá vae Melicio para cima sorrindo! — Que diria Melicio se estivesse aqui? — O que estará n'esta hora cogitando Melicio?

E de qualquer lado por que o vejamos ou por que o imaginemos, Melicio, com quem nos não encontramos nunca, é bem realmente para nós o signal graphico, a imagem symbolica do seculo em cuja orbita gravitamos.

Assim é que, se muitas vezes demais escrevemos o nome do sr. Melicio, acredita, leitor, que muitas outras no interior de nosso espirito e de nossa consciencia exclamamos só para nós em todos os tons da escala invocativa: Melicio!

Melicio! Melicio! Melicio, acode-nos! Melicio inspira-nos! Melicio, *ora pro nobis!*

Uma vez porém que pessoas graves e sisudas nos pedem que o nome do sr. Melicio desappareça de nossos labios, juramos por nossa honra que nunca mais tornaremos a proferil-o.

Só uma vez ainda, e será a ultima: Chorado Melicio! unico Melicio! insubstituivel Melicio!... adeus!

A pedido das nossas familias, mais uma vez, e para todo o sempre...

Melicio!

Lisboa é talvez, em todo o vasto universo a cidade, onde a opinião e os seus juizos, teem menos influencia. Receia-se um pouco a policia correccional, despresa-se em absoluto a opinião. E como a policia correccional é como o céo de Molière — com o qual succede que no fim a gente sempre se chega a entender—acontece que em definitivo nada se receia, nem a opinião que se desdenha, nem a policia que se evita. Assim,

desde que se soube a *colligação das fabricas de tabaco*, a opinião unanime, cerrada, incondescendente e inalterada, tem accusado acremente, tem quasi infamado aquelle monopolio inesperado! E no entanto, a colligação continua serena, impassivel, inalteravel, a espoliar o vicio e a arrecadar o ganho. E todavia se todos os srs. capitalistas, que entraram n'aquella conspiração tenebrosa, ouvissem nos cafés, nas esquinas, nos quarteis e nos estancos, o que diz a immensa opinião anonyma—teriam, se a sua honra é altiva, a necessidade indeclinavel de se bater em duello, de dez em dez minutos, com dez cavalheiros de cada vez! O que lhes daria no fim do seu dia a bagatella gentil de sessenta duellos por hora! O que prefaz desde as seis da manhã, á primeira alvorada, até ás seis da noite ao primeiro lume de gaz — qualquer coisa como seiscentos e oitenta duellos!

. ˙ .

Ora o facto na verdade é estranho: porque emfim uma troca só é justa quando é reciproca; e toda a venda de mercadoria cujo valor é arbitrariamente, caprichosamente, augmentado não é honesta: se eu dou 10 em moeda, é justo que me deem 10 em mercadoria (contando-se en-

tende-se n'estes 10 de mercadoria, as despezas de producção etc.). Ora se eu dou 10 em moeda, mas me dão 5 em mercadoria, é claro que realmente os 5 a mais que eu dou,—me foram levados, por bons modos sim, com brandos sorrisos é certo, mas emfim, com o mesmo direito com que n'uma estrada nocturna e solitaria, um cavalheiro de barbas sceleradas, me diz galhardamente: ou a bolça ou um tiro! Porque até agora, e desde ha muito, um operario dava 10 réis e davam-lhe 6 cigarros: as fabricas entendiam que este contracto era vantajoso porque o mantiveram, prosperaram e enthesouraram. Porém uma fresca manhã, as sr.as fabricas, ao darem os costumados 6 cigarros, suspenderam e disseram: Perdão d'ora em diante, dois cigarros são para os meus vicios particulares: ahi tem vocemecê os 4!

Isto deu-se. Se por accaso, qualquer de nós entrasse n'um luveiro, e pondo os seus 750 réis sobre o balcão, pedisse umas luvas *gris perle*, e o luveiro lhe dissesse, arrecadando a prata: aqui tem o cavalheiro a luva da mão direita, a da esquerda, permitta que a retenha por certos motivos, — era natural que nós saissemos fóra, chamassemos o policia mais desoccupado

da esquina e deixassemos o luveiro em conversa particular com a lei!

Ora a pobre gente que vê os seus dois cigarros sumirem-se nos cofres da colligação, não póde chamar o policia! D'onde se vê que para estorquir relogios, luvas ou outros miudos objectos, é imprudente ser-se só e isolado, mas é de todo o ponto proveitoso e impune, ser-se uma companhia e fazer uma escriptura n'um tabellião! É realmente um erro, que um cidadão só, unico, desacompanhado nos venha delicadamente pedir o relogio n'uma viella escura: ordinariamente este cidadão imprudente é mandado fazer parte da honrosa sociedade de Angola. Mas não ha nada para estes casos como a associação! ella innocenta, salva, purifica e consegue! Que se ha de dizer a um scelerado, que nos diz respeitosamente: Meu senhor, eu e alguns bandidos das minhas relações fizemos n'um tabellião uma escriptura pela qual combinamos recolher a nossa casa todos os paletots que passeiam impudentemente as ruas nas costas egoistas de seus donos; aqui está o contracto, a escriptura e outros papeis que v. s.ª terá a bondade de examinar áquelle candieiro: tenha a bondade de me passar o seu paletot!

. ˙ .

Ora o caso das fabricas guardarem para si, sem motivo, parte dos cigarros que dantes davam por certas quantias, tem certa analogia com as especies citadas. E entendemos que a verdadeira maneira de affrontar esta colligação, não é pelos meios legaes, nem pelas declamações economicas, nem pela creação de novas fabricas. Que cada cidadão que fuma cigarro, ponha os seus 10 réis sobre o balcão e diga apenas:

—Ahi estão 10 rs.: os meus cigarros, mas *todos* os meus cigarros! E aponte um rewolver ao peito do estanqueiro!

. ˙ .

Ora abrindo o nosso Codigo Penal, encontrámos no capitulo XI, secção 1.ª art. 276.º estas palavras sympathicas:

«Qualquer pessoa que usando de algum meio fraudulento conseguir alterar os preços nas mercadorias que forem objecto de commercio, será punido com multa conforme a sua renda, de um a tres annos.

§ unico. Se o meio fraudulento empregado para commetter este crime fôr a colligação com outros individuos, terá logar a pena logo que haja começo de execução.

Que vos parece, cidadãos, d'esta claresa, d'esta honrada simplicidade do codigo penal?

Os preços foram alterados,

N'uma mercadoria que faz objecto do commercio.

Sómente o artigo diz quando *quando se usar de algum meio fraudulento.*

Ora houve este meio fraudulento?

O § unico responde:

« Se o meio fraudulento para commetter este crime fôr a colligação...

É o nosso caso!

... terá logar a pena logo que haja começo de execução. »

A execução é patente em todos estancos. Onde está a pena? Isto é claro, positivo, nitido, explicito, simples, decidido.

O crime é evidente. No entanto o artigo 23.° do capitulo III do titulo 1.°, diz:

Não podem ser criminosos os loucos de qualquer especie;

Os menores de sete annos;

Os maiores de sete, e menores de quatorze, quando não teem discernimento;

Os ebrios;

Os que praticam o acto em virtude de obediencia devida.

Por consequencia, os srs. fabricantes, só estão exemptos da multa de um a tres annos, se provarem:

Que habitam Rilhafolles, ou que se babam de idiotismo;

Que andam de bibe, e pela mão da criada, atirando a pella;

Ou que não teem discernimento, a ponto de serem *tates-bitates;*

Ou que estavam no momento do crime, n'um tal estado de ebriedade, que se tinham deitado no enchurro;

Ou que praticaram o acto contra vontade, cheios de repulsão, mas obrigados por algumas pessoas que lhes diziam com o punhal sobre a garganta: ou a colligação ou a morte!

Se não provarem que estão em algum d'estes casos — são criminosos, e nada os póde desprender das mãos do policia que lhes tome a gola do *frak*, e os leve, de rastos e ganindo, aos bancos luzidios e lugubres da policia correccional.

E notem que o codigo diz *commettem este*

crime — crime: não é a honesta *contravenção*, a modesta *infracção!* É o *crime*.

E o crime com as circumstancias aggravantes, que marca o codigo capitulo II art. 19.°:

Premeditação: quem negará que os illustres fabricantes meditaram longamente, ruminaram o seu caso?

A seducção de outros individuos para commetter o crime: não contaram os jornaes que tinham sido convidadas, aconselhadas pelos auctores da idéa, as fabricas do Porto?

Ter manifesta vantagem sobre o offendido: não são elles ricos, e a população humilde que fuma cigarro, pobre? Não é o facto, uma exploração, uma tyrannia sobre o vicio?

Commetter o crime por dinheiro: não foi decerto para ganhar bençãos, nem rheumatismos!

Commetter o crime tendo recebido beneficios do offendido: ha uns poucos de annos que os nossos vicios enriquecem os seus cofres!

Commetter o crime de noite: é justamente quando os estancos mais vivem, mais ganham, e n'este caso, mais delinquem!

Que fazem no entretanto os srs. delegados do procurador regio? Fulminam com a sua

eloquencia banal e a sua voz monotona algum desgraçado que não tem casa, algum miseravel que não tem trabalho!

. ˙ .

Alguns jornaes dizem: o governo já que não póde fazer nada, consinta que se estabeleçam mais fabricas, ou diminua o direito sobre o tabaco em folha. É curioso! É como se diante de um desgraçado, espancado e ensanguentado — e diante do seu espancador, já achado e já preso, os jornaes exclamassem:

— Já que a justiça não póde fazer nada ao criminoso ao menos não impeça que se cure o ferido!

Não póde fazer nada? Pois já não existe na Boa Hora um banco para os reus, na casa do deposito um cofre para uma multa, no velho Limoeiro um quarto para um preso!

Porque nós não queremos suspeitar que o que não exista — seja a dignidade!

. ˙ .

O que impede que se proceda contra elles?

— O facto de se terem colligado? — Então por este lado só é culpado o salteador isolado, mas

são perfeitamente innocentes os salteadores associados. Se ámanhã, o que tal não succeda, S. M. o rei fôr assassinado, só haverá crime, e o poderemos castigar se o assassino tiver ido só: mas se forem seis, teremos de lhes deixar os nossos bilhetes de visita.

— O ter havido uma escriptura? — Mas então declaremol-o, para que os srs. ladrões, assassinos e incendiarios se previnam com contratos no tabellião antes de partirem para as suas façanhas: seria para lamentar que pessoas de tanta respeitabilidade se vissem em embaraços diante do jury, por falta de uma escriptura registrada!

— O serem capitalistas?

....

....

Está bonito o tempo! Está secco! Talvez não continue: no entretanto este fino ar do inverno batido do sol, como um azul cru, frio e lapidado, onde as coisas destacam com um relêvo vivo, dá á paisagem uma tranquillidade repousada e o quer que seja de uma natureza, que não tendo que germinar no seu seio, descança e contempla!

. · .

Ah! o tyrannico segundo imperio não permittia estas coisas: na guerra da Criméa, os vendedores de toucinho colligaram-se para imporem ao governo um preço superior. Foram delicadamente empurrados pelas costas á policia correccional. Havia ricos negociantes e capitalistas no numero. Uma terrivel multa e a prisão foram a paga das suas proezas... gorduraceas. Tão vilmente lhes pagou todo o carinho que tinham tido por elle — o impudente toucinho!

. · .

Porque, notem, quem impede que ámanhã os nossos charutos custem cada um 7$000 réis, e cada cigarro nos saia a 1$800 réis? Estão na logica os srs. fabricantes. Elles tem a suprema garantia do consumo — a garantia do vicio! — E isto virá talvez a acontecer se não tivermos a previdencia de nunca comprarmos tabaco — sem irmos acompanhados por algum policia, e um escrivão para lavrar o auto!

E é sobre o operario, sobre o trabalhador, sobre o soldado, sobre o pobre que pesa a expoliação! — Os srs. capitalistas tiveram o cuidado delicado de não fazer pagar mais cinco

réis diarios a quem ganha ou tem por mez de 100$000 réis para cima: e por isso fazem pagar 10 réis diarios mais a quem tem por dia de 240 réis para baixo! Isto alegra-nos profundamente. E tanto que fundados na nossa argumentação, não deixaremos de pedir que a cidadãos tão prestantes como os illustres fabricantes se dê a honra de se lhes offerecer um banco na Boa Hora, com o modo mais risonho! Com o que temos a honra de desejar as maiores prosperidades a ss. s.as, senhores do nosso respeito e expoliadores do nosso tabaco! No fim é triste, que para ganhar mais uns contos de réis — possa um homem de bem, encontrar no seu caminho, como uma sebe errissada que o não deixa passar, que o fere, que o rasga, que o suja — esta argumentação honrada!

O *Diario Popular* e algumas outras folhas entendem que a *Historia de Portugal* escripta pelo sr. Pinheiro Chagas e editada pelo sr. Pe-

dro Correia é muito boa para o povo, mas que não satisfaz para academicos.

Esta distincção entre historia para povo e historia para academicos não é talvez excessivamente democratica, mas é espirituosa.

A historia destinada ao povo considera-se de uma cathegoria subalterna, sem compromissos, sem responsabilidades, sem cerimonia... Verdadeiramente mesmo, como se lhe deve chamar não é historia para o povo, mas sim historia para as Hortas, — uma especie de dobrada litteraria com poucas notas e algumas hervilhas, que faça sempre lembrar um pouco menos o doutor Momsen do que o doutor Roxo. Tal se figura á critica jornalistica a historia para o povo!

. ˙ .

De modo que chega por exemplo o historiographo aos amores de Pedro I. Ponto. Vamos primeiramente a saber se isto tem de ser para povo ou para academicos.

Se é para academicos tenho de achar-lhes a verdade, preciso de folhear antigos codices, de ir á genealogia, de seguir os assentamentos, de visitar o Museu Britanico e de trazer perfeitamente limpida a versão scientifica de que os

amores de Ignez foram simplesmente adulteros, sordidos e infames.

É para o povo? Ah! então acendo um charuto, ponho-me em mangas de camisa, vou para o quintal ler os *Lusiadas* debaixo da figueira, converso de tarde no Gremio com o sr. Julio de Castilho, e principio á noite o meu capitulo para o povo com estas palavras: *Estava a linda Ignez palitando os dentes*, etc.

— Mas, ó senhor, olhe que na sua historia, logo a paginas 1, linha primeira, ha uma pêta...

— Ora! pudera não! puz-lh'a lá de proposito: é uma historia para o povo.

⁂

Acontece que n'esta contingencia dos dois modos de escrever a historia — questão que este mez se levantou a proposito do concurso aberto para a continuação da historia principiada pelo sr. Rebello da Silva — todos os votos da imprensa são pela historia para o povo.

Quereis escrever simplesmente historias — exclama a imprensa — com jocosidades romanescas, com pilherias de velha tradição portugueza, com algumas boas petas nacionaes e authenticas, tiradas do *Monge de Cister*, de *José Balsamo*,

do *Diccionario da conversação*, ou de *Frei Bernardo de Brito?* Fazei-o. Fazei-o, e sereis grandes! O povo ler-vos-ha. Tera o vosso livro na sua prateleira com as escovas da graxa e o *Bertoldinho*. Á hora terna e feliz em que, depois da salada, passa de mão em mão o prato das amendoas torradas, o vosso nome correrá tambem venerado de bocca em bocca, no *Retiro dos pacatos*. Aquelle, cujo appellido uma sagrada promessa nos inhibe de proferir, annunciará a vossa obra no *Commercio do Porto*. Finalmente tereis escripto a *Historia para o povo*, e sereis talvez tão popular como o cambista Fonseca, ou mesmo como o outro supra não citado de que um compromisso de honra para sempre nos veda fallar.

. ˙ .

Se porém uma tresloucada phantasia, uma passageira allucinação dos vossos sentidos vos induz a escrever a historia séria, corrente, averiguada, clara, veridica, ah! então tremei!

Depois que o grande historiador depoz o seu buril...

Depois que com mão firme aquelle, cujo ostracismo litterario...

Depois que o grande homem, que proprios admiram e estranhos nos invejam...

Depois que o venerando vulto para quem sete palmos de terra foram sempre...

Etc...

Ah! depois d'isso, quem tentará? quem será tão ousado, tão temerario, tão estolido que se atreva a esgaravatar com o bico da sua penna inexperiente e pueril as profundidades historicas da sua patria?! Para traz! para traz, insensatos! Depois que o sr. Alexandre Herculano deixou de escrever a *Historia de Portugal* ninguem mais em Portugal poderá escrever a historia!

. ˙ .

Mas — permittir-nos-hemos nós a liberdade de observar com a devida timidez — parece-nos que desde que deixou de escrever historia o sr. Alexandre Herculano, *o gigantêo vulto* etc., chegou exactamente o momento de continuar a escrevel-a o primeiro que appareça.

Quereis aterrar-nos com o alto exemplo que nos impondes do sr. Alexandre Herculano, mostrando-nol-o de longe, no escuro, entre uma sombra remota e confusa, como um phantasma?!

N'esse caso temos de nos approximar, tremulamente sim, com um certo sobresalto, mas emfim com resolução, levando n'uma mão uma lanterna e na outra um escarafunchador. Para o que der e vier.

Ora, olhado assim de perto, á luz, ao alcance da mão, o exemplo que o sr. Herculano nos está dando é simplesmente o de um grande historiador que deixou de fazer historia para fazer azeites.

Depois d'isto, se tiramos bem do facto as conclusões que n'elle se comprehendem, o que se deduz é:

Que está egualmente auctorisado qualquer azeiteiro a deixar de fazer azeites para fazer historia.

. . .

Nota-se uma particularidade: no tempo em que o sr. Herculano escrevia a historia de Portugal, e principalmente depois que elle deu a mais palpitante e mais manifesta prova de bom senso negando os milagres e as côrtes de Lamego, vós, ó imprensa querida e consequente, não tivestes injuria que lhe não dirigisseis, dichote que lhe não lançasseis das vossas trapeiras, immundicies com que lhe não juncasseis o

caminho. Na base da estatua do *eminente vulto* em que inscreveis agora : *Roga-se ao viandante que se prostre!*, inscrevieis n'esse tempo : *Pedem-se as sujidades do viandante!*

De que procede este movimento revolsivo de critica a respeito do mesmo homem? Como é que se converteu agora em dogma e em idolatria o que primeiro era negação e insulto?

O sr. Herculano n'esse tempo trabalhava: agora não trabalha.

N'esse tempo combatia : agora repousa.

N'esse tempo ensinava : agora não ensina.

N'esse tempo batia os ignorantes filauciosos e alentava as vocações timidas: agora virou egualmente as costas á ignorancia atrevida e ao talento modesto.

N'esse tempo vivia na lucta ruidosa mas fecunda do seu tempo : agora está sepultado nas antecipações da posteridade — gloriosas mas estereis.

Não ha senão um ponto d'estas duas biographias comparadas em que a actividade intellectual do biographado actualmente sobrepuje : o grande escriptor produz azeite.

. · .

Se é isto, como parece evidente, o que commove, o que decide, o que exalta, o que arrebata a imprensa, então que ella claramente o diga! Porque nós tambem queremos libar a taça dos licores divinos, tambem queremos pregostar em vida as sensações olympicas e immortaes da gloria. E, n'este caso, para o mez que vem, em vez do proximo numero das *Farpas*, terão os leitores noticias nossas em um annuncio que diga assim:

Alerta patriotas!

Na calçada dos Caetanos n.º 30, o legitimo da oliveira. Os srs. Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, que de uma vez para sempre resolveram deixar as suas pennas immortaes, lá estarão com bom modo para receber o publico. Chorae, ó patria! Acudi, freguezes!

No ultimo volume das *Farpas* tivemos a honra de revelar a existencia maravilhosa do *Compen-*

dio de arithmetica do sr. João José Lopes. Elle ganhou uma auctoridade inesperada, e o nome de *Lopes* entrará de certo, na aristocracia consagrada dos *excentricos da contabilidade!*

Depois d'isso, os mestres dos srs. infantes deram-se pressa em adoptar para uso dos seus augustos discipulos a arithmetica Lopes. Sómente terão de certo tido o cuidado monarchico de alterar, polir e doirar a rudeza popular de certas perguntas do compendio Lopes. Assim onde a pag. 7 se lê:

P. O menino está ahi?

R. Estou, sim, senhor.

P. O menino só o que é?

R. Sou um menino.

Se deverá de certo emendar para uso dos principes:

P. Vossa Alteza ha por bem estar ahi?

R. Hei, sim.

P. Vossa Alteza só, o que ha por bem ser?

R. Hei ser uma alteza!

Porque é assim, segundo as ceremonias palacianas, que se falla ás regias pessoas.

Os principes, estudando pela arithmetica do João José Lopes, dão desde já garantias supremas. Quem aprende aos sete annos que *um*

é um (pag. 10, linhas 32 e 33 da arithmetica), não póde deixar de concorrer mais tarde de uma maneira profunda para o restabelecimento das finanças. Quando um rei se senta no throno historico de seus passados, tendo alcançado pelos profundos e prolongados estudos da sua mocidade a certeza enraizada de que *um é um*,— dá um penhor de que saberá respeitar as instituições, animar as sciencias, e — oh felicidade radiosa das gerações futuras! — dar um impulso á taboada!

. ˙ .

Ora o sr. João José Lopes não achou curial, que, tendo elle publicado uma arithmetica, nós lhe dessemos uma celebridade applaudida. E para fazer sentir o seu descontentamento, deu-nos a honra de nos escrever duas folhas de papel em letra miuda. Parte d'esse escripto contém appreciações litterarias, (originaes de certo mais talvez que a arithmetica), mas que não queremos revelar por isso que ellas teem um caracter privativo de confidencia. Outra parte d'essa carta estimavel é dedicada a ser-nos desagradavel: e para isso faz-nos vergar, tremulos e apavorados, sob as ironias mais afiadas, as

accusações mais amargas, os vituperios mais sanguinarios. Tem palavras frias que fazem lembrar Tacito; epigrammas acerados e mordentes que dão idéa das joviaes scintillações de Marcial: apostrophes terrivelmente bradadas que fazem lembrar os gritos dos prophetas saidos das profundidades da Biblia! Tremia-nos a carta nas mãos! E o sol depois d'aquelle desastre, continuava a alargar a sua luz impassivel, ironicamente divina! E o mundo continuava a sua monotona ronda, no infinito inenarravel! E foi tal a nossa commoção, a nossa angustia, o nosso esteril desespero, que teriamos assassinado covardemente, com aguçado ferro e por noite tenebrosa, o dito João José, se não receiassemos privar a nossa patria do unico homem que tem o segredo de saber o numero das coisas que existem! (pag. 14, linha 30 da citada arithmetica).

. ˙ .

Ha porém n'essa carta uma parte profunda, scientifica, e que entendemos em nossa honra não poder sonegar á publicidade! É quando o sr. Lopes pretende justificar, legitimar, explicar philosophicamente o seu systema.

Nós sabemos que a policia correccional cas-

tiga aquelles que impudentemente publicam cartas confidenciaes: no entanto entendemos que estão fóra da intenção da lei as cartas de critica litteraria, de sciencia e de philosophia: estas não tem o caracter privativo de *negocios particulares*: são dos interesses geraes do pensamento, pertencem como o livro, como a idéa, como a arte á publicidade e á discussão! Sonegal-as, seria roubar o patrimonio scientifico da intelligencia: seria monopolisar a idéa: é como se alguem tivesse a pretenção criminosa de fechar o sol na sua gaveta, ou guardar o vento na sua carteira. Quando se recebe uma carta de Hugo, de Michelet, de Ferrari, de Thiers, de Momsen, d'Hubner, de Taine, leva-se immediatamente a um jornal: a idéa dos homens publicos é propriedade collectiva dos que pensam; e nós não temos direito a conservar afferrolhada no nosso gabinete uma theoria do sr. João José Lopes, subtraindo-a á absorpção publica, — obstando ao desenvolvimento do espirito no sentido Lopes, e impedindo que o progresso caminhe na direcção João José!

Ahi está pois como o sr. Lopes nos interpella ácerca do seu systema: conservamos a orto-

graphia, a pontuação, todo o original sabor, todo o especial sainete d'este trecho ineffavel:

« Que teem os Srs. com os meus meninos e as minhas meninas, com a minha taboada e com saber se 1 é realmente 1 ou mais de 1? »

« Os Srs. não são dois? Logo são 1 + 1 que se classificarão como quizerem segundo a sua vaidade ou segundo o juizo dos outros...

« Eu sou 1, um só! isto é sou um official, 1 propagador das quantidades positivas para mim e negativas para os outros, sou 1 cabrion do Sr. Daniel da Silva pulverisado em quatro pennadas por mim com applauso de Lisboa inteira. »

Curvemo-nos, senhores, diante da grandeza do espirito humano! Ajoelhemo-nos agradecidos diante da Natureza Mãe, que manda ás raças decahidas estes grandes homens que as salvam e as regeneram! Pensemos quanto somos pouco! Quanto somos pouco! Quanto somos pouco! Tiremos humildemente o chapeo diante do homem glorioso, que nos apparece! Cultivemol-o, estudemol-o de frente, de perfil, de tres quartos, e confessemos que nunca nos achámos defronte de coisa tão extraordinaria!

. ˙ .

Se o sr. Lopes, porém, pela publicação indiscreta do seu trecho, nos arrastar aos tribunaes,—soffreremos resignadamente a pena que nos impozerem as justiças vingadoras. Soffreremos pela sciencia. Occultar aquelle periodo seria commodo, mas seria egoista. Assim commettemos um crime, mas alargamos a sciencia: esbarramos com o Codigo Penal, mas dotamos o nosso paiz com aquelle trecho admiravel — a melhor coisa que se possue depois dos *Lusiadas* — e abrimos um campo novo á mathematica! Nem só Galileo terá soffrido na prisão as consequencias policiaes das suas opiniões astronomicas. Tambem nós queremos o martyrio. Morreremos no cadafalso, mas ao menos deixaremos a sciencia possuidora d'este dado profundo: «Os srs. são dois? logo são 1 + 1 ». E ninguem que respeite a dignidade da taboada deixará de ir molhar o seu lenço nos charcos do nosso sangue sobre as taboas novas do patibulo. Sim, João José, serás talvez vingado, — mas quando nos vires passar para o supplicio, ao lento rufar dos tambores e ao compassado marchar dos pelotões, cobre o rosto perverso, que a quem te deu a immortalidade dás tu o cadafalso! Esperamos

tranquillos a acção dos tribunaes. Não fugiremos; e uma só coisa pedimos,—é que nos tres dias de oratorio antes da morte, nos seja licito, como desafogo do nosso espirito, como suprema communhão das nossas almas infelizes, como ultima elevação de intelligencias que amaram a sciencia — nos seja licito reler, pensar, meditar á beira do tumulo a taboada Lopes! Depois d'isso, ahi tendes as nossas cabeças!

Confessamos que a roda dos expostos, aquella voragem de existencias desgraçadas, contra a qual protestamos, tem no entanto aspectos sentimentaes e sympathicos. Eis um dos romances d'essa instituição:

. ˙ .

Chamava-se *Nero*, e era um cão. Filho de paes incognitos nascera ao canto de um mercado. Os varredores municipaes tinham-o levado na sua carroça e lançado a uma das margens do Tejo com a immundicie matinal da cidade. Um rapazinho que ia banhar-se no rio um momento

depois dos despejos camararios encontrou-o na praia junto de uma casca de melancia entre restos de hortaliça apodrecida, com o corpo immovel e molhado, a sua grossa cabeça inchada, de olhos cerrados, prostrada na areia.

Sentindo-se morrer elle, protestava baixinho ganindo quasi imperceptivelmente. O rapazinho levantou-o. Estava mole e frio. Embrulhou-o na sua jaqueta, beijou-o no focinho palpitante, tenro, aveludado, côr de rosa, acalentou-o junto da pelle por baixo da camisa e levou-o para casa, para a agua furtada onde vivia com a irmã, rapariga de 16 annos, costureira. Foi então que lhe puzeram o nome de Nero, por ser assim que se chamava o Terra Nova do dono da camisaria em que a costureira trabalhava.

Deram-lhe do café com leite que tinham para o almoço, — mais leite do que café, porque o pequeno cedeu integralmente em favor do cão seu protegido da sua dotação de leite.

Tinham-no envolto em lã, dentro de um cesto, ao pé do lume, quando havia lume.

Nero abriu finalmente os olhos, castanhos, suaves, brilhantes como esmalte. Depois pouco e pouco foi-se-lhe desavolumando a cabeça. Dentro de alguns dias começou a andar pela casa.

Em seguida empinaram-se-lhe as orelhas e entrou a crescer. Saiu feio — muito feio mesmo; mas tinha qualidades: era intelligente, dedicado e sobrio. De resto amava e era amado: tinha-se tornado um companheiro.

Um anno depois o rapaz entrara para o officio: era sapateiro. A irmã tinha começado a padecer. Estava magra, descorada e triste. As picaduras da agulha no dedo sobresaiam como uma nodoa negra na pallidez macilenta da sua mão. Tinham-lhe sobrevindo ao rosto as nodoas chamadas da melancholia. Tinham-se-lhe aberto mais os olhos e a bocca. O nariz tambem parecia maior e de uma linha menos correcta. Ao mesmo tempo que estava mais triste estava egualmente mais feia. De quando em quando entreabria repetidamente os beiços movendo a lingua e dando uns pequenos sons molhados como quem provasse um gosto amargo. A miudo salivava.

O irmão dormia em casa do mestre. Ella vivia só — com o Nero.

Havia quinze dias que não tinha ido buscar obra á camisaria.

Uma noite saiu de casa, pela chuva, ás onze horas. Debaixo do guarda-chuva e da capa tra-

çada para o hombro, levava um volume como o da tróxa da sua costura. A lama tinha-lhe feito uma larga barra pesada e pegajosa na orla do vestido; esta barra reentrava com o movimento dos passos batendo-lhe nos talões das suas velhas botinas de duraque. Ella arrastava os pés de cansaço, o que a não impedia de caminhar ligeira, inclinando o chapéo de chuva diante do rosto, descendo dos passeios a cada encontro que fazia e arredando-se dos trens que passavam no macadam e dos homens a pé, que procuravam metter a cabeça por baixo das varetas gotejantes do seu guarda chuva.

Atraz d'ella ia o Nero.

A costureira parou primeiramente á esquina da calçada do Duque, por baixo do candieiro, apertando as palpitações do coração e espreitando anciosa e tremula. Depois atravessou diagonalmente o largo de S. Roque e foi parar á esquina da rua que leva ao passeio de Alcantara. Em seguida, cingida com as casas do lado septentrional da praça, passou para debaixo do arco de entrada das cocheiras da companhia de carroagens. O largo estava deserto. A chuva caía a torrentes estrepitando na lama e nos vidros dos candieiros. Ella então, repentinamen-

te, n'um movimento de corça rodeada pelo latir dos cães, erguendo com uma mão a sáia trespassada d'agua que se lhe envolvia nos joelhos, aproximou-se de um buraco simillhante a uma orbita sem olho aberta no muro e depoz ahi o fardo que levava sob a capa.

Ao sair, um soldado da guarda municipal, fazendo um movimento estrepitoso ao abrir a sua grossa capa de encerado, lançou-lhe a mão. Ella, dando um grito, caiu de joelhos; pegou na mão do soldado, beijou-lh'a, pediu-lhe que lhe perdoasse; quiz dar-lhe meia libra e uma moeda de prata, dizendo-lhe:

— É tudo quanto possuo! Guarde isto para si, para os seus cigarros, para o seu café, mas deixe-me, não me desgrace!

O soldado, enternecido talvez, deu-lhe com o pé, exclamando:

— Olha se alguem te vê, que me compromettes! Raspa-te d'aqui!

E deu-lhe uma coronhada. Ella fugiu.

N'estas precipitações uma coisa lhe tinha esquecido: tanger a campainha cuja haste de ferro pendia ao lado do buraco da misericordia.

Nero, porém, que tinha ficado no pateo ao pé da cavidade em que fôra deposto o fardo da sua

amiga, latia, ladrava, uivava, arremessava-se de encontro ao muro, raspava com as unhas na cal e continuava sempre nos ladridos e nos uivos. Houve por fim um rumor interior, abriu-se um ferrolho, gemeram uns gonzos, ouviu-se uma voz. Depois o ferrolho foi outra vez corrido e ficou tudo em silencio.

Entre os expostos da Santa Casa era então recebida uma creança recemnascida, roxa de frio, desmaiada, com a bocca entreaberta, a cabecinha pendendo como desarticulada. Notou-se que tinha voltada para fóra a palma da mão direita; examinou-se este phenomeno: procedia de ter o braço partido. A creança porém viveu.

No entretanto, com o vago instincto de um dever desempenhado, Nero desceu feliz a rua larga de S. Roque, fariscando o rastro da costureira, sacudindo de quando as orelhas e o seu grosso pello fulvo, estacado e suino, de que gotejava a chuva. Voltou ao Chiado.

Á esquina da rua de S. Francisco estava um policia civil, atabafado no seu sobretudo, com o capuz pela cabeça, sobre uma soleira, cosido com uma porta.

O policia chamou o cão. Nero deteve-se, olhando para elle por um momento. O policia

tornou a chamal-o batendo com a mão no alto da perna e dizendo-lhe :

— Toma aqui, pequeno !

Nero aproximou-se ; o policia deu-lhe amigavelmente uma palmada na cabeça. Em seguida tirou do fundo da sua algibeira um pequeno volume de papel, desembrulhou um bolo de strichnina, e deu-lhe um pedaço. Nero comeu, meneando reconhecidamente a cauda. Depois lambeu os dedos do policia, e desceu a calçada.

Ao meio da rua Nova do Carmo, a chuva por um momento suspensa, desabou outra vez com uma abundancia diluviana. Nero estacou de repente, abrindo desmedidamente a bocca. Deu mais dois passos e caiu. Estremeceu então violentamente na lama, onde se espelhava a luz vacilante dos candieiros açoitada pelo vento. O enchurro grosso e torrencial que corria impetuosamente fel-o resvalar pelo declive da rua. Elle, estrebuchando, tentando erguer-se, luctando, foi de rojo, de encontro ao passeio. A torrente, envolvendo-o, arrastou-o então para a bocca de uma sargeta. Ahi Nero, ainda vivo, deixou de luctar. Entendeu talvez que, tendo a sua missão cumprida, não tinha mais que viver. Devendo a vida em pequeno a uma creança,

elle mesmo acabava de salvar da morte um pequeno. Tinha a sua conta salda. Depois d'isto ser envenenado pela policia e morrer coberto pela lama das ruas no boqueirão de um exgoto, era acabar como um heroe.

Assim, Nero deixou de existir.

O governo do Brazil, quasi tão sollicito como o nosso pela instrucção do povo, acaba de votar uma verba de cem contos de réis destinados a dotar cada uma das escolas do imperio com um crucifixo.

Se admittissimos o principio de que é util á propagação das lettras que o alumno na escola se entregue um pouco mais á lição do que á resa, lembrariamos que conviria mais do que a imagem do crucificado a presença da palmatoria.

Visto porém que o governo brazileiro decidiu que o mais util emprego que se póde dar á intelligencia no recinto das suas escolas é encommendar-se a gente a Deus, não seremos nós que

contestemos a opinião insuspeita e competente de governo tão sabio.

Quem será no fim de contas o homem temente a Deus que se atreva a refutar o alvitre de que a presença do Divino Mestre não póde bem substituir nas aulas a presença de um simples mestre escola?! Cem contos de réis applicados ao conseguimento d'este resultado são uma quantia verdadeiramente miseravel.

Emquanto a Europa fabrica espingardas para armar os seus exercitos, emquanto a Prussia manda construir e armar novas fragatas com o intuito especial de as passear nos mares do Brazil, o governo da joven America, mandando fabricar vinte mil imagens de Jesus para prover n'ellas as suas cadeiras de instrucção primaria, dá um exemplo destinado a fazer impressão.

Brazil! terra phenomenal da cachoeira e do mato virgem! patria ditosa de Magalhães e do Sabiá! se não conseguir ensinar-te a ler, que Deus pelo menos te abençoe e te faça um santo!

No gabinete do sr. Rodrigo de Moraes Soares deu-se em um dos dias do corrente mez uma das scenas mais commoventes que a sciencia portugueza tem presenceado nos tempos modernos.

Todos os jornaes o noticiaram com profunda commoção; poucas pessoas o leram sem se lhes humedecerem os olhos.

O caso tinha sido sagazmente preparado com algum tempo de antecipação. Tinham-se expedido officios, consultas, convocações; tinham-se trocado cartas particulares e bilhetes de visita; tinha havido a esse proposito conversações em voz baixa nos vãos das janellas, no *Gremio*, no ultimo beijamão no Paço, e de noite a horas mortas no Aterro.

As pessoas iniciadas na combinação que se urdia, piscavam-se os olhos quando se encontravam nas ruas, faziam-se signaes, trocavam-se sorrisos entre si, andavam depressa ou tomavam trens á hora, perguntavam uns pelos outros nos grupos do Chiado, e quando se encontravam diziam assim:

— Então?

— Por emquanto nada.

— O homem?

— Annuiu.

— Espera-se aquillo?

— Está visto.

— Passe palavra aos outros para estar tudo a postos.

— Olho vivo!

— Pé leve!

Chegou finalmente o grande dia.

No gabinete do sr. conselheiro Rodrigo de Moraes Soares estava tudo preparado. Principiaram a chegar os sujeitos. Eram pessoas de differentes gerarchias sociaes, mas de caracter firme.

Sentaram-se todos, abriram-se as garrafas e deu-se começo ao grande facto scientifico, constitucional e economico, da prova dos vinhos.

Suas excellencias principiaram discretamente pelos vinhos de Hispanha e pelo Madeira, depois passaram aos vinhos do Rheno, em seguida aos de Bordeaux e de Bourgogne, por ultimo veiu o Porto.

Elles estavam concentrados, silenciosos, com os olhos cerrados, o beiço molhado e luzidio. Os copos telintavam. Havia no ar o perfume do alcool docemente combinado com o do lacre esmagado. As garrafas giravam em roda.

Beberam Madeira, tinto e branco, Xerez de todas as edades, Johannisberg, Liebefraumilch, Hocheimer, Rudesheimer, Markebrunner, Chateau Yquem, Chateau Lafite, Sauterne, Chateau Margaux, Saint Estefe, Chambertin, Beaune, Graves, Côte Rotie etc., Porto de differentes novidades, de diversas quintas, de varios processos.

Por fim, tendo bebido tudo, a benemerita commissão dos provadores enxugou os beiços, e retirou-se silenciosamente a suas casas, compenetrada de respeito pelas instituições e de amôr pela patria.

Em Abrantes — segundo informações que nos dá um amigo nosso, jurisconsulto intelligente — succede este estranho caso:

Pela lei de 10 de julho de 1843 só são obrigados ao imposto do pescado os pescadores que exercem a sua industria em agua salgada — e nos rios, sómente até onde chegam as marés vivas no anno.

Ora em Abrantes entende-se de um modo li-

geiramente torpe esta acção do fisco sobre a pesca: porque vinte homens, extremamente miseraveis, que pescavam no rio — onde não podiam chegar marés vivas — e alguns mesmos que não pescavam, foram obrigados a pagarem o imposto do pescado: uns não se defenderam d'esta extorsão, porque eram pobrissimos: outros não se defenderam em virtude da idéa popular na provincia, de que com o fisco paga-se sempre e nunca se questiona — porque naturalmente depois é-se obrigado a pagar mais.

Isto é puramente — n'uma linguagem talvez plebea, mas sincera — um roubo. Obrigar um pescador de rio a pagar o imposto do pescador do mar, é — além de uma confusão deploravel do velho e respeitavel Oceano com qualquer fio de agua que murmura e foge, — um systema extremamente parecido com o que empregam as pessoas estimaveis, que nos mettem a mão na algibeira e levam para casa o nosso lenço. Nós não desejamos embaraçar os negocios fiscaes: sómente nos parece que impôr a qualquer cidadão o imposto do pescado, é um expediente extremamente complicado: e o fisco, que deve ser parcimonioso do seu tempo e dos seus recursos, tem um meio mais singelo e mais expeditivo:

é aproximar-se de qualquer e dizer-lhe pondo-lhe uma carabina ao peito:

— Passe para cá o que leva na algibeira!

Estes processos do fisco, que se repetem arbitrariamente em toda a provincia e que são sem duvida um dos recursos do estado, parecem-nos imprudentes — porque estabelecem confusão: ha por essas estradas isoladas, em certas viellas das cidades mal policiadas, nos pinheiraes, nos sitios ermos e amados da sombra, uma especie de cidadãos, de resto extremamente diligentes, que se deram por missão suspender por um momento as pessoas que passam, e com a maneira mais delicada, tirar-lhe o dinheiro, os relogios e outras insignificancias. Por seu lado o fisco costuma deter os cidadãos, e sob qualquer pretexto — como por exemplo no caso d'Abrantes, por ser pescador de agua salgada — exigir-lhe uma quantia e entregar-lhe um recibo. Ora estes dois processos, o do fisco e o dos senhores ladrões, teem uma tal similitude, que pedimos ao governo — que distingua por qualquer signal (um uniforme por exemplo) estas duas estimaveis profissões! para que não succeda que os cidadãos se equivoquem e que vão ás vezes lançar a perturbação na ordem social,

confundindo o facinora e o funccionario, — apitando contra o fisco e pedindo humildemente recibo ao salteador! Esperamos providencias.

———

Este mez a opinião preoccupou-se com o que se chamou a *greve de Oeiras*.

Parecia realmente indecoroso que Lisboa, civilisada, com theatro lyrico a grandes ordenados e outros regalos de capital emminente, não tivesse esse *tic* — a *greve!* Oeiras, com uma dedicação antiga, forneceu-lhe este apparato: Oeiras deu a *greve*: alguns estadistas poderam ter occasião de dizer a *nossa ultima greve*: e os jornaes exultaram por ter a opportunidade *chic*, de fallar no *terrivel proletariado*.

Uma occasião extraordinaria apparecia!

Os operarios de Oeiras tinham com effeito abandonado a fabrica e o *scenario* da *greve* estava feito com rigor.

Uma novidade excentrica porém se dava no dialogo!

O fabricante dizia:

— Eu dou a esses *grevistas* indignos 4$000 réis por semana.

E os operarios respondiam :

— Não, não, isso não: só voltamos se nos garantir por semana 3$600 réis!

Confessem que é para impallidecer de confusão. Porque emfim não é a *greve* do trabalho, é a *greve* da dedicação: não se protesta contra a estreiteza do fabricante, protesta-se contra a sua generosidade: o operario resiste a ganhar uma somma excellente: só trabalha se lhe diminuirem o salario: tem avidez de sacrificio e deseja antes de tudo — soffrer a fome. — E a verdade é que todas as declarações do *fabricante*, todas as *manifestações* dos grevistas se cifravam n'aquella divergencia.

O caso era este:

O fabricante tinha feito melhoramentos na sua fabrica:

Como sabem, ha dois trabalhos essenciaes no fabrico do lanificio: preparar a téa e produzir o tecido. Preparar a téa leva por exemplo uma semana, produzir o tecido outra semana. Ora o fabricante fazia o seguinte: descontava na semana do tecido uns tantos por cento do salario; e na semana do preparo

levava a sua generosidade a descontar tudo, — não pagava.

De sorte que havia semanas gratuitas.

Ora justamente os operarios pediam que lhes pagassem menos cada semana, mas que se lhes pagasse sempre.

O fabricante exclamava:

— 4$000 réis cada semana que tecerdes.

E os operarios exclamavam:

— 3$600 réis cada semana que trabalharmos. — Porque preparar a têa é tanto trabalho como tecel-a!

Tal é esta *greve* original, que não descrevemos com a sua precisão technica, para não dar a esta pagina modesta o aspecto severo d'um tratado sobre lanificios.

De sorte que o que houvera na realidade é que o fabricante diminuira arbitrariamente o salario dos seus operarios: era uma *greve* do fabricante: era uma greve do *capital!* Ora abrindo o nosso admiravel codigo penal, encontramos no capitulo XI, secção 1.ª artigo 277.°:

« Será punida com a prisão de um a seis mezes, e com a multa de 5$000 a 200$000 réis toda a colligação entre aquelles que empregam quaesquer trabalhadores, que tiver por fim

produzir abusivamente a diminuição do salario, se fôr seguida do começo de execução. »

O codigo falla em *colligação*: aqui foi só um fabricante; mas o que é crime para muitos individuos colligados é decerto crime para o individuo isolado. O numero não faz a culpa. O crime recáe sobre o facto, não sobre o ajuntamento. O codigo define crime: o facto declarado punivel pela lei penal, — e não accrescenta:

Segundo o maior ou menor numero de pessoas.

De tal sorte — que a famosa *greve* de Oeiras é simplesmente isto:

Um fabricante que diminuiu abusivamente o salario dos seus operarios — e que recáe portanto sob a policia correccional, segundo o artigo 277.° do codigo penal.

. · .

Até a *greve* de Oeiras! Ah! não podemos possuir uma gloria, um heroe, um *chic*, sem que não se descubra, d'ahi a dias, que *chic*, heroismo, ou gloria, são casos burguezes que pertencem á *Boa Hera!* Vergamos sob o destino de ser mediocres! Todo o paiz tem uma

campanha — nós temos a India! Todos teem uma expedição — nós temos o Bonga! Todos teem um poeta — nós temos o sr. Vidal! Tinhamos tanto empenho n'esta *greve* que nos nobilitava, que nos dava uma attitude civilisada e viva, que nos adoçava na esperança de possuirmos emfim no nosso seio, authentica, legitima, essa grande elegancia moderna a *internacional!* — e vê-se que temos apenas um caso de policia correccional! Um a seis mezes de prisão, que miseria! Ah! evidentemente só temos duas glorias incontestaveis, garantidas, á mão, nossas, só nossas — o sr. Lisboa, barytono, e o sr.... suspendamos por Deus!.... e aquelle, de quem um juramento terrivel e sacrosanto nos veda pronunciar o nome!

Escrevemos ha pouco tempo, antes de provido o bispado do Algarve, que importava instantemente que o sr. Antonio Ayres, clerigo e politico, se decidisse ou pelo seculo

ou pela egreja, para que a patria soubesse definitivamente se tinha de offerecer áquelle cidadão uma mitra ou um chifarote. Convinha de feito que Antonio allegesse: Ou bem politico com o sr. marquez de Avila, ou bem padre com a santa madre Egreja! Ou ir-se como Agar da casa de Abrahão, ou ficar com Sara como o menino Isaac! Disse um discreto que comer do pão dos anjos e juntamente da farinha do Egypto que não podia ser. Bater a aza ligeira nas aguas do mundo e querer apontar o vôo mystico ao divino, não são coisas que se congrassem. Se Antonio quer debicar no peixe frito da governação temporal dos homens, que se jejue dos mannás do ceu. Regalos e deleites carnaes n'esta vida por conta do sr. marquez de Avila e jubilos eternaes na outra por conta do Espirito Santo, não, que lá o diz bem claro S. Jeronymo: «Ayres! não se te permitte encher na terra o ventre e no ceo a mente!»

Com os sobreditos fundamentos invocamos padre Antonio para que dissesse de sua razão.

Entre a mitra e o chifarote Antonio alongou para a mitra os cinco mandamentos.

E a mitra lhe foi dada.

Depois do que, o espirito candido de Antonio revoou contricto da presidencia da camara dos srs. deputados para as soidões theologicas da sua cadeira na universidnde de Coimbra.

. ˙ .

No gremio dos seus discipulos, na facuidade em que lê, o bispo Antonio contou á mocidade academica a historia das peregrinações que fez por cima da superficie do mundo: os seus pregostos de eternidade bebidos em osculos dados de rojo na Terra Santa; as vozes de anjos que murmuram nas espessuras das sagradas oliveiras; o conversar com Deus e o prelibar nas imperfeições da carne as doçuras infinitas da bemaventurança retratadas nas estrelladas noites ineffaveis do Mediterraneo, nos deslumbramentos pomposos do Vaticano e nos silencios augustos do Santo Sepulchro.

Depois de fallar de Roma e da Galilea, o bispo Antonio fallou tambem de si, do seu passado, do seu presente e do seu futuro, dos seus desvarios, dos seus erros, da sua contricção e das suas esperanças.

E o bispo Antonio face a face com os seus

discipulos, pondo toda a sua alma sobre o seu compendio, chorou.

. ˙ .

Tres modos ha de chorar, segundo diz S. Syro. «Tres sunt lacrimarum differentiae, etc.» O bispo Antonio sabe bem quaes estas differenças são. Pela nossa parte desejamos que as lagrimas d'elle sejam as de mais altos quilates e de sabor mais fino. Ha lagrimas que banham como rega, e lagrimas que devoram como incendio. Que as do bispo Antonio, em vez de levantarem fogueira nos espiritos, abram rego nas consciencias! Nada mais pedimos.

. ˙ .

O veneravel prelado senhor da mitra de Osma, o bispo Palafox, suspirava ao chorar as seguintes trovas, que nós pedimos licença para mandar ao bispo Antonio:

Oh quan caras experiencias
Las de mi arrepentimiento!
Pues que las cobro em mi daño,
Si las logro en mi remedio.

Que os cueste siempre señor,
El humillar-me offenderos!
Oh! que gran bien es el fin!
Oh! que gran mal es el medio!

. ˙ .

Ao bispo Palafox as nossas homenagens! Ao bispo Antonio, os nossos parabens!

Carta particular aos srs. François et Ladame

Meus senhores, do meu maior respeito.

Que são inteiramente inefficazes para qualquer remedio todas as queixas publicas, todas as admoestações do governo, todas as preces, todas as devassas e todos os processos judiciaes instaurados contra vossas senhorias, pelo modo absolutamente peregrino como vossas senhorias dirigem o serviço dos caminhos de ferro portuguezes, isto, acha-se provado pela experiencia de cada dia até uma saciedade que produz enjôos. Não havendo instancia nenhuma para que

se appelle dos inviolaveis arbitrios de vossas senhorias, de quem nos havemos de queixar de vossas senhorias senão a vossas senhorias mesmos?! Tal é pois, meus senhores, a rasão porque eu tomo respeitosamente a liberdade de dirigir-lhes estas humildes regras com a historia do meu caso.

Illustrissimos e inviolabilissimos senhores! No mez de novembro do corrente anno de 1871 resolveu minha mãe enviar-me das suas pequenas terras na provincia do Minho um presente de batatas. Vossas senhorias vão certamente admirar-se de que este solo tão esteril de justiça ainda tenha a complacencia estranha de produzir batatas! Eu respondo no entanto pela autenticidade d'este phenomeno.

Minha mãe mandou portanto carregar as batatas que me destinava na estação de Villa Nova de Gaia e expediu-m'as para Lisboa no dia 27.

Estas batatas, meus dignos senhores, chegaram á estação de Santa Apolonia oito dias depois de haverem sido expedidas da estação do Porto. De modo que, os comboios de mercadorias do caminho de ferro que vossas senhorias tão transcendentemente dirigem deitam apenas obra de seis leguas por dia quando succede vi-

rem carregados com batatas minhas. Ora eu, a pé, meus senhores, ando bem, sem me fatigar onze leguas por dia, ou seja — salvo erro — dobrada velocidade da que teem em Portugal os caminhos de ferro confiados á diligente direcção de vossas senhorias. Portanto, de hora á vante, quando eu precisar de receber batatas das terras de minha mãe (porque, emfim, nem só de pão vive o homem!) irei eu mesmo buscal-as — o que, além de mais economico, me sairá mais rapido, e sobretudo mais seguro... Porque (e este é o meu segundo ponto) as minhas batatas sobre chegarem tarde, illustrissimos senhores, não chegaram todas. Isto mais facilmente se explica: a restricção galantemente microscopica a que vossas senhorias, se serviram reduzir o salario dos seus empregados é de tal ordem, que muito seria para extranhar que passando em frente d'estes senhores as minhas batatas, cada um d'elles se não sirvisse delicadamente pelo menos de uma. Offerece-se-me porém notar, que isto se não deveria por ventura considerar inteiramente licito, pela rasão de me querer parecer que toda a batata distraida na linha ferrea do norte do seu destino contingente (que n'este caso era eu) para o seu destino

absoluto (que evidentemente era ficarem no caminho) não deveria em rigor pertencer ao appetite material dos empregados da via, mas sim unicamente a vossas senhorias.

Pelo que entendo em minha consciencia que foram defraudados com relação ás alludidas batatas d'este seu indigno servo os legitimos interesses d'essa sabia direcção.

Pois quê! não são vossas senhorias os direitos senhores da minha vida? Não estão vossas senhorias no pleno direito, inviolavel e sagrado de m'a arrancarem sempre que isso convenha aos seus insondaveis designios?! Não podem vossas senhorias, sempre que isto lhes apraza, para seu proveito, ou mera recreação, baldearem-me da ponte sobre o Tejo ás profundezas do rio, despenharem-me pelo aterro de Valle de Cavallos, ou precipitarem-me do viaducto de Esgueira?!

Eu, que já viajei nos caminhos de ferro de vossas senhorias, que sou eu verdadeiramente depois d'isso sobre a face da terra, senão o indigno resto de um miseravel baralho de passageiros que vossas senhorias por tantas vezes teem atirado de encontro a um muro quando se enfastiam no seu jogo?!

Se a vossas senhorias pois assistem taes direitos sobre a minha vida quem poderá discutir-lh'os sobre a minha fazenda?! Como passageiro sobrevivente que tenho a honra de ser dos caminhos de ferro de vossas senhorias, em boa logica, o que eu deveria fazer todos os dias, ao acabar o meu jantar, seria ir deixar a vossas senhorias o meu bilhete de visita com estas palavras: *Aos senhores François et Ladame, um dos que escaparam, a agradecer.*

No tocante porém ás minhas batatas, para que se não repita o desfalque de que vossas senhorias foram victimas, tenho a honra de pedir-lhes que, sempre que na via ferrea portugueza se deixem ver farinaceos destinados a mim, desde logo vossas senhorias hajam de os recolher, sem mais tramites, como lembrança minha, para almoço dos seus creados.

Beijando reconhecidamente as mãos de vossas senhorias pelas batatas que se dignaram deixar-me, tenho a honra de ser

De vossas senhorias

O servo mais humilde
e mais enternecidamente grato

RAMALHO ORTIGÃO.

EXPEDIENTE

Roga-se aos srs. assignantes da provincia o obsequio especial de satisfazerem em estampilhas a importancia das suas assignaturas.

AS FARPAS
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

Dezembro de 1871

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES IMPRESSOR DA CASA REAL,
Rua dos Calafates, 110

1872

SUMMARIO

O Primeiro de Dezembro. Os regosijos. A patria. Phebus Moniz, Gonçalves da Camara, Filippe II, Christovão de Moura, o sr. Fernandes de los Rios. Os portuguezes de 1871 e os de 1580. — A fera adeptada como aformoseamento municipal. — A ponte sobre o Satam e a ponte sobre o Tejo. De como tendo caido uma se póde obstar a que succeda o mesmo á outra. — Os mendigos, a policia, e sua magestade a Rainha. — A ultima freira. — O convento, o noviciado, o emparedamento. — O monopolio, o boi, a joia de familia, a febre amarella e o bacalhau. Os bacalhoeiros e as pestes. — A estatua de Bocage, Setubal, o vate Elmano e o sr. marquez de Avila. — Os theatros e os subsidios. S. Carlos, a côrte, a diplomacia, o dandysmo. A litteratura dramatica, a opera comica, a decadencia. — A emigração. A opinião do sr. D. Pedro V a respeito do paiz. A facecia torpe dos terrenos do Alemtejo. — O *Bem publico* e a theologia em particular.

Celebrou-se a festa patriotica do *Primeiro de Dezembro*.

Foi um dia triste, pesado de nuvens, alagado em chuva, empoçado de lama.

Contra a nacionalidade que se divertia a sabia naturesa protestava.

O aguaceiro fazia chapinhar as dissoluções da immudicie municipal sobre o theatro da festa, e o vento sul, habituado espectador e velho dilettanti da desgraça, do infortuno e da miseria, assobiava os festeiros pelas frestas da casa onde o patriotismo assoprava jubiloso os trombones da philarmonica *Patria e pilheria*.

Nós contemplámos a festa d'uma janella.

Sobre a mollesa lamacenta e pegajosa da rua pairava, derretendo-se e gottejando, um d'estes nevoeiros espessos, escuros, que parecem feitos de tinta e de sebo.

Da varanda de uma casa apontava para as goteiras do predio fronteiro uma vara de que pendia uma bandeira melancholica, molhada, immovel, como um velho lençol pendurado de uma trapeira indigente.

O predio da bandeira estava engrinaldado de bambinellas de murta e de pequenas lanternas de lata lagrimejantes e frias. Dentro para celebrar a nossa aversão a Castella uma philarmonica, constipada mas intrepida, rouquejava o Tango de uma zarzuela.

A um lado, ao fundo de um corredor terreo

e sombrio, n'uma adega, aquartilhava-se vinho, e bebia-se.

Do predio festival para a taverna e da taverna para a entrada do predio perpassavam saltitando no enchurro operarios em sueto e mulheres de volumosas saias engommadas gargarejando a sua hylariedade alcoolica e rouca.

Em alguns outros predios da cidade repettiam-se scenas identicas.

Um d'esses predios tinha pertencido a D. Filippa de Vilhena, outro a D. Antão de Almada.

Por tal modo o paiz affirmava a sua independencia e pretendia mostrar que sabia merecel-a e honral-a.

Parece-nos que o não conseguiu.

.·.

Á noite em uma reunião solemne alguns cidadãos dissertos e verbosos fizeram os panegiricos da independencia e da patria. Nos periodicos do outro dia eccoram estes brados da eloquencia patriotica.

Esta especia de rhetorica, não menos meritoria pelo que vamos dizer, tem precedentes desagradaveis: não provou bem, gorou por ôcca e por inutil em 1580, quando o proximo domi-

nio castelhano se discutia nas reuniões do povo. Phebus Moniz, o entrepido popular, não discursava. Martim Gonçalves da Camara, o leal e benemerito portuguez, não entoava lôas á sociedade que se lhe esboroava debaixo dos pés: dizia-lhe curtas verdades seccas e amargas, fallando ao povo (que ama a lisonja ainda mais do que os principes) com a mesma integridade com que fallava aos reis.

.·.

Ora o Portugal de 1871 parece-se demasiado com o Portugal de 1580 para que a mesma eloquencia nas duas epocas deva produzir em nós vibrações dissimilhantes. O que então cumpria dizer ao povo é o que hoje se lhe deve declarar. O que então convinha calar tambem hoje se não deve dizer. O que nos convem é a esperesa sincera da verdade. O que nos prejudica é a baixa adulação emphatica da mentira.

Sem as preocupações tumultuarias da successão legadas ao paiz depois do reinado inepto e padresco do infante D. Henrique, achamo-nos, como nesse tempo, desunidos pelas divergencias politicas e pelas facções partidarias.

A aristocracia está pobre como então estava. Os antigos senhores primitivos da casa de Vi-

mioso encontrariam hoje no seio das familias nobres em Portugal as mesmas resistencias, as mesmas difficuldades insanaveis que no seu tempo se opposeram ao cumprimento integral dos deveres patrioticos.

A actual mocidade fidalga não foi desbastada em Africa batendo-se valorosamente ao lado de D. Sebastião, mas está egualme: te enfraquecida no brio das armas.

Os animos estão tão fatigados de estereis luctas e tão despegados do interesse publico como no dia em que o cardeal rei, separado pela peste do glorioso jazigo da dynastia de Aviz, era lançado a uma cova no mosteiro de Almeirim sem uma só lagrima de dôr ou de saudade.

O povo n'um caso de lucta pela suprema afirmação do seu direito não poderá tirar hoje do seu gremio uma intelligencia mais preparada para o combate das ideias que a de Phebus Moniz, o valente e inculto plebeu.

As actuaes finanças não teem mais recursos que o antigo erario.

Sobre personagens importantes pesa hoje como no tempo da espectativa ambiciosa de Filippe II a suspeita de iberismo.

Finalmente, tal qual o que succedia no mo-

mento historico da dominação hispanhola, estamos pobres, ignorantes, indifferentes e desarmados.

. · .

A invasão do duque d'Alva no territorio portuguez não foi sómente um facto da politica filippina nem uma erupção abrupta do militarismo castelhano.

Não, queridos compatriotas : nós não fomos dramaticamente surprehendidos pelo despotismo da força, como por tantas vezes vos tem sido encarecidamente declamado.

Nós fomos simplesmente vendidos pela immoralidade e pela miseria. Fomos comprados pela intelligencia e pelo dinheiro!

Quereis saber quaes eram as disposições patrioticas do paiz invadido pelos soldados do rei catholico?

Ouvi!

A principiarmos pelo alto do throno, o amor da patria que animava o rei portuguez era de tal modo exemplar a seus vassallos, que poucos dias depois da morte do cardeal, o embaixador de Hispanha na corte de Lisboa escrevia ao soberano do seu paiz que mais algum tempo de vida teria levado o nosso mui alto e mui po-

deroso senhor a deixar definitivamente estipulada a contento de Filippe II a união da corôa de Portugal com a de Castella. A infausta morte de D. Henrique implicou a politica hispanhola no sentido de a obrigar a comprar aquillo de que se lhe teria feito presente.

Emquanto ao governo provisorio que dirigiu os negocios publicos depois do fallecimento do cardeal, esse era composto de cinco membros, quatro dos quaes estavam vendidos a Castella. O ultimo comprado foi o arcebispo de Lisboa, que se deu beatificamente por um barrete cardinalicio. Esta compra deu logar a que entre o embaixador de Hispanha e o sacerdote portuguez se fizesse um trocadilho muito espirituoso com a identidade de côr que apresenta a murça de um cardeal e o sangue de um povo. A venalidade inepta da patria prestava-se simultaneamente á veniaga e ao *calembourg*.

Os sabios votavam pela união de Castella, com o fundamento de que todo o destino seria mais sensato do que a propria tutella. Assim o veneravel arcebispo de Braga D. frei Bartholomeu dos Martyres expedia circulares de seu proprio punho ordenando que em todas as egreas da sua diocese se fizessem preces publicas

para que Deus favorecesse a victoria das armas do sempre glorioso rei Filippe II de Hispanha, afastando das costas de Portugal D. Antonio, prior do Crato, *o heretico*.

As letras tiveram a sua parte na dissolução geral. Manuel de Sousa Pacheco (de quem D. Christovão de Moura escrevia ao soberano hispanhol: *el letrado no está malo*) atraiçoou miseravelmente Phebus Moniz arrancando-lhe do conclave o apoio de quasi todos os deputados mediante uma renda de dez mil ducados que lhe foi estabelecida pelo embaixador de Castella.

A toga não era mais honrada que a beca, a penna ou a espada. Foram varios membros da illustre magistratura portugueza que, por adhesão á politica hispanhola, annullaram em Lisboa o apoio dado pelos christãos novos ao prior do Crato.

A correspondencia trocada entre o embaixador de Hispanha D. Christovão de Moura e Filippe II encerra os pormenores mais circumstanciados do preço por que se negociavam em favor de Castella as consciencias portuguezas.

O principe D. João, duque de Bragança, era um pusilanime, cujo animo apenas de longe a

longe faiscava fugitivamente aos reflexos do valoroso caracter de sua mulher.

O arrojo vingativamente portuguez e aventuroso do prior do Crato não achou em todo o paiz para o seguir senão a impotencia, a indifferença ou a lastima.

Eram geraes e profundos em todo o reino, o cynismo, a immoralidade e a corrupção.

Os simulacros de hostilidade á usurpação estrangeira foram na maxima parte o resultado da cobardia dos caracteres e das hesitações da responsabilidade. A defesa apresentava por toda a parte o caracter de uma indecisão. Resistencia em taes casos não é manifestação de valor, é ainda um dos phenomenos da fraqueza.

. · .

Ahi tendes, ó festeiros do primeiro de dezembro, rapida mas lealmente desenrolada a vossos olhos, aquella parte da tela da vossa historia sobre a qual se desenha o dominio filippino.

Quem verdadeiramente invadiu Portugal não foi o duque de Alva, foi D. Christovão de Moura. Ora aproximando os factos, e justapondo as circumstancias remotas ás eventualidades presentes, tirando da historia a lição que ella encerra,

de quem hoje nos deveriamos receiar não é dos exercitos do rei Amadeu mas sim da diplomacia do sr. Fernandez de los Rios.

Pondo por emquanto de parte a questão de investigarmos se estamos ou não estamos predispostos para a invasão e para a conquista — investigação sobre a qual julgamos ser amaveis com o paiz não repisando mais — e tomando simplesmente como facto historico o sr. Fernandez de los Rios, parece-se nos que, vista a toda a luz da rua das Chagas, a diplomacia hispanhola não inspira receios.

Não! Conhecemos as faculdades do sr. Fernandez de los Rios pelas obras d'elle que correm impressas, e podemos assegurar ao paiz debaixo da nossa palavra de honra que o representante do rei Amadeu, não é positivamente um homem que possamos comparar ao ministro de Filippe II.

Infelizmente o benefico sr. Fernandez de los Rios não poderia continuar a permanecer á frente da embaixada hispanhola na côrte de Lisboa.

O argumento em cujas pontas s. ex.ª teria o incommodo de consentir em ser devolvido á sua patria é o seguinte :

É iberico ou não é iberico o sr. Fernandez de los Rios?

Se não é iberico, deve ser demittido porque tem sido tão inhabil que tem desprestigiado completamente a sua influencia fazendo-se passar por aquillo que não tem proposito nem proveito de ser.

Se é iberico, que conquistas deu ao seu partido? Que sympathias adquiriu á sua causa? Que opiniões subjugou? Que inimigos venceu? Que adeptos reuniu? Finalmente, para que o digamos n'uma palavra sincera que Filippe II adoptaria, vejamos, que compras tem feito? Nenhuma. Ora ao tempo a que o sr. Fernandez de los Rios iberisa no seu palacio da rua das Chagas o seu predecessor Christovão de Moura tinha comprado o paiz inteiro.

No entanto o sr. Fernandez de los Rios. não é substituido por um embaixador mais habil e mais expedito.

Logo: podeis jubilar, ó lusos. Porque, depois de postos os principios que acabamos de expôr, temos necessariamente de acceitar uma das tres unicas conclusões que seguem:

Ou nós estamos superiores a toda a especie

de corrupção e de peita, e somos então independentes e livres por natureza;

Ou a Hispanha nos não quer comprar, e este é o caso de continuarmos a procurar ganhar honradamente a nossa vida por outro modo;

Ou finalmente a Hispanha não tem com que nos compre, e, n'este caso ainda, podemos dormir tranquillos, porque elles — coitados! — estão tão pobres como nós, e se o duque de Alva tivese de nos invadir, não deixaria de pedir-nos, como antecipação do tributo de guerra que lhe mandassemos á fronteira — uma tipoia.

. ˙ .

Por ultimo, voltando aos regosijos do primeiro de dezembro, e considerando que o dominio hispanhol não é a coisa que mais nos honra no passado, nem a que mais temores possa infundir-nos no futuro, pedimos — se ainda vamos a tempo — que na acta da ultima festa se lavre que:

Tendo-nos regosijado bastante, cessamos de regosijar-nos.

A camara municipal de Lisboa, diz-se, compenetrada da necessidade inilludivel de melhorar as condições da cidade trata com toda a solicitude de fazer a acquisição — de um leopardo. Diz-se ainda que depois procurará alcançar — para completar a obra da regeneração municipal — araras do Brazil.

. . .

Respeitamos a camara. Todavia, parece-nos discutivel esta maneira zoologica de pôr alguma ordem na confusão do municipio. Porque não se nos figura logico que a 300:000 habitantes — que pedem hygiene, limpeza, ruas, policia, illuminação passeios — a camara responda no seu zeloso cuidado — com um bicho dentro de uma jaula!

. . .

A cidade realmente, não offerece um aspecto prospero.

A illuminação é ligeiramente sepulchral : o gaz, mostra-se inferior em seus serviços ao antigo candieiro de latão : ás vezes nas principaes ruas, parte dos candieiros repousam — apagados, e os que velam bocejam uma luz expirante.

Monturos de caliça e de pedregulho tomam

das ruas um espaço abusivo: porque se o entulho tem um certo direito a estar parado nas ruas vendo as senhoras que passam, parece que não deve pelo menos privar de egual regalia os habitantes que pagam decima.

As ruas, pela sua limpeza, mereceram de nós a designação mordente que lhes ficou — *canos do avesso*: as que são calçadas, com a chuva tomam o aspecto delicado de uma missanga de charcos: os macdams depois de se terem desfeito no verão n'uma atmosphera de pó fetido, apressam-se no inverno a rehabilitar-se mostrando que são, como outra qualquer vereda, capazes de saber exercer a profissão de lameiro.

A gloria da capital, o *Aterro*, a maravilha, é ladeado ao seu comprimento, de duas suaves circumstancias: o cheiro da immundicie dos canos, e o pó da *houille* das fabricas, dando assim a perspectiva de uma sociedade gentil, rica e dandy — que passeia, no apparato da riqueza e nos vagares do luxo — com a palma da mão sobre a boca e o lenço no nariz!

As obras que a camara construe são talvez excellentes: mas ella vae-as erguendo tanto em segredo, tão resguardadas das curiosidades avidas, que muita gente suppõe que a camara abre

as suas ruas, planta as suas arvores, alarga os seus passeios, limpa, areja, formoseia — na sala do concelho, de baixo da meza, em sessão secreta!

A canalisação merece da parte da camara este estranho respeito — de reliquia! não se lhe toca, nem de leve, parece que a illustre camara pratica com os canos a mesma delicada reserva que os escravos dos harens teem com os perfumes preciosos e evaporaveis. A cidade por baixo está podre: ahi habitam, na sentina, as epidemias, os typhos, a colera, a febre, a anemia, e a deterioração da raça: atraz da delgada pellicula da calçada das ruas, a cidade sua constantemente uma exhalação mortal. Esta cidade é um furunculo: onde quer que se pique, isto é, que se escave, sae uma vaporisação torpe, que perturba. Ha dias, assim foi, ao pé da casa Havaneza; e no entanto a camara, cumplice, mantem a inviolabilidade — ao domicilio da immundicie.

Os bairros pobres são por si uma accusação cruel: as ruas escuras, negras e sujas; os casebres immundos e caducos de ruina; os destroços de vitualhas, de farrapagens, a vadiagem dos cães, a exhalação das sargetas, o cheiro torpe e

abafado, a humidade infecta, fazem d'aquelles logares — uma especie de deposito da miseria publica. Como para o vão de escada, se atiram nas casas os restos de trapos, de louças, de chinellos velhos — para aquelles logares se atira desapiedadamente com os restos da cidade, — a plebe!

Lisboa é a cidade mais suja da Europa: a propria Constantinopla, com o torpe desleixo turco, a propria Athenas, com a indolente miseria grega — são mais limpas. E se não fosse o Tejo, que lhe faz uma certa *toilette*, se não fosse um sol maravilhoso, que tudo alegra, doira, esbate — Lisboa, aqui ao canto, junto do mar, como um cano, seria a sentina da Europa.

E perante este estado o municipio penetrado da sua responsabilidade, e resolvido a dotar a cidade de condições habitaveis — o que lhe dá? — Um leopardo.

. ˙ .

Ora confessemol-o: é talvaz interessante, mas não é excessivamente pratico este facto:

A fera em substituição da obra publica.

Porque a verdade é que quando se expozer, convincentemente á camara, que a cidade de

noite está escura, — a camara não pode em sua honra — em vez de mais gaz, adquirir mais leões : pelo menos é estranho, que reclamando os habitantes da rua de tal, mais um candieiro — a camara lhes envie um crocodilo!

Não queremos mal ás feras : e quanto mais conhecemos os homens mansos, mais estimamos os bichos bravos...

Mas entendemos que as feras se portam mal, entram no dominio do illicito, mostram uma ambição indesculpavel, excedem as suas attribuições de fera — querendo accumular a qualidade de melhoramentos municipaes. Um jacaré é de certo estimavel : mas ver-se-ia superiormente embaraçado quando a camara no seu zelo febril o encarregasse de substituir um passeio publico. E por seu lado o habitante não se daria por extremamente satisfeito, quando nos passeios, para fazer as vezes de arvores, se enfileirassem lobos!

. ˙ .

A camara na sua intelligencia deve comprehender que :

O bicho não é inteiramente o equivalente do edificio.

Nunca a camara viu por exemplo S. M. El-rei passar a rua a cavallo no banco ultramarino! Portanto não é justo que nas praças, em logar de dar ao habitante fatigado o assento de um banco de pau — se lhe offereça o dorso de um rhinoceronthe.

Porque d'estõ modo toda a cidade seria em breve mordida — pelos melhoramentos municipaes. Seria desagradavel que os jornaes noticiassem: « Hontem, a ultima obra em construcção, devorou, na rua nova da Palma, uma creança de cinco annos: via-se depois aquelle impudico melhoramento publico, lamber os beiços, de regalado... »

Que a camara medite e se lembre — porque a sua intelligencia é para muito — que se ella der o exemplo funesto de substituir as construcções pelas feras — póde levar o habitante a substituir as feras pelas instituições. E no dia seguinte áquelle em que a camara para mandar abrir um chafariz, comprar, em substituição, um elephante — qualquer sujeito, em vez de dizer ao criado:

— Ó Antonio, põe o selim no russo...

póde esquecer-se a ponto de gritar:

— Ó Antonio, apparelha a camara.

O que seria de um real mau gosto, e prejudicaria os interesses constitucionaes!

A camara municipal de Vizeu mandou ha pouco tempo construir uma ponte sobre o rio Satam. Uma folha do sitio refere que esta ponte, logo depois de prompta, se desmoronou na occasião de lhe passar por cima uma junta de bois.

Parece que a ponte não estava má: sómente tinha esquecido prevenir os bois de que não passassem por cima d'ella senão um a um.

Seria bom que este caso puzesse de sobreaviso as pessoas que dirigem o transito de bois e mais passageiros sobre as pontes portuguezas.

Uma prevenção similhante á que esqueceu pôr na ponte sobre o Satam poderia evitar uma grande catastrophe na ponte sobre o Tejo. Com este fundamento lembrariamos á direcção dos caminhos de ferro a alta vantagem de collocar á entrada da alludida ponte o seguinte distico:

Roga-se aos srs. passageiros que tiverem de

transitar por esta ponte o especial obsequio de passarem por baixo.

. . .

Os riscos de vida que offerece a ponte sobre o Tejo foram ultimamente estudados por alguns engenheiros entre os quaes os srs. Mousinho de Albuquerque, Damasio e Nunes de Aguiar. Lamentamos que a nenhum d'estes homens de sciencia occorresse um meio tão simples de evitar desastres como aquelle que nós acabamos de expor.

É lastima! Se a ponte desabar, como é provavel, em qualquer occasião em que a imprudencia leve o publico a celebrar sobre ella uma reunião de mais de uma pessoa, não vemos que a companhia dos caminhos de ferro possa ininterruptamente facultar a passagem dos viajantes sem que estes molhem os pés, não rompendo na despeza de offerecer umas galochas a cada um. Tanto mais quanto é certo que a respeito de uma ponte que cae não é facil tomar de prompto um expediente tão efficaz como, por exemplo, a respeito de uma bofetada que se leve; isto é:

Requerer do ministro respectivo que a levante.

S. M. a rainha passeiava no Aterro. Um mendigo, chega-se e pede esmola. Um policia corre-o, prende-o. O desgraçado retido todo o dia na esquadra policial, com o frio, talvez com fome, tem uma dôr; foi necessario mandal-o n'uma maca para o hospital. Não se sabe ainda se o fuzillarão. O dia estava nublado mas secco. S. M., cujo vestido de velludo orlado de pelles era perfeito, continuou serena, na serenidade da paisagem.

Sempre que um pobre, se aproxima, com a mão estendida, de S. M. o rei, de S. M. a rainha, de SS. AA. os infantes — é preso.

Approvamos: e até como este mendigo vae para a cadeia, acompanhal-o-hemos, ao lado, para explicar a esse homem prevertido pelo crime, os fundos abysmos da sua negra acção! Dir-lhe-hemos: É bem feito. Bem te conhecemos, desgraçado. Vós sois muitos, e a cidade está cheia da vossa multidão, que erra, por essas esquinas, esfomeada e amarella, de caridade em caridade! Bem vos conhecemos: os velhos com os seus chapeus altos, o peito e o ventre concavos, apoiados tremulamente a uma bengalla, a magresa apertada n'uma velha quinzena, pedindo, encostados, com uma voz cho-

rosa; as mulheres, com os rostos cavados, uma saia curta, umas velhas botas esfarrapadas, aconchegando no chale traçado uma pobre creancinha de peito, que se encolhe, em que os olhos luzem d'entre os farrapos, e a fria aragem adstringe as chagas da cabeça: os desgraçados pequenitos, que gemem enrollados n'uma velha e larga jaqueta de cotim, no degrau de uma porta fechada, pela fria noite: os que não têem trabalho, e que á noite, sem camisa, com a gola de um casaco remendado erguida para cima, a barba por fazer, o estomago por aquecer, fazendo batter na lage da rua as solas despegadas, pedem, explicando a sua fome: os que teem na voz o tom de uma ultima esperança afflicta: os que pedem baixo, timidamente, com o terror da recusa; os que são insistentes, que teem o desespero da colera contida, e cuja voz parece a mão de um naufrago que se agarra; os que são humildes mesmo quando se lhes não dá; os que querem beijar a mão de agradecimento; os que ficam a resar com as lagrimas nos olhos!

Vivem nos logares ignorados, dormem pelos bancos, escondidos nas sombras dos entulhos, acolhidos pelos cocheiros na palha das cavalla-

riças; comem de vez em quando; teem todas as dores que dá o frio, todas as consumpções que dá a fome; andam sob o terror da policia; desejam o hospital como um refugio; e um dia, embrulhados n'uma serapilheira, são deitados á vala!

Miseravel, foste imprudente, foste criminoso. Viste aquella senhora, descendo de um caleche mais ou menos pomposo; julgaste que ella, rainha, rica, cheia de toilettes e de notas do banco, bem agasalhada, podia dar-te a ti, pobre diabo, uma moeda de vintem, o custo de um caldo quente n'uma taberna!

Porque emfim, velhaco, bem se vê que vaes precisando de comer, por este frio incisivo, e estás amarello, intorpecido, com os beiços rachados e a lingua secca! Imaginaste que a coisa te podia render um vintem, velhote: bem vês rendeu-te a cadeia. Apprende. Um mendigo como tu, esfarrapado, nojento, velho, não se aproxima assim de uma princeza nova, na frescura avelludada da sua toilette! Pois ousaste ir pedir uma esmola sem levares uma farda de moço fidalgo! O teu halito, o halito da fome, podia incommodar aquella gentil pessoa. Imagina que ella manchava a ponta da sua luva *gris*

perle, se te tocasse na mão, n'essa mão sempre espalmada, grossa, cortada do leste! Que desgraça! a sua luva perfumada com « marechala! » Insolente! E ir importunal-a com a tua grossa voz, rouca de pedir, arquejante da necessidade — ir interrompel-a brutalmente no seu scismar, um scismar decerto delicado, puro, transcendente, da cavatina da vespera! Pois a policia podia lá consentir! Tu és um animal! Vejam isto! Sob o pretexto que o inverno é terrivel, que não tens pão, nem lume, nem uma manta, que tiritas, que tem dores, que és velho, vaes assim pôr-te diante de uma princeza, em toda a crua realidade dos teus andrajos e pedes-lhe 10 réis! 10 réis! Assim se pedem 10 réis! Ah! imbecil, tu cuidas que os vestidos de setim, de velludo, as pelles, as joias, as cachemiras, os perfumes, veem do ar e de graça, como esse frio que te trespassa! Bruto, que desplante! dê cá 10 réis! E onde os havia ella de ir buscar, 10 réis? Tu imaginas que todo o mundo é rico como o Bom Deus que atira tudo ás mãos cheias, estrellas, soes, nuvens, maravilhas e aquelle pavilhão azul do Ceu que lhe devia ter custado milhões! Tu estás pervertido! Imaginas que uma rainha desce assim, como uma burgueza a ter

pena de um pobre! Tu não lês os jornaes bem se vê! Estás pervertido! Tolo! Ouviste talvez dizer que um que se chamava Napoleão III, parava nos passeios a cada momento o seu *breack* para encher de *sous* os chapeus dos pobres? Ouviste talvez dizer que uma a quem chamam a imperatriz da Allemanha, distribue, por a sua mão, de manhã, com os cabellos caidos sobre um penteador, dinheiro aos mendigos! Mas essa gente é gente miuda! Talvez tambem ouvisses fallar n'um doido chamado Jesus, que abraçava os pobres, e lhe enchugava o sangue das feridas! Isso era um romantico. Tu és ignorante, velho! Tu decerto não lês o *Figaro*. Tens ouvido dizer que a mais bella, a unica missão das rainhas é a caridade! Ora aprende! Medita na cadeia a caridade das rainhas! Bem feito. Ah! tu pedias porque tens frio: pois a cadeia te castigará de teres tido frio! Tens fome? pois a enxovia te dará o pago de teres fome! Pede outra vez, anda! pede! Muito feliz foste tu em não te correrem a chicote! Adeus! Adeus, maroto!—

Assim fallariamos a este indigno mendigo, vil e torpe, e pediriamos a S. M. a Rainha que insistisse em que esse grande criminoso fosse

rapidamente enforcado — se na realidade S. M. a Rainha tivesse culpa ou responsabilidade d'este facto grotesco.

Não foi S. M. que prendeu o pobre — foi a policia.

Ora pedimos, para honra do paiz, que não seja permittido a qualquer sr. policia chegar-se ao pé de S. M. a Rainha e insultal-a brutal e vilmente — prendendo os desgraçados que lhe pedem esmola!

Parece que no convento de Sant'Anna, de Coimbra, vive apenas uma freira. Um jornal d'este mez tomou conta d'este facto, que teve a bondade de considerar escandaloso, verberando o despreso da lei com que o governo permitte que no convento de Sant'Anna, de Coimbra, viva apenas uma freira.

Este jornal bem como o espirito canonico e a maior parte dos periodicos liberaes portuguezes entende que desde que n'um convento de freiras não ha senão poucas freiras, o que o go-

verno póde fazer de mais sabio, de mais generoso, de mais administrativo e de mais digno é dirigir-se a essas senhoras e expulsal-as da casa que lhes pertence. Quando no convento — oh! repulsivo escandalo! — não existir, como no caso presente, senão uma religiosa, então o governo, se elle tivesse da liberbade a verdadeira opinião, não só deveria desde logo expulsal-a mas talvez que mesmo não fizesse mal batendo-lhe.

Pois quê! Não! essa indigna senhora deve ser atirada á rua como um velho trapo. Ella não póde merecer dos descendentes dos grandes homens de 34, dos companheiros do libertador, dos sete mil e quinhentos das praias do Mindello etc., senão execração e despreso. Um velho cão leproso e infecto deixa-se apiedadamente morrer de caducidade e de podridão a um canto do canil, mas uma freira velha e só, pede toda a justiça, toda a razão e todo o constitucionalismo que se deite fóra do seu mosteiro.

Ah! vieste para o convento de Sant'Anna, de Coimbra... Teus paes déram á communidade o dote que te destinavam e que te proporcionaria um *coupé* ou um camarote na Opera, se tu não tivesses preferido a clausura.

Aos 16 annos cortaram as tuas loiras transas, vestiram-te de branco, entraste na egreja cheia de luzes e de flores, ao alegre repicar dos sinos; tocava o orgão; o chão estava coberto de pessoas ajoelhadas; as capas de asperges recamadas de ouro scintillavam nos degraus do altar mór; das jarras com flores que guarneciam os capiteis das columnas exhalava-se o doce perfume das rosas e dos junquilhos; os raios do sol passando pela vidraça de côres cortavam em longas fachas escarlates e côr de topasio as nuvens de insenso que sahiam do thuribulo de prata balançado pelo sacerdote; as tuas jovens companheiras cantavam em côro em volta de ti; tu, de joelhos, prostrada, com o coração palpitante, entregavas-te a Deus, docemente embriagada nas harmonias licorosas do mystico festim. Tua mãe no entanto, vestida de preto, a um canto da egreja, olhava a miuda gelosia que encerrava o côro em que desappareceras para o mundo, e chorava, revolvendo na memoria scenas passadas da tua meninice.

Entraste depois na tua pequenina sella, alva e lustrosa como um altar. Um anno mais tarde professaste, e ahi jazeste para sempre.

Quantas lagrimas, pobre menina, innocente

desterrada! quantas saudades, quantas magoas ao contemplares d'entre os ferros do teu carcere as ineffaveis doçuras da natureza, os pittorescos aspectos da vida livre que a tua pequena paizagem te offerecia! o trabalho que canta e que ri nos campos, no tempo das ceifas, sob o sol rutilante; a calessa de viagem destacando-se na estrada amarellada, no alto da collina, sobre o infinito azul do ceu; o gemer das guitarras, de noite, ao luar, em uma volta do Mondego, n'um barco negro em que vão estudantes a cantar!

Por fim as saudades esmorecem lentamente no coração, até desapparecerem, como desapparecem do espirito os projectos, os sonhos e as alegrias de uma mocidade quando essa mocidade acaba.

Depois para ti, pobre senhora, o teu convento tomou perfeitamente as proporções do teu mundo. As quatro paredes da tua clausura eram para ti um emispherio. Alu tinhas a tua socieciedade, instituições, historia, futuro, projectos, ambições, negocios, prazeres, visitas, passeios e viagens.

Finalmente os noviciados acabaram, as profissões tambem acabaram. O teu mundo, condemnado a afundir-se em pouco tempo, tornou-

se triste e esteril como seria o nosso se n'elle acabassem os nascimentos.

Com o correr dos annos os obitos foram-se tornando mais frequentes. As tuas conhecidas, as tuas amigas, as tuas companheiras, foram progressivamente rareando em volta de ti, e desapparecendo a pouco e pouco. Tu mesma as acompanhaste uma por uma ao seu derradeiro jazigo, e no meio de tochas, por entre as sombras phantasticas formadas pelas arcadas do claustro, viste sumir-se successivamente na terra, como pallidas estatuas de marmore branco, os cadaveres de todos os entes que durante quarenta annos conheceste e amaste.

Estás emfim só. Resaste a ultima oração sobre a campa da derradeira que morreu. Todo o teu passado, toda a tua existencia, todo o teu mundo, ahi está sepultado debaixo d'essas frias lages, sobre as quaes o teu passo tropego e as tuas largas sandalias produzem um som lugubre e mortuario.

De todas as tristezas, de todos os sobresaltos, de todos os desalentos que passaram n'essa casa tu foste successivamente a herdeira e a depositaria: seria porventura justo que fosses egualmente a herdeira e a depositaria dos bens tem-

poraes que pertenciam legitimamente á tua communidade, que é exactamente o mesmo que dizermos a tua familia? Não! É bem certo que estás só? que é profundo, completo, inexcedivel o teu infortunio? Bem: n'esse caso — rua! Precisamos da tua egreja para uma estrebaria e do teu claustro para um jogo da bola. Rua!

.·.

Occorre-nos uma coisa que vamos lembrar ao governo.

Tendes ouvido fallar nas emparedadas? A comprehensão que tendes da liberdade obriga-vos a prohibir a freira; a emparedada no entanto poderá ser talvez tolerada. Uma lembrança pois: Emparedae a freira sobrevivente do convento de Sant'Anna de Coimbra. Debaixo de uma d'essas lapides está uma cova aberta a esperar por ella. Enterrae-a.

E depois de pacificado o mundo por esta forma, como nada mais sabeis fazer, dae vivas a qualquer homem e tocae o hymno de qualquer coisa!

Um bom assumpto para emprego das nossas cogitações é sem nenhuma duvida o bacalhau.

A importancia do bacalhau subiu de ponto agora que a elevação no preço da carne de boi elevou a costelleta á cathegoria de joia e o bife a objecto de luxo.

Os carniceiros tendem pressurosamente a converter-se em ourives — de carne.

Com effeito, por um pouco mais que lhe subam o preço, já valerá a pena de darmos á carne a attenção de a engastar.

Seria bom que os senhores carniceiros começassem a pensar n'isto: que não sómente cortassem a carne, mas que, já agora, a lavrassem tambem. Suas mercês não deixariam de lucrar em pedir aos consumidores, além de um tanto de peso, um tanto de feitio pelos seus bocadinhos de boi.

Vindo a carne, segundo promette, a custar dentro em pouco tanto como um metal precioso, não vemos realmente que especie de considerações se possam oppôr a que a usemos — já que não podemos continuar a fazel-o em almoços — em alfinetes de peito.

Se as senhoras começarem, como é provavel, a trazer broches de lombo e braceletes de carne

da perna, que grande mal nos virá d'ahi?! Apenas talvez que ao dizermos um segredo nos appeteça mastigar um brinco! ou que ao sentirmo-nos apertados pela miseria, em vez de levarmos ao monte pio as nossas joias de familia, as devoremos, sem necessidade de sairmos do tegurio domestico, depois de recatadamente as termos passado pela grelha!

Oh! n'esse tempo, que já não vem longe, leremos talvez nos noticiarios:

«Hontem na encantadora *soirée* da senhora marqueza de··· a halucinante belleza da duqueza de··· era singularmente realçada por um longo e ondulante vestido de veludo, e por um pingente, suspenso do colo como o punhal das antigas romanas, e formado de um sumptuoso kilo inteiriço de lombo de vaca.»

E no artigo de fundo virá:

«A regia munificencia permitttiu que na ultima reunião da côrte alguns vassalos escolhidos respirassem com pão o perfume pantagruelico das almondegas da corôa.»

A sabia administração municipal da cidade de Lisboa garante aos seus municipes que vem proximo este dia.

. · .

Ao mesmo passo que a carne de boi sobe na cathegoria de joia o bacalhau affirma-se na importancia de alimento. Ora uma coisa estamos d'aqui a receiar: é que o bacalhau abuse da suprema influencia que vae ter sobre o corpo social.

O commercio do bacalhau constitue em Lisboa um monopolio. O que vamos dizer é a verdade mais pura e mais authentica. Os bacalhoeiros estão agremiados. Fazem uma companhia anonyma, uma associação secreta para as suas negociações e para os seus lucros.

Em certos dias os bacalhoeiros reunem-se e assentam no preço por que hão de comprar e por que hão de vender o seu genero. Em seguida um dos bacalhoeiros, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da associação, é mandado ao mercado, só e uno. Este bacalhoeiro dirige-se ao consignatario do carregamento chegado da Terra Nova e propõe-lhe o preço da compra. Se o consignatario resiste á imposição do preço feito pelo representante dos bacalhoeiros lisbonnenses, o cartaginez retira-se, e o dono do genero á descarga no Tejo não encontra na praça mais ninguem que lh'o negoceie.

Se um intruso alheio á associação toma conta do genero que o dono não quer dar ao desbarato aos bacalhoeiros encartados, estes baixam immediatamente o preço do bacalhau que teem em deposito, e o comprador de accaso, não achando no consumo o preço da compra que fez, lança-se por fim nas fauces da associação e vende aos bacalhoeiros a mercadoria depreciada pelo preço que os bacalhoeiros lhe fazem.

Esta veniaga acha-se tão solidamente organisada, que ha muitos annos teem sido inuteis todas as tentativas feitas para evitar que os bacalhoeiros comprem pelo preço que muito bem lhes apraz e vendam pelo preço que muito bem lhes parece.

De quando em quando os senhores bacalhoeiros, no meio dos seus festins babylonicos, senhores do povo que tyrannisam, enfastiados em seus ocios, teem caprichos heliogabalicos, e não podendo incendiar outra vez Roma para aquecerem os pés na fogueira da cidade, envenenam Lisboa lançando-lhe bacalhau podre. Lisboa come, come, come: *de là sa chûte!* como diria Bossuet.

. . .

Nós não pedimos providencias contra o mo-

nopolio do bacalhau : isto seria ferir muito no vivo o commercio lisbonense, que tanto medra em transacções similhantes áquella a que alludimos. Temos, por exemplo, que o commercio da manteiga ingleza é egualmente feito, não já por uma sociedade, mas por um só individuo. Se este sujeito se fosse escandalisar com as nossas modestas observações e se retrahisse com o seu genero, Lisboa seria forçada a confessar que a sua manteiga, a qual até agora não tem senão metade em cebo, começava d'ahi em diante a não ter absolutamente nada em manteiga,— o que daria em resultado comermos as torradas francamente — com vellas.

O que humildemente lembramos aos srs. bacalhoeiros é a salvação das suas almas e a eternidade no abysmo em que ha o ranger dos dentes — e não ha bacalhau.

O vosso dia, senhores, pode chegar quando menos o esperardes. Podeis cair. Ninive e Gomorrha tambem cairam. Não ha administração, é certo, mas — providencial castigo de tyrannos, doce recobro de opprimidos! — sabeis o que ainda ha, ó bacalheiros ? Ha o cholera-morbus e ha o vomito negro!

Recolhei-vos em vossos espiritos, bacalhoei-

ros, e ponderae o que succedeu por occasião da ultima epidemia que invadiu a capital. Escusamos agora de vol-o repetir : vós sabeis que todos os bacalhoeiros que então existiam, morreram. É, segundo todas as probabilidades, o que terá de vos succeder a vós mesmos dentro de bem pouco tempo talvez! Quem sabe se as pestes enviadas a Lisboa não são o instrumento mysterioso e omnipotente com que a divina providencia delibera de quando em quando em sua imperturbavel rectidão punir o crime dos monopolios?!

Se pois se consideram livres da acção das justiças humanas, que os srs. bacalhoeiros pensem pelo menos na divina justiça. E que tremam!

Setubal levantou uma estatua ao poeta Bocage, pelo que se nos não offerece senão fazer os nossos cumprimentos a Setubal.

Bocage era o litterato mais popular do seu tempo. Os triumphos de botequim, de ou-

teiro e de salão, a esgrima constante a que as glosas, as polemicas, as satyras e os epigrammas abrigavam o seu espirito, o grande esforço dos centros nervosos para prover de vitalidade esta existencia tempestuosa, o abuso das bebidas alcoolicas e do tabaco de fumo, desorganisaram aquella debil constituição, e Bocage morreu em Lisboa, na flor dos annos, em um terceiro andar da travessa de André Valente.

Bocage tinha mais dignidade do que a maior parte dos seus companheiros e confrades nas lettras: em quanto por exemplo Nicolau Tolentino de Almeida, *o bom Tolentino*, fazia memoriaes de criado de servir para que lhe dessem a esmola de um emprego publico, ou enviava sonetos ao marquez de Anjeja para que este lhe mandasse da sua mesa uma fatia de perú, Bocage rejeitava orgulhosamente o logar de official que lhe fôra offerecido na bibliotheca publica, e quando não tinha de comer — tragava a fome.

O arrabido José Marianno Velloso, director da officina chalcographica dava ao poeta uma gratificação de 24$000 réis mensaes pelo trabalho que este lhe prestava revendo provas typographicas e vertendo para vernaculo alguns auctores latinos.

Bocage morreu na miseria, sendo seu unico protector o arrabido Velloso.

A cidade de Setubal, não tendo dado jámais durante a vida do poeta nem um passo nem um ceitil para o livrar ou da perseguição politica e religiosa que se lhe fez, ou da penuria que o consumiu, não querendo mesmo saber dos restos mortaes do vate, que se não sabe onde repousam, parece-nos que fez bem petreficando em marmore para propria lição o seu arrependimento e o seu remorso.

.˙.

Uma coisa porém notamos: a maneira especial por que foi celebrada a inauguração d'este monumento, a qual, a nosso ver deixa singularmente compromettida a clara fama de varios cavalheiros. Comprehendemos que Setubal eleve um monumento a Bocage. Não explicamos que o sr. marquez de Avila e de Bolama presida á inauguração d'essa memoria.

E vamos dizer porque.

.˙.

A sociedade a que pertenceu Bocage era uma sociedade estagnada.

Estava-se n'um reinado de sachristia, freiratico, beato, quieto, estacionario, gordo, não inteiramente destituido d'esta parte da benevolencia que constitue o genero bonacheirão. Faziam-se outeiros pelos pateos dos conventos. Comiam-se merendas pelas casas particulares. Glosavam-se motes. Rimavam-se madrigaes e epicedios. Trazia-se rabicho. Amava-se a orelheira de porco com feijão branco. Jogava-se o gamão. Representavam-se entremezes. O exercito tomava rapé. A arte cevava-se na mythologia. As mulheres chamavam-se Marilias e Anardas. O sermão constituia um passatempo elegante. Na sociedade tocava-se espineta e cantavam-se modinhas. Dançava-se o menuete. Os inimigos do throno e do altar eram queimados. Usavam-se as fivelas grandes, os penteados altos e o bico do pé para fóra. As senhoras vestiam uma especie de *crinoline*, imitação dos *paniers* da côrte de Luiz XV, e conhecida pelo nome um tanto *shocking* de *guarda-infante*. Os periodicos e as revistas redigidas pelos homens de espirito mais eminente intitulavam-se *Retornelo do pardal*, *Symphonia do Cochicho*, *Gaitada do anão dos assobios*, *Dueto de laberco e taralhão*. O sr. José Agostinho de Macedo, o

erudito sacerdote, fazia rir as senhoras com as obras denominadas *Os burros* e *A tripa virada*. A inquisição e a censura previa sustentavam a ordem. A paz era inabalavel. As pessoas tementes a Deus faziam circumloquios para não proferirem o nome de Voltaire. No seio de muitas familias era suspeito de atheismo o marquez de Pombal — por ter vivido em Londres.

. · .

Em tal meio social o talento não tinha onde fincar o pé. Bocage serviu a civilisação derrocando como póde o seu velho mundo polvilhado, tabaquento e inepto. Honra lhe seja! Ninguem no seu logar teria feito mais. A sociedade portugueza d'esse tempo não dava margem a maiores beneficios. Havia uma academia — a Nova Arcadia, — cujos serviços litterarios consistiam em depravar o gosto e abastardar a critica. Esta academia teve a imprudencia de receber no seu gremio o espirito juvenil e ardente de Bocage. Bocage roeu-lhe as entranhas com a voracidade de um abutre, e espalhou no espaço os restos cadeverosos das reputações litterarias do padre Caldas, do doutor França, de Severino de Campos e de quejandos sabios.

A indole atrabiliaria, obscena e fradesca de José Agostinho de Macedo escumou e estrebuchou por muitas vezes debaixo dos dentes anavalhados e das garras profundas da satyra bocagiana.

Os politicos do tempo não tinham a minima noção dos direitos do homem e das franquias do povo. Os grandes problemas da civilisação que por esse tempo agitavam a França não encontraram o minimo ecco no fundo da empoçada sociedade portugueza. Os espiritos eram inteiramente estranhos á discussão dos seus destinos. Nem das reformas da revolução franceza nem das liberdades decretadas pela constituição britanica, chegou noticia sequer a Portugal senão muito mais tarde por occasião da restauração de 1820.

Bocage era casualmente um instrumento, imperfeito e inutilisado pelas circumstancias que o cercavam, do espirito revolucionario que mordia no centro intellectual da Europa a medula das velhas instituições.

Seria injustiça pedir á debil e desacompanhada iniciativa do poeta Elmano mais do que a manifestação a que lhe era possivel arrojar-se. Bocage era tão republicano quanto era licito

ser-se no seu tempo. Era republicano como um latinista. A democracia nos homens mais adiantados do reinado da senhora D. Maria I era um ideal archeologico e litterario. Na occasião porém da victoria de Bonaparte sobre os Estados Pontificios, Bocage abalançou-se a fechar um dos seus sonetos com os seguintes versos:

O rapido francez vae-lhe ás canellas;
Dá, fere, mata... ficam-lhe em despojo
Tiaras, mitras, bullas, bagatellas.

Estas e outras audacias do «inimigo de hypocritas e de frades» como êlle a si mesmo se qualificava, renderam o poeta á amorosa correcção do Santo Officio. O sr. Diogo Ignacio de Pina Manique, intendente geral da policia, mandou prender o poeta a casa do cadete da armada André do Quental, e officiou ao juiz do crime do bairro de Andaluz para que abrisse devassa sobre o procedimento de Manuel Maria, accusado de auctor de papeis impios, sediciosos e *criticos*, e ainda «de ser remisso na pratica dos Sacramentos.»

Todos os manuscriptos de Bocage foram então apprehendidos, e passou-se ordem de prisão

sobre os seus companheiros e amigos afim de se conhecer se estes o imitavam no sacrilegio das opiniões e na dissolução dos costumes.

Pelas suas offensas ao altar Bocage esteve encarcerado nas masmorras da inquisição. Pelas suas offensas ao throno coube-lhe um carcere no Limoeiro.

. ˙ .

Ora não nos parece que o sr. marquez de Avila e de Bolama seja a pessoa mais acertadamente escolhida para desvendar para a posteridade a imagem, immortalisada pela gratidão, do poeta Elmano, o celebre e arrojado conferente do botequim das Parras.

Bocage é a contestação acerba e crua de todos os titulos que concorrem no sr. marquez de Avila e de Bolama.

Se o sr. marquez acceita e confirma os merecimentos do poeta nega por esse facto os seus merecimentos proprios. Como figura n'esta inauguração o sr. marquez?

Como representante do funccionalismo? Bocage despreza o funccionalismo devolvendo ao governo a sua nomeação de bibliothecario.

Como amante da ordem e politico conservador? Bocage é revolucionario e desordeiro.

Como catholico, apostolico e romano? Bocage ri do papa, da sua tiara e das suas bulas e applaude o francez « *que lhe vae ás canellas.* »

Como cidadão morigerado e grave? Bocage amante das rixas e dos alcools, assignalado no livro negro do corregedor do Rocio, offende a morigeração e a gravidade.

Como monarchico? Bocage era republicano.

Como economista? Bocage era um perdulario.

Como governador do credito hypothecario? Bocage era um pobretão sem credito e sem hypotheca.

Como vice-presidente da academia? Bocage destroncou, espalmou e pulverisou a academia do seu tempo.

Como escriptor? O sr. marquez é auctor da portaria que mandou calar os conferentes do Casino, Bocage é auctor da *Pavorosa illusão da eternidade*.

Nada pois de commum ou de correlativo entre o celebre poeta e o illustre ministro de estado. Um desdiz o outro. A cortina que descobre a figura de Bocage encobre a do sr. marquez de Avila. S. ex.ª affirmando o futuro ao poeta denega e retracta por esse mesmo facto o seu proprio passado.

O sr. marquez de Avila solidario por tal modo da personalidade de Bocage é um facto tão expressivo e tão digno de nota como o pensamento immortalisado na estatua inaugurada.

O facto praticado pelo sr. marquez equivale evidentemente a uma nova profissão de fé, a uma declaração de novissimos principios da parte de s. ex.ª

Folgamos de registral-o.

Conciliando agora os dois factos do levantamento da estatua e da inauguração d'ella, achamos esta exegese d'esse duplo caso:

Setubal levantando uma estatua a Bocage, testemunha o seu remorso pelo que deixou de fazer;

O sr. marquez de Avila inaugurando essa estatua declara o seu arrependimento por aquillo que tem feito.

Áquella cidade e áquelle cidadão os nossos parabens!

É esta uma verdade facilmente clara: o theatro em Portugal extingue-se. Por dois motivos:

O primeiro pelo abaixamento fatal, geral, do espirito e da intelligencia entre nós : o segundo pelas condições industriaes e economicas dos theatros.

A verdade sae dos mesmos cartazes : o Gymnasio, o Principe Real, a Rua dos Condes, dão comedias traduzidas dos velhos reportorios estrangeiros, ou magicas idiotamente alinhavadas, ou composições melodramaticas exclusivamente para a estulta plebe — como diziam os antigos, — complicadas de incendios, naufragios, desabamentos, maravilhas baratas, de velho cartão, entre scenarios desbotados. — Sómente acontece que as comedias estrangeiras feitas para a fina interpetração de actores educados, encontram aqui uma interpetração grosseiramente recitada, monotamente expedida, apressada, feita de officio, — e não podem interessar : e os *dramalhões* aventurosos que vivem apenas do apparato e dos esplendores da decoração, encontram aqui telas roidas da humidade, fatos de paninho remendado, um papelão apodrecido, e, feitos para viverem da riqueza decorativa, acanhados aqui na miseria postiça, — não podem interessar. Por tanto estes theatros arrastam uma vida difficil.

A *Trindade* encetou a opera comica. Mas naturalmente, com a legitima urgencia do ganho, começou pelas melhores creações do espirito francez — Offenbach, Hervé, Lecoq etc. Fatigou este reportorio galante e attrahente, esgotou-o, espremeu a quantidade de libras que elle continha — e como as operas comicas não são como as ostras, que quanto mais se procuram mais abundam,—succede que a *Trindade* está como um preso que devorou a sua ração. A *Trindade* não tem que dar a um publico enfastiado que pede musica accessivel e facilmente gorgeada e alguns *couplets* voluptuosos. Tem de recorrer a zarzuellas ligeiramente monotonas, que não tem a rapida scintillação alegre da *verve* franceza e apresentam uma vaga ambição do emphatico tom italiano. Além d'isso o reportorio estrangeiro é feito para boas vozes educadas, creadas nos conservatorios, formadas pelo gosto apurado dos theatros especiaes : de sorte que é necessario escolher a *operetta* que possa facilmente atravessar as estreitas gargantas nacionaes : ora das gargantas dos nossos cantores — d'onde saem sempre decerto palavras serias, nem sempre saem notas justas. De modo que no reportorio estrangeiro é neces-

sario escolher, esmiuçar, separar as *operettas* faceis, as de meia garganta, as *operettas* constipadas. Fica assim reduzido o numero a cinco ou seis *embroglios* hispanhoes debilmente instrumentados, a que a *Trindade* se vae amparando como a muletas provisorias. Accresce que não temos a opera-comica nacional; parece que o nosso cerebro é hostil á fina sensação musical; a raça ficou esgotada com o esforço violento que fez para crear o *landum da Figueira*. As nossas operas são os hymnos. Ora a Trindade não poderia fazer facilmente representar o hymno da *carta*. A *carta* bem basta que a supportemos em *código*, não devemos soffrel-a em *couplet*. Seria tão impudico como sapateal-a em danças. É verdade que não seria muito estranhavel que a *carta* passasse a ser uma opera-comica, n'um paiz em que o codigo fundamental é o *Barba Azul*.

D. Maria é a jangada da *Meduza* da arte nacional; ali sobrenadam n'um esforço heroico os restos da velha geração artista. Actores de vontade e de talento, um director excellente, vocações intelligentes — luctam com a escassez da litteratura, com a inercia do publico, com a difficuldade economica e com a imperfeição

da educação theatral. É verdadeiramente uma jangada — admiravel pelo esforço, incompleta pela organisação — boa para luctar, imperfeita para navegar.

S. Carlos chilrea.

. · .

Evidentemente esta decadencia deploravel tem muitos agentes:

A litteratura. Os escriptores retrahiram-se do theatro: em primeiro logar o ganho é diminuto; mas isto não explica bastante, porque no jornal, no livro, o ganho não seduz com scintillações de montes de oiro. A principal causa pertence á propria constituição dos cerebros: — não temos cabeças dramaticas, não as tivemos mesmo nas passadas gerações litterarias, hoje classicas. A nossa litteratura dramatica é o *Fr. Luiz de Sousa*. De resto o drama entre nós tem sempre um feitio exclusivo: — o de ambições litterarias com a feição de um artigo de fundo em cinco actos (*Pedro*, etc.); o drama sentimental, e bem escripto, especie de ode dialogada, em que um personagem recita algumas phrases rhetoricas cuidadosamente adjectivadas, o outro responde com um periodo sonoro e cadente, construido segundo os bons modelos, — e a acção

torna-se assim uma troca benevola de prosas; o drama de situações, com o que se chama *finaes de acto,* um effeito, um grito, um embuçado que apparece, uma mãe que se revela: «Ah! ceus! É elle! Matei meu filho! Oh!» As rebecas gemem, os corpetes de matrona arfam o drama — que é apenas durante tres actos uma collecção de dialogos monotonos passados entre nomes proprios. Ha a farça com os velhos motivos de pilheria lusitana, o empurrão, o tombo, o velho que entra com um castiçal, de barrete de dormir etc... Acção, sentimentos, estudos, caracteres desenhados, costumes postos em relévo, typos analysados, estudos sociaes caracterisados n'uma acção, a natureza, a realidade, o estudo da vida, — isso encontra-se ainda menos n'um espectaculo dramatico do que n'uma corrida de toiros.

Outro motivo de decadencia: o publico. O publico vae ao theatro passar a noite. O theatro aqui não é uma curiosidade de espirito, é um ocio do domingo. O lisboeta, como não tem salões — porque os não ha — toma uma cadeira de platéa — porque estas se vendem. Põe-se a melhor gravata, as senhoras penteam-se, e é uma sala, uma *soirée*, um *raout*, ou mais nacional-

mente uma *assembléa* — com uma grande vantagem sobre um salão — não se conversa. Conversar para o portuguez é um perigo, uma difficuldade, um transe: é o antigo Cabo das Tormentas; os velhos navegadores tinham-no nos mares, os modernos cidadãos nas salas. Conversar! fallar! entreter! mover o alado e fino batalhar das idéas, ter opiniões, *traits*, ditos: todo o portuguez imagina que esta maravilha só se póde dar nos romances de *franco*. D'ahi vem o velho habito elegante de se encostar o portuguez, o indigena, na sala, á hombreira da porta, com aspecto fatal. Conversar! os homens tremem e as senhoras empallidecem. D'ahi que vantagem! no theatro pode-se mostrar a *toilette*, namorar, passar a noite — e não se conversa! Succede ainda que em Portugal ninguem recebe e ninguem é recebido: porque se não tem dinheiro, nem espirito, nem sociabilidade, nem curiosidade, nem mobilia; porque antes de tudo cada um prefere o doce egoismo afferrolhado, trancado do *cada um em sua casa*. O theatro é a substituição barata d'isto: é um salão calado — e comprado no bilheteiro. De resto ali namora-se, o que é o entretenimento querido do portuguez e da portugueza correlativa.

Namora-se com as mãos no bolso, torcendo o forro das algibeiras, e o espirito preoccupado com o que se pagou no bilheteiro. Portanto o que se passa no palco é secundario. Requer-se apenas uma certa moralidade physica; isto é, que se não dêem beijos nem beliscões; a moral do drama, da acção, do sentimento, não se percebe ou não se requer. Um beijo que estala sobresalta, um adulterio que se idealisa encanta. Uma das condições é que as actrizes se vistam bem, com aspectos novos: é a preoccupação da sala: nos camarotes as senhoras analysam as rendas, os *tulles*, a seda e as joias; os jornaes ás vezes annunciam de vespera certas toilettes especiaes de certas actrizes. De modo que um director de theatro, não é escrupuloso com o seu espectaculo: alguem que falle e gesticule, e dê um pretexto para a luz do lustre — é o que basta. Sobre tudo nos domingos. Então o mundo commercial, burguez, que repousa e se diverte, enche a sala. Se se der *Hamlet* vae, se se der *Manuel Mendes Enxundia* assiste. Não é a belleza do espectaculo que o chama, é o tedio da sua casa que o repelle.

Outro motivo de decadencia: os actores. Os actores em geral são maus, com excepção de 4

ou 3 individualidades intelligentes, estudiosas, progressivas, os outros são maus, não tanto por incapacidade propria como pela fatalidade do seu destino. Elles desgraçadamente em Portugal não pertencem a uma arte, pertencem a um officio. Que hão de fazer? — não teem escola modelo, nem incentivo, nem estudos, nem protecção, nem ordenados, nem publico. São actores como outros são empregados publicos; são os amanuenses de distracções da burguezia: elles no palco recitam prosa á luz do gaz, como os outros expedem officios n'uma sala abafada. Questão de ganhar um ordenado, sustentar-se, vestir-se! A arte, o estudo, a escola, entram n'uma proporção infima. O artista, que pelo precario estado da sua arte precisa pensar em comer — quando não é extraordinariamente dotado e então a necessidade retempera-lhe a habilidade, — torna-se fatalmente um homem de officio que precisa ganhar; em tal caso o pintor illustra almanachs, o esculptor faz jarras de porcelana, o poeta redige noticias, o actor recita prosa. Os nossos grandes actores, Santos, Rosa, além da sua organisação artista, formaram-se, quando o theatro normal, — pelo seu regulamento — os punha aos abrigos da luta da vida e

lhes dava os grandes vagares do estudo. No meio da oscillação das empresas, das quebras de companhia, da dispersão dos centros dramaticos, luctando, — o artista não pode voltar-se para as nobres ociosidades da cultura artistica. As difficuldades da vida embaraçam as preoccupações da intelligencia.

Outro motivo da decadencia dos theatros: a pobresa geral. Não ha dinheiro. Lisboa é uma terra de empregados publicos. A carestia da vida, os altos alugueres, o preço do fato, uma certa necessidade de representação que domina a gente de Lisboa, tudo isto deixa a bolsa difficil, incapaz de theatros. O theatro é caro. Uma noite de theatro, pode levar a uma familia 3$000 réis de camarote, 1$500 de luvas, 1$500 de carruagem, no inverno — ao todo 6$000 réis. 6$000 é a quinta parte de muitos rendimentos mensaes — da pluralidade dos rendimentos. Por consequencia a affluencia dos theatros é pequena: a pobreza veda-a. Naturalmente, com a sala deserta, o cofre do theatro não se enche. Dividas, complicações, fallencias.

Tal é o perfil do estado geral, a largos traços esboçado.

. ˙ .

No entanto uma circumstancia apparece que transtornaria inteiramente esta situação infeliz: é esta simples consideração: deve o estado auxiliar a arte dramatica?

Porque então uma transformação succede:

D. Maria, auxiliado, torna-se o centro nacional do drama; a *Trindade*, auxiliada, torna-se a representante e creadora da opera comica nacional *puis qu'il y a l'opéra comique.*

D. Maria, a Trindade, chamam a si, como centros vitaes e fortes, o que nos dois generos, declamação e canto, possue de melhor a infeliz dispersão actual da arte. E do que resta, forma-se nas Variedades, na rua dos Condes ou no Principe Real — uma só companhia n'um só theatro — o centro do drama popular e barato.

Desde este momento os theatros, auxiliados, melhorados, organisados:

Elevam os honorarios de actor e de auctor: os auctores estudam, ensaiam-se, fornecem um contigente original, e um pouco pela critica, muito pelo habito, bastante pelo desenvolvimento da especialidade — conseguem talvez uma pequena regeneração na litteratura dramatica. Os actores, bem estipendiados, com um futuro so-

lidamente garantido — libertam-se da necessidade de fazer officio — e entram na dignidade de fazer arte.

. ˙ .

Ora pergunta-se: qual é a situação do governo respectivamente aos theatros?

Esta:

O governo não dá nada aos theatros nacionaes!

E dá 25 contos a S. Carlos!

Portanto que o governo responda:

É o governo obrigado a auxiliar, a subsidiar a arte theatral?

— Não? — Então para que dá subsidio a S. Carlos?

— É? — Então para que deixa sem subsidio o theatro nacional?

É logico.

Se o governo entende que deve deixar á iniciativa particular, ao gosto, á industria, á espontanea acção das vocações, á concorrencia, — a arte dramatica — para que faz uma excepção ao theatro italiano, protegendo-o?

Se o governo entende que deve auxiliar a arte theatral, como um elemento poderoso de civilisação e como um ramo da cultura moral — en-

tão para que faz uma excepção ao theatro portuguez — desamparando-o?

Que o governo pois se decida e responda:

Ou se declara indifferente, alheio, exempto, desinteressado em questões de theatro — e então fecha egualmente os seus cofres aos galans e aos tenores;

Ou se declara responsavel pelo desenvolvimento d'este progresso intellectual e então dê um subsidio ao theatro nacional.

Nós não temos opinião:

Comprehendemos egualmente o governo protegendo o theatro com subsidios, ou o governo deixando o theatro á espontaneidade industrial e litteraria.

O que pensamos e toda a pessoa sensata o pensaria é que é uma coisa torpemente *offenbachica* que o governo diga:

— Eu nada tenho com a arte theatral — e por consequencia dou 25 contos ao theatro lyrico.

Ou diga:

— Eu sou o protector da arte theatral — e por consequencia vou fazer que os theatros de Lisboa se fechem de penuria.

. . .

Ora a verdade é que :

O governo despresa o theatro nacional,

E subsidia o theatro italiano.

E outra verdade é que :

O theatro nacional é uma necesssidade intelligente e moral — e o theatro italiano é uma inutilidade luxuosa e sentimental.

Quaes seriam as vantagens d'um theatro normal ?

O theatro normal seria a creação d'uma litteratura dramatica, isto é : augmento de trabalho intellectual, de vida do pensamento, de cultura moral, de critica, de estudo dos costumes, — educação permanente no presente e elemento historico no futuro. O drama hoje, como toda a obra de arte critica, tem dois alcances : pelos costumes que estuda, pelos typos que analysa, pelos factos da vida social que representa, pelos sentimentos, idéas, instituições contemporaneas que critica, é no seu tempo um conselho, um exemplo, um critério, — e é no futuro um documento para a historia.

O theatro normal, — seria a creação d'uma escola de intrepretação, como na Comedia Franceza, fortemente educada ; formação de bons

actores, conservando uma tradição, communicando-a, formando discipulos, desenvolvendo-se pelo estudo e pelo proprio impulso intelligente.

O theatro normal — seria um elemento civilisador, sobretudo n'um paiz em que o jornal e o livro não influem: seria a extincção d'esta cohorte innumeravel de pequenas comedias eroticas que são a agoardente moral das pessoas que não vão á taberna; das magicas que são o fogo de artificio do idiotismo, o acompanhamento da digestão e a escola do embrutecimento; dos pequenos dramas sentimentaes e ridiculos, que servem para excitar os sentidos da burguezia casada e são uma especie de communicação commoda com o vicio, sem se passar d'um camarote! Seria um centro de educação; seria um constante appello da attenção ás cousas do espirito; seria a subtracção d'uma população ociosa e enfastiada ás casas de jogo e aos lupanares classicos; seria uma influencia permanente, penetrante e subtil nos costumes; seria uma escola para os caracteres, uma educação pela imaginação, emfim um elemento sadio, insubstituivel e indispensavel, — por que prende com o que uma cidade tem de mais definitivo, e de mais determinante — a sua intelligencia e a sua moral.

O theatro normal, não seria um regalo exclusivo de Lisboa, seria uma partecipação de todo o paiz no desenvolvimento da arte: os actores formados aqui iriam para a provincia; e em certos mezes a companhia modelo iria ao Porto, a Braga, a Coimbra, a Vizeu, ás cidades, levando ao publico a educação salutar do seu repertorio e aos artistas os exemplos d'uma arte perfeita.

Isto seria, a largos traços, o theatro normal.

. ˙ .

O theatro de S. Carlos o que é? Não é a creação d'uma litteratura dramatica; bem ao contrario: é a popularisação da velha escola italiana de musica sensualista, a representação d'uma arte e d'um repertorio de que nada fica no paiz, senão alguns duettos que as donsellas beliscam ao piano, ou que os sinos tilintam ao levantar da hostia! Que educação, que exemplo, que criterio, que elevação de espirito, que augmento de pensamento, que firmesa de critica, se tira da *Traviata* expirante, ou do imbecil *Trovador* que *corre a salval-a?*

O theatro de S. Carlos não é a formação de bons auctores nacionaes: ao contrario é uma

maneira de fazer reputações aos artistas estrangeiros: gastamos dinheiro, nós! para que o sr. *Fulanini* vá ganhar mais dinheiro para S. Petersburgo ou para *Covent garden*, elle!

O theatro de S. Carlos não é um elemento de civilisação, é um elemento de decadencia. Se alguma cousa debilita o caracter, desafina o pundonor, desabotoa a dignidade, enfraquece o espirito, — é a influencia da musica italiana, sentimental, amorosa, tremula, langorosa, expirante, morbida. Uma opera é um lupanar de arias. Cada duetto, cada alegro é uma expressão erotica, sensual e lasciva. Aquillo adormece a honestidade, amollece, faz o ser physico languido, romanesco, volta todas as preoccupações para o amor, para o luxo, e para os decotes. Imagine-se uma menina ouvindo um anno aquella ladainha de sensualidades que se chama uma opera—*Lucia*, *Norma*, *Traviata*, *Marie de Rohan*, *Favorita*, *Baile de Mascaras*, etc.!... O adulterio idealisado, o amor como a cousa superior e fina da existencia, o dever considerado burguez, a honestidade *mal portée*, e toda aquella moral suspirada, gemida, arrastada na dilacerante agonia da rebeca, assobiada irritantemente na flauta, modulada aeriamente na

harpa, soluçada d'um soluço inteiro pelo demonio invisivel que habita o violoncello, tornada acre e triumphante nos instrumentos de metal, roncada no rabecão; e sobre esta massa de sensualidade instrumentada, — no palco, a adultera, os galans, os amorosos, todo aquelle mundo melodioso e devasso, que geme, arqueia os braços languidamente, torce-se nos extasis da paixão, veste o veludo para os contactos macios, entra pelas portas das alcovas, semeia tudo de beijos, e morre d'amor, romanescamente, n'uma aria dolente! Ah! nós não somos barbaros. Estimamos a musica. Meyerbeer, Gluk, Mosart, Beethowen, são verdadeiros pensadores. Mas S. Carlos canta-os? De modo nenhum, a não ser de dois em dois annos, Meyerbeer a fugir, a fingir. De resto Verdi, Donisetti, Bellini, todos os amorosos! Ora aquelles, respeitamol-os, como idéas que cantam — estes detestamol-os, como erotismos que arrulham.

O theatro de S. Carlos não dá participação a todo o paiz d'este regalo: bem ao contrario, é um theatro exclusivo, d'um publico limitado, escolhido, sempre o mesmo. O paiz paga para que este publico gose. Para que nós tenhamos arias comem os lavradores sardinhas!

Emfim nem creação d'uma arte, nem formação d'artistas, nem elemento de civilisação, nem interesse geral do paiz.

Para que serve S. Carlos? É um luxo, dirão: sim comprehendemos. Mas é ao menos, realmente S. Carlos o theatro rico, elegante, maravilhoso, esplendido, o centro bello, nobre, claro, da vida rica, assetinada e larga.

Ah! sabem bem que não! O que em S. Carlos é verdadeiramente bello são os trabalhos dos srs. Rambois e Cinnati. S. Carlos mesmo, tem por unica gloria ter sido a occasião de se manifestarem os dois grandes artistas. De resto que *mise-en-scene*! Tome-se para exemplo o *D. Carlos*: fatos remendados n'um paninho torpe, sala roida da traça, a velha mesa carunchosa onde o tyranno se apoia... Os coristas masculinos e femininos agrupados a um canto da scena, na escassez do seu numero, ellas com os seus braços nus mal-lavados, elles com as suas botas enlameadas, soltam com gesto machinal uma voz por onde teem passado todas as pateadas desde 36 — o que lhe tem feito perder a frescura. Nos camarotes o velludo dos parapeitos aos farrapos, deixa sair uma clina fétida: o papel está esgaçado, as fechaduras quebradas: os

que os assignam mobilam-n'o; os que os alugam limpam-no com um lenço. Uma illuminação funeraria melancolisa a sala; os velhos doirados sujos, teem o aspecto melancolico de adornos de capellas antigas; os brancos, enodoados, estão como o rosto de um carvoeiro. Os corredores, com os tapetes roidos dos ratos, fôfos de pó, uma luz soturna e abafada, lembram o carcere e o portal de casa de jogo. Na superior cadeiras de palhinha áspera raspam como uma navalha de barba o panno das casacas, e o chão tem tanto aceio que os frequendores, antes de sair para a rua limpam os pés nos capachos por compaixão com os varredores. Na geral bancos estreitos como de reus errissam a sua palinha quasi rôta. O peristillo escuro tem um aspecto lamacento. As senhoras, esperam, ao pé dos municipaes formados, a chegada dos trens. Um vento frio torna aquella paragem inhospita, — como diria um antigo.

E todo aquelle theatro apparece com alguma coisa de pequeno, de provinciano, de plebeu e de pelintra!

Não queremos accusar a empresa, não! Companhia commercial, está na logica da sua acção. E ao mesmo tempo esforça-se, é evi-

dente, por mostrar aqui as bellas vozes, as ricas
organisações musicaes. Além d'isso a empre-
sa nem é o orçamento do estado, nem é um
livro de critica — é companhia que nogoceia.
Está no legitimo direito da sua natureza. Nem
é culpada de que o theatro nacional pereça de
penuria, nem é culpada de que a musica seja
na civilisação de um paiz, uma inutilidade sen-
timental. Ella tambem não construiu o theatro.
Recebeu-o assim do governo: não tem obriga-
ção de o pintar, nem de o forrar, nem de o
doirar, nem de o tapetar. Como companhia
commercial o seu unico dever imprescriptivel,
perante o jury commercial — é não fallir.

Outro tanto não succede ao governo. Esse é
que no seu sacco não reune uma unica razão
para subsidiar S. Carlos: nem é um elemento
de civilisação, nem um centro da arte nacio-
nal, nem uma escola de artistas, nem um apro-
veitamento geral do paiz!

Nem é tambem um centro de luxo, um orgu-
lho de capital rica, uma maravilha da vida am-
plamente gozada. É um velho *chic* burguez. E o
governo dá-lhe vinte e cinco contos — para o
continuar a ser.

. ˙ .

Ora diz-se que o governo tem uma razão suprema para sustentar S. Carlos.

É que S. Carlos é uma distracção para a côrte e para a diplomacia.

Emquanto á côrte diremos: nada mais justo: a côrte sente a necessidade impreterivel de se distrahir? Excellentemente. Que se distraiha: que pague e subsidie S. Carlos; que o illumine, o forre, o tapete á sua custa; que pague por cada camarote 20$000 réis por noite, por cada *stalle* 4$000 réis, que o frequente, que o applauda, que durma lá e que seja feliz.

Ora que o paiz pague, não, côrte respeitada e amada, não! Que eu, elle, nós, vós, elles, deitemos no erario dinheiro, para tu te divertires, não, côrte relusente e maravilhosa! perdôa mas como diria Scipião — não possuirás ingrata as nossas placas de 500 réis. Não! precisamente a preoccupação do paiz não é evitar que a côrte boceje. 25 contos annuaes, é prodigioso — para que a côrte tenha onde passar a noite! Que a côrte se distraia a si mesma. É o que faz cada um. A côrte póde muito bem consumir a sua noite jogando as damas, ou lendo o *Panorama*. A côrte ainda não leu o *Panorama?* Ah!

pois ahi está. Não imagina que fonte de distracções! Pois instrua-se, instrua-se no *Panorama!* A côrte quer theatro? Que vá ao *Salitre!* Passa-se muito bem, 1$500 n'um camarote. A côrte póde ali passar a sua *soirée* regaladinha, ir tomar socegadamente o seu chá e agasalhar-se bem. E demais se a côrte se distrae á nossa custa,—então devemos intervir nos seus divertimentos. Se temos de pagar a illuminação, os cantores, as rebecas—então devemos nós dispôr, regularisar e dar methodo aos seus prazeres. O poder moderador não deve então ousar ir a S. Carlos, sem pedir licença á opinião publica. E a opinião publica, está no seu legitimo direito se responder: «não senhor, o podersinho moderador fica hoje em casa: hontem o poder foi ao theatro, hoje vae estudar a sua lição: e nada de choramigar senão vae para o quarto escuro!»—Pois então! Se nós pagamos, queremos dispôr.

E emquanto á diplomacia estrangeira, não nos parece que o paiz tenha obrigação de a distrahir. Os seus governos e os seus reis que a distraiam! Comprem soldadinhos de chumbo, ou frequentem o Martinho!

A diplomacia é bem audaciosa em pretender

divertir-se! É querer estabelecer uma excepção insultuosa aos costumes nacionaes! Aqui ninguem se diverte. Suas ex.as estão extremamente enganadas: vieram talvez para Portugal por equivoco! Isto aqui é sério. Não se vem gosar para cá. Quem vem para aqui é para a bella melancolia! Nós não gostamos de nos rir. Nós somos graves! Haviamos de nos rir, não era mau: e tanta tristeza por essa historia atraz, e o pobre D. Sebastião nas areias d'Africa, coitado! e o infame dominio de Castella que... sim, meus senhores, que!... Nós trazemos na alma os crepes da nossa historia. Dia e noite soluçamos, á beira do Tejo. Isto aqui não é logar de troça. Se v. ex.as se querem divertir, rir, galhofar, passear, tenham a bondade de ir para Mabille, — ou pelo menos para Cacilhas!

. ˙ .

Perdoem estas longas paginas. A questão dos theatros é importante. O governo commette o contrasenso de subsidiar um theatro estrangeiro de luxo, e deixa no abandono o theatro nacional. O luxo que se sustente pelo luxo. S. Carlos sem subsidio que eleve os seus preços. Camarotes tres ou quatro libras, *stalle* uma libra.

Se ninguem quizer, feche-se. São algumas arias de menos n'um palco, e algum commodo mais nas familias. O theatro nacional com subsidio que se torne uma escola normal. Isto é o senso, a dignidade e a verdade.

O nosso amigo o sr. Pinheiro Chagas é dramaturgo: conhece perfeitamente o estado dos theatros, os seus embaraços, a decadencia da arte. É ao mesmo tempo deputado. Encarregamol-o de levar esta questão ao parlamento: extincção do subsidio a S. Carlos, creação de um theatro normal subsidiado. Não o eximimos d'este encargo; se elle pelo seu circulo representa a Covilhã, pela sua vida representa a litteratura. Se o sr. Pinheiro Chagas se recusar a esta missão, — a qualquer esquina crivamol-o de punhaladas! —

Agitou-se, agita-se ainda a questão da *emigração*. Mrs. Charles Nathan leva para a *Nova Orleans*, com bons salarios, as actividades que se offereçam.

A emigração é de certo um mal :

Porque aquelles que se offerecem mostram ser, por essa resolução os mais energicos e os mais rijamente decididos; e n'um paiz de fracos e de indolentes, é um prejuizo perder as raras vontades firmes e os poucos braços viris;

Porque a emigração entre nós, não é como em toda a parte a transbordação de uma população que sobra, é a fuga de uma população que soffre;

Porque não é o espirito de industria, de actividade, de expansão, de creação, que leva os nossos colonos, — como leva os inglezes á Australia e á India — é a miseria de um paiz esterilisado que expulsa, sacode e que instiga a emigrar, a procurar longe o pão;

Porque a emigração, tomando o rumo dos paizes estranhos, contraria a necessidade de regularisar interiormente uma emigração de provincia a provincia;

Porque a emigração em Portugal não signi, fica — ausencia — significa abandono : o inglez por exemplo vae á Australia, á America, fazer um começo de fortuna — para voltar a Inglaterra, viver, casar, acabar de enriquecer, servir o seu paiz, a sua communa, trazer-lhe o

auxilio da vontade robustecida, da experiencia adquirida, do dinheiro ganho: para Portugal ninguem volta, a não vir provido de boa fortuna, ser improductivo, burguez retirado, inutilidade a engordar.

Emfim a emigração é má, Mrs. Nathan funesto. — Sómento o nosso pezar é que Mrs. Nathan em logar (apenas) d'alguns centenares dos nossos, — não nos queira levar a nós todos. Partimos já, sem hesitação, em massa. Fugimos das cebolas do Egypto. E mais felizes que os israelitas, temos em logar do incerto miligre do Mar Vermelho — os excellentes vapores de *Liverpool and Missisipi Steam Schip Company.*

. ˙ .

Vamos todos!

Porque é estranho — que haja quem estranhe a emigração. Nós estamos n'um estado comparavel, correlativo á Grecia: mesma pobreza, mesma indignidade politica, mesmo abaixamento dos caracteres, mesma ladroagem publica, mesma agiotagem, mesma decadencia de espirito, mesma administração grotesca de desleixo e de confusão. Nos livros estrangeiros, nas revistas, quando se quer fallar de um paiz cahotico e

que pela sua decadencia progressiva poderá vir a ser riscado do mappa — citam-se ao par a Grecia e Portugal. Sómente nós não temos como a Grecia uma historia gloriosa, a honra de ter creado uma religião, uma litteratura de modelo universal e o museu humano da belleza da arte. Temos o sr. Lisboa, barytono, e o sr. Vidal, lyrico.

O rei D. Pedro v tinha lido o profundo livro de E. About *A Grecia contemporanea* : e aquelle rei que era um fino espirito, um criterio lucido e que tinha uma ponta afiada de humorismo ironico — entretéra-se annotando á margem o precioso livro de About. Onde estavam nomes gregos, o rei punha os nomes correspondentes dos homens publicos portuguezes ; onde estavam as narrações das indignidades politicas de Athenas, elle punha á margem as correllativas, as parallelas indignidades politicas de Lisboa ; onde About desenhava com a sua penna maliciosa, caustica e tão profundamente franceza um certo ministro de fazenda grego — que era ladrão, — D. Pedro v, tinha posto á margem; «cá chama-se o sr..» Um nome de politico portuguez! Figura no livro, como torpe, segundo o julgamento do excellente rei, muito ho-

mem hoje celebre na vida publica, com bons ordenados e auctoridade. O livro assim annotado, mudados os nomes — é a descripção exacta, photographica do estado de Portugal, da confusão da sua administração, da imbecillidade dos seus estadistas, dos roubos da sua politica. — Como deve ser infeliz um rei intelligente — quando, cahindo em scepticismo e misanthropia pela certeza que adquiriu de que está no meio de uma velha politica e de uma torpe intriga — não póde todavia entregar a nação á experiencia republicana, nem chamar a si o poder absoluto e pessoal! Um tal rei, quando se não lança nos braços das musas de Beranger e se não converte por fastio n'um bom rei d'Yvetot, termina sempre por morrer cedo.

Ora, na Grecia, o facto permanente é a emigração. E nós emigramos, pelo mesmo motivo que o grego emigra — a necessidade de procurar longe o pão que a patria não dá. O grego que não tem industria, nem agricultura, nem commercio quasi, — encontra-se ao entrar na vida sem collocação: — toma então a sua carabina e vae para as montanhas, que Theocrito cantou, roubar viajantes inglezes, ou embarca no Pireu e emigra para Alexandria, para Tri-

poli, para as escalas do Levante, para os estados barbarescos, para Marselha, para qualquer ponto onde haja algum pão a roer ou alguma piastra a ganhar.

Nós que — bem a nosso pezar — não podemos ir roubar para as montanhas, porque não temos a quem roubar — vamos procurar Mrs. Nathan. É claro.

E o governo, a opinião, admiram-se! Mas onde póde a plebe ganhar o pão? A grande industria, a dos tabacos, dá 250 réis de salario a um operario com familia. As industrias fabris são poucas, periclitantes, com interrupções mensaes de trabalho; a industria mineira está abandonada á exploração de companhias estrangeiras. A agricultura vive de rotina — empobrecendo a terra e empobrecendo o homem; não temos praticultura, nem sylvicultura, nem industria pecuaria; o trabalhador dos campos vive na miseria, come sardinha e hervas do campo: a maior parte anda á *malta*, trabalhando aos dias, errante de fazenda em fazenda, por 80 réis diarios, nos bons salarios: não podem ter familia e os filhos engeitados crescem: a usura, a agiotagem unidas exploram a gente do campo: os tributos são fortes, as vexações do fisco in-

cessantes: na provincia por um imposto de 10 e 20 réis, atrasado, relaxado, vimos nós pagar os pobres 5 e 6 mil réis, com custas, etc., os pobres não tinham a quantia? penhora no casebre! nas cidades o operario é victima do monopolio: monopolio no pão, no bacalhau, no azeite: — preços fatalmente elevados: nenhuma instrucção e muito *padre nosso*. Nós não temos uma escola theorica de aprendizagem! Que querem os senhores, que se faça n'um paiz d'estes? Sair, fugir, abandonal-o. O pais é bello sim, de solemne paizagem, abundante, rico, todo desejavel e habitavel. Mas a politica, a administração, tornaram aqui a vida difficil. Seria doce gosal-o, não tendo a honra de lhe pertencer. *Só se póde ser portuguez, sendo-se inglez!*

. · .

E no entanto perante a emigração que faz o estado, a imprensa, a opinião?

Interrompe-se um momento, volta-se para os colonos, fita-lhes a luneta e diz áquella plebe esfaimada:

— O que! quereis ir embora? Oh doidos! — Tendes acolá os terrenos do Alemtejo.

Ora os *terrenos*, os eternos *terrenos do Alem-*

tejo são simplesmente um gracejo torpe. Uns poucos de centenares de homens teem fome e diz-se-lhes, em boa prosa, com algumas virgulas:

— Acolá tendes, amigos, os vastos terrenos do Alemtejo que são etc...

Exactamente o que se diz aos porcos:

— Acolá tendes aquelles terrenos onde a bolota etc... comei, estimaveis bacorinhos.

Porque não sabemos que o terreno do Alemtejo, *como está*, produza na generalidade senão bolota. Ora o governo, a imprensa e a opinião offerecem-n'o *como está*. É uma brincadeira abjecta.

Uma população de trabalhadores, pobres, operarios, proletarios, pede trabalho — senão emigra. E o paiz responde:

— Não emigreis, tendes acolá os terrenos do Alemtejo — isto é, tomae vós, ó proletarios, ó gente do campo, ó pés descalços, os quatro ou cinco mil contos que tendes ahi no bolso rôto da jaqueta, associae-vos em grandes companhias, negociae acções, comprae machinas, e instrumentos, lavrae tantas leguas quadradas, arroteae, regae, abri poços, fazei aqueductos, estabelecei lezirias, levantae grandes fundos com o

vosso grande credito, tu Manuel da Horta, tu José da Cancella, tu ferrador, tu jornaleiro — e enriquecei!

Ora o estado, a imprensa, a opinião teem razão, — sómente como o trabalhador não tem ali os quatro ou cinco mil contos na algibeira e não está para os ir buscar a casa porque está a chover — embarca para a *Nova Orleans*.

Dizer a um homem: — Você quer ganhar dezoito vintens por dia? Escusa de sair do paiz, gaste ahi uns mil contos a arrotear os terrenos incultos, e vem a ter de salario não direi os dezoito vintens justos, mas dezesete e meio com certeza: dizer isto é uma faceccia impudica!

. ˙ .

Tem sido de um grotesco unico este conselho que se dá de arrotear os terrenos do Alemtejo; todo o mundo o dá, os jornaes, os frequentadores da casa havaneza, os moços de café, e alguns poetas lyricos: *Arroteie-se o Alemtejo!* diz cada um esfregando as mãos, e puchando o fumo do cigarro. — Pois bem, meus senhores, sim, arroteemos, mas então, aproveitemos este grande impulso nacional, esta energia das forças vivas! E de passagem — con-

quistemos o Santo Sepulchro, e mandemos varrer o largo do Loreto. Oh pilheria! oh vida!

Mas a melhor facecia tem sido o sentimentalismo.

— O que, colonos! ides deixar a terra do vosso berço, a verde alfombra, o escondido casal na encosta do monte, o grato rouxinol, que...

Magoas diz do seu penar?

Este argumeuto economico, positivo, formado em cifra, claro, evidente, abala extremamente os emigrantes,— os quaes provam a sua commoção lyrica, remando a toda a força para o paquete da *Nova Orleans*.

E no entanto, na praia, a imprensa suspira!

. ˙ .

Um facto curioso é que a opinião que mais se tem enrouquecido a bradar contra a emigração tem-se occupado em provar que a emigração para a *Nova Orleans* não dá as vantagens que promette o engajador.

Por consequencia o que se condemna não é o facto da emigração, esse julga-se tacitamente necessario — é o *logar* para onde se *emigra*. A guerra é feita a *Nova Orleans*, não ao abandono da patria. A *Nova Orleans* fez o quer que fosse

á opinião publica. O caso é que a opinião não traga a *Nova Orleans*. Talvez questões de mulheres, como se dizia na grã-duqueza de Gerolstein.

O que tem feito pois a imprensa e a opinião? Tem incitado a emigração geral. Como? combatendo o pouco que os colonos ganham na Nova Orleans. É fazer o que usava Lafontaine quando ia para a academia — tomar o caminho mais longo. Mas emfim é tomar o caminho — é implicitamente confessar que a vida é extremamente difficil em Portugal — e que a acção natural que todo o cidadão portuguez deve ao seu paiz — é abandonal-o.

. ˙ .

Entretanto que faz o governo? Diz-se que o governo recommendára ás auctoridades do paiz que impedissem a emigração. Se assim é, é caracteristico. Gostamos. Um governo impedindo uma lei economica, querendo obstar á emigração pela prohibição — tinha-se visto nas anedoctas do *Tintamarre* ou nas caricaturas de *Cham*. É-nos dado a nós portuguezes, possuir o facto real, authentico e referendado. Sómente que processo emprega o governo? Colloca-se entre o

bote e o emigrante, gritando altivamente: — não passarás — ou limita-se a agarral-o pela gola da jaqueta, ganindo: faz favor de não se safar? Que o governo nos esclareça! Bom e querido governo! Diante d'este grave problema a emigração, tendo de examinar as condições do paiz agricola, de estudar o meio de organisar o trabalho, de regularisar uma emigração interior, de dar uma saida á actividade que espera, de empregar os braços ociosos, de converter em vantagem nacional a energia nativa da população, de obstar ao enfraquecimento do paiz pela perda da sua riqueza viva, o trabalho — o governo diante d'estes problemas, d'estes estudos economicos, de organisações a estabelecer, instituições a crear, — volta-se para o regedor e diz-lhe, por toda a idéa, toda a sciencia: A respeito dos colonos, sabe, o melhor é fechal-os á chave!

Como solução a um problema economico — o governo acha uma fechadura. A governação do estado torna-se questão de serralheria! Um trinco é um principio: um loquete um regulamento: um parafuso uma instituição! Como vós sois grandes! Deixae-vos vêr bem de frente, ah! sois immensos! Agora de costas; santo

Deus, sois maiores ainda! Vejamos de perfil, sois enormes! Francamente, meninos, vós sois grandes estadistas, mas Sancho Pança — era maior!

O excellente jornal, o *Bem Publico*, n'um artigo hostil e piedoso, trabalhado com doçuras de sachristia e repellões de sala de armas, — de resto subtil e curioso — dá-nos a honra, de sacudir com a sua mão catholica e romana, tres pobres artigos das *Farpas* quietos e tacitos ao seu canto.

. ˙ .

O primeiro d'estes artigos tão rudemente desmantelado pelo estimavel *Bem Publico* — censurava o clero do Funchal, «por ter impedido que um negociante fosse enterrado no cemiterio publico, sob pretexto de deveres religiosos mal cumpridos.»

O *Bem Publico*, cora no seu rosto indignado e diz: — a censura tem o mesmo valor que se a dirigisse ao sr. duque de Palmella, v. g.: por não consentir que no jazigo da sua familia, se-

jam sepultados os cadaveres das pessoas que fallecem!»

Esta argumentação é victoriosa e anniquiladora: sómente nos parece que não ha absoluta similhança entre o cemiterio publico e o jazigo de familia do sr. duque de Palmella: como quando dizemos, ao estudar a nossa geographia: Lisboa é capital de Portugal — não queremos inteiramente dar a entender que a capital de Portugal seja o Hotel dos dois irmãos unidos.

Por que se realmente o *Bem Publico* entende que o jazigo da familia Palmella é o cemiterio universal — então confessemol-o, o mundo pratica ha muitos mil annos um abuso torpe enterrando desde Abel, irmão de Caim, tantas gerações defuntas, no jazigo particular da familia Palmella, sem a respectiva licença. E então evidentemente o estimavel *Bem Publico* procede com uma justiça valorosa, com um brio santo, clamando contra esse abuso! Sim, ser sobrepticiamente enterrado n'um jazigo particular de uma familia de Lisboa, sem licença, sem respeito pela propriedade, o corpo do abjecto Pilatos — é horrido. É horrido, *Bem Publico!*

Mas diz mais o estimavel *Bem*:

Se um negociante emquanto vivo, não quer

ter nada com as orações, com as assembléas religiosas, como pois condemnal-o depois de morto a essas orações e assembléas que detestava em vivo!

O que equivale a dizer: Se esse negociante não queria ouvir missa, nem assistir ao lausperenne, nem jejuar emquanto vivo — como condemnal-o depois de morto a ouvir missa, estar de joelhos ao lausperenne e a comer bacalhau á sexta-feira?

Sim, *Bem Publico*, estamos absolutamente de accordo: Um homem que gosta de comer á sexta-feira *roast-beef*, seria vil, seria tyrannico, obrigal-o a ir p'ra debaixo da terra amortalhado, morto, dentro do seu esquife, comer á sexta-feira o detestado rodovalho! Sim, *Bem Publico*; sim, amigo; sim, honrado collega — a verdade é essa! dissestel-a com bocca meliflua e sabia! Sim! é isso! Deve-se excluir do cemiterio todo o homem que não ouviu missa em vivo:

E lá o explicas, com profundidade no dizer e alto criterio no pensar;

Porque não se póde obrigar esse homem a ouvir missa depois de morto! — Sim, amigo, tu o disseste, tu, de juvenil fé e de discreto labio!

Depois o *Bem*, n'um outro periodo extenso, pretende combatter a affirmação das *Farpas* «que o cemiterio não pertence aos padres, pertence aos cidadãos.» Para anniquilar esta idéa o *Bem* affirma que poderia dar longa razão, e explica qual é essa razão: mas termina:

«Mas não a daremos porque seria insensata» *Bem Publico*, pag. 188, lin. 25.

Não, *Bem*, não, tu não és insensato, não te calumnies, amigo, não te humilhes, *Bem!* Não, irmão, não rojes assim uma cabeça penitente no pó egalitario do *mac-adam!* Não, tu até tens boa ortographia! Tu até tens bem boa fórma de letra! Tu se quizesses, até eras subtil! É que tu não queres! Se tu quizesses!...

... E continua o estimavel *Bem* argumentando: *As Farpas* disseram: «os cemiterios teem a sua origem na hygiene, na policia, na moral da vida municipal: não teem a sua razão de ser na theologia.» E o *Bem* exclama:—«pois dizendo tal cáem n'um erro historico: os cemiterios teem a sua razão de ser na theologia: basta o nome e a historia para proval-o.»

Mas então uma consideração pavorosa acode: a theologia é a philosophia do catholicismo, a theologia é pelo menos, — deve sabel-o o *Bem* —

posterior aos primeiros seculos do christianismo. Começa com as escolas, os doutores e os Santos Padres. Ora se os cemiterios datam d'este tempo, segundo affirma o *Bem Publico*, se só teem a sua razão de ser, desde que a theologia teve a sua razão de dominar — o que acontece? — É que todos os mortos desde Nemrod, estiveram aos milhares e aos milhares, enfastiados, seccados, de braços cruzados, esperando que a theologia lhes permittisse deitarem-se nos seus sepulchros. Horrorosa ante-camara! Esperaram seculos! E vinham mais e mais e mais! Em que se entretiveram tanto tempo, envoltos nos seus sudarios, esperando o seu enterro? Oh sabio *Bem Publico*, dize-nol-o, tu que o sabes! Se só houve enterro desde que houve theologia — em que logar tenebroso esperavam o seu dia de sepultura, os primitivos homens, os aryas, os luminosos indios, o persa trabalhador, o grego erudito e subtil, os milhares de habitantes do imperio romano, as raças infinitas que viveram junto ao Nilo, e os povos barbaros que habitavam o norte da Europa, e todos os habitantes de todos os continentes de quasi todos os seculos? Dize-o sabio *Bem Publico*. Será verdade que elles esperavam, passeiando pelos corredo-

res e fumando o seu cigarro — que Santo Agostinho nascesse? Como tu és sabio *Bem!* Sim, é evidente: só ha cemiterios onde ha theologia catholica. E como explicas então os cemiterios modernos de Constantinopla, do Cairo, de todos os paizes mahometanos e de todos os outros paizes, onde floresce alguma das 1:500 religiões que ha na terra, além da catholica? Explica isto bem, *Bem!*

E depois o piedoso jornal exclama: «os catholicos não impedem que os que teem pouca religião ou nenhum, sejam enterrados: porque não lhes estabelecem as camaras municipaes, cemiterios especiaes?»

Isto, como se vê, não é comnosco, que não temos a honra de dirigir o municipio: que lhes responda o vereador do respectivo pelouro.

Todavia confessamol-o: parece-nos prudente o alvitre do *Bem*: estabelecer cemiterios para quem tem *muita* religião: outros para quem tem *bastante*: outros para os que possuem *alguma*: outros para os que possuem *pouca*: outros para os que teem *pouquissima*: outros para os que teem só uma *migalhinha*: outros para os que não teem *nenhuma*. Emfim um cemiterio por cada adverbio! Ah *Bem*, como tu vaes mal!

. ˙ .

O segundo artigo das *Farpas* censurava que «os missionarios vendessem *cartas da Virgem Maria, a diversos devotos.*»

O *Bem Publico*, diz *que nós agitamos argumentos biscorneos*: mas limita-se a isto: não os combate, nem os aprecia, nem os indica, — esses argumentos. É timidez? É desdem? É pudor?

Sómente acrescenta: a historieta é falsa: 1.° porque os jornaes de Braga não fallaram em tal...

Mas, querido *Bem*, os jornaes Coimbra, os jornaes do Porto, e os jornaes de Lisboa — que são liberaes contaram-n'o. Vale alguma coisa que o não contassem os jornaes de Braga que são *ultramontanos?* E algum que o não é não está contando a cada momento casos analogos, *livros que se vendem para evitar o fim do mundo, cartas vindas do ceu, reliquias achadas*, etc.

E diz mais o *Bem*: 2.° porque em Braga não ha missionarios! — Como assim! Tresloucas, querido *Bem!* Não ha missionarios em *Braga!* Dize antes amigo, que não ha turcos em Constantinopla! que não ha agua nos rios! que não ha estrellas no ar! que não ha sons na musica! Ah querido! Não ha missionarios em Braga?

Onde os ha então, em Berlin? Ah querido, ah doidinho, evidentemente precisas repercorrer o teu Minho!

. ˙ .

No terceiro artigo, as *Farpas*, tinham censurado o sr. Encommendado de Santos-Velho, por ter prohibido que as mães levem os filhos á egreja! O *Bem Publico* escandalisa-se, e grita:

« O que iam as creanças fazer ahi? Se as mães queriam ir á missa, e não podiam deixar as creanças em casa — que não fossem á missa, *que estão em primeiro logar os deveres da lactação, que os desejos da devoção!*

Explendidamente bem dito: mas quem o disse? Foi Michelet de certo, o iniciador naturalista da educação anti-catholica! Foi Proudhon talvez, o rude inimigo da egreja? Não meus senhores, não, *Nação*, não, Braga, foi o *Bem Publico*, jornal catholico, romano, devoto, piedoso, ungido em agua benta! *Os deveres da lactação primeiro que os desejos da devoção!* Mas é perfeitamente revolucionario, é naturalista, é toda a philosophia racional! A lactação antes da devoção — isto é a natureza antes do mysticismo, a razão antes da fé, o dever humano e consciente antes do dever divino e transcendente, o racio-

cinio antes do dogma, a hygiene antes do evangelho, a mãe antes da devota, o preceito naturalista antes da regra da egreja, o homem antes de Deus! Bravo! *Bem Publico!* Segundo tu, a devoção, o preceito, a missa, a egreja, é coisa secundaria, indifferente, para quando houver vagar. Objecto de luxo, para os dias de ocio: uma especie do theatro aos *domingos*: a religião considerada como umas ferias: questão de distracção para quando se estiver aborrecido: uma coisa que substitue á tarde, a merenda nas *hortas*, ou um passeio á feira de Belem: — que farei hoje, irei á egreja ou á *rua dos Condes?* De modo, que só quando a mulher tiver amamentado o seu filho, arranjado a sua casa, cosinhado o seu jantar, tratado os seus negocios, só quando não tiver absolutamente nada que cumprir dos seus deveres humanos, só quando se achar n'uma hora vasia, desoccupada, vaga — é que deverá permittir-se, ir ouvir um bocado de missa, para desenfastiar? — Ó *Bem Publico*, mas então, excentrico, filho! — repara bem: se pões o mais pequeno dever humano antes do mais pequeno dever catholico — rachas de alto a baixo o catholicismo: se a mãe deve amamentar antes de resar, o homem deve re-

flectir na sua consciencia antes de obedecer ao preceito religioso: tens a analyse, a liberdade religiosa, a reforma, a revolução. Abres uma fresta no mundo velho e entra-te por elle um mundo novo! Ó *Bem Publico*, estás pois assim naturalista e atheo! És então um falso devoto! um tartufo! Meu Deus, que supposição, serias tu que mataste, em Paris, mr. Darboy? Serás tu o anti-Christo? Cruzes! Por cima da tua sotaina de sachristão, pões uma facha escarlate de membro da communa? Ó *Bem!* Será a tua agua benta petroleo?—Scelerado! incendiario! apostata! Vae-te! Estás maldito: emquanto a *Nação* tua irmã, emquanto o *Diario Nacional*, emquanto a *Crença*, estarão muito contentes no paraiso, tu, *Bem Publico*, excluido da bemaventurança, por ter renegado a fé, tu errarás, como uma sombra afflicta, na vastidão do céo negro, mordido dos implacaveis ventos, na interminavel dôr, aos encontrões com as sombras condemnadas de Sardanapalo o pagão e do cavalheiro Pilatos.

Ah! *Bem Publico*, excentrico maganão, conserva-te quieto, no teu canto! Resa, jejua, disciplina-te, — mas deixa-nos em paz.

E a proposito, *Bem*, que ridicula e pueril

ignorancia é essa de dizer que *Safed* e *Couffie* são dois termos hebraicos? Oh barbaro! Safed é o nome de uma aldeia da Asia menor: e couffie é uma palavra arabe, do arabe vulgar do Cairo, que designa uma especie de lenço que usam os arabes beduinos e em geral os que andam no deserto. — *Bem Publico*, querido, é necessario, ter argumentos mais serios, bem vês, pede-o o pudor, e emfim, sobretudo, não confundir o arabe com o hebraico.

Um jornal que confunde o arabe com o hebraico, além de fazer sorrir um pouco, faz lembrar o que é lamentavel — aquelles camponezes do alto Minho, que suppõem que para além dos Arcos de Val de Vez ou de Sinfães, todo o resto do mundo é — os Brazis!

Toma o nosso conselho, *Bem Publico*: Sê modesto, não atraições a egreja, não affirmes nunca que só ha cemiterios onde ha theologia cathólica, e não confundas o arabe e o hebraico. E se fizeres isto poderás aspirar a ser um jornal estimavel, um pouco somnolento, boa pessoa, pesadote, pacatote, — e a ter o inteiro applauso de antigos egressos. Toma comtigo o teu rapé, querido, e usa sempre flanella: e serás grande ó *Bem!* o bom *Bem!* ó *Bem* bom! Bum!

EXPLICAÇÃO

O sr. João José Lopes, a cujos compendios de arithmetica as *Farpas* se têem referido, e do qual publicámos uma carta no nosso numero passado, acaba de provar-nos que é apocripha aquella carta que receberamos pela posta. Apraz-nos muito consignar de accordo com o sr. João José Lopes, que não deve ser tomada a este cavalheiro a responsabilidade da alludida missiva.

AS FARPAS

CHRONICA DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES